

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

KATIA NEPOMUCENO PESSOA

**ANÁLISE FONÉTICA E FONOLÓGICA DA LÍNGUA
KRENAK E ABORDAGEM PRELIMINAR DE CONTOS
BOTOCUDO**

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da
Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas,
para obtenção do Título de Doutor em Linguística.

Orientador: Profa Dr^a. Lucy Seki

**Campinas
2012**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
CRISLLENE QUEIROZ CUSTODIO – CRB8/8624 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

P439a	<p>Pessoa, Katia Nepomuceno, 1980- Análise fonética e fonológica da língua Krenak e abordagem preliminar de contos Botocudo / Katia Nepomuceno Pessoa. -- Campinas, SP : [s.n.], 2012.</p> <p>Orientador : Lucy Seki. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Manizer, G. G. (Genrikh Genrikhovich), 1889-1917. 2. Língua Krenak. 3. Nasalidade (Fonética). 4. Segmento de contorno (Fonologia). 5. Índios Botocudo. I. Seki, Lucy, 1939-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
-------	--

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Phonetic and phonological analysis of Krenak Language and preliminary approach of Botocudo tales.

Palavras-chave em inglês:

Manizer, Henrich Henrikhovitch, 1889-1917

Krenak Language

Nasal sounds (Phonetics)

Contour segment (Phonology)

Botocudo Indians

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Doutor em Linguística.

Banca examinadora:

Lucy Seki [Orientador]

Stella Virginia Telles de Araujo Pereira Lima

Angel Humberto Corbera Mori

Frantomé Bezerra Pacheco

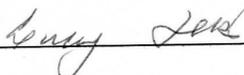
Aldir Santos de Paula

Data da defesa: 06-01-2012.

Programa de Pós-Graduação: Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Lucy Seki



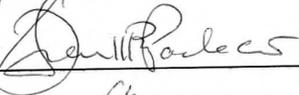
Stella Virginia Telles de Araujo Pereira Lima



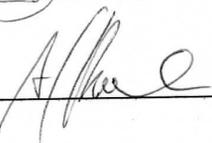
Angel Humberto Corbera Mori



Frantomé Bezerra Pacheco



Aldir Santos de Paula



Wilmar da Rocha D'Angelis

Rogério Vicente Ferreira

Beatriz Protti Christino

Aos índios Krenak.

AGRADECIMENTOS

- A Deus;
- A minha mãe, Débora, minha grande inspiração, sem a qual não seria possível realizar este curso;
- Ao meu pai, que esteve presente sempre que possível, preocupando-se em tornar Campinas um pouco mais parecida com a nossa casa em Recife;
- A minha irmã, pelo apoio e paciência, e por ter me dado um lindo sobrinho enquanto eu não estava por perto;
- Ao meu noivo querido, Augusto, que me apoiou desde o início e me ajudou a acreditar que eu seria capaz de alcançar meus objetivos quando eu me enchia de dúvidas. Nunca esquecerei o que passamos para permanecer juntos.
- A professora Lucy, pelo apoio e por ter concedido gentilmente os dados Krenak utilizados para realizar este estudo. Também por compartilhar seu conhecimento e experiência, não só acadêmica, comigo;
- Ao professor Leo, pelo apoio de sempre na pesquisa e pela gratificante orientação na VU. Ainda, por ter facilitado minha estadia em Amsterdam, acolhendo-me e se dispondo sempre com muito carinho a ajudar. Agradeço o carinho de Marjorie e da pequena Lívia, que ao seu modo, também me contribuiu para que eu me sentisse bem-vinda.
- A Capes, pela bolsa de PDEE concedida;
- A Unicamp e ao programa de pós-graduação do IEL pelo apoio para a realização do estágio no exterior;
- A Vrije Universitat Amsterdam, por ter me acolhido como aluna e pela parceria estabelecida para possibilitar meu estágio no exterior;
- A professora Stella, pelo apoio, estímulo e amizade...e pelas conversas. Não teria chegado até aqui sem ela.
- A minha sogra, Fernanda, que fez da sua a minha segunda casa e se tornou um pouco uma 'segunda mãe' em São Paulo.
- Aos meus grandes amigos Renato e Veronica, com quem compartilhei não só dúvidas sobre lingüística, mas também sobre a vida. Vocês se tornaram até hoje grandes presentes na minha vida. Agradeço também a Anni, pela força e disponibilidade de sempre.
- A minha grande amiga de todos os tempos, Mariana, com quem tive a enorme alegria de compartilhar momentos inesquecíveis em Amsterdam e que me salvou de muito sufoco.
- Ao meu grande companheiro Eddie, que nas horas de tédio ou de muito trabalho estava sempre lá, cheio de alegria apenas por estar perto de mim e me salvando da solidão que é, em muitos momentos, fazer uma tese;
- Ao professor Angel, grande instrutor durante o curso de doutorado e também um grande amigo, que me apoiou em muitos momentos de dificuldade, nem que fosse apenas com uma conversa;
- Ao professor Plínio, pelas contribuições e sugestões dadas na qualificação da tese e pela orientação na qualificação de área, durante a qual aprendi bastante;
- Ao Dermeval e René, sem os quais eu não teria vivido tão bem em Amsterdam;

- Aos novos amigos que fiz em Amsterdam, Martina e Glenn, colegas apesar da distância e os quais acredito serem também grandes presentes desta fase da minha vida;
- A Veronica Reinders e Leo, pela agradável e saudosíssima estadia em sua casa na Alemanha. Que Deus os abençoe sempre.
- A tia Germana e Marina, que foram incríveis e incrivelmente ágeis em resolver documentos necessários para minha ida ao exterior.
- A Valteir Martins, pelo interesse, disponibilidade e entusiasmo em ajudar nas análises fonéticas de parte do material.
- A Glaucia Vieira, cujo trabalho me auxiliou bastante.
- A Nádia Jorge, pela simpatia e gentileza em compartilhar informações sobre o grupo e por me apresentar a Itamar Krenak.
- Aos professores Wilmar D'Angelis e Bernadete Abaurre, pela oportunidade de aprender a ensinar fonologia e pelas contribuições dadas por meio de simples conversas.
- Aos colegas de curso, Nayara, Emerson, Raynice, Solange e Almir, que me acompanharam durante minha estadia em Campinas, cada qual ao seu modo, tendo contribuído para uma fase da minha vida lá.
- A Rogério, Beatriz e Wilmar por gentilmente aceitarem participar da banca.
- A Frantomé, Aldir, Angel e Stella pelas preciosas contribuições para o texto final.

É determinismo sim. Mas seguindo o próprio determinismo é que se é livre. Prisão seria seguir um destino que não fosse o próprio. Há uma grande liberdade em se ter um destino. Este é o nosso livre-arbítrio. (Clarice Lispector)

RESUMO

Botocudo é um nome genérico aplicado aos índios que tinham como padrão de cultura o uso de *botoques* de madeira, auriculares e labiais, prezando por adornos corporais (pulseiras, perneiras, colares e pintura no corpo) (MARCATO, 1979). Esses índios ocupavam as regiões do interior do leste e sudeste brasileiro, vivendo em faixas florestais da Mata Atlântica e Zona da Mata e foi sobre eles que se deu a maior repressão oficial e extraoficial do homem branco contra uma população indígena já registrada no Brasil, o que levou ao desaparecimento de quase todos os membros pertencentes a este grupo.

Atualmente, os únicos representantes sobreviventes são os índios Krenak, que habitam a Aldeia Krenak, às margens do rio Doce, entre as cidades de Conselheiro Pena e Resplendor, no Estado de Minas Gerais. A língua Krenak é considerada como uma língua em situação de extremo risco de extinção. Mesmo assim, assumimos que a língua continua viva e que deve, portanto ser descrita, a fim de que possamos contar com estudos cada vez mais recentes e que ofereçam mais informações linguísticas sobre as línguas da família Botocudo/ Krenak

Neste trabalho, temos como objetivo principal descrever aspectos fonéticos e fonológicos da língua Krenak. De modo complementar, apresentamos uma descrição da morfossintaxe da língua, segundo Seki (2000, 2001, 2004) e, a partir destes estudos, propomos uma análise preliminar de contos Botocudo, coletados pelo pesquisador russo Heri Herikovich Manizer, em 1915.

Os dados de áudio foram coletados por Seki, entre os anos de 1979 e 1981. O estudo fonético revelou características articulatórias das nasais surdas e dos segmentos de contorno (as nasais pré e pós oralizadas) da língua. A descrição fonológica permitiu distinguir vogais orais e nasais, diferentemente do que fora proposto anteriormente no estudo de Silva (1986). As reflexões fonológicas tiveram por base a Geometria dos Traços (Clements e Hume, 1995) e a tipologia proposta por Wetzels (2008), a qual nos permitiu argumentar em favor da existência de uma classe /B/ como subjacente no sistema da língua, mesmo que sua manifestação superficial seja predominantemente realizada por meio da forma bifásica [mb]. Na coda, foi possível identificar a presença de segmentos de contorno parcialmente orais/nasais, os quais ocorrem como uma estratégia da língua para preservar a distinção entre vogais orais x nasais. Estas considerações foram determinantes para a definição do padrão silábico e dos processos fonológicos observáveis na língua. Ainda, o estudo fonológico permitiu verificar características referentes ao acento do Krenak.

Ainda, a fim de apresentar uma visão mais ampla da língua, incluímos em nossa discussão um resumo do estudo de Seki acerca das características morfossintáticas da língua Krenak. A partir dos estudos apresentados, passamos para uma apreciação dos contos Botocudo coletados por Manizer em 1915. Estes contos apresentam-se como um material inédito e podem vir a contribuir para a recuperação de aspectos linguísticos e culturais do grupo Krenak. Veremos que, apesar de ser possível ter uma compreensão geral sobre o funcionamento da língua, existem ainda vários aspectos que precisam ser esclarecidos, como a função de alguns morfemas e partículas. No entanto, estes avanços talvez sejam viáveis apenas por meio de uma nova coleta que conte com a colaboração direta dos falantes atuais.

ABSTRACT

Botocudo is a common name applied to the natives who has a cultural pattern used to use wooden, lip and auricular *botoques*, valuing body adornments (bracelets, necklaces, body painting and others) (MARCATO, 1979). These natives used to occupy the Brazilian east and southeast hinterland, living in forest belts of the Atlantic Forest and Forest Zone and it was over them that there was the greater official and “off the record” white man repression against an indigenous population ever registered in Brazilian records, which led to the disappearance of almost all the members belonging to this group.

Nowadays, the only remaining survivors are the Krenak indians who live in the Krenak village, on the banks of Rio Doce, between the cities of Conselheiro Pena and Resplendor, in the state of Minas Gerais. The Krenak language is considered as in extreme extinction risk. Even though, it is assumed that it is still alive and, therefore, it must be described hence we can count on new and recent studies which provide more linguistic data on the Botocudo/Krenak family.

In this dissertation, the main goal is to describe phonetic and phonologic aspects of the Krenak language. As a complement, we present a description of the language’s morphosyntax, according to Seki (2000, 2001, 2004) and, from these studies, we propose a preliminary analysis of Botocudo tales, collected by the Russian researcher Heri Herikovich Manizer, in 1915.

The audio data was collected by Seki, between the years of 1979 and 1981. The phonetic study revealed articulatory characteristics of voiceless nasals and the contour segments (the pre and post oralized nasals) of the language. The phonological description allowed distinguishing oral and nasal vowels, differently from what was posed by Silva (1986). The phonological analysis were based on the Feature Geometry (Clements e Hume, 1995) and the typology on Wetzels (2008), which granted us talking about the existence of a class /B/ as an underlying segment of the language system, even if its superficial manifestation is mostly done through its biphasic form [mb]. In the coda it was possible to identify the presence of contour segments partially oral/nasal, which occur as a language strategy to preserve the distinction between oral and nasal vowels. These considerations were determinant to define the syllabic pattern and the language observable phonological processes. Yet, the phonological study allowed verifying characteristics related to the Krenak accent.

In order to present a wider perspective of the language, we included in this work a summarized Seki’s study concerning morphosyntatic characteristics of Krenak language. From the present studies, we go for an analysis of the Botocudo tales collected by Manizer in 1915. These tales are presented as an unpublished material and might contribute to the recovery of cultural and linguistic aspects of Krenak. We will see that, besides the possibility of having a general understanding of the language functionality, there are, still, many aspects which must be clarified such as, the function of certain morphemes and particles. However, these improvements may become impossible to happen until its done a new collection relied on the directly contribution of the current speakers.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Distribuição dos sub-grupos Botocudo	Pág. 31
Mapa 2 - Localização dos grupos lingüísticos do tronco Macro-Jê (Rodrigues, 1999).	63

LISTA DE QUADROS

	Pág.
Quadro 1 - Classificação das línguas Macro-Jê segundo Rodrigues (1999. p.167)	65
Quadro 2 - Listas vocabulares consultadas por Emmerich e Monserrat (1975)- grupo 1	67
Quadro 3 - Os três traços distintivos nos quais se baseia o sistema vocálico da língua Botocudo, segundo Emmerich e Monserrat (1975, p. 30).	69
Quadro 4 - Fonemas consonantais do Krenak segundo Silva (1986)	77
Quadro 5 – Formas pronominais segundo Seki (2004)	82
Quadro 6 - Fones e fonemas consonantais da língua Krenak	103
Quadro 7 - Segmentos nasais plenos e contornos seguidos de vogais orais	122
Quadro 8 - Travamento de consoantes nasais em registros históricos e possíveis equivalências em nossos dados	129
Quadro 9 - Fonemas consonantais da língua Krenak	130
Quadro 10 - Fonemas vocálicos	136
Quadros 11 - Vogais orais e nasais	138
Quadro 12 - Itens ambíguos quando aos segmentos nasais e oclusivos	171
Quadro 13 - Comparação dos itens em registros históricos	173
Quadro 14 – Formas pronominais segundo Seki	223
Quadro 15 – Símbolos e correspondências	247
Quadro 16 – Segmentos consonantais	248
Quadro 17- Segmentos vocálicos a partir de Manizer	253

LISTA DE FIGURAS

	Pág.
Figura 1 - Segmentos consonantais das línguas botocudo, segundo Emmerich e Monserrat (1975)	68
Figura 2 - Segmentos vocálicos das línguas Botocudo, segundo Emmerich e Monserrat (1975)	68
Figura 3 - Fases da performance segmental. sequência articulatória dos segmentos do enunciado 'saw' [sɔ]. (Laver, 1994 p.133)	89
Figura 4 - Relações temporais dos segmentos parcialmente nasais (Laver, 1994)	90
Figura 5 - Espectrograma e forma de onda sonora da palavra [m ^b aki ^d n] 'passarinho'	93
Figura 6 - Espectrograma e forma de onda da palavra [ŋ ^g ɔŋ] ~ [ŋ ^g ɔw̃] 'cachorro'	94
Figura 7 - Espectrograma e forma de onda sonora da palavra [m ^b rɔ ^g ŋ] ~ [m ^b rɔw̃ŋ] 'caminho'	94
Figura 8 - Espectrograma e forma de onda sonora da palavra [ŋ ^g ra ^g ŋ] 'cobra cascavel'	95
Figura 9 - Duração dos segmentos da palavra [m ^b aki ^d n] 'passarinho'	96
Figura 10 - Duração dos segmentos da palavra [ŋ ^g ɔ ^g ŋ] ~ [ŋ ^g ɔw̃] 'cachorro' (ŋ=123 ms, g=77ms)	96
Figura 11 - Duração dos segmentos da palavra [m ^b rɔ ^g ŋ] (m= 92 ms; b= 57 ms; r=97 ms)	97
Figura 12 - Espectrograma de uma nasal surda na frase 'tá caçando cigarro' [kũŋ̃ĩm̃ iahã ỹ].	98
Figura 13 - Forma de onda e segmentação das fases da nasal surda bilabial, retirada da frase 'tá caçando cigarro' [kũŋ̃ĩm̃ iahã ỹ].	98
Figura 14 - Duração e F0 do <i>onset</i> contendo nasal surda na palavra [mi'ŋ̃ĩŋ] 'água' na frase [ñĩŋ. mi'ŋ̃ĩŋ. ʒɔp] 'ele bebe água'.	100
Figura 15 - Duração e F0 do <i>onset</i> com nasal sonora na palavra [mi'ŋ̃ẽŋ] 'cotia'	101
Figura 16 - Relações temporais do fechamento oral e velar e abertura glotal na produção da nasal surda aspirada em Krenak	102

Figura 17 - Curva entonacional da frase declarativa 'Ele tá caçando cigarro' 202
[mbu'rũŋ. kũm 'm̩ãm ia'ha? ỹ], com F0 final descendente

Figura 18 - Curva entonacional da frase declarativa 'A água está dentro do pote' 203
[m̩i'p̩ãŋ. p̩'ɛp].

Figura 19 - Curva entonacional da pergunta 'De onde você vem?' [hu'krɛ. ho'ti. am ,n̩ĩŋ] 203
com F0 final ascendente

LISTA DE ABREVIATURAS

1	Primeira pessoa
2	Segunda pessoa
3	Terceira pessoa
BEN	Benefactivo
COND	Condicional
CONT	Contínuo
COP	Cópula
DAT	Dativo
DEM	Demonstrativo
DIR	Direcional
EXST	Existencial
FUT	Futuro
GEN	Genitivo
HUM	Humano
INAN	Inanimado
INST	Instrumental
INT	Interrogativo
LOC	Locativo
NEG	Negativo
OBJ	Objeto
PL	Plural
POSS	Possessivo
POST	Posposição
PRED	Predicativo
PREP	Preposição
PRN	Pronome
SUJ	Sujeito

SUMÁRIO

	Pág.
RESUMO	11
ABSTRACT	13
LISTA DE MAPAS	15
LISTA DE QUADROS	17
LISTA DE FIGURAS	19
LISTA DE ABREVIATURAS	21
1. INTRODUÇÃO	29
2. OBJETIVOS	33
3. DIFICULDADES PARA O APROVEITAMENTO DOS REGISTROS E MATERIAIS LINGÜÍSTICOS DOS BOTOCUDO	34
4. METODOLOGIA	38
4.1 - Fundamentação Teórica	38
4.1.1 - A Geometria de Traços	40
4.2 - Materiais e Métodos	45
4.2.1 - Os dados de Seki e Manizer	45
4.2.2 - Procedimentos de pesquisa	47
CAPÍTULO I - O POVO E A LÍNGUA KRENAK	51
1. HISTÓRIA DO POVO BOTOCUDO	53
1.1 - Os Botocudo durante os séculos XVI ao XIX	53
1.2 - Os Botocudo de Minas Gerais no século XX	56
1.3 - Situação sociolinguística dos Krenak em 1980	59
2. CLASSIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA	61
2.1 - Filiação lingüística	61
2.1.1 - O Krenak e o Macro-Jê	61
3. ESTUDOS PRÉVIOS SOBRE O KRENAK	66
3.1 - Aspectos da fonologia da língua Botocudo: Charlotte Emmerich & Ruth Monserrat	67
3.1.1 - As vogais	69

3.1.2 - As consoantes	70
3.2 - Aspectos fonéticos e fonológicos da língua Krenak: Silva (1986, 1987)	75
3.2.1 – As consoantes	75
3.2.2 - As vogais	77
3.2.3 - Os processos fonológicos	79
3.3 - Aspectos Morfossintáticos da língua Krenak: Seki (2004)	81
CAPÍTULO II - ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS DA LÍNGUA KRENAK	85
1. ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS	87
2. ASPECTOS FONÉTICOS DA LÍNGUA KRENAK	87
2.1 - Aspectos fonéticos dos segmentos consonantais nasais em Krenak	88
2.1.1 - Consoantes parcialmente nasais	89
2.1.2 - A nasal surda	91
2.2 - Os segmentos nasais em Krenak	92
2.2.1 - Segmentos de contorno	92
2.2.2 - As nasais surdas em Krenak	98
3.- FONOLOGIA I	103
3.1. – Contrastes de consoantes	104
3.2 - Descrição e distribuição dos segmentos	105
3.2.1 - As oclusivas	105
3.2.1.1 - A oclusiva bilabial surda [p]	108
3.2.1.2 - A oclusiva alveolar surda [t]	109
3.2.1.3 - A oclusiva velar surda [k]	110
3.2.1.4 - A oclusiva glotal [ʔ]	111
3.2.2 - As nasais	112
3.2.2.1 - Nasais sonoras	114
3.2.2.1.1- A nasal labial [m]	114
3.2.2.1.2 - A nasal alveolar [n]	114
3.2.2.1.3 - A nasal palatal [ɲ]	115
3.2.2.1.4 - A nasal velar [ŋ]	116
3.2.2.2 - As nasais surdas	116

3.2.2.2.1 - A nasal bilabial surda [m̃]	117
3.2.2.2.2 - A nasal alveolar surda [ñ]	117
3.2.2.2.3 - A nasal palatal surda [ɲ̃]	117
3.2.2.2.4 - A nasal velar surda [ŋ̃]	118
3.2.3 - Os segmentos de contorno [mb], [nd], [ndʒ], [ŋg], [bm], [dn] e [gŋ]	119
3.2.3.1 - As nasais pós-oralizadas [mb], [nd], [ndʒ], [ŋg]	119
3.2.3.2 - As formas nasais pré-oralizadas [bm], [dn] e [gŋ]	122
3.2.4 - As fricativas	124
3.2.4.1 - A fricativa palatal sonora [ʒ]	125
3.2.4.2 - A fricativa glotal surda [h]	126
3.2.5 - As africadas	126
3.2.5.1 - A africada álveo-palatal [tʃ]	127
3.2.6 - O tap [ɾ]	127
3.2.7 - As aproximantes	128
3.2.7.1 - A aproximante labial /w/	128
3.2.7.2 - A aproximante palatal /j/	128
3.2.8 - Travamento oral de consoantes nasais (tn, km, pm e km)	129
3.3 As vogais	132
3.3.1 - As vogais nas línguas Jê e no Botocudo	132
3.3.2 - Vogais em Krenak sua distribuição	136
3.4. Contraste de vogais	136
3.4.1 -Vogais altas	139
3.4.1.1 - A vogal anterior alta [i]	139
3.4.1.2 - A vogal central alta [ɨ]	140
3.4.1.3 - A vogal posterior alta [u]	140
3.4.2 -Vogais médias	141
3.4.2.1 - A vogal anterior média-alta [e]	141
3.4.2.2 - A vogal central média-alta [ə]	142
3.4.2.3 -A vogal posterior média-alta [o]	142
3.4.2.4 - A vogal anterior média-baixa [ɛ]	143

3.4.2.5- A vogal posterior média-baixa [ɔ]	144
3.4.3. - A vogal central baixa [a]	145
4. FONOLOGIA II	146
4.1 - A sílaba	146
4.1.1 - Segmentos de contorno e a estrutura da sílaba	149
4.2- Processos fonológicos	157
4.2.1 - Oralização dos segmentos da classe /M/ e implementação fonética do traço [+voz]	158
4.2.2. - Onde e como se formam as pré e pós-oralizadas em Krenak?	161
4.2.2.1. - Oralização de codas nasais: uma visão autossegmental	162
4.2.2.2. -Teoria da implementação fonética e oralização de codas nasais	165
4.2.3. - Situações ambíguas, onde ocorrem e por quê: algumas hipóteses	171
4.2.4. - Nasalização alofônica	176
4.2.5 - Pré-vocalização, vocalização e ditongação de codas nasais	178
4.2.6 - Fricativização da aproximante palatal /j/	181
4.2.7 - Neutralização de vogais orais	183
4.2.8 - Neutralização de nasais surdas e sonoras	186
4.3. - Empréstimos linguísticos do português	188
4.4 – Ressilabificação	191
4.5 - O acento em Krenak	193
4.5.1 - O acento e a teoria métrica do acento: noções teóricas	193
4.5.2 - O acento em Krenak	197
4.5.2.1 - O acento lexical: primário e secundário em Krenak	198
4.5.2.2 - O acento frasal	201
4.5.2.3 - O acento e o ritmo em Krenak	204
CAPÍTULO III - ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS E ANÁLISE PRELIMINAR DE CONTOS BOTOCUDO (MANIZER, 1915)	209
1. Notas da gramática Krenak	211
1.1 - As classes de palavras (ou partes do discurso) em Krenak	212
1.1.1 - As classes abertas	212
1.1.1.1 - O nome	212
1.1.1.2 - O gênero, número e grau	214
1.1.1.3 – Adjetivos (?)	216

1.1.1.4 - Os verbos	217
1.1.1.5 - Os marcadores de tempo neʔ, ʔi, ʔũ	218
1.1.1.6 - Os advérbios	218
1.1.1.6.1 - O locativo	219
1.1.1.6.2 – Temporais	220
1.1.1.6.3 - Quantificacionais e números	221
1.1.2 - As classes fechadas	221
1.1.2.1 - Os pronomes	221
1.1.2.1.1 - Os pronomes pessoais	222
1.1.2.1.2 - Os marcadores de posse	224
1.2 - Estruturas das sentenças simples em Krenak	225
1.2.1 - Orações intransitivas ativas	225
1.2.2 - Orações descritivas	226
1.2.3 - Orações transitivas	226
1.2.4 - Orações não verbais identificadoras	227
1.2.4.1 - Orações equativas	227
1.2.4.2 - Orações com elemento de cópula	227
1.2.5 - Orações Locativas/existenciais	228
1.2.6 - Orações possessivas	228
1.3 - A ordem dos constituintes	229
1.4 - Orações interrogativas: perguntas polares, alternativas e perguntas com palavras interrogativas	231
1.5 - Orações Imperativas	234
1.5.1 -Exortativo – os morfemas ɲãw, ɲãm ou ɲãmo	236
1.6 - Permissivo – o morfema inũɲ	236
1.7 – Negação	236
1.8 - Descrição de períodos compostos	237
2. Manuscritos de Manizer uma proposta de análise de contos do povo Botocudo	238
2.1 - Caracterização geral dos manuscritos	240
2.1.1 - O pesquisador e seu estudo	240

2.1.2 - Os manuscritos	241
2.1.3 - Modo de coleta	243
2.1.4 – Apresentação geral das narrativas e alguns problemas	243
2.1.5 - Grafia utilizada por Manizer	246
2.2 –Descrição e distribuição dos segmentos	248
2.2.1 - As consoantes	248
2.2.1.1 - As oclusivas	248
2.2.1.2 - As nasais	249
2.2.1.3 - As fricativas	250
2.2.1.4 - As africadas	251
2.2.1.5 - O tap	252
2.2.1.6 - As aproximantes	252
2.2.2 - As vogais	252
2.2.3 - O acento	254
2.3 - Aspectos fonológicos da língua Krenak	255
3. Narrativas Botocudo nos manuscritos: descrição e análise preliminar	261
3.1 - Descrição de aspectos fonéticos, fonológicos e morfossintáticos nas narrativas	262
3.1.1 - Fonética e fonologia	263
3.1.2. Aspectos morfossintáticos	270
3.2 - Proposta de reescrita das narrativas	280
5. CONCLUSÕES	289
REFERÊNCIAS	293
ANEXOS	299

1.INTRODUÇÃO

Os Botocudo foram vítimas de um dos mais violentos processos de repressão por parte do homem branco, a qual resultou no desaparecimento de quase todos os membros desse grupo. Atualmente, os únicos representantes sobreviventes são os índios Krenak, que habitam a Aldeia Krenak, às margens do rio Doce, entre as cidades de Conselheiro Pena e Resplendor, no Estado de Minas Gerais (Anexo 1).

Os Botocudo são identificados também como Aimorés, Ambarés, Guaimurés ou Embarés. Esses índios por não pertencerem ao tronco linguístico Tupi, eram designados pejorativamente como *Tapuias* ou bárbaros no século XVI. Tal denominação, porém, remete aos primórdios da colonização e é encontrada nos registros dos conflitos ocorridos nas capitânicas de Porto Seguro, Ilhéus e Espírito Santo, região litorânea baiana. As represálias contra os Aimorés/Botocudo se estenderam até a segunda metade do século XIX, levando-os à submissão e integração forçada em alguns casos e, na maioria das vezes, à extinção. Foram de tal sorte violentos os combates litorâneos na segunda metade do século XVII que os Botocudo adentraram o sertão dos rios Pardo, Jequitinhonha, Mucuri e Doce, tornando-se os senhores da Serra dos Aimorés e das zonas florestais contíguas (MARCATO, 1979, p.5).

No início do século XX, havia vários grupos de Botocudo na região entre Minas Gerais e Espírito Santo. Ehrenreich (1887) subdivide os Botocudo, que, na época de sua visita, eram estimados em cerca de 5.000 indivíduos, em dez grupos: **Naknenuk, Nakerehä, Etwet, Takruk-krak, Nep-Nep, Nak-poruk, Arauan, Bakués, Pampan, Nocknoug** (MARCATO, 1979, *apud* MÉTRAUX, p.6). Segundo Seki (1992)¹,

em 1911 havia Pojichás, em São Mateus; Naknanucs e Nakrehes, no Aldeamento de Lages, às margens do Pancas; Jiporocas, no Posto Indígena Pepinuque; Munhagiruns, entre o Pancas e o São José; Nakrehes em Pancas e em Itueta e finalmente Gut-kraks, entre a serra de João Leopoldino, às cabeceiras do São João e o Pancas.

¹ Relatório do Ministro da Agricultura Pedro de Toledo à presidência da República, Rio de Janeiro, 1911, II: 290-291; Estigarribia (1934): 27-33.

Dentre estes últimos, os Gut-kraks dividiam-se em dois grupos inimigos: os Botocudo de Natividade do Manhauçu, sob a liderança do capitão *Tijuque Tetchuc* e os Botocudo da Lapa, chefiados pelo capitão *Crenac*, cujo nome terminou sendo adotado para distinguir o grupo. Embora essa denominação tenha se generalizado, a comunidade Krenak inclui representantes e descendentes de outros subgrupos Botocudo, como os Nakrehé e os Gut-krak. A localização dos subgrupos pode ser visualizada no mapa abaixo, retirado do estudo de Emmerich & Monserat (1975):²

² As fontes originais do mapa não foram informadas pelas autoras no referido estudo.

Mesmo sendo considerados, em vários momentos da História, como extintos, os representantes Botocudo, mais especificamente os remanescentes Krenak, ainda resistem e falam sua língua nativa. No início da década de 80, podiam-se identificar índios que se declaravam descendentes de outros subgrupos Botocudo além dos Krenak, como Nakrehé, Gut-Krak e Munhãjirum (SEKI, 1990). Rodrigues (2007)³ considera a língua Krenak como uma língua ainda sobrevivente, mas “com falantes terminais”.

De fato, a realidade linguística dos Krenak, já há cerca de três décadas, refletia uma língua em limites de desaparecimento completo. Segundo Seki (1992), a comunidade era caracterizada por ser dispersa e apresenta um alto grau de miscigenação com não Botocudo (índios e não índios), o que é compreensível se olharmos para a história do grupo como um todo. Na época de sua visita, início da década de 80, a língua se encontrava em grande risco de extinção, apresentando apenas cerca de 15 falantes em graus diferentes de domínio da língua e com idades acima de 40 anos.

Sobre os Botocudo, existem várias documentações oficiais de caráter administrativo, além de relatos de viajantes naturalistas, etnólogos, religiosos, engenheiros e até de um farmacêutico, sendo ainda tratados em artigos de jornal ou outros trabalhos mais específicos sobre o grupo (SEKI,1992). Também linguistas, como Charlotte Emmerich, Ruth Monserrat, Taís Cristofaro Silva e Lucy Seki realizaram estudos acerca da língua Borun⁴.

³ Informações apresentadas em mesa-redonda sob o título “O Tronco Macro-Jê e suas línguas mortas”, por Aryon Dall’Igna Rodrigues (UnB), no V Encontro de Línguas e Culturas Macro-Jê, ocorrido em São Paulo, entre 3 e 5 de maio de 2007.

⁴ Alguns trabalhos que se destacam são mencionados a seguir: Walter Garbe (1909) – acervo fotográfico dos Botocudo do rio Doce; Rudolph (1909) que apresenta inúmeras frases e um diálogo; Antonio Martins Viana Estigarribia (1911, 1919) – material sobre situação dos índios do rio Doce e vocabulário dos índios Crenacs com 189 palavras; H.H. Manizer (1915) – informações culturais sobre os Botocudo do P.I. Pancas; Antonio Carlos Simoens da Silva (1918, 1922) – estudos *in loco* dos Krenak e trabalho com vocabulário Crenak contendo cerca de 165 termos; Sylvio Forés Abreu (1926) – vocabulário com algumas palavras e expressões e fotografias, além de informações culturais; Curt Nimuendajú (1939) – pesquisou os remanescentes Botocudo do Itambacuri, do P.I. Guido Marliere e do Pancas, incluindo dados etnológicos e linguísticos, como vocabulário Nakrehé e Nakpié; Mansur Guérios (194

4), que apresenta vocabulários e informações gramaticais; Loukotka (1955), sobre aspectos vocabulares, de classificação linguística e de nível gramatical; Charlotte Emmerich e Ruth Monserrat (1973, 1974) – pesquisa linguística do Itambacuri, registrando informação sobre a língua dos Botocudo através de três informantes, que resultou no trabalho ‘Sobre os Aimorés, Krens e Botocudo, Notas Linguísticas’, publicado pelo Museu do índio; e Seki (1982, 1983, 1984a, 1985a, 1985b, 1986, 1987, 1989, 2000, 2004), com trabalhos de análise fonológica e gramatical, além de um amplo estudo de reconstrução da história do grupo (MARCATO, 1979, p. 30; SEKI, 1989), entre vários outros documentos linguísticos e não linguísticos sobre

Até o momento, sobre a fonologia e gramática da língua dos Krenak, conta-se com poucos trabalhos mais abrangente e sistemáticos de descrição da língua. Mencionamos aqui o estudo fonético e fonológico feito por Silva (1986), o qual se baseia no modelo fonológico gerativo-transformacional de Chomsky, apresentado em *The Sound Pattern of English* (SPE, 1968). Sobre a fonologia das línguas Botocudo, conta-se ainda com o estudo de Emmerich e Monserrat (1975), feito a partir de diversos vocabulários das línguas deste grupo e, por fim, sobre fonologia e aspectos morfossintáticos há os trabalhos de Seki (1985 e 2004), constando o primeiro em um manuscrito não publicado sobre fonética e fonologia e o segundo na descrição dos aspectos morfossintáticos da língua, que inclui também reflexões sobre a fonologia.

Há ainda vários outros estudos de cunho antropológico realizados por pesquisadores das universidades da Bahia e de Minas Gerais, além de trabalhos de produção de vídeos em parceria com membros da comunidade, todos com o objetivo de conservar e revitalizar aspectos da cultura e da língua do grupo Krenak (ISA, 1995).

Mesmo assim, pode-se afirmar que, até a atualidade, nenhuma das línguas ou dialetos do grupo Botocudo foi documentada de modo satisfatório, sobretudo no que se refere a alguns dos seus aspectos fonológicos, que até então permanecem ambíguos. Seki (1990) delinea alguns fatos que contribuem para a dificuldade de aproveitamento dos registros e materiais linguísticos existentes sobre o Botocudo.

2. OBJETIVOS

Este estudo tem como objetivo geral apresentar mais uma análise sobre a língua Krenak, a partir dos dados coletados por Seki, entre 1979 e 1982, e descrever aspectos de sua fonética e fonologia, além de retomar alguns aspectos morfossintáticos da língua.

Como objetivos específicos este projeto busca:

- Descrever aspectos fonéticos da língua Krenak;
- Refletir sobre os segmentos de contorno em Krenak, levando em conta o estudo de cunho tipológico sobre contorno em línguas da América do Sul

vários dialetos ou línguas botocudas. Para uma visão mais completa dos estudos existentes, ver o artigo de Seki (1989), “Apontamentos para a Bibliografia Botocudo (Borum)”.

(WETZELS, 2008), o qual se mostra relevante para solucionar/explicar os problemas desta língua;

- Estudar o acento e o ritmo da língua Krenak;
- Apresentar os aspectos morfofossintáticos da língua Krenak, tendo por base a descrição de Seki (2004);⁵.
- Caracterizar o material de Manizer e propor, com base no que foi apresentado sobre a fonologia e a morfofossintaxe da língua Krenak, uma análise e interpretação para parte deste material – contos retirados dos manuscritos de Manizer (1915).

3. DIFICULDADES PARA O APROVEITAMENTO DOS REGISTROS E MATERIAIS LINGÜÍSTICOS DOS BOTOCUDO

Os primeiros materiais lingüísticos referentes ao Botocudo foram produzidos apenas a partir de 1815, frutos da visita do Príncipe alemão Wied-Neuwied aos índios do rio Jequitinhonha, a qual resultou na obra *Reise nach Brasilien in der Jahren 1815 bis 1817*. Há ainda vários informes sobre as comunidades de Botocudo de Minas, Bahia e Espírito Santo, deixadas por viajantes e naturalistas europeus que percorreram o Brasil nesta época: Saint-Hilaire, Pohl, Spix & Martius, Von Tschudi, e Wied-Neuwied. Importantes também são as contribuições do engenheiro francês Victor Renault e do empresário e político brasileiro Teófilo Benedito Ottoni, além das descrições feitas por Guido Tomás Marlière, a partir de sua própria experiência como diretor de índios, em Minas Gerais, entre os anos de 1824-1828 (MARCATO, 1979).

Entretanto, de todo este material registrado, pode-se afirmar que não há nenhuma descrição completa da gramática da língua. Segundo Seki (1990), grande parte

⁵É preciso ressaltar que esta parte do estudo não pode apresentar avanços maiores do que os realizados por Seki (2004), o que se deveu, sobretudo, ao fato de não ter sido viável realizar uma nova coleta de dados. Ainda assim, considerando-se a situação de extremo risco de extinção em que se encontra a língua Krenak, acreditamos que poderia haver várias limitações para o esclarecimento e aprofundamento de alguns aspectos gramaticais.

dos materiais consiste em listas vocabulares de extensão variável, alguns contendo dados referentes à estrutura gramatical da língua, como algumas frases.

Sabemos, contudo, que esse problema ocorre também no estudo de outras línguas indígenas brasileiras, o que se explica parcialmente pelo fato de que tais registros não tinham objetivos científicos, mas sim finalidades diversas não-linguísticas, geralmente ligadas à ocupação e domínio político de uma região e do povo que nela habitasse. Assim, os estudiosos não tinham formação linguística específica e abordavam a língua sob um prisma etnocêntrico, tentando nela encontrar as mesmas características de línguas indo-europeias e, sem conseguir, limitavam-se à organização de listas vocabulares (MATTOSO CAMARA JR., 1965).

Neste sentido, Seki (1990) destaca as considerações que Marlière (1905), um dos principais estudiosos das línguas Botocudo, faz na introdução do seu trabalho “Idiomas ou Línguas dos Índios: Língua Botocudo”, lamentando não poder “descobrir a chave”, i.e., “estabelecer um sistema” para as línguas indígenas:

Marlière acrescenta: “ajuntei vocabulários, amontoei nomes de homens, árvores, animais, pássaros mas para organizar um discurso e os distribuir no seu lugar, perco-me: tudo à falta de hum índio sciente de outra qualquer língua dos civilizados, e da sua, para servir-me de piloto” (SEKI, 1990, p.118).

São observações comuns a outros estudiosos da época, como observa sobre Wied, em 1940:

Do mesmo modo que Marlière, também o Príncipe de Wied-Neuwied explica a dificuldade em sistematizar a gramática Botocudo pela impossibilidade de obter dos falantes explicações satisfatórias sobre a estrutura da língua (SEKI, 1990, p. 118).

Deste modo, é apenas no século XX que as línguas dos Botocudo passaram a ser estudadas por linguistas ou profissionais que tinham técnicas específicas para a abordagem de uma língua. É o caso de H. H. Manizer, o etnólogo russo que, em 1914, viveu com os Botocudo do rio Doce durante seis meses e coletou um valioso material linguístico. Segundo Seki (1990), “infelizmente Manizer perdeu a vida muito cedo, pouco tempo depois de encerrar sua estada de seis meses no rio Doce e antes que tivesse podido elaborar os materiais que aqui coletou. Após Manizer, sucederam-se alguns linguistas no

estudo do Botocudo: Mansur Guérios (1944), que orientou sua coleta para a estrutura gramatical da língua; Loukotka (1955); Lucy Seki (1980, 1984, 1992, 2004), que realizou estudos sobre a fonologia e a gramática do Krenak, a língua dos remanescentes Botocudo. Sobre a fonética e fonologia especificamente, conta-se com os trabalhos de Emmerich e Monserrat (1975) e o de Silva (1986, 1987), que tratou de aspectos fonéticos e fonológicos do Krenak.

Assim, como podemos perceber, os materiais linguísticos do Botocudo não incluem descrição da estrutura gramatical. Alguns trabalhos contêm observações fragmentárias sobre certos aspectos da língua,

incluindo listas de alguns advérbios, demonstrativos, numerais, etc. Três dessas tentativas são do século XIX: a de Goetling (*in* WIED, 1940), que teve à sua disposição um falante botocudo levado por Wied à Alemanha; a de Ehrenreich (1887), que se utilizou dos próprios dados, considerando ainda os de outros estudiosos, e a de Muller (1888), feita com base nos materiais de Ehrenreich. (SEKI, 1990, p. 119)

Assim, pode-se resumir que os materiais disponíveis sobre o Botocudo tratam predominantemente de listas vocabulares. Em seu levantamento, Seki chega a um número de pelo menos 58 vocabulários ou listas de palavras de extensão variável (Anexo 3). De textos e frases, conta-se mais especificamente, como mencionamos anteriormente, com o material de Manizer e Guérios (1944), mas Seki menciona ainda Silveira (1922), que transcreve um pequeno texto e um diálogo; Rudolph (1909), que apresenta inúmeras frases e um longo diálogo ao final de seu vocabulário; Baeta (1924); e Seki (1980, 1984, 1992, 2004).

Ainda em relação ao material existente, alguns problemas têm prejudicado e dificultado maiores tentativas de interpretação e aproveitamento geral destes materiais. Seki (1990) resume em 4 itens as principais barreiras: a) a transcrição/grafia; b) conteúdo/tradução do material; c) o modo de coleta; e d) as variações dialetais. Observemos brevemente cada uma delas:

- a) Transcrição/grafia: de modo geral, os materiais coletados pelos diversos estudiosos são anotados de forma bastante variada, uma vez que cada coletor, seja este alemão, francês ou português, utiliza-se dos sinais gráficos de suas respectivas línguas, além da marcação dos termos com diacríticos nem sempre explicitados e com observações

impressionísticas sobre os sons diferentes dos que eles dispunham nas línguas indo-europeias.

- b) Conteúdo/tradução do material: os vocabulários costumam registrar os termos em botocudo, com tradução para a língua do estudioso. Assim, a tradução varia conforme a nacionalidade e o conhecimento do coletor. Segundo Seki (1990, p.121):

Em alguns vocabulários há o registro de formas complexas (locuções, frases) dos Botocudo como equivalentes a termos simples da língua de tradução. Rudolph (1909), por exemplo, anotou **tschon aku** como ‘queimar’, quando na realidade o que se tem é ‘você queima/acende o pau’. No vocabulário Naknanuk (anônimo ii, s/d) encontramos **kon-mek-mek** como equivalente a ‘curto’, mas que de fato corresponde a ‘isso é curto’.

Seki associa tais registros ao desconhecimento da estrutura gramatical e morfológica da língua, que, ao contrario das línguas européias, apresenta diferenças na manifestação de algumas funções. É o caso dos verbos transitivos, intransitivos ou descritivos, ou nomes de uma certa classe (obrigatoriamente possuídos), que nunca ocorrem isoladamente, vindos sempre precedidos do respectivo objeto, sujeito ou possuídor. Desta forma, durante a elicitación, é natural que os falantes fornecessem a estrutura complexa, o que passava despercebido ao coletor. A utilização de tais materiais por outros pesquisadores podem por um lado induzir a erros, e, por outro, representar informações suplementares sobre a língua, porém isto deve ser analisado com cautela.

- c) O modo de coleta: a coleta dos dados frequentemente foi feita por meio de intérpretes que não eram falantes nativos do Botocudo. Seki menciona o Príncipe Wied-Neuwied, que parece ter percebido os inconvenientes desse procedimento e aconselhava o estudioso a coletar vocabulários com base na pronuncia de um falante nativo. Um outro problema se refere ao fato de que a coleta parece ter sido realizada através da indicação de objetos/formas ou situações concretas que podiam ser mal compreendidas pelo informante. A autora cita o exemplo das formas **krenkat** ‘pele da cabeça’, anotado como ‘pele’ ou de **ahep** ‘você se sentou’, dado como ‘descansar’, retirados de Rudolph (1909).

d) As variações dialetais: apesar de serem considerados como tendo um alto grau de inteligibilidade, os dialetos que compõem a família Botocudo não foram devidamente registrados. Como resultado, não se identificam as diferenças dialetais, seja no nível fonético, fonológico ou morfossintático. Tal situação se agrava à medida que os documentos históricos: a) registram de forma imprecisa o material linguístico, por vezes com muitas variações não associadas a variações de grupos dialetais; b) não dão informações sobre o grupo ou dialeto do qual fazem parte os dados, havendo materiais que nem sequer mencionam a procedência dos dados; c) associam o material a vários grupos dialetais; d) misturam dados procedentes de grupos e épocas diferentes, o que acarreta variações no material coletado.

De acordo com Seki, diferentes denominações não implicam necessariamente diferentes dialetos, uma vez que uma das grandes características dos Botocudo era a sua fragmentação em grupos menores, cada um tendo sua própria denominação ou então vários grupos com a mesma denominação, mas que ocupavam localidades distintas. De qualquer modo, as variações dialetais se tornaram um obstáculo para a realização dos estudos fonológicos e gramaticais sobre a língua, de modo que nem sempre foi possível se extrair um inventário fonológico mais preciso a partir deles, o que era dificultado pelo fato de estes se basearem, sobretudo, em itens lexicais, apresentando pouco material no nível sintático.

4. METODOLOGIA

4.1 - Fundamentação Teórica

Com o objetivo de estabelecer as relações entre os fenômenos fonéticos e fonológicos das línguas do mundo e explicá-las, várias foram as teorias fonológicas que surgiram ao longo dos tempos. Os modelos teóricos registrados na evolução dos estudos sobre a fonologia das línguas podem ser enquadrados em duas grandes classes: modelos lineares e modelos não-lineares.

Os modelos lineares ou segmentais analisam a fala como uma combinação linear de segmentos ou conjuntos de traços distintivos, com uma relação de um-para-um entre segmentos e matrizes de traços, com limites morfológicos e sintáticos. Este é o caso,

por exemplo, da teoria gerativa clássica de Chomsky e Halle, que representou uma grande evolução nos estudos sobre a natureza e o funcionamento das línguas humanas (KENSTOWICZ, 1994).

Nos modelos não-lineares a noção hierárquica de traço distintivo, considerado unidade básica de representação e de análise da fonologia das línguas, passou a ser fundamental. Os traços distintivos, definidos em termos de propriedades específicas de caráter acústico e articulatório, são as unidades mínimas, que se combinam de diferentes maneiras para formar os sons das línguas humanas. Nestes modelos, as relações entre a fonologia, a morfologia e a sintaxe são explicitadas como parte da estrutura hierárquica que caracteriza as línguas humanas. Dentre as abordagens teóricas não-lineares estão incluídas a **Fonologia Autossegmental, a Fonologia Lexical e a Fonologia Métrica** (BISOL, 2001).

Segundo Wetzels (1995), são vários os aspectos que diferem entre a fonologia não-linear e as noções expostas no clássico SPE, como se pode ver abaixo:

Primeiro, na fonologia linear os sons e suas propriedades são representados como conjuntos não ordenados de traços ou matrizes de traços, onde cada segmento é especificado positiva ou negativamente para todos os traços. De acordo com tal perspectiva teórica, não é possível explicar como os traços podem se estender por domínios maiores do que o segmento nem a relação entre os morfemas, palavras e assim por diante.

Na **Fonologia Autossegmental**, existe a solidariedade dos traços em termos de estrutura hierárquica e se permite que as regras fonológicas manipulem diretamente essa estrutura. Este modelo permite a segmentação independente de partes dos sons das línguas, ou seja, além de operar com segmentos completos e matrizes de traços, opera também com o autossegmento.

A fonologia autossegmental, portanto, desenvolve-se a partir de duas idéias principais: a de que não há uma relação bijectiva entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza e a de que o segmento apresenta uma estrutura interna hierárquica dos traços que o compõem. Deste entendimento, decorrem duas conseqüências importantes: a) a de que os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento e b) a de que o apagamento de um segmento não implica necessariamente no desaparecimento de todos os traços que o compõem. A este respeito, relatam-se os casos das línguas tonais (GOLDSMITH, 1976).

A partir desta proposta, resulta uma representação formal dos traços que compõem o segmento. Tal representação pretende-se capaz de mostrar quais os traços que podem ser manipulados isoladamente ou em conjunto, facilitando a expressão de classes naturais.

A **teoria da Sílab**a reconhece a sílaba como uma unidade descritiva necessária e lida com a estrutura interna da sílaba, preocupando-se com a relação entre a sílaba e a generalização fonologicamente significativa. O acento, por sua vez, antes considerado como um traço segmental passa a ser tratado, na **Teoria Métrica do Acento** como uma propriedade relativa da rima silábica (núcleo e coda). Assim, a rima segue uma hierarquia prosódica, envolvendo os domínios maiores do que a sílaba, como os de pé e de palavra.

Na **Fonologia Prosódica** o objeto de estudo são as categorias prosódicas fonologicamente relevantes, que envolvem domínios mais extensos do que a palavra fonológica (como clítico, frase fonológica, frase entoacional, etc.).

Na **Fonologia Lexical** acredita-se que existem regras lexicais que interagem com a morfologia e regras pós-lexicais insensíveis à estrutura interna da palavra, relevantes para o modo como o falante nativo organiza seu conhecimento sobre padrões fonológicos.

Pode-se perceber, a partir do breve resumo apresentado anteriormente, que cada perspectiva teórica pretende dar conta de algum aspecto de uma dada língua, seja dos sons e suas relações, seja da interação de morfemas e palavras, do ritmo e assim por diante. O importante é que atualmente, a partir destes e outros modelos teóricos não mencionados aqui por conveniência, podem-se explicar vários fenômenos linguísticos que até pouco tempo não eram satisfatoriamente explanados.

4.1.1 - A Geometria de Traços

A geometria dos traços pretende estudar a maneira pela qual os traços se organizam e se relacionam. Em Clements e Hume (1995), é apresentado um modelo aperfeiçoado da árvore, onde os traços são agrupados em constituintes.

De acordo com esta abordagem, os segmentos são representados com uma organização interna que se mostra através de configurações de *nós hierarquicamente ordenados*, em que os *nós terminais* são traços fonológicos e os *nós intermediários*, classes

Nos esquemas acima, observam-se as seguintes representações:

- (a) vogais ou consoante simples = uma unidade de tempo ligada a um nó de raiz;
- (b) vogais longas ou consoantes geminadas = duas unidades de tempo ligadas a um nó de raiz;
- (c) segmentos de contorno = uma unidade de tempo ligada a dois nós de raiz;
- (d) e (e) são representações diferentes porque apresentam unidades segmentais não associadas, “flutuantes”. Nesses casos, uma regra, em um momento do estágio derivacional, deve providenciar a associação desses nós ou o seu apagamento.

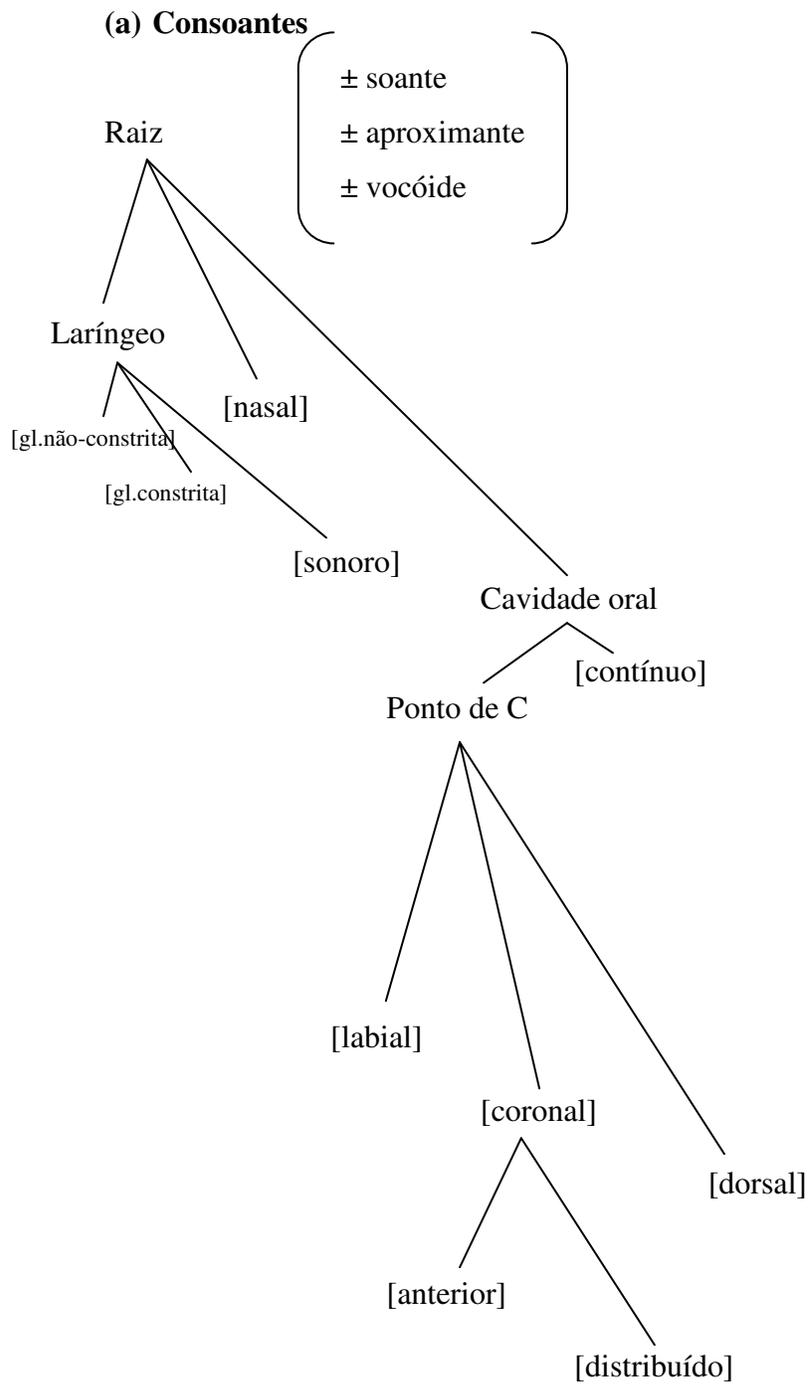
A linha das unidades de tempo é também chamada de linha esquelética ou prosódica.

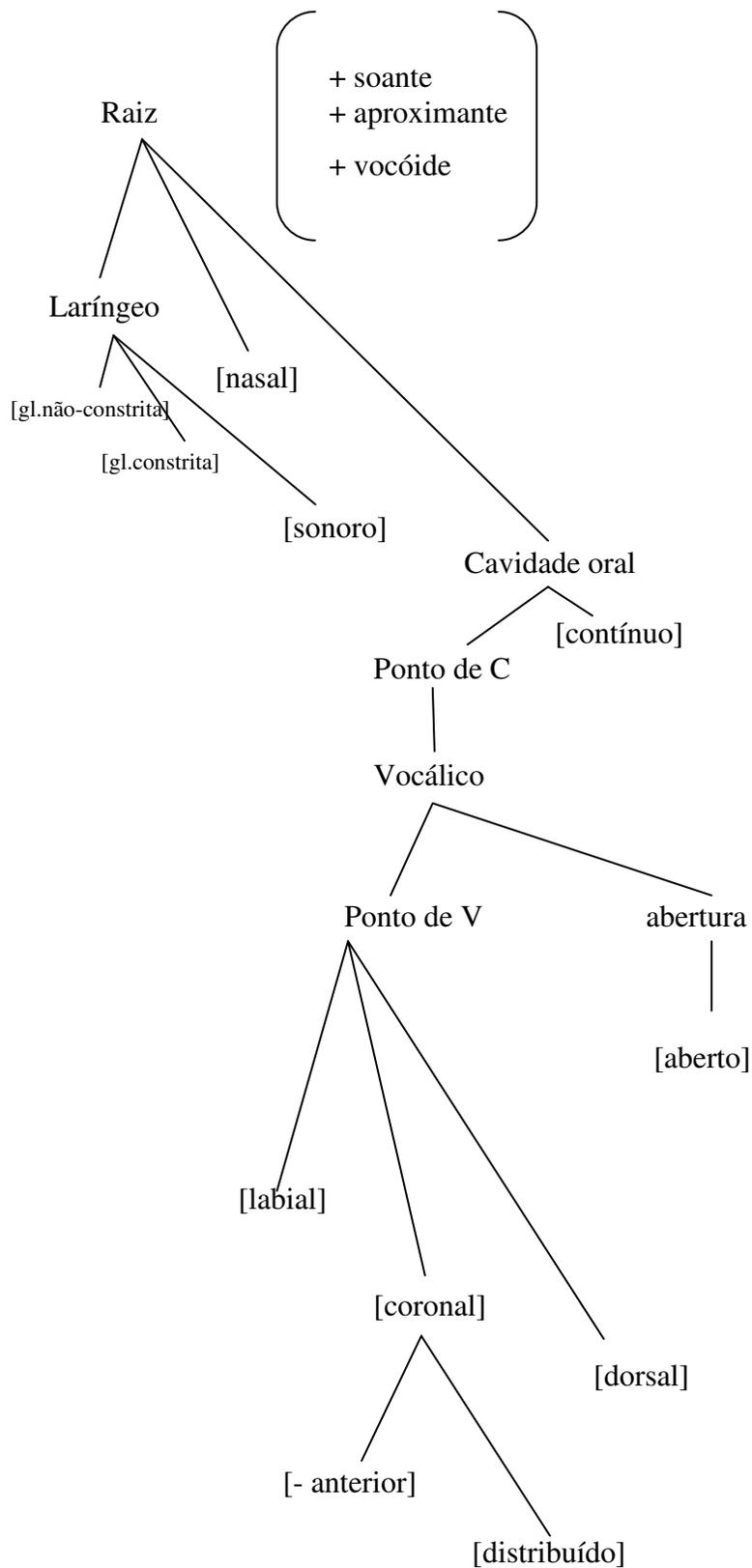
Deve-se observar, no último exemplo, que as formalizações apresentadas em (b), (c), (d), e (e) são representações tipicamente não-lineares: (b) e (c) porque apresentam ligações múltiplas, ou seja, não mostram relação de um-para-um entre o tempo fonológico (X) e a raiz do segmento (r) – em (b) uma única raiz está ligada a mais de um tempo fonológico; em (c) um só tempo fonológico está ligado a dois nós de raiz –; (d) e (e) porque apresentam elementos “flutuantes”.

Na busca de representação da naturalidade de regras fonológicas e de grupos de traços que, nessas regras, sistematicamente funcionam como solidários, essa *geometria de traços* assume um princípio, segundo Clemens e Hume (1995, p. 250), que está expresso da seguinte maneira: “As regras fonológicas constituem uma única operação”.

Por este princípio são, portanto, naturais as regras que se referem a traços individuais ou a nós de classe. Uma regra que; por exemplo, no diagrama mostrado anteriormente, afete os traços **b, d, f** não é natural; ao contrário, uma regra que só afete **f** ou que afete todo o nó estrutural **B** é considerada natural. O princípio expresso sobre as regras fonológicas implica que *somente conjunto de traços que tenham um nó de classe em comum podem funcionar juntos em regras fonológicas*.

Segundo Clements e Hume (1995, p. 292), as representações da organização hierárquica de consoantes e vogais são as seguintes:



(b) Vogais

Para este estudo, faz-se pertinente basear-nos na teoria da Geometria de Traços, proposta por Clements e Hume (1995) para explanação dos fenômenos da língua.

4.2 - Materiais e métodos

4.2.1 - Os dados de Seki e Manizer

Entre os anos de 1979 e 1982, Lucy Seki realizou várias visitas aos botocudos de Minas Gerais e de São Paulo. Os dados reunidos resultam de visitas à Fazenda Guarani, ao Posto Indígena Vanuíre e, sobretudo, à Aldeia Krenak, onde a pesquisadora coletou entrevistas com este povo na época de seu deslocamento para o rio Doce. O vasto material linguístico coletado para seus estudos sobre os Botocudo resultou em artigos bastante elucidativos sobre a história dos Botocudo e sobre a língua Krenak, a partir dos quais Seki realizou estudos fonológicos e gramaticais da língua (considerado-se aqui, inclusive, seus manuscritos não publicados).

Tal coleta consiste em fitas, até onde se sabe, que são o único registro gravado feito da língua, levando-se em conta a histórica dificuldade de contato entre pesquisador e nativos botocudo. O material teve como informante principal a Ngut-krak Sebastiana de Souza (Foto 1), já falecida, mas, na época, com cerca de 70 anos de idade, que era considerada como a falante mais competente do grupo. Conta-se também com dados de outros três falantes adultos, com idades entre 40 e 50 anos: José Anato, sobrinho de Sebastiana, Antônio Jorge e Jovelina (Anexo 2), habitantes do P. I. Vanuíre em São Paulo, sendo que os 2 últimos citados se consideravam Nakrehé.



Foto 1 - Sebastiana (Ngut-Krak, na Aldeia Krenak, Rio Doce (MG)

Fonte: Lucy Seki, 1982

A coleta inclui diversos itens lexicais e frases elicitadas, apresentando ainda frases espontaneamente produzidas pelos falantes. Como estratégia da pesquisadora para apreender e compreender melhor a estrutura da língua e a sua fonética, a coleta inclui várias repetições dos itens, de modo que se tornou viável acessar as variações possíveis e analisar as influências contextuais sob os segmentos. O material apresenta ainda orações simples e complexas. Por fim, a coleta inclui a gravação de ‘cartas faladas’, que os nativos pretendiam que fossem transmitidas pela pesquisadora em suas visitas às aldeias, mas que ainda permanecem de difícil acesso, pois não foi feita a tradução deste material. Mesmo assim é possível encontrar uma parte destas cartas numa das publicações de Seki ver qual (cf. ‘Os Krenak (Botocudo Borum) e sua língua’, 2000)

A utilização de tais dados se mostra interessante porque, além de inéditos, refletem uma situação da língua que se supõe menos deteriorada do que a que se pode encontrar hoje, levando-se em conta os 30 anos decorridos desde sua coleta. Deste modo, sua descrição e análise, à luz de teorias fonológicas mais recentes, permitirão identificar características que podem ter se perdido ao longo dos últimos anos e não serem mais perceptíveis na fala das novas gerações dos Krenak – o que não se constitui, em absoluto, como um problema, mas reflete a própria evolução da língua a partir dos seus processos internos. Acreditamos que este ‘recorte linguístico’ possibilitará, assim, a construção de um material que ajude a resgatar parte da memória linguística deste povo, além de ampliar a compreensão acerca do material já existente e disponível sobre o Krenak.

Ao lado disto – e de igual importância para o nosso estudo –, considerando-se a dificuldade para conseguir textos narrativos na condição atual, ressalta-se a importância de retomar os textos narrativos coletados no início do século XX. Entre os documentos linguísticos existentes, ressaltamos o material apresentado pelo etnólogo russo Manizer, que inclui: treze textos e dez canções, além de um vocabulário e anotações de gramática. Este estudioso coletou o material em 1915, durante sua permanência entre os Botocudo do grupo Krenak (Rio Mutum-MG), Munhãjirum, Gut-Krak, Nakrehé e Jiporok (Rio Pancas-ES).

O conteúdo desses e outros manuscritos do pesquisador foi descrito na União Soviética e consiste em um dicionário-fichário com 723 fichas, contendo identificação de

morfemas e exemplos ilustrativos de seu uso, bem como a identificação do grupo e do informante; um vocabulário Botocudo-Português e Português-Botocudo, transcritos com sinais do Alfabeto Fonético Internacional e sinais complementares do alfabeto russo; 13 narrativas e 10 canções, com tradução por linha – porém com lacunas –, que foram publicados recentemente por Sebestyén, em 1981, mantendo-se a forma e análise original do autor. A compreensão desses materiais, entretanto, ainda permanece em muitos aspectos limitada e de difícil acesso (SEKI, 1989, p. 123).

Mesmo assim, apesar das deficiências encontradas, esse material constitui uma das únicas fontes para o estudo histórico da língua e pode também contribuir para um melhor conhecimento da variante existente (SEKI, 1989). Julga-se como importante, assim, tentar buscar novas formas de abordar e compreender esse material. Em nosso estudo, focaremos na análise das narrativas.

Por outro lado, entende-se a pertinência de se realizar uma nova coleta de dados que expressem a realidade atual da língua, o que, entretanto, esbarra na resistência do grupo. Uma nova coleta não só servirá para auxiliar no processo de documentação da língua, mas também possibilitará a verificação das generalizações e hipóteses levantadas a partir da análise dos dados gravados e das fontes históricas⁶.

De acordo com fontes do Instituto Socioambiental (ISA), desde 1995 até pelo menos 1998, os Krenak vêm juntando esforços para que as crianças voltem a falar o Borun. Atualmente, mesmo com todo trabalho de resistência do povo Krenak quanto à preservação de sua língua e sua cultura, associados aos projetos de educação entre os Krenak, que tem grande interesse em recuperar sua língua, o estado em que esta se encontra ainda é preocupante e até onde se sabe, carece de estudos mais abrangentes sobre os fenômenos internos da língua, que possam explicar melhor o seu funcionamento.

4.2.2 - Procedimentos de pesquisa

Para realizar este projeto, foi preciso seguir várias etapas cruciais. Em 2000, Lucy Seki teve a oportunidade de dar início à digitalização dos dados coletados por ela.

⁶ Acredita-se que uma transcrição fonética cuidadosa – com análises feitas em laboratório, para a verificação acústica dos dados –, junto a um estudo fonológico com base em preceitos da Fonologia Moderna são condição básica para a segmentação e identificação dos morfemas ou outros elementos gramaticais.

Este procedimento foi realizado no Instituto MaxPlank, em Leipzig, Alemanha, onde foram feitos alguns recortes da sua coleta.

Para este estudo, a primeira atividade a ser realizada consistiu em dar continuidade à digitalização dos dados, tendo em mente que seriam utilizados dados coletados há cerca de três décadas, fruto das visitas de Seki aos Krenak/Nakrehé entre 1979 e 1982. O material foi gravado inicialmente em fita cassete. Na digitalização, foram convertidos para formato *Wave*, que pode ser lido por vários programas de computador, entre eles o *Sony Sound Forge*, versão 6.0, que pode ser utilizado para reprodução e edição, e o *Praat*⁷, a partir do qual realizamos a análise acústica.

Após a digitalização do material, o passo seguinte consistiu na **edição** dos dados. Nesta fase, foram retirados alguns ruídos mais salientes (como barulhos de crianças e animais ou conversas paralelas), mas com todo o cuidado para que não fossem retiradas partes dos itens de análise. Como resultado, formamos um banco de dados, em forma de áudio, contendo a lista vocabular coletada por Seki, com os itens em português e as respostas em Krenak.

A seguir, deu-se início às **transcrições** dos dados. Nesta fase, foi feita também uma verificação dos aspectos fonéticos mais problemáticos através do uso de programas como o *Praat* para verificação acústica (como ondas sonoras, análise de formantes, F0, intensidade, duração) e de outros aspectos que pudessem auxiliar na **descrição** dos dados e na **análise** fonológica da língua.

Após transcrição partimos para a interpretação fonológica dos dados da língua Krenak, em que se seguiram os procedimentos padrão para este tipo de análise.

Tentamos ainda a realização de uma nova pesquisa de campo. Neste sentido, foram realizados alguns contatos com representantes do grupo, intermediados pela pesquisadora Nádia Jorge. Inicialmente os contatos foram por *e-mail*, que foram trocados entre mim e o nativo Itamar Krenak, residente da Aldeia Krenak, às margens do rio Doce (MG). Um contato mais breve foi feito com Douglas Krenak. O primeiro encontro entre mim e Itamar Krenak ocorreu em 2009, na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, onde conversamos sobre a língua, sobre os interesses do grupo e sobre o

⁷ Praat versão 5.0. (2007). Software desenvolvido por Paul Boersma e David Weenik, do Institute of Phonetic Sciences, da Universidade de Amsterdam, disponível no site www.praat.org

trabalho em questão. Nesta ocasião, o falante demonstrou muita ansiedade em ter resultados mais elucidativos e concretos sobre sua língua e bastante interesse em retomar o contato com a pesquisadora Seki e contribuir com a pesquisa. Entretanto, os contatos seguintes foram mais breves e a visita a campo não ocorreu. Vale ressaltar aqui condições históricas de resistência e falta de verbas para a realização da visita de campo. Considerando-se os prazos do estudo e que nossos objetivos principais se pautavam na descrição da língua no estado em que se encontrava quando da coleta de Seki, foi tomada a decisão de se fazer a análise a partir do material gravado e tentar apresentar ao grupo os resultados o mais breve possível.

Porém, devido à situação da língua, algumas hipóteses que talvez pudessem ser esclarecidas a partir de uma nova coleta, permaneceram em suspenso.

Neste contexto, faz-se importante destacar a histórica dificuldade enfrentada por alguns estudiosos no acesso aos falantes durante suas coletas em campo, uma vez que estes índios, historicamente muito mal-tratados, resistiram à presença de pesquisadores em suas terras e em suas vidas durante longos tempos. Seki, por exemplo, relatou: “*em 1980, quando visitei a Fazenda Guarani, encontrei os Botocudo desanimados, abatidos e desconfiados, manifestando o desejo constante de regressar ao Rio Doce*” (Boletim do Museu do índio, 1992, p. 6). Em 2004, a respeito da visita realizada no início da década de 80 ao P. I. Vanuíre, em São Paulo e à Aldeia Krenak, no Rio Doce, a pesquisadora afirma que: “*a análise muito se beneficiaria com um novo contato com os falantes, que, entretanto, são pouco receptivos.*” (*id., ibid., p.132*).

A mesma dificuldade foi registrada nesta época por Silva, que assim relatou em seu trabalho: “*(...) a dificuldade de podermos realizar um trabalho sistemático visando à coleta de material linguístico, (...) não contávamos com a receptividade dos índios em participarem de sessões de gravação*” (SILVA, 1986, p. 2). Vale ressaltar, mais uma vez e sempre, que a ‘desconfiança’ e ‘pouca receptividade’ dos índios Krenak, tão perceptíveis nesta época, refletem as consequências do peso da História sobre a formação do perfil psicossocial deste povo. Assim, estas características estão fortemente fundamentadas e podem ser compreendidas se lembrarmos sua dramática história de repressão e da relação que foram ‘obrigados’ a estabelecer com os não-índios e índios de outras etnias para poderem se preservar de alguma maneira.

De qualquer modo, uma nova pesquisa de campo consistiria em visitas ao povo Krenak e contato com os falantes nativos, para consulta e verificação dos aspectos observados na primeira fase da descrição. A coleta de campo também priorizaria a formação de um novo banco de dados da língua Krenak, abrangendo a coleta de materiais provenientes dos mais diversos gêneros comunicativos possíveis, como textos, diálogos, músicas, contos e mitos, narrativas, entrevistas, conversas informais, rituais e todo material que for do interesse dos nativos.

A expectativa, portanto, é que os resultados deste trabalho possam ser disponibilizados não só para o mundo acadêmico, mas especialmente para o povo Krenak, auxiliando-os em seus programas de revitalização da língua e educação da comunidade indígena, na documentação da língua Krenak e ampliando a quantidade de material existente na língua, que refletem não só aspectos linguísticos, mas também históricos e culturais.

CAPÍTULO I

O POVO E A LÍNGUA KRENAK

1.HISTÓRIA DO POVO BOTOCUDO

Neste capítulo apresentamos informações sobre a identidade do povo Krenak, delineando a história dos Botocudo e como era identificado o grupo desde os primeiros contatos. Tendo como base principalmente os estudos de Marcato (1979) e Seki (1980), descrevemos os passos desse grupo até pelo menos três décadas atrás, quando foi feito o último registro, a nosso saber, sobre as características sociolinguísticas do grupo. Refletimos, também, sobre consequências psicossociais e linguísticas desse contato. Neste capítulo, mostramos, ainda, de modo panorâmico, os estudos existentes, resumindo aqueles considerados por nós como relevantes para o estudo linguístico. Além disto, apresentamos algumas dificuldades em aproveitá-los, de forma plena, para fins linguísticos.

1.1 - Os Botocudo durante os séculos XVI ao XIX

Botocudo é um nome genérico aplicado aos índios que tinham como padrão de cultura o uso de *botoques* de madeira, auriculares e labiais, prezando por adornos corporais (pulseiras, perneiras, colares e pintura no corpo) e que costumavam viver em nudez completa (MARCATO, 1979). Esses índios ocupavam as regiões do interior do leste e sudeste brasileiro, vivendo em faixas florestais da Mata Atlântica e Zona da Mata, onde podiam desfrutar de meios de caça e coleta como recursos de subsistência. Nesse contexto, a divisão do trabalho seguia o padrão no qual a caça era tarefa dos homens, e a coleta era a atividade que cabia às mulheres e crianças (*id.,ibid.*).

De estilo de vida nômade, os Botocudo se espalhavam sobre o amplo território em pequenos grupos, o que justifica não terem desenvolvido grandes técnicas de moradia. Os bandos tinham cada um seu líder, que precisava ser bom caçador e guerreiro, cabendo a este comandar os grupos, homens e mulheres, nas lutas e disputas com os grupos vizinhos, que, por sua vez, eram motivadas pelas violações de fronteiras das áreas de caça e coleta utilizadas por cada um deles.

Ainda segundo Marcato, mesmo havendo conhecimento de que os Botocudo costumavam mutilar os cadáveres de inimigos, não é comprovada a prática do canibalismo. Acreditavam em espíritos que se comunicavam com os homens por meio de outros especialmente protegidos, os *yikégn*, xamãs que eram capazes até de transformarem-se em animais ou sombras de animais.

Tidos historicamente como violentos, antropófagos, implacáveis com seus inimigos, traiçoeiros e incapazes de civilizar-se, sobre eles se deu a maior repressão oficial e extraoficial do homem branco contra uma população indígena já registrada.

Os Botocudo foram denominados de várias maneiras ao longo dos tempos. Por não pertencerem ao tronco linguístico Tupi, eram designados pejorativamente como “Tapuias” ou bárbaros, no início da colonização portuguesa no Brasil. De modo geral, a eles são atribuídos também os nomes de Aimorés, Ambarés, Guaimurés ou Embarés. A partir de 1817, o nome Botocudo foi cedendo lugar às denominações locais e regionais dos grupos menores, como Krekmúm, Naknanúk, Pejaurum, Djiporoká, Krenak, Pojixá, Bakuên, Porohún. Ehrenreich (1887), subdividiu os Botocudo, que na época de sua visita eram cerca de 5000, em dez grupos identificados como: Nakenuk, Nak-erehã, Etwet, Takruk-krak, Nep-Nep, Nakporuk, Arauan, Bakúes, Pampan, Nock-nocg.

Tais indígenas eram caracterizados por entrarem em permanente conflito com os colonos e seus aliados, que tentavam integrá-los à força ao universo cultural luso-brasileiro. Por isso, tornaram-se, desde o início do processo de colonização, inimigos públicos das capitanias de Porto Seguro, Ilhéus e do Espírito Santo. Gabriel Soares de Souza⁸, referindo-se aos Aimorés como descendentes dos Tapuias, assim os descreve:

Não vivem estes bárbaros em aldeias, nem casas como o gentio, nem há quem lhas visse nem saiba, nem desse com elas pelos matos até hoje; dormem no chão sobre folhas e se lhes chove arrimam-se ao pé de uma arvore (...); toda a sua briga é atraçoada (...). Comem êstes selvagens carne humana por mantimento, o que não tem o outro gentio que não a come senão por vingança de suas brigas e antiguidade de seus ódios. A capitania de Pôrto Seguro e Ilhéus estão destruídas e quase despovoadas com o temor destes bárbaros, cujos engenhos não lavram açúcar por lhe terem morto todos os escravos e gente deles, e a das mais fazendas, e os que escaparam de suas mãos lhes tomaram tamanho medo, que em se

⁸ Sousa, *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, em São Paulo, 1971, pp. 79-80 *apud* Marcato, 1979.

dizendo aimorés despejam as fazendas, e cada um trabalha por se pôr em salvo....(sic)

Relatos como esse estariam sempre pondo em detrimento a imagem dos índios Botocudo em favor dos colonos, formando na incipiente sociedade brasileira a base ideológica que desencadearia na enorme repressão já mencionada. Uma vez que eram vistos como incapazes de civilizar-se e de aceitar a escravidão, a única maneira de se resolver os problemas causados por esses índios seria exterminá-los, o que foi levado aos extremos através da *Guerra Justa* e das represálias a eles imputadas, que se estenderam até a segunda metade do século XIX. Entre as consequências mais graves das sucessivas tentativas de submissão e integração forçada dos índios, está a sua extinção quase completa. Os Botocudo, que inicialmente ocupavam parte da faixa litorânea do estado da Bahia e sudeste brasileiro, chegaram à região interiorana empurrados pelos conflitos e foram adentrando, a partir da segunda metade o século XVII, o sertão dos rios Pardo, Jequitinhonha, Mucuri e Doce, onde se tornaram os senhores da Serra dos Aimorés e das zonas florestais contíguas.

Devido às condições naturais, essa região não havia despertado muita cobiça dos colonizadores, o que veio a ocorrer apenas mais tarde, após a falência da economia mineradora tradicional, quando, então, dirigiram-se para aqueles vales, não só os mineradores em busca de pedras preciosas e ouro aluvional, mas também uma frente agropastoril que se adensou a partir de 1850.

Porém, antes disso, com a chegada da corte portuguesa ao Brasil em 1808, deu-se início ao processo de desbravamento e colonização das regiões mais interioranas, incluindo a navegação do rio Doce. Nesta época, para estimular os elementos da sociedade nacional a deslocarem-se para o interior, organizou-se uma política de ocupação que priorizava: 1) conceder aos colonos todas as facilidades e privilégios no seu deslocamento e fixação ao longo dos vales dos rios Doce e Jequitinhonha; 2) afastar de todos os modos possíveis a ameaça representada pelos índios bárbaros e hostis, os Botocudo.

Desta forma, a fim de realizar esse propósito, o príncipe-regente declarou guerra aberta aos Botocudo, a *Guerra Justa*, explicitada em Cartas Régias de 13 de maio, 24 de agosto e 2 de dezembro de 1808, assinadas no Rio de Janeiro. A primeira Carta Régia determinava a guerra ofensiva aos Botocudo de Minas Gerais, por considerar que os

mesmos eram irredutíveis à civilização e que a guerra de caráter defensivo não surtia os efeitos desejados no tocante a garantir a expansão da conquista naquela capitania. A segunda carta autorizava o Governador e Capitão General da mesma capitania a criar uma tropa especializada no combate a índios para viabilizar a guerra ofensiva determinada na Carta Régia anterior. Finalmente, a terceira estabelecia planos acerca de como promover a educação religiosa dos índios e seu efetivo controle como forma de viabilizar a navegação dos rios e o cultivo dos terrenos ocupados pelos Botocudo.

Além destas medidas, o Príncipe autorizava ainda o confisco das terras ocupadas por esses grupos, que passavam a ser consideradas como devolutas e deveriam ser distribuídas como sesmarias, particularmente entre os que se destacassem na guerra ofensiva. A esses novos proprietários também era garantido o livre acesso ao trabalho dos indígenas que fossem capturados em atitude aguerrida por um período que variava entre doze e vinte anos, a depender do grau de rusticidade e dificuldade dos aprisionados em apreenderem as novas formas de trabalho. Também era prevista a criação de aldeamentos administrados por particulares para educar os índios que se submetessem e se apresentassem "com interesse e boa disposição".

Após quase três séculos de conflitos, repressão, escravidão e extermínio, em 1889, com a proclamação da República, os cuidados sobre a catequese e civilização dos índios passaram a ser responsabilidade dos Estados.

1.2 - Os Botocudo de Minas Gerais no século XX

No início do século XX, os Botocudo que ainda percorriam as matas do Rio Doce, especialmente a área limite entre Minas e Espírito Santo, deslocaram-se para onde estavam os Serviços de Proteção aos Índios, em 1910. Foram criados, então, vários Postos Indígenas como o de Pepinuke e o Pancas, abrigando Botocudo *Minhajirum* e *Djiporóka*. Em 1913 foi criado um Posto Indígena da Atração no córrego do Eme para atender os Krenak. Em 1914 contavam com os P. I. de Pancas, do Eme, dos Aymorés e do Cybrão. Em 1920 foi estabelecido o P. I. Guido Marlière, em Minas Gerais, no local do antigo posto Eme, para atender os Botocudo de Minas Gerais.

No entanto, o número de Postos Indígenas ia se reduzindo com o passar dos anos. Dos quatro postos existentes em 1914, apenas restaram o do Pancas e do Eme. O P. I. Pancas, por exemplo, foi extinto em 1940 e os habitantes que lá viviam foram obrigados a transferirem-se para outros locais, como o P. I. Guido Marlière, em São Paulo e o P. I. Engenheiro Mariano de Oliveira, onde viviam os Maxakali. Através da Lei Estadual no. 5.462, de 10/10/1920, o governo do Estado de Minas Gerais doou à União 3.983 hectares destinados à fundação de uma colônia para os Botocudo, que passou a ser invadida progressivamente por fazendeiros e posseiros (SEKI, 1992). O Governo Federal, por sua vez, só em 1948, através do Decreto Federal Nº 24.947, aceitou a doação. Além disso, em 1958, a administração da área (do P. I.) passou para a Polícia Florestal. Assim, os índios foram transferidos para o Engenheiro Mariano de Oliveira, dos Maxakali. Após sofrerem dificuldades diversas, incluindo preconceitos e discriminação, os índios migraram ainda, durante quase três décadas – entre 1940 e 1967 – para o P. I. de Cachoeirinha (Mato Grosso) e o P. I. Vanuíre (São Paulo). Em 1967, o P. I. Guido Marlière passou a ser administrado pela Polícia Militar, comandado pelo capitão Manoel dos Santos Pinheiro, e transformou-se, oficialmente, num Reformatório Indígena.

A partir dessa nova administração, os Krenak enfrentaram ainda mais dificuldades. Há registro da chegada de confinados já no ano de 1969, encontrando-se, entre esse grupo, representantes dos Karajá, Pankararu, Bororo, Urubu, Fulniô, Kanela. Registra-se também que o reformatório funcionava em “péssimas condições”.

No P. I. Guido Marlière, os Krenak passaram a conviver, de modo forçado, com outros indígenas “problemáticos”, vindos de diversas partes do território nacional. Ao lado disso, cresciam as pressões dos civilizados, fazendeiros e posseiros, dispostos a fazer qualquer coisa para se apossarem das terras dos índios. Seki (1992) menciona que foram capazes até de infiltrar bebida alcoólica na reserva para desencadear um processo de desajuste e de conflitos como justificativa para tomar-lhes as terras e expulsá-los de lá.

Em 1970, a FUNAI iniciou um processo de reintegração de posse contra invasores no P. I. Guido Marlière, com base na aplicação do artigo 198 da Constituição Federal que dizia: “as terras habitadas pelos silvícolas são inalienáveis nos termos que a Lei Federal determinar”. Os fazendeiros e posseiros reagiram, dando início a um movimento para preservar as terras que haviam se apossado, alegando que já não existiam Krenak e

Pojichá na área e que a FUNAI havia abandonado a área ao deixá-la sob os cuidados da Polícia Florestal por tanto tempo.

Em 1972, buscando amenizar a crise na região, a FUNAI resolveu transferir os indígenas Krenak e não-Krenák para outra área. O governo do Estado de Minas Gerais ofereceu ao órgão oficial de proteção, em troca da área Krenak, a Fazenda Guarani, situada no Município de Carmésia, MG, a 700 metros de altitude, território pertencente à Polícia Militar de Minas Gerais, para onde os Krenák e os prisioneiros indígenas foram mais uma vez transferidos, ao invés da retirada dos arrendatários como a Justiça determinara.

Os Botocudo foram transferidos contra sua vontade. Junto com eles, foram também não indígenas como meeiros, posseiros, ex-diaristas, etc. No rio Doce deixaram lavouras, árvores frutíferas e o território onde haviam precedido seus antepassados e ao qual tinham ligadas suas representações religiosas. Em 1973, a comunidade seria acrescida com um grupo de Guarani transferido do litoral do Espírito Santo, e a sua convivência forçada gerou diversos conflitos inter-étnicos (SEKI, 1992).

Queixando-se das péssimas condições de vida, algumas famílias Krenak optaram por se dirigir para o Posto Indígena Vanuíre (SP), para a cidade de Colatina (ES) e para Conselheiro Pena (MG).

Em 1980 os demais optaram por retornar à área do P. I. Krenak. Contudo, o retorno desejado não era tão fácil. Toda a área indígena estava em mãos dos antigos arrendatários: as roças tinham sido substituídas por pastos. Para completar o quadro de dificuldades, o Estado de Minas Gerais havia distribuído títulos de propriedade aos arrendatários, alterando seu *status* e seus direitos e fortalecendo sua luta pelo afastamento definitivo dos índios.

Enfrentando todo esse quadro de problemas, 26 dos 49 Krenák que haviam sido levados para a Fazenda Guarani retornaram, em 1980, às terras do Rio Doce, instalando-se por conta própria, em pequena parcela da área, nas ruínas da antiga sede abandonada pelo Patronato São Vicente de Paula e no antigo Reformatório, perfazendo um total de 68,25 hectares, onde permanecem até os dias atuais.

1.3 - Situação sociolinguística dos Krenak em 1980

Já vimos um pouco da história dos Botocudo e podemos então ter noção dos impactos desastrosos que aquele massacre teve sobre a situação da língua falada por estes povos, a qual vem sendo considerada como extinta ou praticamente extinta em vários momentos da história e por diversos estudiosos.

Sobre isto, Seki (1984) apresenta uma reflexão, inspirada no trabalho de Denison (1977), que abrange desde o que seria a morte de uma língua até o que a caracterizaria como extinta. Nesta ocasião, a pesquisadora conclui que:

com base em conceitos puramente linguísticos, tomados isoladamente, é difícil de se chegar a uma conclusão adequada quanto ao que seja uma língua extinta ou uma língua viva, ou quanto à identificação de diferentes estados de uma língua como sendo a mesma língua ou diferentes línguas. Contudo, partiremos do princípio de que uma língua está extinta quando não tem falantes que a adotem e quando não foi e não pode ser decodificada e descrita, mesmo que através de registros. (p.110)

Ainda assim, já no início do século XX, verificam-se comentários bem pessimistas sobre a situação do Botocudo. Manizer (1915), em sua descrição, confirma a situação de extremo risco de desaparecimento em que se encontra o grupo: “Les Botocudo sont condamnés à disparaître d’ici à quelques dizaines d’années – en conséquence de l’invasion de leurs territoires par les lignes ferrées e par les colons européens” (p. 244).

No que se refere a estudos de cunho classificatório, encontramos em Davis (1968) a observação de que, dos Botocudo, apenas restam alguns indivíduos que lembram a língua: “For Botocudo there probably remain a few individuals who can recall some of the language.... and the possibilities of field work are either non-existent or fast becoming so” (p. 46).

Mais tarde, Rodrigues (1986, p. 49) lamenta o mesmo sobre línguas deste grupo. Mais especificamente sobre o grupo Botocudo, o autor afirma que pouco se sabe acerca desta família, realidade que ainda hoje pode ser observada:

Da família Botocudo tenta-se hoje, com grande dificuldade, obter algum conhecimento da língua dos poucos sobreviventes que restam de dois de seus subgrupos, os Krenak e os Nakrehé, desarticulados e dispersos pela ação violenta dos que ocuparam suas terras e das próprias agências governamentais.”

E em 2007, considera a língua Krenak como uma língua sobrevivente, mas “com falantes terminais”.

De fato, a realidade linguística dos Krenak, já há cerca de três décadas atrás, refletia uma língua em limites de desaparecimento completo. Segundo Seki (1992), a comunidade era caracterizada por ser dispersa e apresentar um alto grau de miscigenação com não Botocudo (índios e não-índios), o que é compreensível se olharmos para a história do grupo como um todo. Na época de sua visita, a pesquisadora relata que a língua se encontrava em grande risco de extinção, apresentando apenas cerca de 15 falantes em graus diferentes de domínio da língua e com idades acima de 40 anos.

A pesquisadora observou também que a língua era usada principalmente por mulheres (em número de 6, no rio Doce) no contexto familiar e nas situações em que todos os participantes da comunicação falavam ou entendiam. Outra situação de uso da língua era para evitar que pessoas estranhas ao grupo tivessem acesso ao que dizem.

Entre a comunidade mais jovem, alguns podiam compreender, mas não falavam e que as crianças que frequentavam a escola eram alfabetizadas em português. Já nesta época, podia-se afirmar que a língua não apresentava mais as funções de linguagem na comunidade, que se comunicava predominantemente em português, mas que, de qualquer maneira, ainda apresentava uma “função de solidariedade grupal”, ou seja, uma função em torno das lembranças da história dos seus antepassados e de demonstrar que podem conservar sua identidade linguística e étnica.

A pesquisadora enfrentou várias dificuldades durante as coletas. Dentre elas, estavam, por exemplo: a) a histórica desconfiança do grupo; b) a situação da língua, que pareceu bastante reduzida à forma dialógica e número reduzido de informantes potenciais; c) a rivalidade entre os grupos, que não permitiu que se trabalhasse com informantes de casas diferentes (SEKI, 1984; ARAÚJO, 1992).

2. CLASSIFICAÇÃO LINGUÍSTICA

2.1 - Filiação linguística

2.1.1 - O Krenak e o Macro-Jê

Macro-Jê é o nome que foi proposto por Mason (1950, p. 287) para denominar o grande grupo de línguas sul-americanas faladas no Brasil, que estariam relacionadas a família linguística Jê (Rodrigues, 1999). Pouco tempo antes, W. Schmidt (1926, p. 234) havia empregado os nomes Ges-Tapuya, e Loukotka (1944, p. 2-6) o nome Tapuya-že. Segundo Rodrigues (1999), a possível relação genética entre várias línguas afiliadas ao tronco Macro-Jê ainda é uma hipótese que inclui detalhes que variam de acordo com diferentes estudiosos.

Loukotka (1944) inclui neste grupo oito ‘famílias linguísticas’, a saber: že (Jê), Opaie (Ofayé), Kaingán (Kaingáng), Coroado (Purí), Mašakali (Maxakalí), Patašo (Pataxó), Botocudo (Krenák) e Kamakan (Kamakã).

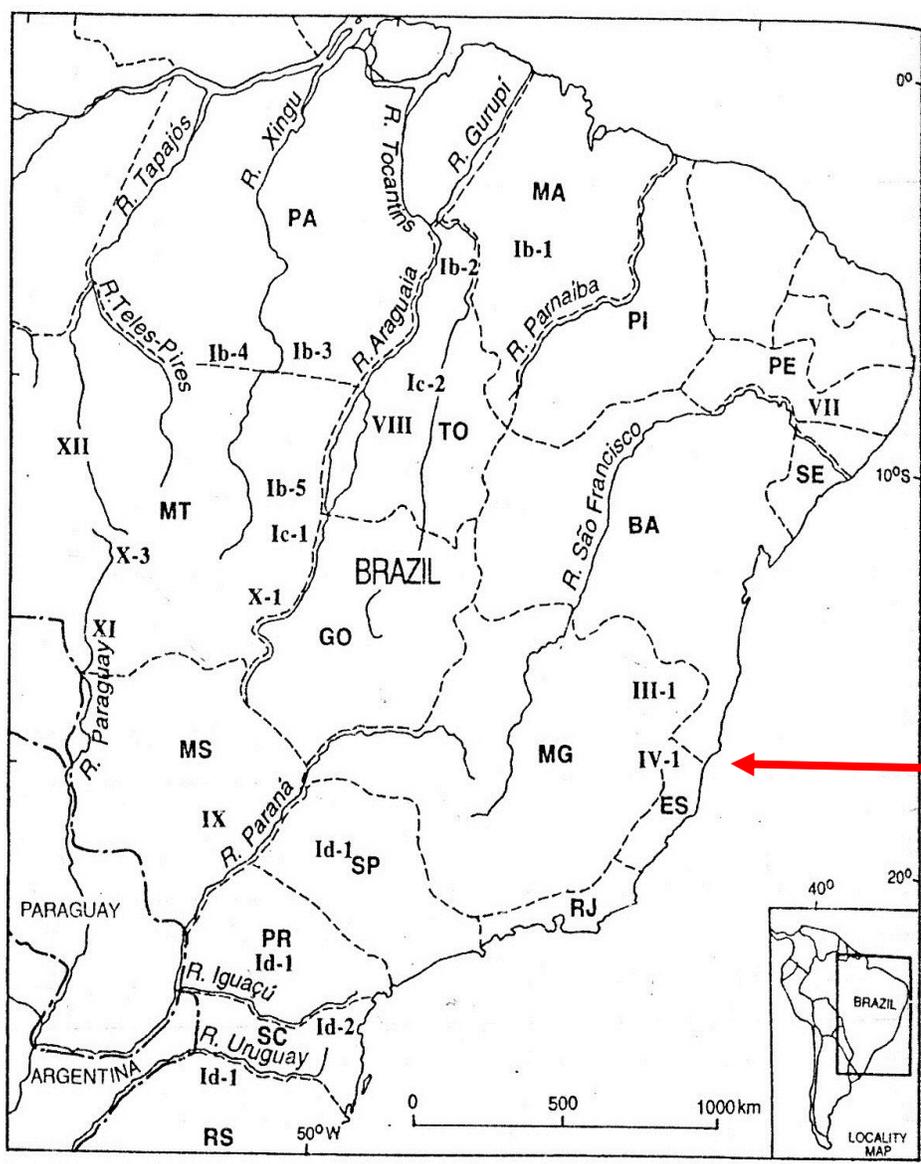
Mais tarde, em 1955, Loukotka examinou os dados linguísticos disponíveis de uma série de tribos não-Tupi que ocupavam regiões da Bahia, nordeste de Minas Gerais e Espírito Santo. Ele agrupou as línguas em quatro famílias – Maxakali, Kamakan, Purían e Botocudo – e as considerou relacionadas ao tronco Macro-Jê. Seu trabalho consistiu basicamente em comparar itens lexicais que puderam ser reconstruídos para o Proto-Jê. Concluiu, todavia, que a exata classificação destas línguas requer mais do que estudos comparativos e lamentou a condição quase extinta dessas línguas, que prejudica ou impossibilita, em alguns casos, novas pesquisas de cunho linguístico: “In some cases, unfortunately, may not be possible at this late date. The Purían languages have been extinct for some time and only fragmentary vocabularies exist. (...) For Botocudo there probably remain a few individuals who can recall some of the language” (*id.*, *ibid.*).

Davis (1966; 1968) demonstrou que o Kaingáng é membro da família Jê inicialmente e, em seu estudo seguinte, ofereceu evidências de correspondências fonológicas entre Jê e Maxakali, assim como entre Jê e Karajá, mencionando possíveis relações do Macro-Jê com o Boróro, Tupí e Fulni-ô (Yatê). Estudos como estes ocuparam-

se em classificar línguas como pertencentes ou não ao tronco Macro-Jê, como os de Boswood (1973), Greenberg (1987), Kaufman (1990, 1994).

Segundo Rodrigues (1986), não se tem evidências, em certos casos, sobre a filiação de certas famílias ou línguas a esse tronco, sendo a constituição do tronco Macro-Jê ainda bastante hipotética. Em 1999, o autor comenta que o fato de muitas línguas que estariam incluídas na hipótese Macro-Jê serem consideradas extintas e a pouca documentação existente sobre elas dificulta ainda mais a construção de novas hipóteses acerca do tronco Jê.

Do ponto de vista geográfico, as línguas Macro-Jê podem ser divididas em três subgrupos: central, ocidental e oriental (Rodrigues, 1999). As línguas Macro-Jê do grupo central incluem as famílias Karajá e Jê e se estendem para o norte e para o sul nas regiões de cerrado para o Piauí e Maranhão, ao norte, e Rio Grande do Sul, enquanto o Karajá abrange a região do vale do rio Araguaia. O grupo oriental inclui as famílias Purí, Krenák, Maxakali, Kamakã, Karirí e Yatê. As línguas ocidentais englobam as famílias Ofayé, Boróro, Rikbaktsá e Guató. A distribuição das famílias de línguas do grupo Macro-Jê orientais se estendem do leste até o nordeste brasileiro. Purí se encontrava ao longo do rio Paraíba do Sul e se espalhava para o norte até o Rio Doce, no nordeste de São Paulo, Rio de Janeiro, sul de Minas Gerais e sul do Espírito Santo. O Krenák, por sua vez, estendia-se do rio Doce até o rio Paraguaçu, no nordeste de Minas Gerais, norte e região central de Espírito Santo, e sudeste da Bahia. Quanto ao Maxakalí, este se estendia dos rios Sapucaí e São Mateus até o rio Jequitinhonha, ao leste de Minas Gerais, norte do Espírito Santo e sudeste da Bahia. Kamakã fica entre os rios Jequitinhonha e Contas na região sudeste da Bahia. Karirí está localizado principalmente entre os rios Itapicuru e médio e baixo São Francisco, na região central e nordeste da Bahia e sul do Sergipe e se estende ao norte e sul, provavelmente devido à invasão portuguesa nesse território durante o século dezessete. O Yatê se localizava ao norte do baixo São Francisco, em Pernambuco (Rodrigues, 1999: 169). Observemos o mapa a seguir:



Mapa 2 - Localização dos gupos lingüísticos do tronco Macro-Jê (Rodrigues, 1999).

I Jê family

- a) North-eastern Jê
 - 1 †Jaikó (south-eastern Piauí)
- b) Northern Jê
 - 1 Timbira (including Canela Ramkokamekrã, canela Apanyekrã, Gavião Piokobjé, Gavião Parakatejé, Krinkatí, Krahô, Krenjé; Maranhão, Pará, Tocantins; 2,800)
 - 2 Apinajé (northern Tocantins; 720)
 - 3 Kayapó (including A'ukré, Gorotfíre, Kararaô, Kikretum, Kokraimôro, Kubenkrankén, Menkrangnotí, Mentuktíre, Xikrin; eastern Mato Grosso, south-eastern Pará; 5,000)
 - 4 Paraná (Kren-akarôre) (Área Indígena Paraná, northern Mato Grosso; 213 S., 58 T.)
- c) Central Jê
 - 1 Xavante (South-eastern Mato Grosso, formerly western and northern Goiás; 9,000)
 - 2 Xerénte (Tocantins; 1,550)
 - 3 †? Xakriabá (Minas Gerais; 5,700 ethnic, probably no speakers)
 - 4 † Akroá (eastern Goiás, southern Maranhão)
- d) Southern Jê
 - 1 Kaigáng (including São Paulo K., Paraná K., Central K., South-western K., and South-eastern K.; São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul; 20,000)
 - 2 Xoklég (Santa Catarina; 1,650)
 - 3 † Ingaín (North-eastern Argentina, south-eastern Paraguay)

II Kamakã family

- 1 † Kamakã (south-eastern Bahia, north-eastern Espírito Santo)
- 2 † Mongoyó (south-eastern Bahia)
- 3 † Meniém (south-eastern Bahia)
- 4 † Kotoxó (south-eastern Bahia)
- 5 † Masakará (south-eastern Bahia)

III Maxakalí family

- 1 Maxakalí (north-eastern Minas Gerais, northern Espírito Santo; 854)
- 2 † Kapoxó (including Kumanaxó and Panháme; north-eastern Minas Gerais and south-eastern Bahia)
- 3 † Monoxó (north-eastern Minas Gerais and south-eastern Bahia)
- 4 † Makoní (south-eastern Minas Gerais)
- 5 † Malalí (south-eastern Minas Gerais)
- 6 † Pataxó (including Hãhãhãe; south-eastern Bahia; 4,600 ethnic)

IV Krenák family

- 1 Krenák (formerly called Botocudo, including Nakrehé, Nakpié, Naknyanúk, Nakryapmã, Nyepnyep, Etwet, Minyãyirún, Yiporók, Pojixá, Potén, Krekmún, Bakuén, Aranã; north-eastern Minas Gerais and northern and central Espírito Santo, formerly also south-eastern Bahia; some families now also in central São Paulo; 100 ethnic, about 10 speakers)
- 2 † Guerén (south-eastern Bahia)

V Purí family

- 1 † Purí (Espírito Santo, Rio de Janeiro, north-eastern São Paulo, South-eastern Minas Gerais)
- 2 † Koropó (Espírito Santo)

3 † Coroado (Espírito Santo)
VI Karirí family
1 † Kipeá (also known as Kirirí; north-eastern Bahia and Sergipe; 1,830 ethnic)
2 † Dzubukuá (on the island of São Francisco river, in northern Bahia)
3 † Sabuyá or Sapoyá (central Bahia)
4 † Kamurú or Pedra Branca (eastern Bahia)
VII Yatê Family
1 Yatê (the people are named Fulniô, formerly known as Carnijó; Pernambuco; 3,000)
VIII Karajá family
1 Karajá (including Southern K., Northern K., Javaéand Xambiwá. Eastern Mato Grosso, westwern Tocantins; 2,900)
IX Ofayé family
1 Ofayé (including Ivinheima O. and VacariaO.; also known as Opayé and Ofayé-Xavánte; eastern Mato Grosso do Sul; 87 ethnic, some of which no longer speak Boróro)
X Boróro family
1 Eastern Boróro (southern Mato Grosso; 1,072 ethnic, some which no longer speak Boróro)
2 † Western Boróro (eastern Mato Grosso)
3 Umutína (western Mato Grosso; 100 ethnic, 1 speaker)
4 † Otúke (including Kovare[ka] and Kurumina[ka]; eastern Bolívia)
XI Guató
1 Guató (south-western Mato Grosso; 380 ethnic, only about 5 speakers)
XII Rikbaktsá family
1 Rikbaktsá (northern Mato Grosso; 990)

Quadro 1- Classificação das línguas Macro-Jê segundo Rodrigues (1999.p.167).

No quadro acima, † significa língua morta, os itens numéricos se referem ao número estimado da população, havendo indicação direta sobre número de falantes quando o autor achou relevante (por exemplo, Umutina, 1 falante).

O Krenak inclui-se, neste sentido, entre as línguas orientais, juntamente com aquelas pertencentes às famílias Maxacalí, Yatê, Purí, Kamakã e Kariri, sendo as três últimas já extintas. Observamos ainda, no quadro de Rodrigues (1999), que não existem mais do que dez falantes. Em 2005, o autor apresenta o número de 6 falantes do Krenak em

Minas Gerais, porém não detalha fontes nem o estado em que se podiam considerar tais falantes. Em 2007, em conferência, o estudioso comenta que tal língua se trata, na verdade, de uma língua sobrevivente, com falantes terminais. Ainda assim, alguns estudos foram feitos sobre a língua e sua classificação linguística.

O Krenak é, portanto, classificado como integrante do tronco linguístico Macro-Jê. Seki (2002) faz estudo do tipo histórico-comparativo a fim de comprovar a inclusão do Krenak nas línguas Jê. Para tal, a autora se utilizou de formas reconstruídas do Proto-Jê, que foram extraídas de Davis (1966) e de Rodrigues (s/d comunicação pessoal) e comparados aos do Krenak (coleta da autora). A lista de itens comparados totaliza 112 itens. Além das formas do Proto-Jê, são também indicadas as formas correspondentes em línguas individuais dessa família, incluindo-se os cognatos nas línguas Apinajé, Kayapó, Suyá, Parketejê, Kaingang e Panará. A partir das correspondências detectadas, Seki conclui que claramente existe uma relação entre o Proto-Jê e o Krenak, o que torna essa língua um membro do grupo Jê.

Apesar da situação de extremo risco de extinção, assumimos que a língua ainda está viva, portanto pode e deve ser descrita, a fim de que possamos contar com estudos cada vez mais recentes e que ofereçam mais informações linguísticas sobre as línguas da família Botocudo/ Krenak.

3. ESTUDOS PRÉVIOS SOBRE O KRENAK

Nesta seção apresentaremos um resumo acerca de alguns estudos sobre o Botocudo/Krenak. Tais estudos mostram-se relevantes devido as contribuições linguísticas que podemos identificar a partir deles e que, por conseguinte, permitem-nos avançar mais em hipóteses sobre a classificação, a história ou na compreensão do próprio sistema da língua. Incluímos, desta forma, os trabalhos de Emmerich & Monserrat (1975) e Silva (1986, 1987), sobre aspectos fonológicos e Seki (2004), no que versa sobre a morfossintaxe da língua, uma vez que tais estudos, além de serem mais recentes, incluem já uma revisão e reflexões baseadas em outros estudos prévios do século XIX e início do século XX.

3.1.-Aspectos da fonologia da língua Botocudo: Charlotte Emmerich & Ruth

Monserrat

Em seu trabalho, as autoras têm como objetivos principais a) analisar a estrutura fonêmica dos vocabulários Botocudo coletados nos séculos XIX e XX e b) estabelecer eventuais diferenças dialetais.

Foram analisados 27 vocabulários. Vejamos no quadro abaixo algumas das principais fontes consultadas pelas pesquisadoras e algumas informações complementares dadas por elas:

	Vocabulário	Autor	No. Itens
1	Krekmun	Wied	454
2	Krekmun	Saint-Hilaire	39
3	Naknanuk	Renault	274
4	Jiporok	B.D'Almeida	43
5	Naknanuk	França Leite	98
6	Nak-Nhampã	Claro Monteiro	1.161
7	Krenak	Simoens Silva	165
8	Poten	Nimuendaju	223
9	Aranã	Nimuendaju	46
10	Nakrehé	Nimuendaju	339
11	Nakpié	Nimuendaju	37
12	Minyãnyirún	Nimuendaju	37
13	Nakrehé	Bridgeman	223
14	Nakrehé	Bridgeman	174
15	Poten	Emmerich e Monserrat	153
16	Pojichá	Emmerich e Monserrat	211
27	Krenak	Estigarribia	189

Quadro 2 - Listas vocabulares consultadas por Emmerich e Monserrat (1975) (cf. Anexo 4)

A partir desta análise, as autoras chegam à identificação dos segmentos consonantais e vocálicos ilustrados a seguir, onde foi mantida a grafia segundo o original:

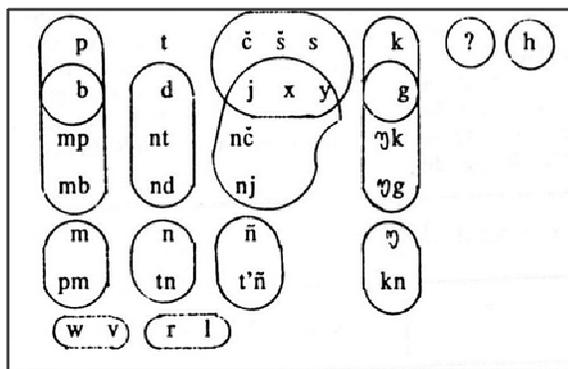


Figura 1 - Segmentos consonantais das línguas Botocudo, segundo Emmerich e Monserrat (1975).

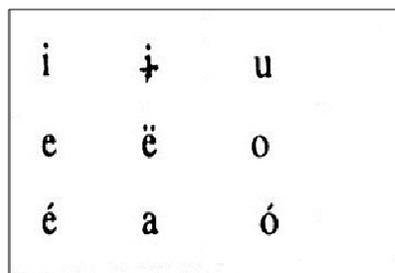


Figura 2 - Segmentos vocálicos das línguas Botocudo, segundo Emmerich e Monserrat (1975).

Onde se deve ler: oclusivas surdas p, t, k, ? [ʔ]; oclusivas sonoras b, d, g; oclusivas pré-nasalizadas mp, nt, nč [ntʃ], ŋk, mb, nd, nj [ndʒ], ŋg; nasais m, n, ñ [ɲ], ŋ; travamento oral de consoantes nasais pm, tn, t'ñ [tɲ], kn; fricativas e africadas č [tʃ], š [ʃ], s, v, x, h, y; aproximantes j, w; tap e líquida r [r], l. E para as vogais: vogal alta anterior, central e posterior i, i̇, u; médias altas anterior não-arredondada, central média não arredondada e posterior média alta arredondada e, ë [ɐ], o; médias baixas anterior e posterior arredondada é [ɛ], ó [ɔ]; e central baixa a.

3.1.1 - As vogais

As vogais nas línguas do grupo Botocudo parecem ter causado bastante problema para serem registradas pelos autores ao longo dos tempos. De acordo com as autoras, havia uma indefinição frequente das vogais, que, segundo as palavras dos autores dos vocabulários: “participam de dois ou mais sons ao mesmo tempo” (EMMERICH, MONSERRAT, 1975, p. 30).

A grande preocupação em fazer um registro correto gera, então, uma série de descrições impressionísticas, como o exemplo das autoras, de Wied-Newied (Vocabulário 1), o qual para definir uma vogal não-anterior, não-arredondada, diz: “a pela metade e no velo” (p. 501). Ou ainda, em Saint-Hilaire (Vocabulário 2), quando observa que: “é ainda menos fácil reproduzir com letras a língua dos Botocudo que as das outras nações indígenas, pois que esses selvagens tem mais numerosos sons mixtos. Assim é muitas vezes difícil distinguir se pronunciaram um *a* ou um *o*, um *e* ou um *i* (...)” (p. 133). (EMMERICH, MONSERRAT, 1975, p.30).

As conclusões apresentadas pelas autoras para o sistema vocálico da língua botocudo é que este funciona baseado em três traços distintivos: [+ alto, +-anterior e +-arredondado]. Vejamos o quadro:

+ anterior	- anterior		
	- arredondado	+ arredondado	
+ alto	i	ë	u
- alto	e	a	o

Quadro 3 - Os três traços distintivos nos quais se baseia o sistema vocálico da língua botocudo, segundo Emmerich e Monserrat (1975, p. 30).

Assim, a vogal /i/ ([+ ant, + alta]), aparece grafada como *i* e *e*, equivalendo aos ‘sons i e ê do português’.

A vogal /e/ ([+ant, - alta]), aparece grafada como *e, è, ê (fr.), ai, ae, ä*, o que, segundo as autoras, indica o grau de abertura da vogal, correspondente ao som do português.

Fato semelhante ocorre com as vogais não-antepostas, arredondadas /u/ ([+alta, + arred.]), que é representada nos vocabulários pelas formas *u, o*, enquanto a vogal /o/ aparece como *o, ò, ô*, exprimindo o som ó, do português.

Por fim, a maior diversidade encontrada na grafia de uma vogal pelos autores é da vogal /ë/ ([-ant, +alta, -arred.]), registrada por franceses e alemães como *ö, â, a, eu, eu* e por portugueses como *an, ã, ë, ä, eu* e *a*. Segundo Emmerich e Monserrat, tal diversidade deve-se provavelmente à pouca familiaridade dos autores, falantes de línguas indoeuropeias, com este som tão frequente em diversas línguas ameríndias.

3.1.2 - As consoantes

O material analisado por Emmerich e Monserrat oferece evidências de oposição entre consoantes em cinco pontos de articulação: labiais, dentais, palatais, velares e gloto-faringais, realizados através de quatro modos de produção: oclusivas, fricativas, nasais e líquidas.

Entre as características gerais apresentadas pelas autoras, destacam-se:

- a) A oclusão glotal é registrada parcialmente e, às vezes, impressionisticamente (Voc. 7, 21);
- b) A fricativa faringal [h], grafada com o símbolo *h* pelas autoras, é pouco e inconsistentemente grafada. Um dos autores, do vocabulário 21, comenta que vogais iniciando palavras sempre ocorrem ‘fortemente aspiradas’;
- c) A semivogal *w* é grafada também como *u* ou ainda como a fricativa lábio-dental *v* (Voc. 15, 16, 21);
- d) A consoante líquida, grafada como *r*, é frequente e ocorre representada por *l* algumas vezes;

- e) O grupo de oclusiva palatal seguida de nasal palatal *t'ñ* engloba sons representados graficamente como *tñ* e *kñ* e correspondem à nasal simples *ñ* em outros vocabulários;
- f) A africada palatal *č* engloba uma grande diversidade de sons grafados como *č*, *sč*, *dž*, *ž*, *s*, *y*. [*č*] é ainda representado como *tch*, *tsch*, *ch* ou *ti*; [*š*] como *ch*, *sh*, *sch*; [*dž*] como *j*, *dj* e *di*; [*ž*] como *j*; [*y*] como *j*, *y* ou *i*;
- g) a nasal velar *ŋ* é representada por *ng*, *nk* e em final de palavra aparece, por vezes, como *n*;
- h) a nasal palatal *ñ* é registrada como *nh*, *gn*, *ni*.

Se por um lado, tais segmentos não ofereceram maiores problemas para serem identificados, por outro, a depreensão da estrutura fonêmica para uma eventual delimitação dialetal foi mais complicada.

As questões mais problemáticas foram divididas em quatro grupos pelas autoras:

a) *Consoantes surdas versus consoantes sonoras*

Às vezes, encontravam-se alternâncias num mesmo vocabulário entre surdas e sonoras⁹:

- (01) šonkat ~ žonkat ‘canoa’
 (02) čompek ~ čombek ‘fogo’
 (03) tontón ~ tondón ‘pequeno’

Outras vezes, apresentavam oposição, contradizendo a primeira situação:

- (04) bók ‘peixe’
 (05) pók ‘em cima’

⁹ Todos os exemplos apresentados neste item são retirados de Emmerich e Monserrat (1975) e respeitam a transcrição das autoras.

b) *Pré-nasalização das oclusivas*

Encontrou-se grande alternância, para um mesmo item lexical, entre formas pré-nasalizadas e formas com oclusão inicial, surda ou sonora, sendo a maioria dos casos, consoantes iniciais bilabiais ou velares.

(06)	mpók ~ pók ~ bók ~ mok	‘peixe’
(07)	mprëŋ ~ mbrëu ~ prëu ~ brëu	‘caminho’
(08)	ŋgráj ~ krán ~ grã ~ grák ~ grán	‘cobra’
(09)	mbokrí(n) ~ pokrí(n) ~ bokrí(n) ~ mokrí ~ mpokrí(n)	‘veado’
(10)	mbrukukú(k) ~ prukukúk ~ brukukú(k)	‘vermelho’
(11)	mbatík ~ batík ~ patík	‘lebre’
(12)	mbakën ~ bakën ~ pakën	‘ave’
(13)	ntáj ~ táŋ	‘curvo’
(14)	nčunču ~ žunžu	‘gambá’
(15)	mporúm ~ porúm ~ mborúm ~ borúm	‘índio’

Diante de tais variações, as autoras hipotetizam que

se pode concluir que em algum momento da língua, provavelmente, houve uma série de oclusivas pré-nasalizadas, que representaremos por **p’**, **t’**, **č’**, **k’**. No momento histórico em que começa a ser registrada a língua, estaria em franco andamento um processo de mudança linguística, refletido pela presença das diversas formas alternantes para um mesmo item lexical. (EMMERICH, MONSERRAT, 1975, p.34).

O que poderia ter ocorrido em três direções diversas que não se completaram devido ao desaparecimento da língua:

a) manutenção da oposição primitiva das duas séries mencionadas, caracterizada pela presença ou ausência de pré-nasalização (...); b) manutenção da oposição distintiva entre duas séries de oclusivas, já não mais com base no

traço de pré-nasalização, tendo esta se perdido, mas no de sonoridade (...); c) desaparecimento da oposição entre as duas séries de oclusivas ao se fixar, também para a série pré-nasalizada, a forma simples da oclusiva surda(...). (EMMERICH, MONSERRAT, 1975, p. 35)

No entanto, concluem as estudiosas sobre esta questão, se existisse uma correlação clara entre as formas pré-nasalizadas, apenas ocorrendo nas fontes mais antigas, e as formas oclusivas simples, como sendo as mais recentes, na cronologia das fontes, poder-se-ia considerar as variantes discutidas como ilustração de um processo geral de simplificação da língua. Entretanto, não é o que acontece.

c) *Travamento oral das consoantes nasais*

Nos vocabulários foram registrados grupos consonantais do tipo *pm, bm, km, tn, dn, hm, t'ñ, kn, gn* e *m* início ou final de sílaba, que alternavam com nasais simples *m, n, ñ* e *ŋ* em outras fontes:

(16)	<i>pmák ~ mák</i>	‘perna, coxa’
(17)	<i>tódn ~ tón</i>	‘mau, feio’
(18)	<i>kñimpõu ~ ñimpõu</i>	‘rosto’
(19)	<i>kmún ~ mún</i>	‘ir’
(20)	<i>muntñák ~ muñák ~ kmuñák</i>	‘lua’
(21)	<i>kmarán ~ pmerán ~ merán</i>	‘duro, forte’
(22)	<i>hipmá ~ hihmá ~ him.má ~ hinkmá ~ himpmá ~ himá</i>	‘boca’
(23)	<i>kmák ~ mák ~ mphmák ~ mpmáke ~ mákn</i>	‘asa, pluma’

E continuam:

A análise dessas formas evidencia que: a) a oposição nasal simples x nasal com travamento não é fonêmica; b) o travamento não aparece necessariamente como uma consoante oclusiva, embora tenha esse caráter na maioria dos casos. Pode ser também uma consoante fricativa (h), ou mesmo uma pausa (indicada por um ponto na ortografia das fontes); c) o travamento também não é necessariamente homorgânico com a nasal que ele precede, pois antes de *m* encontramos *p, k, h*, e antes de *n* encontramos *t, k*; d) há raras ocorrências da sequência consoante nasal mais consoante oral mais consoante nasal: *mpm, mph, nkm*. Embora esta sequência de sons não seja estranha a algumas

das línguas Jê, ela aqui tem um caráter marginal. (EMMERICH, MONSERRAT, 1975, p.36).

Assim, as autoras não postulam oposição fonêmica entre consoantes nasais simples e com travamento oral, mas levantam duas hipóteses sobre um momento da língua, que seria anterior ao registrado pelos vocabulários:

- I. A que teria existido duas séries fonêmicas de nasais, em um momento anterior da língua, das quais apenas vestígios puderam ser identificados no material analisado;
- II. A consoante nasal seria, no passado, sempre realizada com travamento oral, o que não pode ser mais identificado quando a língua começou a ser documentada.

Contudo, lamentam as autoras que “a documentação existente não permite chegar a uma conclusão definitiva sobre este aspecto da estrutura sonora do botocudo” (EMMERICH, MONSERRAT, 1975, p. 37).

d) Aproximantes

As autoras identificam a aproximante labial, mas a denominam como semivogal e utilizam os símbolos *w* ou *u* para registrar este segmento. Estes símbolos alternam ainda, nos vocabulários, com a fricativa lábio-dental *v*.

Emmerich e Monserrat concluem seu estudo pontuando as enormes dificuldades e limites impostos pelos materiais analisados, como a falta de homogeneidade na escolha dos itens e na forma de grafá-los. Mesmo assim, apresentam o seguinte quadro referente ao sistema fonêmico subjacente da língua botocudo

Vogais

i ě (ə) o

e a u

Consoantes

p t č (tʃ) k ? (?) h

p' t' č' k' ⁽¹⁾

m n ñ (ɲ) ŋ

w r

- (1) Símbolos utilizados para representar as oclusivas pré-nasalizadas mb, nd, ndʒ, ŋg.

E concluem ressaltando que os traços sonoros mais característicos da língua são expressos pela manifestação de pré-nasalização de consoantes oclusivas e pelo travamento oral das consoantes nasais.

3.2 - Aspectos fonéticos e fonológicos da língua Krenak: Silva (1986, 1987)

3.2.1 - As consoantes

Silva (1986) fornece uma descrição fonética dos segmentos vocálicos e consonantais da língua Krenak e uma análise fonológica baseada no modelo gerativo transformacional apresentado em ‘*The Sound Pattern of English*’ – doravante SPE –, de Chomsky & Halle, 1968. Em seu trabalho, faz uma descrição dos segmentos vocálicos e consonantais baseada nas propriedades articulatórias do aparelho fonador. O quadro fonético das consoantes para o Krenak ao qual chega a autora se apresenta como a seguir:

[p, t, k, ʔ, b, d, g, m̩, ŋ, ɲ, m, n, ɲ, tʃ, dʒ, x, ʒ, r]

De acordo com Silva, os segmentos oclusivos em Krenak /p, t, k/ podem se realizar como parcialmente vozeadas¹⁰ [b̥, d̥, g̥], desvozeadas [p, t, k] e brevemente aspiradas [p^h, t^h, k^h]. Todas são representadas nas transcrições como desvozeadas [p, t, k] ou vozeadas [b, d, g] apenas. A autora fala ainda de oclusivas desvozeadas não-explodidas [p̚, t̚, k̚], realizações que “poderiam estar associadas a variações sociolinguísticas e que necessitariam de descrições mais adequadas” (SILVA, 1986, p. 34)

As nasais podem ser surdas: /m̩/ /ŋ/ /ɲ/ ou sonoras /m, n, ɲ, ŋ/. Apesar de não apresentar qualquer explicação mais detalhada sobre as nasais surdas, Silva expõe o contraste entre tais formas sem maiores dificuldades a partir de ambientes idênticos ou análogos, como vemos nos exemplos m̩ak ‘perna’, mak ‘máquina’; ŋaruk ‘estado de

¹⁰ Utilizamos, nesta seção, a nomenclatura usada por Silva, embora nós não a sigamos necessariamente.

dormência no corpo’, naruʔ ‘aldeia, cidade’; ɲaɲik ‘abraçar, cinto’, ɲaɲik ‘mexer, incomodar’.

Observa que em Krenak, as nasais apresentam propriedades articulatórias de ‘travamento ou não-explosão’ e ‘explosão oclusiva vozeada’ ou ‘explosão oral’ em final de enunciado, ou seja, percebe-se que há a realização de uma oclusiva após a nasal, que não é completamente realizada e soa como explosão, como explica a autora:

Ocorre o levantamento do véu palatino. Assim, o fluxo da corrente de ar penetra apenas na cavidade oral e é expelido pela boca. Essa articulação produz um efeito sonoro de uma oclusiva. Usaremos a notação [m^b, n^d, n^g], ou seja, a oclusiva vozeada homorgânica à nasal vozeada é colocada acima do segmento nasal. (SILVA, 1986, p.36)

Assim, segundo a autora, os segmentos nasais vozeados não-explodidos ([m^ˀ, n^ˀ, ɲ^ˀ]) e nasais vozeados com explosão final oclusiva vozeada ([m^b, n^d, n^g]) ocorrem em alternância com os segmentos sonoros ([m,n,ɲ]). Vejamos a seguir alguns exemplos desta ocorrência:

- (24) [ˈkũm^ˀ] ~ [ˈkũm^b] ~ [ˈkũm] ‘fumo’
 (25) [ˈtõn^ˀ] ~ [ˈtõn^d] ~ [ˈtõn] ‘feio, mau’
 (26) [ˈɲgõɲ^ˀ] ~ [ˈɲgõɲ^g] ~ [ˈɲgõɲ] ‘cachorro’

Identificam-se ainda na língua o segmento africado surdo /tʃ/, que pode se vozeiar se precedido de nasal [ndʒ]; a fricativa velar sonora /x/ e, além destes segmentos, o tap /r/. Ainda, encontram-se no inventário os glides bilabial [w] e palatal [j], grafadas como /w, y/. O inventário fonológico proposto é composto, portanto, por 15 consoantes e pode ser resumido no quadro a seguir:

	Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclus.Surda	p	t	tʃ	k	ʔ
Nasais surdas	m̥	n̥	ɲ̥		
Nasais sonoras	m	n	ɲ		
Fric.				x	
Glides	w		y		
Tap		r			

Quadro 4 - Fonemas consonantais do Krenak segundo Silva (1986)

3.2.2 - As vogais

Quanto às vogais, Silva as descreve em 1986, fundamentando sua análise na teoria das vogais cardeais, apresentada por Abercrombie (1967). Silva identifica, entre outras características, diferenças de qualidade vocálica entre as vogais orais e nasais do Krenak e chega a um inventário de 6 vogais orais fonêmicas, quais sejam /a, ε, ə, ɔ, i, u/.

Em 1987, a autora revê sua análise anterior e reflete sobre alguns problemas para a análise das vogais do Krenak. Neste estudo, Silva mantém o número de 6 vogais orais contrastivas na língua, mas discute e mostra evidências que demonstram a inadequação do modelo fonológico utilizado por ela mesma para a descrição das vogais do Krenak. A seguir, tentaremos resumir alguns problemas apresentados pela autora.

Conforme explica Silva, as três primeiras vogais / **i, ε, a** / formam uma classe natural caracterizada pelo traço [- recuado] e operam no processo fonológico de palatalização de oclusiva velar desvozeada. Os outros três segmentos restantes / **ɔ, ə, u** / formam uma classe natural que se opõe ao primeiro grupo pelo traço [+ recuado] e forma ambiente propício para a realização do processo de velarização do segmento nasal desvozeado.

O quadro apresenta valores (de '+' ou '-') para a caracterização dos segmentos vocálicos e leva em conta os seguintes traços: alto, recuado, arredondado e baixo.

	i	ɛ	a	ɔ	ə	u
Alto	+	-	-	-	-	+
Recuado	-	-	-	+	+	+
arredondado	-	-	-	+	-	+
Baixo	-	+	+	+	-	-

Entretanto, segundo a matriz acima, [ɛ] e [a] não se caracterizam como segmentos distintivos, pois apresentam os mesmo valores atribuídos a cada traço. Ou seja, não podemos caracterizar tais vogais como unidades fonológicas distintas dentro do modelo gerativo transformacional proposto em SPE.

Buscando resolver o problema, Silva passou a atribuir ao segmento vocálico [ɛ] o valor [- baixo] para caracterizar tal segmento e, de forma análoga, o segmento vocálico [ɔ] também foi caracterizado como [- baixo]. Como consequência, [ɛ] e [a] passaram a ser caracterizados como unidades fonológicas distintas, como é ilustrado a seguir:

	i	ɛ	a	ɔ	ə	u
Alto	+	-	-	-	-	+
Recuado	-	-	-	+	+	+
arredondado	-	-	-	+	-	+
Baixo	-	-	+	-	-	-

Assim, chega a 6 vogais orais fonêmicas: /i, ɛ, a, ɔ, ə, u/. Silva conclui seu estudo enfatizando o caráter preliminar de sua descrição e sugere a realização de novos estudos que possam explicar os fenômenos encontrados em Krenak.

3.2.3 - Os processos fonológicos

Silva (1986) identifica de modo extenso e redundante 12 processos fonológicos na língua Krenak, os quais apresentaremos a seguir respeitando a terminologia exata da autora, resumindo sua ideia principal:

1. *Vozeamento de oclusivas e africadas*: os segmentos oclusivos e africados vozeados são resultado de um processo de assimilação de vozeamento da consoante nasal na sílaba antecedente e não devem, portanto, ser considerados como segmentos oclusivos e africados vozeados pré-nasalizados, i.e. [m'bək ~ 'mbək] / npək/ 'peixe';

2. *Assimilação de lugar de articulação*: o segmento nasal vozeado assimila o lugar de articulação do segmento oclusivo que o segue.

3. *Cancelamento de nasal alveolar vozeada*: esta é uma regra opcional e quando se aplica é ordenada após a aplicação da regra de vozeamento de segmentos oclusivos e africados, o que é necessário porque o processo de vozeamento é condicionado ao ambiente de segmento nasal vozeado. Segundo a autora, este processo pode ser resultado do processo de mudança linguística, hipotetizando que “se esta mudança (na qual o segmento vozeado é cancelado opcionalmente em início de palavra) prosseguir poderá se estender aos segmentos oclusivos e teremos então o contraste entre segmentos oclusivos e africados vozeados e desvozeados” (p.91);

4. *Velarização de segmento nasal vozeado*: um segmento nasal palatal é velarizado quando ocorre precedido pelos segmentos vocálicos [i,a,ɔ,ə,u], i.e., [mbi'tʃiŋ] 'gato' [ziŋa'rãŋ] 'urubú-rei' ['mbrõŋ] 'caminho' [mɔk'ŋõŋ] 'anzol', [ku'zũŋ] 'embira';

5. *Velarização de segmento nasal desvozeado*: um segmento nasal palatal é velarizado quando seguido por [ɔ,ə,u], i.e., [ŋõŋ] 'peixe cascudo' / 'ŋɔp/;

6. *Palatalização de oclusiva velar desvozeada*; um segmento velar desvozeado é palatalizado quando ocorre seguido ou precedido pelos segmentos [i, ɛ, a] ou por glide palatal, i.e.: ['kɣẽm] 'casa'.

7. *Labialização de oclusiva velar desvozeada*; um segmento oclusivo velar desvozeado é labializado quando ocorre seguido por glide recuado [w], i.e.:

[k_wõŋ] ‘barriga’.

8. *Acentuação*: um segmento vocálico é acentuado quando ocorre seguido por segmento consonantal em posição final de palavra: sem exemplo;

9. *Fricativização e silabificação de glide palatal*: quando um glide palatal se torna um segmento fricativo palatal vozeado [ʒ], o que ocorre após a aplicação da regra de acentuação (explicação em Processos Fonológicos). i.e. [ˈyin] /ˈʒin/ ‘nariz’;

10. *Nasalização de segmento vocálico*: um segmento vocálico é nasalizado quando ocorre em limite de sílaba seguido por segmento nasal vozeado ou desvozeado: i.e., [xĩŋgaˈrẽn] ‘fluxo menstrual’.

11. *Relaxamento de segmento vocálico*: após aplicação da regra de acento. Os segmentos [ẽ, ã, õ] realizam-se como [-tenso] quando ocorrem em sílaba átona ou quando seguidos por segmento nasal palatal ou velar vozeado, i.e., [aˈŋõŋ] ‘tipo de bicho’ [kyaˈkãŋ] ‘roupa’ [ˈmbrõŋ] ‘caminho’;

12. *Cancelamento de nasal velar vozeada e inserção de oclusiva glotal*: um segmento nasal velar vozeado é cancelado em limite de sílabas iguais e consecutivas, quando precedido por segmento vocálico; um segmento oclusivo glotal é inserido em limite de sílaba quando seguido por sílaba do tipo V ou é inserido quando em posição final de palavra precedida por segmento vocálico, i.e., [aŋ aŋ] [ãʔãʔ] /ã ã/. (Silva, 1987)

Os processos apresentados foram analisados considerando-se o domínio da palavra lexical. No entanto, alguns processos foram observados também em junção de morfema:

- *Cancelamento de oclusiva glotal*: quando uma oclusiva glotal é cancelada em limite de morfema, i.e., [tɛˈpɔʔ] ‘sol’ [tɛˈpɔ + iˈtʃaʔ] ‘o sol está quente’;

- *Cancelamento de vogal*: quando duas vogais iguais em junção de morfema ocorre, uma delas é cancelada, i.e., [krẽŋˈgɛʔ] ‘cabelo’ [ɛɛˈxɛ] ‘bonito’ [krẽŋgɛ+rɛˈxɛ] ‘cabelo bonito’;

- *Vozeamento de oclusiva velar*: uma oclusiva velar desvozeada se vozeia quando precedida por consoante nasal, o que se estende ao ambiente de junção de morfema se a oclusiva velar for seguida por glide palatal, i.e., [ˈkyẽm] ‘casa’ [ɲĩŋ ˈgyẽm] ‘minha casa’.

Por fim, Silva reforça que seu estudo não se tratou de uma análise exaustiva dos aspectos sociolinguísticos, fonéticos ou fonológicos, mas apenas pretendeu fornecer subsídios para o desenvolvimento de futuros projetos sobre a língua.

Sobre a distinção entre segmentos oclusivos surdos e sonoros, em 2002, Silva comenta que em Krenak, o vozeamento é previsível por contexto, portanto não tem caráter distintivo. Os segmentos vozeados ocorrem quando precedidas por consoantes nasais e os desvozeados nos demais contextos.

3.3 - Aspectos Morfossintáticos da língua Krenak: Seki (2004)

No nível morfossintático, pouca coisa foi feita sobre o Krenak. Os materiais linguísticos existentes não apresentam informações sobre a estrutura gramatical do Botocudo, consistindo basicamente em listas vocabulares bastante limitadas, sendo algumas com transcrição um tanto inadequadas (com exceção de Guérios, 1943; Manizer, 1915, *apud* Seki, 2004). Assim, este material não tem ainda muito como contribuir para o conhecimento da gramática da língua.

Entretanto, conta-se com uma análise preliminar de aspectos morfossintáticos do Krenak, realizada por Seki (2004). No artigo, encontram-se informações e exemplos de orações independentes (declarativas, interrogativas e imperativas) na língua Krenák. No mesmo artigo, a autora distingue ainda as classes de Nome, Verbo, Advérbio, Pronome Demonstrativo e Partícula, e vários morfemas gramaticais, identificando, entre outros aspectos, duas subclasses de verbos: os ativos e os descritivos. São verificados, ainda, vários tipos de orações, como por exemplo:

(27) *Orações transitivas ativas*

ti mũŋ nuk neʔ	‘ eu não irei’
eu ir Neg Fut	

(28) *Orações descritivas*

a - rõn	‘você é alto’
2sg-alto/comprido	

(29) *Orações transitivas*

ti krak jaha ʔi ‘Eu estou procurando a faca’
 Eu faca procurar PresCont

Além disso, Seki identifica os seguintes tipos de orações na língua: orações não verbais identificadoras (orações equativas; com elemento de cópula), orações locativas/existenciais, orações possessivas e também as orações interrogativas e imperativas (veremos mais detalhadamente no Capítulo III).

No entanto, dentre as várias dificuldades para identificar o funcionamento de alguns elementos, Seki verificou problemas quanto ao uso das formas pronominais livres e as formas presas, que ainda não está claro. Segundo a autora os pronomes livres apresentam distintas formas para a 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e não singular. Na esfera da primeira pessoa não singular há distintas formas que podem ser interpretadas como inclusivas (kijniŋ) e exclusivas (ŋgren, niŋgren), sendo que as duas últimas parecem expressar uma distinção ‘dual/plural’.

	Formas Livres	Formas Presas
1ª. Pessoa Singular	ti ʔiŋʔiŋ	ŋg- ~ ŋge- ~ ŋgi- ~ ŋgii- ŋgĩiŋ ~ ĩm-
2ª. Pessoa singular	huti ~ hoti	a- ~ ã ~h- ~hi
3ª. Pessoa singular	ŋãŋ	ki- ~ k- ~ hi- ~j- ~ ø
1ª. Pessoa Inclusiva	kijniŋ	
1ª. Pessoa Exclusiva	ŋgren niŋgren	
2ª. Pessoa Plural	ãndzuk	
3ª. Pessoa Plural	ŋãŋgren ãŋgren.	

Quadro 5 – Formas pronominais segundo Seki (2004)

De acordo com Seki, a primeira coluna mostra as formas que costumam ocorrer como sujeito de verbos ativos e descritivos, sendo que algumas formas da 3ª pessoa do singular e a 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural aparecem nos dados com função de objeto direto. Contudo aparecem também codificando o possuidor. As formas da segunda coluna são usadas para identificar o possuidor e certos alomorfes da 1ª, 2ª e 3ª pessoas ocorrem como sujeito de descritivos e como objeto de verbos e posposições.

Seki admite em seu artigo que não pretende tratar estas questões de forma conclusiva, mas sim, oferecer um trabalho com a expectativa de ter continuidade no futuro, defendendo que seus resultados podem auxiliar no conhecimento acerca da família Botocudo em geral, além, claro, de contribuir para o conhecimento da própria língua Krenak.

Neste estudo, acreditamos, portanto, que podemos superar, pelo menos parcialmente, algumas das dificuldades encontradas por outros pesquisadores, na análise da língua Krenak. Isto porque defendemos que uma análise fonética e fonológica que leve em conta fenômenos da língua que não foram estudados anteriormente poderá auxiliar na interpretação da própria gramática da língua, trazendo, assim, contribuições também para o futuro aproveitamento de vocabulários e registros históricos do Botocudo.

CAPÍTULO II

ASPECTOS DA FONÉTICA E FONOLOGIA DA LÍNGUA KRENAK

1. ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS

Este capítulo está dividido em 3 seções principais. Na primeira, “Aspectos fonéticos da língua Krenak”, mostramos características articulatórias, acústicas e coordenatórias de alguns segmentos consonantais em Krenak, mais especificamente, das nasais surdas e dos segmentos de contorno. As descrições são fundamentadas nos estudos de Laver (1994) e Ladefoged e Maddieson (1996) acerca destes segmentos¹¹.

Tendo apresentado os aspectos fonéticos destes segmentos consonantais, partimos, na segunda seção, intitulada “Fonologia I”, para a descrição dos sons e sua distribuição na língua Krenak, tendo como fundamento de análise os Princípios de Descoberta apresentados em Pike (1976). Dando prosseguimento aos princípios pikeanos, ainda nesta seção, apresentamos os contrastes para a identificação dos fonemas da língua.

Na terceira seção, a qual chamamos “Fonologia II”, fazemos uma reflexão sobre os segmentos de contorno na língua Krenak, tendo como base as discussões de Wetzels (2008) sobre o assunto em várias outras línguas do mundo e, em especial, nas línguas sul-americanas, onde se incluem línguas da família Macro-Jê. Assim, argumentamos em favor de uma interpretação acerca do papel destes segmentos no sistema fonológico da língua Krenak. Incluem-se também nesta seção, discussões acerca da sílaba; dos processos fonológicos; dos empréstimos linguísticos do Português; do processo de ressilabificação e, por fim, apresentamos a descrição do acento em Krenak.

2. ASPECTOS FONÉTICOS DA LÍNGUA KRENAK

Os sons consonantais da língua Krenak podem ser classificados da seguinte maneira:

- 1) Oclusivas – As oclusivas simples ocorrem em 4 pontos de articulação; bilabial, alveolar, velar e glotal. Identificam-se ainda oclusivas aspiradas e não-explodidas [p, p^h, p^ʔ, t, t^h, t^ʔ, k, k^h, k^ʔ].
- 2) Nasais pré e pós-oralizadas – ou segmentos de contorno [m^b, n^d, n^{dʒ}, ŋ^g, ^bm, ^dn, ^gŋ].

¹¹ Agradeço à Valteir Martins pelas contribuições dadas para a descrição das características das nasais surdas em Krenak.

- 3) Nasais – Engloba as nasais em quatro pontos de articulação, sejam estas sonoras [m, n, ɲ, ŋ] ou surdas [m̥, n̥, ɲ̥, ŋ̥].
- 4) Fricativas – Conta-se com a fricativa palatal sonora [ʒ], a fricativa velar surda [x] e a fricativa glotal surda [h].
- 5) Africadas – Ocorre na língua a africada álveo-palatal surda [tʃ].
- 6) Tap – o tap [ɾ]
- 7) Aproximantes – Ocorrem também as aproximantes labial e palatal [w, j].

2.1 - Aspectos fonéticos dos segmentos consonantais nasais em Krenak

A língua Krenak é uma língua que contém um sistema consonantal nasal bastante rico, característica típica de línguas do tronco Macro-Jê. Entretanto, até hoje, pouco foi explorado sobre as características dos segmentos que compõem esse sistema. Nesta língua é possível encontrarmos, além de nasais sonoras em quatro pontos de articulação – bilabial, alveolar, palatal e velar –, segmentos parcialmente nasalizados que têm sido chamados tradicionalmente de oclusivas ‘pré-nasalizadas’ e ‘pós-nasalizadas’, o que pode receber outras denominações, conforme veremos neste estudo. Por fim, e com um certo destaque, faz-se necessário mencionar ainda a ocorrência, em Krenak, das nasais surdas.

Nesta seção buscaremos apresentar um perfil descritivo fonético destes segmentos nasais, a fim de traçar alguns aspectos que os caracterizam e refletir sobre a pertinência ou não de denominá-las como tal para o caso do Krenak. As reflexões são feitas a partir da perspectiva da fonética articulatória, pautadas na representação da co-articulação dos gestos, e tem com base teórica fundamentalmente estudos de Laver (1994) e Ladefoged e Maddieson (1996), sobre estes mesmos fenômenos, encontrados em outras línguas do mundo.

Segundo Laver, a análise dos segmentos deve ser feita através da observação das suas **‘fases da articulação’**. A definição do grau relativo de estrutura alcançado em qualquer segmento requer, inicialmente, uma definição acerca das fases de articulação. Devemos, portanto, distinguir três diferentes fases em qualquer segmento: **fase inicial** (*onset phase*), onde um articulador ativo esta se aproximando da posição considerada seu

grau máximo de constrição do trato vocal; **fase medial** (*medial phase*), no qual o alvo, ou seja, o grau máximo de constrição é alcançado (e às vezes mantido durante algum tempo) e **fase final** (*offset phase*), quando os órgãos movimentam-se em direção diferente da fase medial ou para finalizar a produção do segmento ou para, paralelamente, dar início à produção do próximo segmento. Na fala contínua, a fase de *onset* de um segmento particular é a mesma da fase *offset* do segmento anterior, identificando a fase de **sobreposição** (*overlapping*). O grau de estrutura de qualquer segmento é, portanto, aquele alcançado na fase medial. (Figura 3):

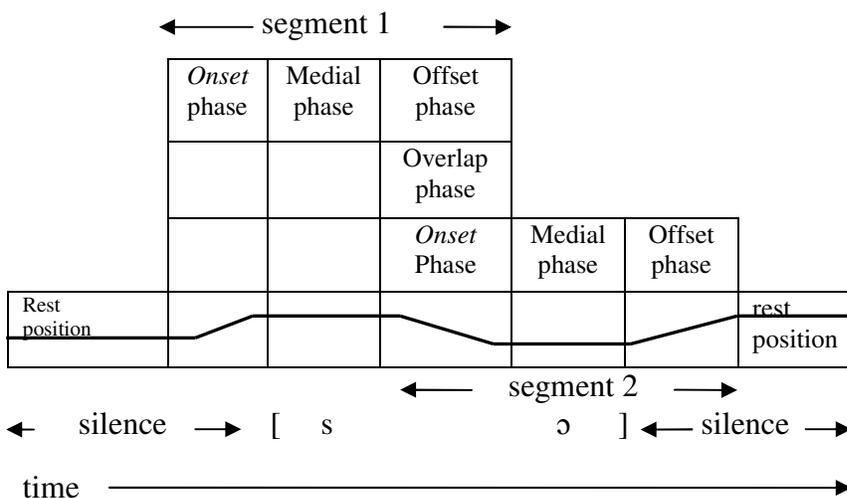


Figura 3 - Fases da performance segmental. Sequência articulatória dos segmentos do enunciado 'saw' [sɔ]. (LAVÉ, 1994 p.133).

2.1.1 - Consoantes parcialmente nasais

A semelhança do modo de produção entre oclusivas e nasais resulta numa união entre nasais e oclusivas na fonologia de muitas línguas. Em vários casos, a sequência de uma nasal mais uma oclusiva é homorgânica. Nestes casos, ocorre uma mudança na qual a porção nasal se encerra e se dá início à fase de oclusão, o que é resultado do levantamento do véu palatino durante a produção do segmento, enquanto o ponto de articulação fica o mesmo (LADEFOGED, 1996).

As oclusivas orais e nasais são igualmente caracterizadas pela obstrução completa dos articuladores ativos. Quando o véu palatino muda de posição durante a fase medial do segmento, surge uma oclusiva oral/nasal complexa. Diagramas que ilustram as relações temporais nestes segmentos são mostradas nas figuras abaixo e podem ser

chamados de ‘oclusivas orais pré-nasalizadas’; oclusivas orais ‘pós-nasalizadas’; oclusivas nasais pré-oralizadas’ e ‘oclusivas nasais pós-oralizadas’. (LAVÉ, 1994)

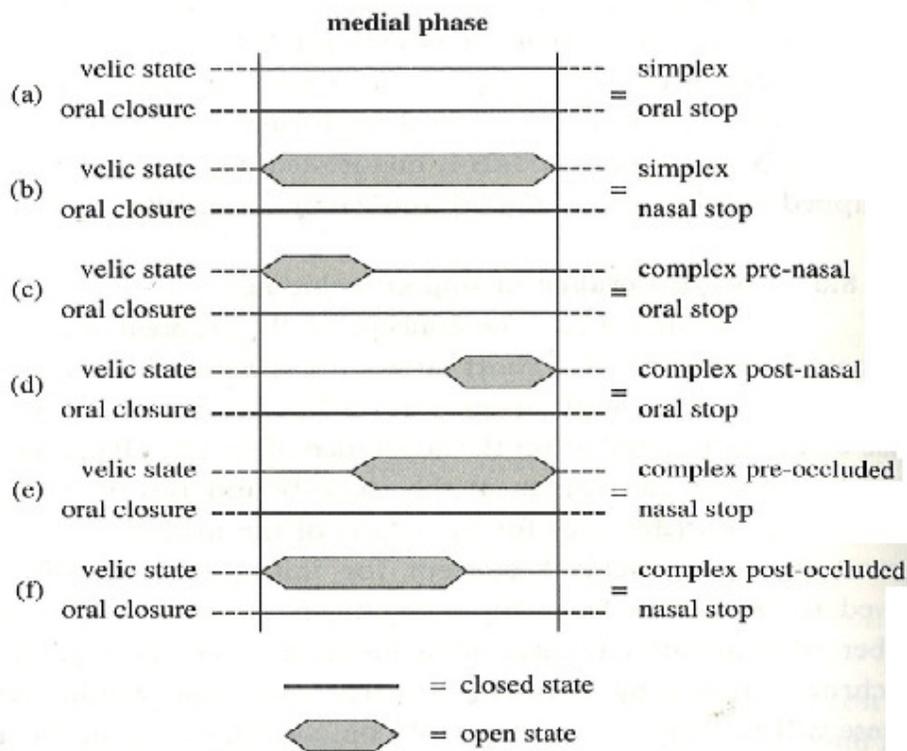


Figura 4 - Relações temporais dos segmentos parcialmente nasais (LAVÉ, 1994).

A figura 4 mostra a duração relativa entre o fechamento oral e o estado do vélo durante a produção de (a) uma oclusiva simples [b]; (b) uma nasal simples [m]; (c) uma oclusiva pré-nasalizada [ᵐb]; (d) uma oclusiva pós-nasalizada [ᵇᵐ]; (e) uma nasal pré-oralizada [ᵇᵐ] e (f) uma nasal pós-oralizada [ᵐᵇ].

Segundo Laver, classificar um segmento como um ou outro tipo acima demonstrado irá depender “da duração relativa do componente oral e do nasal durante a fase medial da oclusiva complexa” (LAVÉ, 1994, p. 228). Neste sentido, a união de [m + b] será classificada como oclusiva oral pré-nasalizada [ᵐb] ou pós-nasalizada [ᵇᵐ], se a duração do elemento oral for dominante. O mesmo critério será usado para considerar um segmento como oclusiva nasal pré ou pós-oralizada [ᵇᵐ, ᵐᵇ], se o elemento nasal tiver duração predominante.

As línguas podem variar foneticamente na distribuição dos componentes oras/nasais para a realização destes segmentos complexos, mas se tal distribuição é menos importante para a língua do que complexidade da produção das oclusivas envolvidas, então uma transcrição ampla pode ser aceita, a qual abrange indistintamente ambos os segmentos, como o símbolo composto por [mb] ou [bm].

Segundo Laver, é importante distinguir o segmento complexo através da sua natureza fonética, pois nos segmentos oclusivos pré e pós-nasalizados, a duração do elemento nasal é bastante curta, enquanto que em segmentos nasais pré e pós-oralizados, a duração da porção oral é extremamente breve. No entanto, nem sempre uma análise em laboratório deste tipo é viável.

Foneticamente, a soltura nasal ocorre em diversas línguas, como em Inglês, Alemão entre outras, como resultado de interação contextual entre a oclusiva oral e uma nasal que segue. Porém, a soltura nasal pode ocorrer de forma contrastiva em algumas línguas, como em línguas australianas (CATFORD, 1977, *apud* LAVER, 1994).

2.1.2 - A nasal surda

Apesar de se constatar que as nasais encontradas nas línguas do mundo descritas até hoje costumam se realizar predominantemente do modo sonoro (LAVER, 1994), as nasais surdas também são registradas em línguas como em Burmese (LADEFOGED 1971, p. 11) e Oaxaca Chontal do México (PIKE, 1963, p.48). As línguas podem apresentar nasais produzidas por meio de diferentes tipos de fonação, como murmuradas, laringalizadas e surdas. Segundo Ladefoged (1996), não se sabe de nenhuma língua que contraste quatro séries de nasais diferenciadas pelo tipo de fonação, mas muitas línguas do Sudeste Asiático e América do Norte apresentam três tipos de fonação contrastivos para as nasais, como o Jalapa Mazatec, que tem nasais sonoras, surdas e laringalizadas.

No entanto, línguas com três séries de nasais contrastivas são consideradas mais raras. Mais comumente, uma língua apresenta uma série de nasais em oposição à série de nasais sonoras. Esta segunda série costuma ser ‘murmurada’ (*breathy voiced*), como o Hindi, Marathi e Newari; ‘laringalizada’, como o Montada Salish, Kwakwa’ala, Stieng,

Nambiquara; ou ainda ‘surda’, como o Burmese, Hmong, Iaaí (LADEFOGED, 1996). O autor explica que, frequentemente, toda nasal sonora tem uma nasal correspondente pertencente a uma destas outras séries, apesar de que em algumas línguas, as séries surdas, murmuradas ou laringalizadas apresentam um número menor de elementos do que as sonoras, como o caso do Jino (GAI, 1981, *apud* LADEFOGED, 1996), que tem nasais velares sonoras e surdas, mas no ponto bilabial, alveolar e palatal apresenta apenas a série sonora.

As nasais surdas contrastam com nasais sonoras em diversas línguas faladas no Sudeste Asiático, como o Burmese. Estas ‘nasais surdas’ costumam ser realizadas com a abertura da glote durante maior tempo da articulação, mas apresentam um vozeamento no momento exatamente anterior à separação dos articuladores para realizar a nasal. Segundo Maddieson (1984, *apud* LADEFOGED, 1996), elas também costumam ser mais longas do que nasais vozeadas e tem um F0 mais alto no *onset* da vogal.

D’Angelis (2002) propõe que se deve reconhecer apenas um traço fonológico Nasal, com uma única alocação. Segundo o autor, a proposta confirma a sugestão de Sagey (1986) de que Nasal (um traço monovalente) está alocado sob um nó-articulador SP (*Soft Palate*). Por outro lado, postula que a presença de um traço [nasal] pode ser observada em segmentos com voz soante (SV = *Sonorant Voicing*) que apresentem obstrução no trato oral. Nesse caso, porém, [nasal] é apenas um recurso fonético (concretamente, [abaixar Vél Palatino]) para implementação do traço de soanticidade. O autor defende que a aplicação dessa proposta mostra ganhos na interpretação, por exemplo, de línguas que distinguem consoantes nasais surdas e sonoras (como o Krenak), assim como confirma as intuições de que efetivamente há diferenças, quer nos processos de vozeamento, em diferentes línguas, quer no estatuto da nasalidade em diferentes sistemas fonológicos.

2.2. - Os segmentos nasais em Krenak

2.2.1. - Segmentos de contorno

Os segmentos de contorno em Krenak ocorrem em três pontos de articulação: labial [m], alveolar [n] e velar [ŋ] e sempre adjacentes às oclusivas homorgânicas sonoras [b,d,g]. As características acústicas observadas parecem se enquadrar nas descrições

encontradas em Ladefoged e Laver para outras línguas do mundo. Inicialmente, podemos perceber que ocorrem na língua segmentos parcialmente nasalizados, tanto antes quanto após o momento de oclusão (Figura 5), $[m^b, {}^b m]$, como na palavra $[m^b a k i^d n]$ ‘passarinho’ (ver também Figura 6).

Em Krenak, observa-se também a ocorrência do segmento nasal palatal seguido de africada sonora $[ɲdʒ]$, além da ocorrência do segmento nasal seguido de oclusiva sonora + tap $[mbr, ɲgr]$, com restrições para o encontro entre as consoantes alveolares, ou seja, de mesmo ponto $*[ndr]$. Vejamos a seguir dois exemplos de segmentos complexos em Krenak, nas figuras 7 e 8, observamos um segmento consonantal nasal, seguido por uma oclusiva homorgânica sonora $[mb, ɲg]$: nas figuras 5 e 6, observamos os mesmos segmentos nasais, bilabial e velar, seguidos de oclusiva sonora de mesmo ponto $[b, g]$, formando *onset* complexo com o tap alveolar $[r]$:

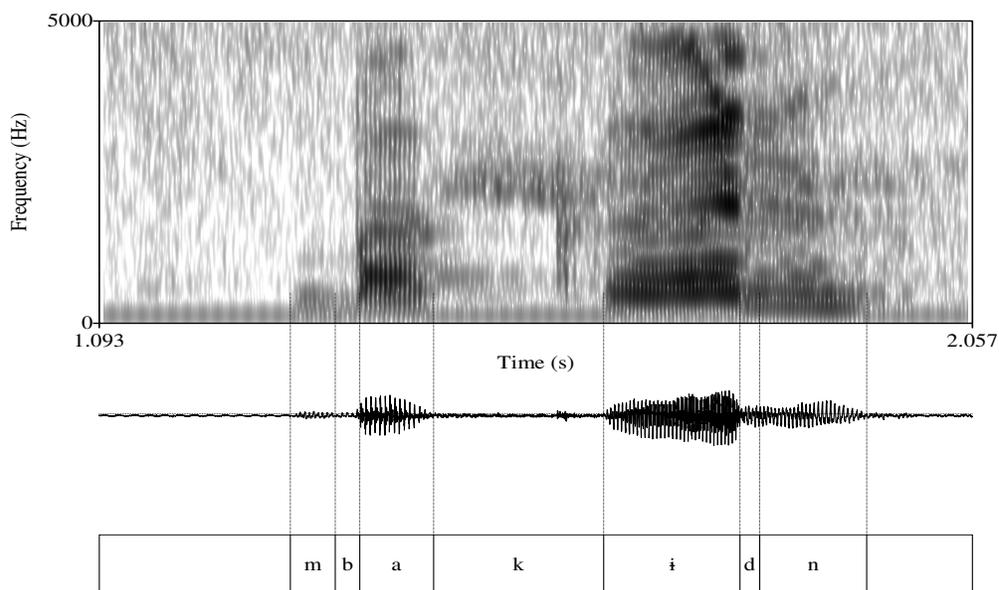


Figura 5 - Espectrograma e forma de onda sonora da palavra $[m^b a k i^d n]$ ‘passarinho’

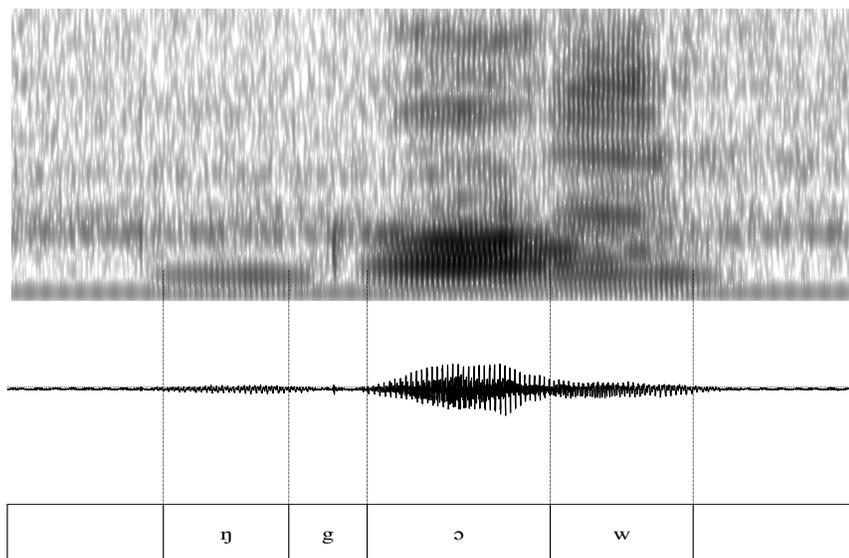


Figura 6 - Espectrograma e forma de onda da palavra [ŋ^gɔgŋ] ~ [ŋ^gɔw̃]
‘cachorro’

Nas figuras 7 e 8, observamos os mesmos segmentos nasais, bilabial e velar, seguidos de oclusiva sonora de mesmo ponto [b, g], formando *onset* complexo com o tap alveolar [r]:

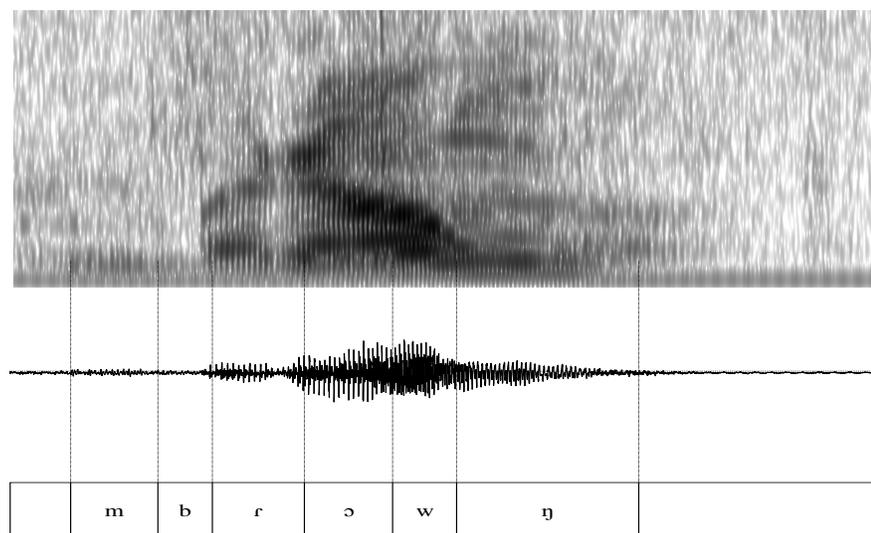


Figura 7 - Espectrograma e forma de onda sonora da palavra [m^brɔ^gŋ] ~ [m^brɔw̃ŋ]
‘caminho’

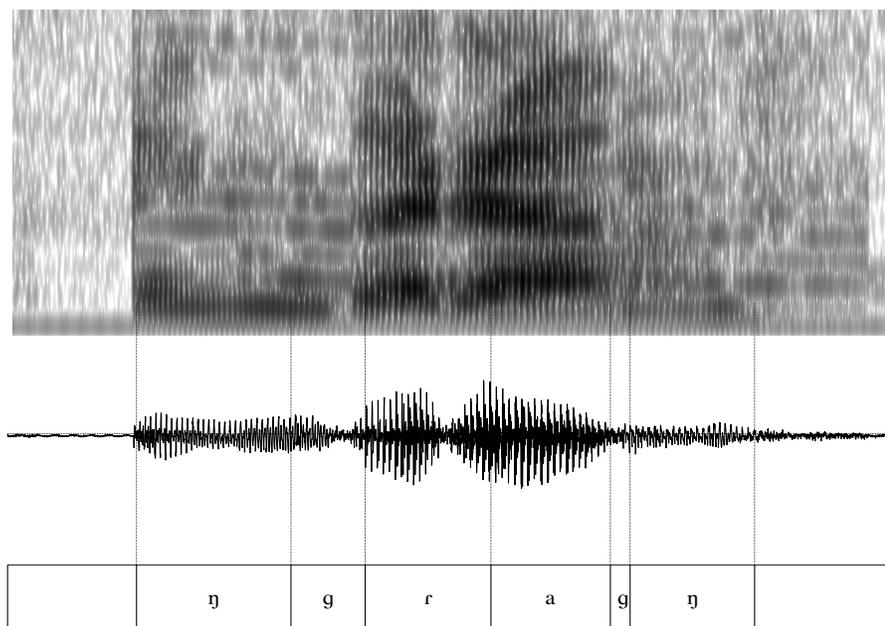


Figura 8 - Espectrograma e forma de onda sonora da palavra [ŋᵍraᵍŋ] ‘cobra cascavel’

Não foi feito um estudo estatístico, mas foram medidas 47 ocorrências que nos permitiram observar que, no que se refere à duração dos segmentos oral e nasal, de modo geral, a medida da porção nasal mostra-se mais longa do que a porção oral. Naturalmente que, por se tratar de um segmento soante, junto a um segmento oclusivo, isto é esperado; porém, poderia acontecer de a porção de nasalidade ser bem menor. Vejamos as figuras 9, 10 e 11.

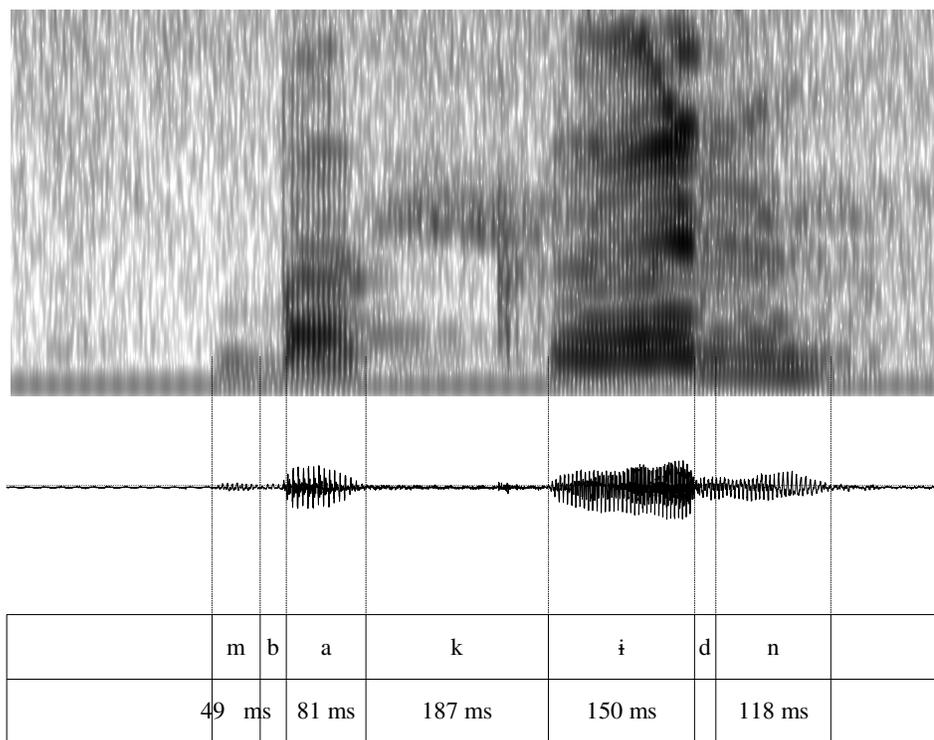


Figura 9 - Duração dos segmentos da palavra [m^baki^dɲ] 'passarinho'

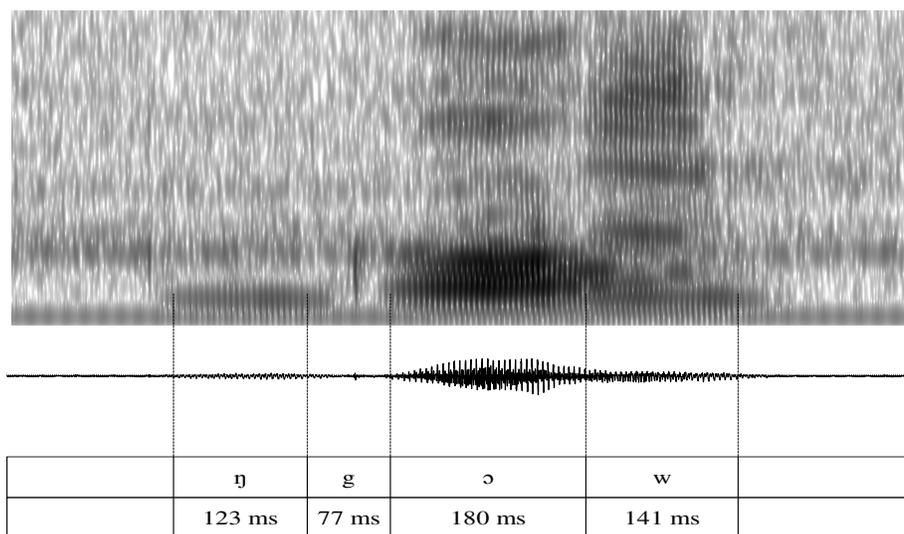


Figura 10 - Duração dos segmentos da palavra [ɲ^gɔw] ~ [ɲ^gɔw̃] 'cachorro' (ɲ=123 ms, g=77ms)

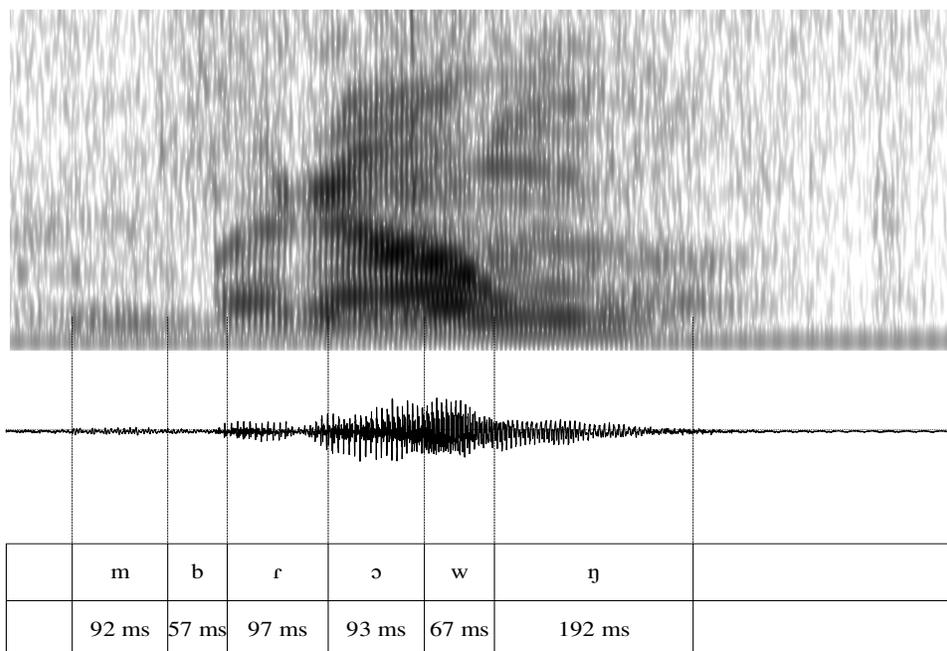


Figura 11 - Duração dos segmentos da palavra [m^brɔ^ŋ] (m= 92 ms; b= 57 ms; r=97 ms)

Relembremos as palavras de Laver: “in **post-occluded nasal stop**, by comparison, the nasal is longer, the stop shorter and lenis” (BAUERNSCHMIDKT, 1965, *apud* LAVER, 1994, 232) (grifo nosso). Isto posto, poderíamos afirmar que, do ponto de vista acústico, a partir da medida da duração dos elementos (m= 92 ms; b= 57 ms; r=97 ms), seria mais plausível considerar que a língua Krenak tem **nasais pré e pós-oralizadas**, e que a transcrição deve seguir, portanto, como [m^b, ^bm], assim como para os outros pontos de articulação, em vez de oclusivas pré e pós-nasalizadas, como vimos chamando.

É interessante mencionar ainda que esta reflexão parecerá coerente para o estudo da fonologia da língua, quando visualizarmos os processos de oralização das codas nasais. Por outro lado, veremos que, no que se refere aos segmentos do tipo nasal-oral [mb], este parâmetro não parece adequado. Assim sendo, utilizaremos a anotação ampla dos contornos, através do símbolo composto por [m̲b] ou [b̲m] ou simplesmente [mb] e [bm], para transcrever tais segmentos.

2.2.2. - As nasais surdas em Krenak

Em Krenak, observamos segmentos nasais surdos, com características e fases que se assemelham às descrições encontradas em Ladefoged (1996, p. 114), conforme ilustramos e descrevemos a seguir (Figura 12 e 13):

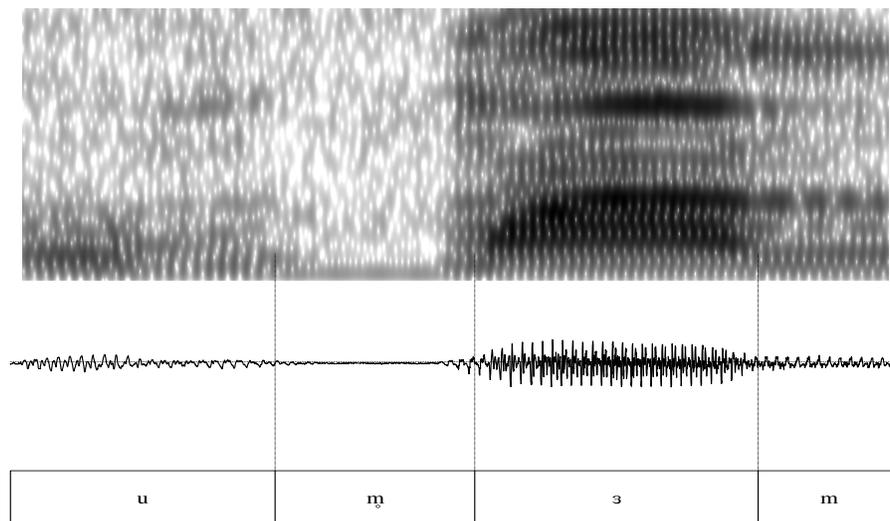


Figura 12 - Espectrograma de uma nasal surda na frase ‘tá caçando cigarro’ [kũɲɜm iaha ʔi].

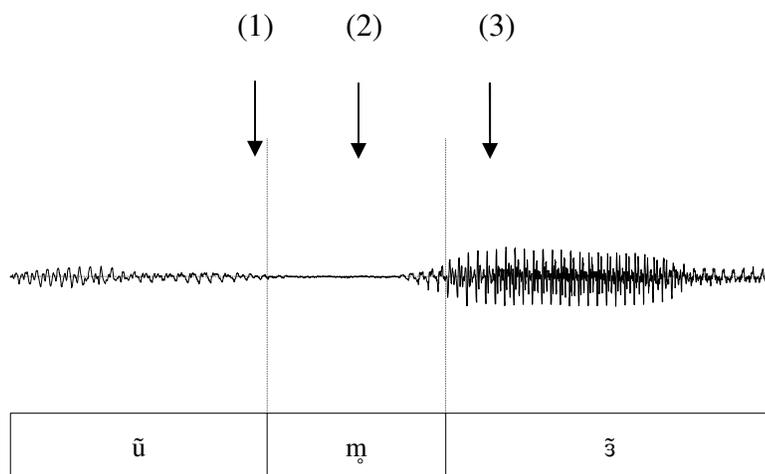


Figura 13 - Forma de onda e segmentação das fases da nasal surda bilabial, retirada da frase ‘tá caçando cigarro’ [kũɲɜm iaha ʔi].

Segundo Laver (1994), a laringe pode ser dividida em duas formas de ‘fonação zero’. As pregas vocais podem se encontrar bem relaxadas ou bem tensas, bloqueando qualquer saída de ar dos pulmões. Se a glote estiver aberta, a entrada acústica para o trato vocal será zero, pois o fluxo de ar infraglotal estará abaixo do nível que geraria uma turbulência no local da glote. Um fluxo de ar suave e laminar é silencioso. Um fluxo turbulento gera um ruído audível. Ser considerado silencioso ou turbulento dependerá portanto de dois fatores: primeiro, do fluxo de ar e segundo, da região da glote, através do qual flui o ar¹².

A estrutura da nasal surda pode ser visualizada na figura 13 e descrita a partir de três momentos distintos, marcados pelas setas. No momento (1), os articuladores, neste caso os lábios, fecham-se e, após algumas vibrações das cordas vocais, o vozeamento cessa. Ocorre uma pausa após o fechamento oral, dando início a uma parte de silêncio e, então, o fluxo de ar nasal começa a aumentar. Este ar ocorre com vibração zero devido à grande abertura da glote, e o ar começa a ser liberado através da cavidade nasal. No momento (2) os articuladores se abrem e o breve acúmulo de ar na boca começa a ser liberado. Ao mesmo tempo, o fluxo de ar nasal diminui, mas o véu palatino permanece abaixado, de modo que existe ainda uma quantidade de fluxo de ar considerável saindo pelo nariz. No momento (3), dá-se início ao vozeamento, que, segundo Ladefoged (1996, p.114), “probably with somewhat breathy vibrations, as there is a high rate of airflow through the mouth, as well as through the nose”. Se considerarmos que tal vozeamento indica o ponto de início da vogal, teremos, então, que considerar que a primeira parte desta vogal será nasalizada.

O que parece acontecer no Krenak é que ocorre um breve vozeamento no momento logo antes da realização da vogal (fase final do momento 2), mas também podemos perceber uma aspiração bem marcada na realização da parte surda da nasal (fase medial do momento 2). Neste sentido, parece plausível tratar as nasais surdas do Krenak mais cuidadosamente como ‘**nasal surda aspirada**’, (semelhante ao termo usado por

¹² Do original: “The larynx can be set in two different modes to achieve **nil phonation**. The vocal folds can be widely abducted, blocking off any flow of air from the lungs. In the first condition, with the glottis wide open, the acoustic input to the vocal tract will be zero provided that the rate of **transglottal airflow** is below the level that would generate local turbulence at the glottis. A smooth, laminar flow is silent. A turbulent flow creates an audible hiss. Whether the flow is laminar or turbulent depends mainly on two factors: first the rate of airflow, and second the area of the gap, in this case the glottis, through which it is flowing”.

Ladefoged para o Angami, ‘*voiceless aspirated nasals*’). Porém, compreendemos que, em termos gerais, pela sua particularidade nas línguas brasileiras, basta nos referir a tais segmentos seguindo a denominação tradicionalmente encontrada na literatura, como ‘nasais surdas’.

Essas nasais, segundo Ladefoged, costumam apresentar um breve vozeamento logo antes do início da vogal núcleo da sílaba, que foi ilustrado através da figura 16, em Krenak, e, ainda, que tais segmentos costumam apresentar F0 mais alto no *onset* da vogal do que as nasais sonoras. As análises a seguir tentarão ilustrar que tais considerações parecem coerentes para o que ocorre em Krenak.

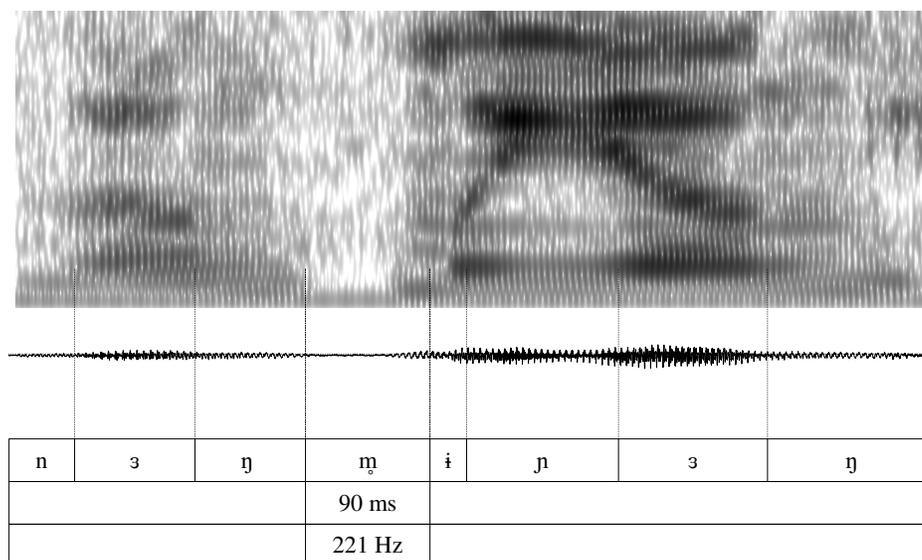


Figura 14 - Duração e F0 do *onset* contendo nasal surda na palavra [m̥i'ɲɜŋ] ‘água’ na frase [ʔŋɜŋ. m̥i'ɲɜŋ.ɜɔp] ‘ele bebe água’

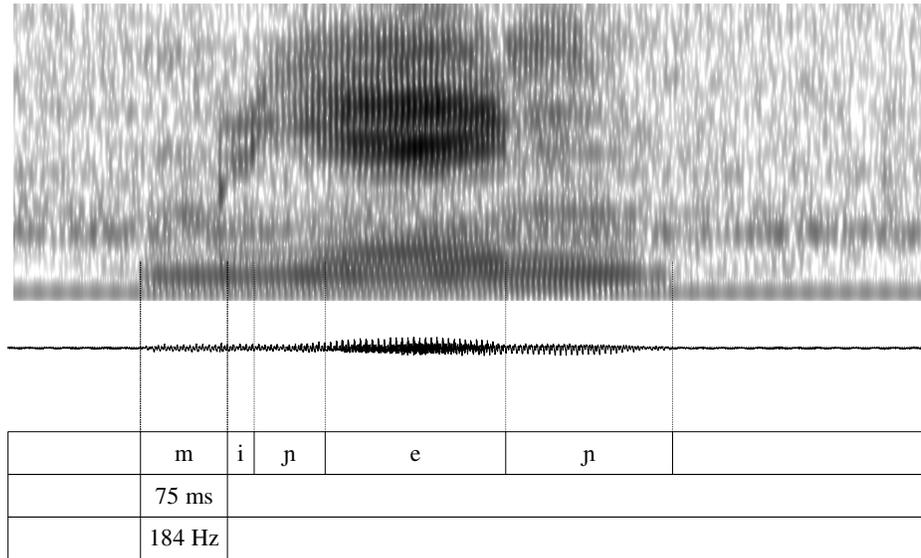


Figura 15 - Duração e F0 do *onset* com nasal sonora na palavra [mi'ɲẽɲ] 'cotia'

Ainda não fizemos um estudo estatístico, que pudesse afirmar com mais precisão, mas a observação de características acústicas de alguns dados permite-nos ao menos sugerir que, para o Krenak, que não só o F0 do *onset* de sílabas que contem nasais surdas é mais alto ($m_0=221$ Hz; $m=184$ Hz), mas também que sua duração é maior ($m_0=90$ ms; $m=75$ ms), o que está de acordo com o que foi proposto por Maddieson (1984, *apud* LADEFOGED, 1996). Estudos de laboratório contando com mais exemplos e ainda com dados observados estatisticamente podem revelar se se trata de uma diferença significativa, mas, por hora, podemos perceber que a nasal surda se mostra como mais longa, o que pode ocorrer devido ao tempo de silêncio e pré-aspiração que precede o vozeamento.

Levando em conta tais considerações, podemos propor para a nasal surda a seguinte representação envolvendo a co-ordenação dos gestos não só velar e oral, mas também glotal – já que a abertura glotal é responsável pela aspiração dessa consoante e que dura quase o segmento inteiro:

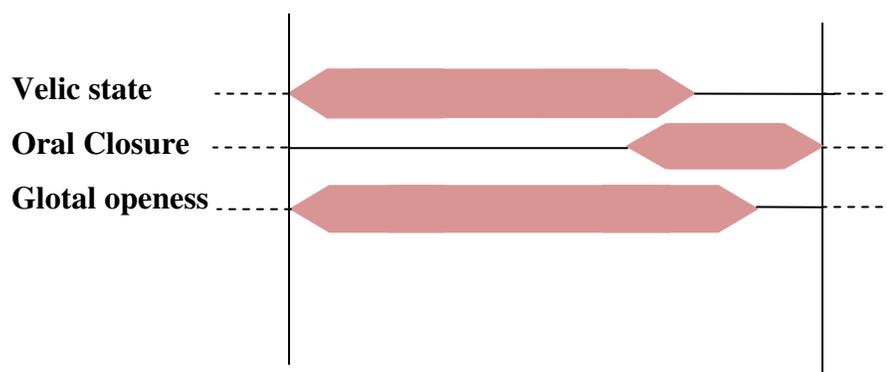


Figura 16 - Relações temporais do fechamento oral e velar e abertura glotal na produção da nasal surda aspirada em Krenak

Assim, temos o fechamento oral na primeira e segunda metade de produção do segmento, referentes à fase de silêncio na fase do *onset*; em seguida, o véu palatino se encontra abaixado e os lábios fechados, o que causa o bloqueio de saída de ar pela boca, direcionando-o para o nariz o tempo inteiro, com mais intensidade na primeira parte da produção do segmento. Esta constitui a fase medial do segmento, durante o qual os lábios permanecem fechados. Vale ressaltar o estado da glote, que, como permanece aberto o tempo inteiro, permite a passagem do fluxo de ar causando o efeito ‘aspirado’. Na terceira fase do segmento, de *offset*, por influência do elemento vocálico que segue, ocorre a abertura dos articuladores, os lábios, e a liberação do ar passa a ocorrer tanto pelo nariz, quanto pela boca. Vale lembrar que até a abertura oral, o fluxo de ar sai com bastante intensidade apenas pela cavidade nasal, e após a abertura dos articuladores ativos da boca, o ar sai, simultaneamente, pelas cavidades oral e nasal, permitindo a produção de vozeamento e de nasalidade.

O segmento nasal surdo será, portanto, caracterizado em sua essência pela fase medial e inclui em seu início e final, respectivamente, influências dos contextos marginais. Esta fase constitui a fase mais estável da produção do segmento surdo, que se realizará segundo as descrições apresentadas anteriormente. Na sua fase de *offset*, o segmento nasal passa a se vozear e os gestos assumem a configuração do elemento vocálico que segue, onde observamos a fase de *overlapping*.

3. FONOLOGIA I

Em Krenak, encontramos 32 fones, que compõem o inventário fonético da língua.

	Bilabial			Alveolar			Palatal	Velar			Glotal
Oclusivas	p	p ^h	p ^ʷ	t	t ^h	t ^ʷ		k	k ^h	k ^ʷ	ʔ
Nasais	m ^b			n ^d			ndʒ	ŋ ^g			
	^b m			^d n				^g ŋ			
	m			n			ɲ	ŋ			
	m̩			n̩			ɲ̩	ŋ̩			
Tap				r							
Fricativas							ʒ	x			h
Africadas							tʃ				
Aproximantes	w						j				

Quadro 6 - Fones consonantais da língua Krenak

Dos quais extraímos 22 fonemas consonantais:

	Labial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas	p	t		k	ʔ
	b	d	dʒ	g ¹³	
Nasais	m	n	ɲ	ŋ	
	m̩	n̩	ɲ̩	ŋ̩	
Fricativas			ʒ		h
Africadas			tʃ		
Tap		r			
Aproximantes	w		j		

Quadro 6 - Fonemas consonantais da língua Krenak

¹³ Discutiremos mais adiante, nos processos fonológicos, sobre a pertinência de incluir uma classe de segmentos oclusivos sonoros subjacentes na língua /b,d,g/, referentes às realizações dos segmentos de contorno expressados entre parênteses.

3.1- Contrastes de consoantes

Após a identificação dos fones, apresentamos, nesta seção, os pares mínimos utilizados para o contraste dos fones semelhantes. Segundo este método, devemos verificar o contraste entre os segmentos, quer seja a partir de comparação em ambiente idêntico (CAI), quer seja por meio de ambientes análogos (CAA). Ainda, no caso de não se identificarem contrastes através destas opções, pois às vezes os dados que temos em mãos ou a própria língua não apresentam tais situações, deve-se partir para a verificação nos contextos possíveis.

Vejamos:

Contraste fonêmico das consoantes

/p/, /m/

[^lpũŋ] ‘espingarda’

[^lmũŋ] ‘ir’

/p/, /m̩/

[ku^lpõŋ] ‘fígado’

[k^hũm^lm̩õm] ‘cigarro’

/p/, /w/

[^lpip] ‘ver’

[^lwip] ‘deitar’

/b/ /p/ /m/

[^lmbɔk] ‘peixe’

[^lpɔʔ] ‘mão’

[^lmak] ‘máquina’

/t/ /tʃ/

[ki'tot] 'ferver'
[ki'tʃok] 'língua'

/t/ /n/

[ta'ruʔ] 'céu'
[na'ruʔ] 'vila'

/t/ /n/ /ŋ/

[tʃɪŋ] 'cinco'
[nɪŋ] 'ele'
[ŋɛm] 'arco'

/t/ /n/ /d/

[tʃɪŋ] 'cinco'
[nɪŋ] 'ele/a'
[ndəŋ] 'torto'

/ɲ/ /tʃ/

[ɲiŋ] 'meu'
[tʃiŋ] 'carne'

/k/ /ʔ/

[nek] 'açúcar'
[neʔ] 'FUT.'
[pɔʔ] 'mão'
[pɔk] 'fechar'

/k/ /ŋ/

[puk] 'chorar'
[pũŋ] 'espingarda'

/k/ /ɲ/

[¹kõn] ‘algo, coisa’
[¹ɲõm] ‘verde’

/k/ /g/

[¹kõn] ‘algo, coisa’
[¹ɲgõgɲ] ‘cachorro’

/k/ /ŋ̃/

[¹kwõŋ̃] ‘barriga’
[¹ŋ̃wõŋ̃] ‘peixe cascudo’

/m/, /m̥/

[¹mũɲ] ‘ir’
[¹m̥õm] ‘estar doente’

/m/, /n/

[¹mũɲ] ‘ir’
[¹nũɲ] ‘NEG.’

/n/, /ɲ̃/

[¹nɛʔ] ‘FUT.’
[¹ɲ̃ɛ] ‘cortar’

/ɲ/ /j̃/

[¹ɲɛp] ‘sentado’
[¹j̃ɛʔ] ‘martim-pescador’

/m/ /ɲ/

[¹ɲẽm] ‘arco’
[¹nẽɲ] ‘lembrar’

/n/ /ɾ/

[hĩ'nũn] ‘seu braço’
[ʒi'rubm] ‘branco, claro’

/tʃ/ /dʒ/

[i'tʃaʔ] 'quente'

[põ'ndʒaʔ] 'pé'

3.2 - Descrição e distribuição dos segmentos consonantais

3.2.1- As oclusivas

A classe das oclusivas em Krenak é composta por uma série de segmentos surdos [p, t, k, ʔ] e uma série de segmentos sonoros bifásicos [m^b, n^d, ndʒ, ŋ^g]. Estudos prévios sobre a língua Botocudo (EMMERICH, MONSERRAT, 1975) registraram elementos oclusivos sonoros de ponto labial, alveolar e velar [b, d, g]. Porém, segundo os mesmos autores, os exemplos encontrados nos vocabulários de dialetos da família Botocudo, pertencentes aos séculos XVIII e XIV, apresentavam-se de modo ambíguo quanto à questão da sonoridade; se, por um lado, havia segmentos surdos ocorrendo em variação livre com os sonoros ([p] ~ [b]); por outro, estes segmentos se opunham uns aos outros causando mudança de significado.¹⁴

De acordo com Rodrigues (1999), o sistema consonantal de línguas da família Jê é, de modo geral, simples, consistindo de uma série de quatro consoantes oclusivas surdas e outras quatro nasais de pontos correspondentes, e ainda três aproximantes, como vemos do original: “the consonantal systems of Jê languages are in general simple, with a series of four voiceless stops (labial, dental, alveo-palatal and velar) and another four corresponding nasals, and three approximants” (p.178).

Assim como em outras línguas Jê, foram identificados em nossos dados, formas de oclusivas surdas aspiradas (i.e. [p^h]). No sistema consonantal de algumas línguas, como Yatê, por exemplo, a aspiração é distintiva, entretanto, em Krenak, tal propriedade apresenta-se como variação livre em alguns exemplos de número reduzido, o que visualizaremos mais adiante.

¹⁴ Ver Estudos existentes sobre o Krenak para visualizar discussão mais abrangente e detalhada sobre isso.

Foram registrados ainda segmentos oclusivos ‘não- explodidos’. Segundo Silva (1986), que já observara tal característica na realização dos segmentos oclusivos em Krenak, com base em definições de Abercrombie (1967), ‘não explosão’ ou ‘travamento’:

é uma propriedade articulatória na qual um segmento é articulado mas não ocorre a passagem da corrente de ar que produz a explosão ou soltura da articulação da consoante. O diacrítico [̚] colocado acima e à direita do símbolo que representa a consoante marcará a não explosão. (p.33)

As oclusivas aspiradas e não-explodidas ocorrem em alternância com formas oclusivas surdas. Ainda segundo Silva, tal variação pode ter origens em diferenças sociolinguísticas, o que não pode ser investigado até estudos mais recentes.

Quanto às oclusivas sonoras, apesar de estarem presentes em vários sistemas consonantais de línguas Jê, nossos dados apresentaram-se bastante sistemáticos no que se refere a sua ocorrência. Na realidade, os segmentos oclusivos sonoros costumavam ocorrer sobretudo de forma bifásica, apresentando uma fase nasal precedente à oclusiva de ponto homorgânico [mb]. Deste modo, os segmentos oclusivos sonoros [b] quando ocorriam isoladamente, apresentavam variação com a forma bifásica [mb], em contextos preferencialmente de início de palavra. Vale ressaltar ainda que, em nossos dados, não registramos alternância sistemática entre oclusivas sonoras com as formas surdas - tal qual verificado por Emmerich & Monserrat (1975) -, exceto alguns casos que veremos mais adiante.

Os segmentos oclusivos sonoros puderam ser identificados, então, principalmente nos segmentos de contorno, em contexto de início, meio e fim de palavra. O status fonológico destes segmentos será discutido e justificado quando falarmos sobre os processos fonológicos. Vejamos agora a distribuição dos segmentos na língua Krenak.

3.2.1.1 - A oclusiva bilabial surda /p/

Esse segmento é bastante produtivo na língua, especialmente em posição de início de sílaba e pode ocorrer diante de qualquer vogal da língua. Em final de sílaba, sua ocorrência é mais restrita e não encontramos exemplos de [p] nesta posição que fosse adjacente às vogais **a**, **u**. [p] pode formar *onset* complexo se seguido pelo tap [r].

<i>Onset</i>		<i>Coda</i>	
(30)	[kupa ^h rak]	‘onça’	
(31)	[ku ^h pãŋ]	‘fígado’	
(32)	[^h pi]	‘trabalhar’	[^h mɛ:p]
(33)	[^h kupi _i rik]	‘macaco’	[^h pip]
(34)	[^h pɔʔ]	‘mão’	[^h ʒɔp]
(35)	[ho ^h pu]	‘tua mãe’	
(36)	[^h pãŋ]	‘ouvir’	
(37)	[^h pũŋ]	‘espingarda’	
(38)	[^h prik]	‘formiga’	
(39)	[^h prĩm]	‘querer’	

Apesar de não ser tão frequente, /p/ varia com a oclusiva bilabial surda aspirada [p^h] e com a oclusiva bilabial surda não-explodida [p[̚]], às vezes na mesma palavra (Silva, 1986). Em nossos dados não encontramos um ambiente específico que pudesse explicar a ocorrência das formas oclusivas aspiradas. A oclusiva surda não explodida [p[̚]] tem sua ocorrência restrita à posição de final de sílaba.

- (40) [p] ~ [p^h] (Silva, 1986)
 [kɔp] ~ [kɔp^h] ‘mosquito’
- (41) [p] ~ [p[̚]]
 [krɔp] ~ [krɔp[̚]] ‘morder’

3.2.1.2 - A oclusiva alveolar surda /t/

Tal segmento também é bem produtivo e pode ocorrer em posição de *onset* ou coda silábica, formando sílaba com qualquer vogal da língua. Não encontramos exemplos em que a oclusiva [t] formasse *onset* complexo com o tap [r], o que parece ser uma restrição da língua quanto a formação de *onset* complexo contendo consoantes de mesmo ponto – coronal- *[tr].

<i>Onset</i>		<i>Coda</i>		
(42)	[ta ¹ ruʔ]	‘céu’	[¹ k ^h at]	‘casca’
(43)	[tʃɨ]	‘cinco’		
(44)	[¹ tə]	‘partícula’	[¹ mbət]	‘melhor, bom’
(45)	[tɛ ¹ pɔ]	‘sol’	[¹ tõn.mbrɛ. ɛt]	‘estrela’
(46)	[hɔ ¹ ti]	‘você’	[ɨʃ ¹ wit]	‘muito’
			[kɔ ¹ rit]	‘pentear’
(47)	[¹ tɔdn]	‘feio, mau, ruim’	[ma ¹ rɔt]	‘arroz’
			[hi ¹ ɨɔt]	‘molhado’
(48)	[wa ¹ tu]	‘rio’	[ɨmʃ ¹ ɨgut]	‘comer’

A oclusiva alveolar surda ocorre como [t] e, assim como identificado para as oclusivas labiais surdas, varia com as formas aspirada e não-explodida [t] ~ [t^h] e [t] ~ [t^ʔ]. Do mesmo modo que a oclusiva bilabial, a realização da oclusiva alveolar surda não explodida restringe-se à posição final de sílaba, mesmo podendo ocorrer em meio de palavra.

(49) [t] ~ [t^ʔ]

[nu ¹ mat]	~	[nu ¹ mat ^ʔ]	‘mato’
[ndʒɔ ¹ rɔt]	~	[ndʒɔ ¹ rɔt ^ʔ]	‘puxar’

3.2.1.3 - A oclusiva velar surda /k/

Trata-se de um segmento muito produtivo, tanto em *onset* quanto em *coda* de sílaba. Ocorre em posição inicial, medial e final de palavra. Forma *onset* complexo quando seguida pelo tap.

<i>Onset</i>		<i>Coda</i>		
(50)	[¹ kat]	‘casca’	[mɔ ¹ ɨnak]	‘lua’
(51)	[kɨdn ¹ kɛʔ]	‘sobrancelha’	[mɛ ¹ nek]	‘apertar’
(52)	[¹ kɨdn]	‘testa’	[tʃo ¹ mbɛk.i.kik]	‘fumaça’

(53)	[ki,nũn]	‘braço dele’	[ˈprik]	‘formiga’
(54)	[koˈnĩn]	‘o que INT’	[kiˈtʃɔk]	‘língua’
(55)	[ˈkõn]	‘algo’		
(56)	[kuˈpẽŋ]	‘fígado’	[kiˈpuk]	‘pescoço’
(57)	[ˈkũm]	‘cigarro/fumar’		
(58)	[ˈkrak]	‘faca’		
(59)	[ˈkrẽn]	‘cabeça’		

Observamos a alternância entre a oclusiva velar surda, a oclusiva velar surda aspirada [k] ~ [k^h] e a não-explodida [kʔ]. Da mesma forma que as outras oclusivas, as formas não explodidas ocorrem em final de sílaba, enquanto as formas aspiradas podem ocorrer em posição inicial ou final de sílaba.

(60)	[k] ~ [k^h]	[ˈkat] ~ [ˈk ^h at]	‘casca’
		[,mbrukuˈkuk] ~ [,mbruk ^h uˈk ^h uk ^h]	‘vermelho’
(61)	[k] ~ [kʔ]	[,kupaˈrak] ~ [,kupaˈrakʔ]	‘onça’
		[,krɔˈtʃɔk] ~ [,krɔˈtʃɔkʔ]	‘jabuti’

3.2.1.4 - A oclusiva glotal /ʔ/

Ocorre em *onset* ou coda e forma sílaba com vogais orais ou nasais. Quando ocorre em *onset*, encontra-se em início de palavra ou em ambiente intervocálico. Isto poderia sugerir que a língua apresenta restrições fonéticas quanto às palavras se iniciarem apenas com vogal, surgindo então uma oclusiva glotal para preencher esta posição. Neste caso, então, pareceria mais pertinente considerar que a oclusiva glotal ocorre apenas em coda silábica, uma vez que a motivação para a sua ocorrência em início de sílaba seria de origem fonética. Entretanto, outros exemplos iniciados com vogais apenas evidenciaram que a ocorrência da glotal em *onset* é opcional como vemos abaixo, devendo ser, portanto, fonêmica e contrastiva.

	<i>Onset</i>		Coda
(62)	[ʔʑ'ʔʑ] 'galinha'	[kua'haʔ]	'homem'
(63)	[ʔəkrō'jōʔ] 'porco-espinho'	[ŋgeo'puʔ. iə,kəʔ]	'avó'
(64)	[ʔʑ'ʔʑ] 'pica-pau'	[kɪdn'keʔ]	'sobrancelha'
(65)	[ʔi] 'continuativo'	[kwiʔ]	'copo'
(66)	[ʔə'ʔə] 'gavião'	[kə'ŋgəʔ]	'sapo'
		[ʔɛmbu'ruʔ]	'orvalho'

3.2.2 - As nasais /m, n, ɲ, ŋ, m̥, n̥, ɲ̥, ŋ̥ /

As nasais em Krenak apresentam duas séries em oposição através do traço de vozeamento: as nasais surdas *versus* nasais sonoras. Segundo Ladefoged e Maddieson (1996), as nasais surdas são consideradas mais raras nas línguas do mundo. É comum, se forem contrastivas, que se oponham a, pelo menos, uma série de nasais sonoras. Ainda segundo os autores, muitas vezes o sistema consonantal nasal não é simétrico, ou seja, não necessariamente haverá as mesmas nasais surdas em todos os pontos de articulação correspondentes às nasais sonoras. Nas línguas Jê, não há registro dessas nasais. Em Krenak, porém, registramos a ocorrência de nasais surdas em quatro pontos de articulação (SEKI, 1981; SILVA, 1987), correspondentes à série de quatro consoantes nasais sonoras, com restrições apenas quanto à ocorrência da nasal velar, como veremos mais adiante.

Para a realização das nasais surdas, a glote costuma ficar aberta durante maior parte do tempo para a realização do segmento, mas há um vozeamento antes dos articuladores finalizarem o movimento. Além disso, também costumam ser mais longas do que as nasais sonoras e tem F0 mais alto no *onset* da vogal (LADEFOGED, 1996). Apresentamos brevemente um estudo de características acústicas destas nasais no início deste capítulo.

Além da série de nasais surdas, outra característica que parece essencial para compreensão do sistema nasal desta língua, porém bastante comum tanto nas línguas do mundo quanto nas línguas Jê, é a presença no inventário de fones das sequências de consoantes homorgânicas formadas por Nasal + Oclusiva sonora e as formas correspondentes Oclusiva sonora + Nasal, que compõem o grupo dos segmentos bifásicos,

os segmentos de contorno ou, como vimos chamando, *nasais pós-oralizadas* e *nasais pré-oralizadas*. Os segmentos de contorno apresentam, inicialmente, um caráter fonético muito comum em outras línguas Jê, sendo um caso bem semelhante o do Kaingang (WETZELS, 2009; D'ANGELIS, 1998). Estes segmentos apresentam-se como complexos internamente, uma vez que são realizados por sequências de movimentos articulatórios distintos, como vemos em Rodrigues (1998),

Some Macro-jê languages have internally complex phonemes – that is to say, phonemes that are realized by a sequence of sounds (or, in physiological terms, produced by a sequence of articulatory movements). The Southern Jê language Kaingáng is one of the most striking cases. (p.179)

Veremos, entretanto, que uma análise sincrônica do Krenak sugere que algo diferente do que ocorre em Kaingang pode ser percebido, isto no que se refere à distribuição dos segmentos consonantais nasais e orais.

Em Kaingang (WETZELS, 2008), de modo geral, um segmento nasal realiza-se como bifásico quando adjacente a uma vogal oral tautossilábica. A partir dos dados do Krenak, percebemos que nasais sonoras podem ocorrer diante de vogais orais sem se tornarem contornos, como é o caso do Kaingang. Isto ocorre com menos frequência, muitas vezes em sílabas não acentuadas, mas também ocorrem em sílabas acentuadas. Ainda, a sequência Nasal sonora + Vogal Oral costuma fazer parte de sílabas travadas por oclusivas surdas na coda, ou seguidas de silêncio. Deste modo, a ocorrência sincrônica de nasais sonoras seguidas de vogais orais, como [*mahõn*, *mak*, *nek*, *nuk*, etc], indica, num primeiro olhar, que esta sequência de segmentos é permitida na subjacência da língua, em contraste a exemplos como [*mbakidn*, *mbɔk*, *mburun*], evidenciando um sistema fonológico em que nasais sonoras [m], nasais pré e pós-oralizadas [m^b, ^bm] e nasais surdas [m̥] funcionam com valor contrastivo no sistema do Krenak, além, claro, da presença das oclusivas surdas [p]. Refletiremos, no entanto, acerca destas ocorrências mais adiante (ver Processos/Implementação de segmentos).

De qualquer modo, é possível identificarmos quatro nasais surdas [m̥, n̥, ɲ̥, ŋ̥] e quatro nasais sonoras [m, n, ɲ, ŋ] em Krenak. Verifiquemos suas ocorrências:

3.2.2.1 - Nasais sonoras

3.2.2.1.1 - A nasal labial /m/

Pode ocorrer em *onset* e coda silábica. É muito produtiva em *onset* e quando em coda, causa nasalização regressiva da vogal núcleo da sílaba. Em fronteira silábica, a nasalização da vogal da sílaba anterior pode ou não ocorrer, por meio da nasalização alofônica.

Em *onset*, [m] é seguida por vogais nasais ou orais. Com vogais orais ocorre menos frequentemente, porém foram registrados casos que ocorriam sistematicamente desta forma. Mas nesta posição de *onset*, seguido de vogais orais, é mais comum encontrar o contorno nasal/oral [m^b] ou as nasais surdas.

Onset

(67)	[^h mak]	‘máquina’
(68)	[,am̃ ^h ɣut]	‘comida’
(69)	[mɛ ^h nek]	‘apertar’
(70)	[mĩ ^h ɲẽ ^h ɲ]	‘cotia’
(71)	[mũ ^h ɲ]	‘ir’

Coda

(72)	[ʒ̃m]	‘indefinido’
(73)	[m̃r̃ɐ̃m]	‘grande’
(74)	[ki ^h ʒ̃ẽm]	‘casa’
(75)	[p̃r̃ĩm]	‘querer’

3.2.2.1.2 - A nasal alveolar /n/

Ocorre em *onset* ou coda silábica, diante de vogais nasais ou orais. A ocorrência diante de vogais orais neste ponto de articulação é mais restrita. Em nosso

corpus, identificamos exemplos da nasal alveolar sonora seguida das vogais [a, i, ɔ] e não encontramos esta nasal formando sílaba com as outras vogais orais *[ɛ, e, i, ə, o]:¹⁵

Onset

(76)	[na'ruk]	‘aldeia, cidade’		
(77)	[nãɲ]	‘ele/ela 3ª.Pess’		
(78)	[nek]	‘banha’	[nɛʔ]	‘Fut.’
(79)	[ko'nĩn]	‘o que INT’		
(80)	[nuk]	‘NEG.’	[nu]	‘Emprest em+o’
(81)	[hi,nũn]	‘seu braço’		

Coda

(82)	[tʃõn]	‘pau’
------	--------	-------

3.2.2.1.3 - A nasal palatal /ɲ/

Pode ocorrer em *onset* e coda silábica. É mais comum em posição de *onset* de sílaba, realizando-se diante de vogal oral ou nasal. Entretanto, registramos apenas um exemplo da nasal palatal diante da vogal posterior baixa arredondada [ɔ]. Em coda é mais rara e parece ter restrições quanto às vogais adjacentes, apenas ocorrendo precedida pela vogal média-baixa e média-alta [ɛ, e]. Observamos que a presença desta nasal em coda parece causar a neutralização das vogais médias baixas, que se realizam como médias altas, ou então, provocam o processo de ditongação (veremos nos Processos):

Onset

Coda

(83)	[na'rẽɲ]	‘distante’		
(84)	[nɛɲ]	‘estar sentado/LOC’		
(85)			[mi'ɲɛɲ] ~ [mi'ɲɛʃɲ]	‘cotia’
(86)	[nikə'mã]	‘agora’		
(87)	[ʔəkrõ'ɲɔʔ]	‘porco-espinho’		
(88)			[ɲũmi'ɲ]	‘areia’

¹⁵ O que pode se tratar de uma limitação dos dados de que dispomos. Somente uma nova coleta poderia confirmar se esta possibilidade é aplicável para a língua como um todo ou se se trata de um vazio estrutural.

3.2.2.1.4 - A nasal velar /ŋ/

Tem sua ocorrência restrita à posição de coda silábica. Não encontramos exemplos desta nasal antecedida pelas vogais médias-baixas [ɛ, ɔ]. Quando o núcleo da sílaba é constituído por estas vogais, a coda é preenchida por nasais pré-oralizadas e a vogal, portanto, é oral.

Coda

(89)	[ku'p̃ɲ]	‘estômago’
(90)	[tɛ'f̃ɲ]	‘coração’
(91)	[kə'p̃ɲ]	‘capim’
(92)	['p̃ɲ]	‘ouvir’
(93)	[mbu'r̃ɲ]	‘índio’
(94)	[hə'kwɛɲ]	‘porco-espinho’
(95)	['ŋɔɔɲ]	‘cachorro’

Podemos concluir que, de todas as nasais sonoras analisadas, há restrições quanto à formação de sílaba da nasal velar em coda, precedida por vogal oral anterior média baixa [ɛ] e posterior média baixa arredondada [ɔ], impedindo a formação de sequências como *[ɛɲ, ɔɲ].

3.2.2.2 - As nasais surdas

Ocorrem em Krenak e puderam ser identificadas em quatro pontos de articulação: labial, alveolar, palatal e velar [m̥, n̥, ɲ̥, ŋ̥]. Entretanto, sua ocorrência é mais restrita, uma vez que ocorrem quase exclusivamente em posição de *onset* silábico, como veremos em seguida (apenas um exemplo em coda foi registrado).

3.2.2.2.1 - A nasal bilabial surda /m̥/

Ocorre em *onset* silábico, seguida de vogais orais ou nasais. Pode formar *onset* complexo quando seguido de tap [ɾ]. Atestou-se em Seki (2004) um exemplo em que esta nasal ocorre em coda silábica:

Onset**Seguida de vogal oral**

- (108) [m̥ak] ‘perna’
 (109) [p̥ɛ̃m̥ik] ‘pano’
 (110) [ɲ̥it̥ɲ̥iɔ̃p̥m̥ɔ̃ʔ] ‘escorpião’
 (111) [m̥ũʔak] ‘lua’
 (112) [ĩm̥ɔ̃ʊm̥] ‘grande’

Seguida de vogal nasal

- [k̥h̥ũm̥m̥ɔ̃m̥] ‘cigarro’
 [m̥ĩ̃ʔɔ̃ŋ] ‘água’

Coda

- (104) [ʔum̥] ‘dar’

3.2.2.2.2 - A nasal alveolar surda /n̥/

Pode ocorrer em *onset* apenas, em início e em meio de palavra. Não encontramos exemplos com as vogais *[i, o, u]:

- (113) [ʔnak] ‘terra’
 (114) [ʔn̥ẽm] ‘arco’
 (115) [ɲ̥it̥ʔn̥it̥] ‘rato’

3.2.2.2.3. - A nasal palatal surda /ɲ̥/

Segundo os dados disponíveis, ocorre em *onset* de sílaba e é bem menos produtiva, sendo sua frequência bem menor do que as outras:

- (116) [ʎak] ‘ferida’
 (117) [ɲitʃiɔpʎɔʔ] ‘escorpião’

3.2.2.2.4 - A nasal velar surda /ŋ/

É pouco produtiva e ocorre em *onset* de sílaba. Sua ocorrência, segundo observação dos dados disponíveis, é restrita à adjacência com as vogais [a, u]:

- (118) [ʎatʎɛk] ‘panela’
 (119) [ŋũmʎin] ‘cana’

Observamos ainda a variação livre das nasais surdas com nasais sonoras em alguns exemplos, especialmente no ambiente de início de palavra. Nestes casos, percebeu-se uma perda de contraste, mas facilmente recuperáveis quando os itens estavam inseridos em sentenças e não eram pronunciados de forma isolada. Falaremos desta variação mais adiante.

- (120) [ŋ] ~ [n] [ŋak] ~ [nak] ‘roça, chão’
 (121) [ŋ] ~ [m] [ŋarɔt] ~ [marɔt] ‘arroz’
 (122) [ŋ] ~ [n] [ŋak] ~ [nak] ‘ferida’

E ainda, em casos mais raros, onde o ambiente precedente era uma vogal oral, observamos a alternância dos segmentos nasais surdos com grupos consonantais formados por oclusiva surda + nasal [tn, pm...]. Isto foi percebido em *onset* de sílaba, em fronteira de morfema ou em fronteira de palavra, onde a nasal seguinte é surda (ver discussão mais adiante):

- (123) [ɛ:ŋɛm] ‘é arco’
 (124) [aʎmak] ‘sua perna’
 (125) [aʎmũŋ] ‘você vai’
 (126) [nɛn tɛʎmbrɛŋ. ŋɔ ʎmɔũm ʎndihɪ ʎnɛʔ] ‘o menino vai correr amanhã’

- (127) [krẽŋɣɛ ʔnu krẽn] k¹⁶ ‘cabelo na cabeça’
 (128) [ti ʔnẽŋ pip] ‘eu vejo ele’
 (129) [ʔkijĩŋ. ʔte^p. ʔm̃rẽõm. ʔndihɪ. ʔʔi] ‘nós estamos correndo’

Nestes casos, observamos que um segmento de transição parece ocorrer, o qual surge entre uma vogal oral e uma nasal, tendo o ponto e o traço de sonoridade [\pm SON] condicionado à consoante nasal no *onset* da sílaba que segue.

3.2.3 - Os segmentos de contorno¹⁷ [mb], [nd], [ndʒ], [ŋg], [bm], [dn] e [gŋ] ocorrem com frequência em Krenak.

3.2.3.1 - As nasais pós-oralizadas [mb], [nd], [ndʒ], [ŋg]

São sequências de nasal + oclusiva, onde a nasal, homorgânica ao ponto da oclusiva, é finalizada e a oclusiva iniciada pelo simples levantamento do velo. Em Krenak, identificam-se nasais pós-oralizadas em 4 pontos de articulação: labial, alveolar, alvéolo-palatal e velar.

Tem sido amplamente discutido que tal movimento dos gestos em algumas línguas deve ser tratado como segmento único, principalmente se ocorrerem em posição inicial de sílaba (LADEFOGED, 1996).

Na análise fonológica destes segmentos, as reflexões datam de mais de três décadas e foram impulsionadas de modo especial pelo estudo de línguas indígenas. Uma vasta literatura pode ser encontrada, então, referente às questões levantadas pela ocorrência dos segmentos de contorno, como Anderson (1974, 1976), Kindell (1981), Cavalcante (1987), Clements (1985), Sagey (1986), Clements & Hume (1995), D’Angelis (1994,

¹⁶ Neste exemplo, duas possibilidades podem ser cogitadas: na primeira [tnu] se trata de uma nasal velar surda; na segunda o falante recorreu a um empréstimo do português (tá no).

¹⁷ Mesmo entendendo que seria mais apropriado para a reflexão fonológica nos referirmos aos segmentos de contorno oral-nasal [bm] e nasal-oral [mb] como ‘nasal pré-oralizada’ e ‘oclusiva pré-nasalizada’, respectivamente, optamos por neste momento utilizar as denominações de ‘nasal pré-oralizada’ e ‘nasal pós-oralizada’, uma vez que tais segmentos foram identificados em nossa descrição como apresentando características fonéticas que os levariam a receber estas terminologias (Laver, 1994). Assim, a fim de seguir as características fonéticas observadas por nós no capítulo 1, utilizaremos para [bm] o termo ‘nasal pré-oralizada’ e para [mb] ‘nasal pós-oralizada’, mas sempre tendo em mente que a condição fonológica do contorno [mb] sugere uma oclusiva subjacente, não uma nasal.

1995), Wetzels (1995, 2008), entre outros. Vale ressaltar que não pretendemos aqui delinear os caminhos tomados pelos autores para a interpretação dos segmentos de contorno dentro da teoria autosssegmental, mas sim, tentar encontrar alguma que pareça mais adequada para falarmos do que ocorre no Krenak, em analogia ao que já vem sendo percebido nas outras línguas Jê.

As nasais pós-oralizadas ocorrem em *onset* silábico, início e meio de palavra, junto a vogais orais. Podem também formar *onset* complexo com o tap, o que apenas é permitido no caso da sequência labial e velar [mbr, ŋgr] *[ndr. ndʒr].

De modo geral, podemos considerar que todos estes segmentos parecem ter restrições quanto à contiguidade com a vogal anterior média baixa [ɛ]. A fim de apresentar uma visão geral do que ocorre na língua entre consoantes nasais sonoras, contornos e vogais orais, vejamos abaixo alguns exemplos destes segmentos e, em seguida, a fim de facilitar a visualização do fenômeno, os mesmos exemplos de contornos ao lado de exemplos de nasais sonoras + vogais orais:

(96)[mb]

[mba'kidn]	‘passarinho’
['mbək]	‘matar’
[,ambi'ʒik]	‘mandioca’
[mbo'krẽ'ŋ]	‘veado’
[mbu'rũŋ]	‘índio’
['mbrɔŋŋ]	‘caminho’

(97)[nd]

[ʒamnda]	‘feijão’
[ndihi]	‘correr’
[tõndɔdn]	‘pequeno’

(98)[ŋg]

[nga'tabm]	‘lagartixa’
[ŋgio'puk]	‘mãe’
['ŋgəm]	‘aqui’
['ŋgɔŋŋ]	‘cachorro’
[ŋgud'ndʒũn]	‘tatu’

[ʎgɾaŋ]	‘cobra’
[nĩʎgredn]	‘1 ^a . p. excl.’
[nẽʎgridn]	‘eles’

(99)[ndʒ]

[põ'ndʒaʔ]	
[ndʒo'rɔt]	‘puxar’
[ndʒud'nʒuʔ]	‘gambá’

(100)[mb]**[m]**

[mba'kɪdn]	‘passarinho’	[mba'tɪk]	‘coelho’	[ma'hõn]	‘abóbora’
[tʃõ'mbək] ~ [tʃõ'mpek]			‘fogo’		
				[hu'meʔ]	‘dormir’
[ẽmbi'zɪk]	‘mandioca’	[ẽ'mbibm]	‘de manhã’	[me'nek]	‘apertar’
[mbøk]	‘peixe’	[kõ'mbøk]	‘leve’	[mi'jẽ'j]	‘cotia’
[mbu'rũŋ]	‘índio’	[ẽmbu'ruʔ]	‘vento/chuva’	-	
[mbət]	‘melhor’	[mbøk]	‘matar’	[mɔt]	‘cheio’
[mbrɔŋ]	‘caminho’				

(101)[nd]**[n]**

[ʒ'am 'ndaʔ]	‘feijão’	[nak]	‘terra’	[na'kəm]	‘na cama’
--------------	----------	-------	---------	----------	-----------

(102)['ndɔŋ]

‘torto’

-		[nek]	‘acúcar’	[neʔ]	‘FUT.’
[ndr'hiʔ]	‘correr’				
[tõ'ndɔdn]	‘pequeno’	-			
[ndʒud'nʒuʔ]	‘gambá’	[nuk]	‘não’	[nu]	‘no’

(103)[ŋg]**[ŋ]**

[nga'tabm]	‘lagartixa’	-
		-
[ŋgio'puk]	‘mãe’	
[ʎgəm]	‘aqui’	-
[ʎgɔŋ]	‘cachorro’	-

[ŋɡud'ndʒũn]	‘tatu’
[ʼŋɡragŋ]	‘cobra’
[nĩ'ŋɡredn]	‘1ª. p. excl.’
[nẽ'ŋɡridn]	‘eles’

(104)[ndʒ]**[ŋ]**

[pð'ndʒɑʔ]		[ŋa'rẽŋ]	‘distante’
-		[ŋɛp]	‘estar sentado’
-		[ŋikə'mã]	‘agora’
[ndʒɔ'rɔt]	‘puxar’	[,ʔəkɾõ'ŋɔʔ]	‘porco-espinho’
[ndʒud'nʒuʔ]	‘gambá’	[ŋũmi'ŋ]	‘areia’

Assim, podemos resumir do seguinte modo o que foi observado sobre os segmentos nasais complexos e simples e sua distribuição em *onset* em relação às vogais orais:

Onset

m	i u ε ə a *ɔ	mb	i u *ε ə a ɔ
n	i u ε ə a *ɔ	nd	i - *ε ə a ɔ
ŋ	i u ε ə a *ɔ	ndʒ	- u *ε ə a ɔ
ŋ	- - - - -	ŋɡ	i u *ε ə a ɔ

Quadro 7 - Segmentos nasais plenos e contornos seguidos de vogais orais

3.2.3.2 - As nasais pré-oralizadas [bm], [dn] e [gŋ]

Ocorrem nos pontos labial, alveolar e velar e apenas em final de sílaba. Para Ladefoged, as formas nasais pré-oralizadas, ou seja, ‘*prestopped nasals*’ são as sequências vozeadas onde a porção não nasal do segmento ocorre antes da parte nasal, o que apenas é possível em Krenak para os três pontos de articulação: labial, alveolar e velar [^bm, ^dn, ^gŋ].

Além de ter sua ocorrência restrita à posição de coda silábica, tais segmentos tendem a ocorrer em meio ou final de palavra, geralmente em sílabas acentuadas. Sua

realização está também relacionada à presença obrigatória de vogais orais como núcleo da sílaba.

Observamos ainda sua alternância com as nasais sonoras [m], [n] e [ŋ], o que tende a ser observado em fala mais rápida e espontânea, mas não se restringe a esta condição. Quando, porém, tal alternância é realizada, pode ocorrer opcionalmente a nasalização alofônica das vogais. Não encontramos com frequência esses segmentos tendo como núcleo de sílaba vogais médias altas anterior e posterior [e, o]. Dos contornos registrados, o de ocorrência mais limitada foi a nasal velar pré-oralizada [gŋ]:

(105)[bm]

[ŋga'tabm]	~	[ŋga'tãm]	'lagartixa'
[ʒm'bıbm]	~	[ʒm'bĩm]	'de manhã'
[ta'hɔbm]	~	[ta'hõm]	'rede'
[ʒi'rubm]	~	[ʒi'rũm]	'branco, claro'

(106)[dn]

[xata'radn]	~	[xata'rãn]	'arara'
[hĩ'mbɔdn]	~	[hĩ'mbõn]	'capivara'
[ngud'ndʒudn]	~	[ngundʒũn]	'tatu'

(107)[gŋ]

[hɔ'kuɛgŋ]	~	[hɔ'kuɛ̃ŋ]	'porco-do-mato'
[ngɔgŋ]	~	[ngɔ̃ ^w ŋ]	'cachorro'

Até agora, podemos resumir a distribuição dos segmentos consonantais nasais e dos contornos em Krenak da seguinte maneira:

1) #_ĩ	[m]	[m̃ndɔ'kõn]	'maribondo'
2) ã_#	[m]	[ʒm ndʒun]	'de dia'
3) #_v	[mb]	[mba'tık]	'coelho'
	[m]	[ma'hõn]	'abóbora'
4) v_#	[bm]	[ŋga'tabm]	'lagartixa'

- | | | | |
|---------|------|-----------|-----------|
| 5) v_ ã | [m] | [amãŋgut] | ‘comida’ |
| 6) ã_ ã | [m] | [kũmãm] | ‘cigarro’ |
| 7) ã_v | [mb] | [ãmburuʔ] | ‘orvalho’ |

Com exceção do comportamento da nasal no contexto 3, todos os outros exemplos parecem sugerir um processo semelhante ao que ocorre no Kaingang (WETZELS, 2008), onde “consonants of the /M/ class surface as contour segments when adjacent to an oral vowel”. Ou seja, os segmentos de contorno se realizam quando o segmento nasal se encontra adjacente a uma vogal oral tautossilábica.

Em Krenak, porém, encontramos exemplos de nasais nos pontos de articulação labial, alveolar e palatal que, mesmo estando em ambientes adjacentes a vogais orais, não se realizam como segmentos de contorno, mas sim como nasais sonoras. Se os contornos fizerem parte da classe /M/, assim como em Kaingang – e funcionarem em distribuição complementar tendo sua ocorrência justificada pela adjacência a vogais orais tautossilábicas –, como podemos, então, prever se a consoante nasal seguida por uma vogal oral será oralizada ou não, uma vez que isto não ocorre obrigatoriamente em Krenak?

Apresentaremos mais adiante algumas hipóteses sobre porque isso aconteceria.

3.2.4 - As fricativas

A série de fricativas nas línguas da família Macro-Jê parece ter preferência pelos segmentos surdos. Pode ocorrer em cinco pontos de articulação (labial, dental, alveolar, palatal e glotal), o que varia de acordo com a língua. A fricativa labial surda /f/, por exemplo, ocorre nos sistemas consonantais do Yatê e do Guató. Em Karajá, identifica-se a dental /θ/. A fricativa alveolar surda /s/ identifica-se em Kipéa e Yatê, enquanto que a sonora /z/ apenas em Yatê, a qual totaliza cinco fricativas. A fricativa palatal surda /ʃ/ pode ser encontrada em Yatê e Karajá. A fricativa glotal /h/, por sua vez, parece mais sistemática e observável em várias das línguas Jê, sendo identificada nos sistemas das línguas Yatê, Kipéa, Guató, Maxakali e Karajá (RODRIGUES, 1999).

De modo geral, em Krenak, foram registradas três fricativas: a fricativa palatal sonora [ʒ]; a fricativa velar surda [x] e a fricativa glotal surda [h]. Em alguns vocabulários do século XIX, identificam-se, além das fricativas palatais sonoras [ʒ], grafadas com o antigo símbolo [ž]; fricativas palatais surdas [ʃ], grafadas com o símbolo [š] e ainda a fricativa alveolar surda [s], a qual não foi identificada por nós nos dados de Seki (1980).

Nos dados de Manizer (1915), como veremos no capítulo 3, a fricativa velar surda ocorre com frequência, tanto em *onset* de sílabas quanto em posição precedente a segmentos nasais ([χniɛp] ‘sentado’).

Em Silva (1986), identifica-se a fricativa velar surda /x/ como fonema, a qual se mostra produtiva. Em nossos dados, identificamos a fricativa com o ponto glotal como mais produtiva, enquanto a fricativa velar surda, quando ocorreu, foi identificada em alternância com a fricativa glotal surda. Não sabemos se se trata de alguma variação sincrônica, onde o ponto velar esteja em conflito com a velar, já se sobrepondo em termos de uso; ou diacrônica, provinda de um provável processo histórico de enfraquecimento do segmento fricativo, onde este tenha perdido o ponto velar. O fato é que em alguns exemplos recuperamos a fricativa de ponto velar em alternância com a glotal, de modo que para a forma fonológica propomos, entre outros motivos devido à questão quantitativa, que se trata de uma fricativa glotal [h] subjacente.

3.2.4.1 - A fricativa palatal sonora /ʒ/

Ocorre em posição de *onset* silábico, em início e meio de palavra. Sua ocorrência pode estar associada ao processo de consonantização da aproximante palatal [j] (ver Processos Fonológicos):

- | | | | | |
|-------|-------------------------|----------|-----------|----------|
| (130) | [ʒa ^b m'nda] | ‘feijão’ | | |
| (131) | [ʒɛ] | ‘fazer’ | [kiɔ'ʒɛk] | ‘costas’ |
| (132) | [wa'ʒik] | ‘flecha’ | | |
| (133) | [ʒɔp] | ‘beber’ | | |

3.2.4.2 - A fricativa glotal surda /h/

Tem sua ocorrência limitada à posição de *onset* silábico apenas, no entanto, mostra-se como bastante produtiva na língua.

- (134) [kua'haʔ] 'homem'
 (135) [ki'hɛʔ] 'jacaré'
 (136) ['hɛp] 'sentar'
 (137) ['hĩ,rɛ̃] 'lá'
 (138) [hĩ'mbɔdn] 'capivara'
 (139) [ho'pu] 'tua mãe'
 (140) [ta'hɔ^bm] 'rede'
 (141) [hɔ̃'ɛk] 'é redondo'
 (142) [hũ'mɛʔ] 'dormir'

A fricativa velar surda [x] ocorre na língua, em posição de *onset* silábico, porém na fala da informante Sebastiana, mostra-se como pouco produtiva e alterna com a fricativa glotal surda [h].

- (143) [h] ~ [x]
 [xata'radn] ~ [hata'radn] 'arara'

3.2.5 - As africadas

As africadas podem ser identificadas em várias das línguas da família macro-jê. Dos quadros de inventários consonantais das línguas Yatê, Kipéa, Guató, Boróro, Maxakali e Karajá, apresentados por Rodrigues (1999), apenas o Maxakali não tem a africada álveo-palatal sonora [dʒ], enquanto a africada álveo-palatal surda [tʃ] está presente em todas estas línguas. Também, na família Botocudo, Emmerich e Monserrat (1975) registraram as africadas surdas e sonoras [tʃ, dʒ].

Em Krenak, identificamos a africada álveo-palatal surda [tʃ] e a sonora, porém esta última apenas ocorreu em segmento complexo, precedida de um segmento nasal [ndʒ].

3.2.5.1 - A africada álveo-palatal /tʃ/ ocorre em *onset* silábico, junto a vogais orais ou nasais:

- (144) [tʃak] ‘sal’
- (145) [tʃɛp] ‘çoçar’
- (146) [tʃi'jot] ‘tesoura’
- (147) [tʃiŋ] ‘carne’
- (148) [tʃõŋgat] ‘canoa’
- (149) [ŋ⁹itʃu'kədn] ‘marido’

3.2.6 - O tap /r/

Ocorre em posição de *onset* silábico apenas, em início e meio de palavra. No entanto, registramos que este segmento é bem produtivo como segundo elemento de *onset* complexo, junto às oclusivas e ocorrendo também com a nasal labial surda [pr, br, m̃r].

- (150) [rara'ra] ‘cansado’
- (151) [hata'radn] ‘arara’
- (152) [hu'ɾɔʔ] ‘flor’
- (153) [ʒi'rubm] ‘claro’
- (154) [prik] ‘formiga’
- (155) [krɛn] ‘cabeça’
- (156) [m̃brɔŋ] ‘caminho’
- (157) [m̃rẽm] ‘grande’

3.2.7 - As aproximantes

3.2.7.1 - A aproximante labial /w/

Ocorre em posição de *onset* ou coda silábica e é bastante produtiva na língua.

Pode ocorrer nasalizada quando formando ditongos nasais:

<i>Onset</i>	<i>Coda</i>
	[m̃õw̃¹m̃õw̃] ‘doente’
(158) [wa¹tɪʔ]	‘milho’
(159) [¹wɛ]	‘Com.’
(160) [ñõ¹wit]	‘muito’
(161) [³mbõ¹wɔk]	‘árvore’
(162) [¹wibm]	‘podre’

3.2.7.2 - A aproximante palatal /j/

Ocorre em posição de *onset*. Realiza-se como a fricativa palatal [ʒ] em algumas situações:

(163) [ja¹pə]	‘à toa’
(164) [ki¹jɛpɪkiʔ]	‘boca’
(165) [j] ~ [ʒ]	[ki¹jẽm] ~ [ki¹ʒẽm] ‘casa’
	[tʃi¹jɔt] ~ [tʃi¹ʒɔt] ‘tesoura’

Alguns dados aqui apresentados sugerem que isto ocorre ou em início de palavra ou em meio, precedido ou seguido por vogal alta anterior [i].

Silva (1986) propôs a regra fonológica de *fricativização*. A autora ressalta ainda que esta regra se aplica após a aplicação da regra de acentuação, que é previsível para a última sílaba da palavra lexical e complementa que “tal ordenamento é necessário, uma vez que o ambiente descrito na regra de fricativização é condicionado às sílabas acentuadas ou não acentuadas”. Veremos mais adiante algumas situações onde ocorre a

consonantização da aproximante e nossa interpretação do fenômeno (ver Processos Fonológicos).

3.2.8 - Travamento oral de consoantes nasais (tn, km, pm e km)

Como mencionado anteriormente, Emmerich e Monserrat (1975) identificaram alguns segmentos formados por oclusivas surdas + nasais sonoras, do tipo [pm, tn, kn, km], nos vocabulários dos séculos XIX e XX. Tais ocorrências foram consideradas pelas autoras como inconsistentes nos vocabulários analisados. Devido aos tipos de segmentos presentes nestes encontros, Emmerich e Monserrat denominaram ‘travamento oral de consoantes nasais’.

Em nossa análise, muito raramente, foi possível identificarmos sequências de segmentos deste tipo. Sua ocorrência estava associada a contextos específicos nos quais uma vogal oral ocorria em ambiente precedente à consoante nasal (Vogal oral + Oclusiva Surda + Nasal). A nasal, por sua vez, foi identificada por nós como uma nasal surda subjacente /m/. Vejamos alguns exemplos comparativos encontrados no estudo de Emmerich e Monserrat e dos dados provenientes de Seki¹⁸:

Vocabulários (Emmerich e Monserrat)	Vocabulário Seki (transcrição nossa)
pmak ~ mak ‘perna’	m̄ak ~ mak ~ apmak ‘perna’
kmun ~ mun ‘ir’	ki-mũn ‘ir’
muntñak ~ muñak ~ kmuñak ‘lua’	mũñak ~ mũñak ‘lua’
kmak mak mphmak mpmake makn ‘asa, pluma’	m̄ak ⁷ ~ kmak ‘pena, pluma’

Quadro 8 - Travamento de consoantes nasais em registros históricos e possíveis equivalências em nossos dados

¹⁸ Lembramos que as transcrições foram refeitas recentemente por mim, com o auxílio (na medida do possível) do Praat, sendo conferidas posteriormente pela Professora Seki (responsável pela coleta dos dados *in locus*). Mesmo assim, ressaltamos que qualquer inadequação nas transcrições ainda evidente é de minha inteira responsabilidade.

A visualização de exemplos como os acima apresentados permitem-nos concluir que a oclusiva surda se realiza com uma consoante de transição, o que ocorre em fronteiras de palavras e de morfemas. Deste modo, na superfície, o efeito é de uma sequência de oclusiva + nasal, como temos em [tn, pm, km].

Mas o que motivaria o surgimento destas consoantes de transição? A análise de características acústicas das nasais surdas apresentada no início deste estudo parece nos dar algum suporte para acreditar na hipótese de que as interpretações impressionistas encontradas nos registros históricos poderiam se tratar de tentativas de transcrever o som nasal surdo, uma vez que o mesmo não é tão familiar ao sistema das línguas europeias e também de outras línguas indígenas brasileiras, sobretudo na época em que foram feitos tais vocabulários. Isto significaria dizer que o momento de silêncio, característico da fase inicial do segmento nasal surdo, quando ocorre a aspiração nasal, poderia perfeitamente ser interpretado como uma oclusiva surda homorgânica ao ponto da consoante nasal, uma vez que nestes casos ocorreram em ambientes intervocálicos. Assim, realiza-se um segmento surdo que, devido ao ‘overlapping’ dos gestos envolvidos, causa o efeito perceptivo de que se trata de uma oclusiva. Interessante perceber que em alguns registros incluíram-se nas transcrições o som da fricativa velar ou glotal surda no ambiente imediatamente precedente à nasal, o que certamente estava relacionado à percepção da pré-aspiração nasal ocorrida na fase de *onset* do segmento.

Uma segunda hipótese consideraria que os segmentos nasais surdos tem sua origem em segmentos formados por oclusiva surda + nasal, ou, consoantes nasais com travamento inicial, em analogia ao estudo de Emmerich e Monserrat. Neste caso, precisaríamos tentar explicar as variações dialetais, uma vez que no mesmo vocabulário por vezes encontravam-se formas com travamento oclusivo (pm), com fricativa precedente (hm) ou sem nada no ambiente precedente; além de termos que tentam entender porque tais variações não seguiram um caminho cronológico onde oclusiva surda → fricativa surda → \emptyset , o que parece perfeitamente possível quando consideramos uma análise do ponto de vista da evolução histórica. No entanto, as datas dos vocabulários não corroboram com esta interpretação como única explicação possível.

Um terceiro caminho leva em conta o material morfológico. Assim, em alguns casos, em que a consoante não é homorgânica à nasal, como em *kmak*, ou mesmo

homorgânico, como em *hipma*, ‘asa’ e ‘boca’, respectivamente, hipotetizamos a não identificação de morfemas, o que era bastante comum nos primeiros registros feitos. Seki (2004) identifica as formas pronominais indicadoras de posse, onde *ki-* é um morfema preso que indica posse na 3ª. pessoa do singular e *hi-*, forma presa que indica posse para a segunda pessoa do singular (SEKI, 2004, p.134). Assim, em *kmak*, por exemplo, poderíamos considerar o morfema *-ki* e em *hi-pma*, observamos o morfema preso *hi-*, em seu alomorfe *h-*, para indicar posse do item ‘*mak*’, que significa ‘perna’. No entanto, um problema identificado nesta interpretação se refere ao fato de que tais morfemas não ocorreriam neste contexto, ou seja, *ki-* não poderia ser sujeito do verbo ‘ir’, o qual, neste caso, receberia o pronome livre ‘ti’ (Eu). Permanece em aberto, então, algumas explicações para ocorrências como estas encontradas nos vocabulários antigos.

A partir da descrição, distribuição e contraste dos segmentos, foi possível observar que as oclusivas surdas são /p, t, k, ʔ/, que possuem variantes aspiradas ou não-explodidas [k^h, p^ʰ, t^ʰ, k^ʰ]. Quanto às oclusivas sonoras /b, d, g/, são representadas por contornos [mb, nd, ŋg]. A classe das nasais está dividida segundo o traço [±VOZ] distinguindo nasais sonoras /m, n, ŋ, ŋ/ de surdas /m̥, n̥, ŋ̥, ŋ̥/. As consoantes nasais pré-oralizadas [bm, dn, gŋ] têm sua ocorrência restrita à coda precedida por vogais orais, e são, portanto, resultados de processos, sendo representadas pelos segmentos nasais sonoros. Por fim, a língua possui uma fricativa glotal /h/, uma fricativa palatal sonora /ʒ/, uma africada álveo-palatal surda /tʃ/ , uma africada álveo-palatal sonora /dʒ/, o tap /ɾ/ e as aproximantes labial e palatal /w, j/, esta última tendo como alofone a fricativa palatal sonora [ʒ].

Assim, no inventário fonológico, as obstruintes se distinguem pelos traços de continuidade [cont], uma vez que não há oclusivas sonoras puras na língua, apenas bifásicas e oclusivas e fricativas surdas. Enquanto que as soantes se distinguem pelo traço de nasalidade [nas] e de vozeamento [voz], já que há nasais e não nasais, além de nasais surdas e sonoras. Refletiremos sobre as oclusivas sonoras bifásicas no item sobre os Processos Fonológicos.

3.3. - As vogais

As vogais tem sido definidas por meio de algumas das suas características principais, seja pelo fato de constituírem o pico da sílaba, por serem suficientes para formar palavras mesmo ocorrendo isoladamente ou como sons que acompanham as consoantes.

A base fonética para a distinção entre vogais e consoantes não é tão simples. Pike (1943) inicialmente dividiu os segmentos em vocóides e contóides, sendo vocóide definido como um som ressonante central oral, chegando à definição de vogal como um vocóide silábico. Isto se assemelha bastante ao que seria definido por Chomsky e Halle (1968) no clássico ‘The Sound Pattern of English’, onde afirmam que ‘vogal é um segmento que apresenta os traços [+ silábico, - consonantal]’, sendo [-consonantal] o som produzido com uma obstrução radical da região médio-sagital do trato vocal, ou seja, na cavidade oral. Tais definições assemelham-se, funcionalmente, à prática dos fonólogos dos modelos autosegmentais, quando concebem vogal como um segmento que tem associado ao nó ‘ponto de V, o traço’ [- consonantal]. De todo modo, podemos perceber que a definição de vogal está sempre associada aos traços que asseguram que não existem estrituras no trato vocal e no fato de serem núcleos silábicos.

Os parâmetros básicos da maioria dos sistemas vocálicos são três escalas tradicionalmente reconhecidas pelos seus extremos ‘alto/baixo’, ‘anterior/posterior’ e ‘arredondado/não-arredondado’.

Na geometria de traços, proposta por Clements & Humes (1995), as vogais serão distinguidas através de nós de ponto de V [coronal], [labial] e [dorsal] e grau de abertura [ab1, ab2, ab3].

3.3.1- As vogais nas línguas Jê e no Botocudo

Rodrigues (1998) resume as principais características dos sistemas vocálicos das línguas Macro-Jê. Dentre elas, podemos considerar três principais: a) existência de oposição entre vogais nasais e vogais orais; b) assimetria no número de vogais nasais e vogais orais e c) variação na qualidade vocálica. Falemos brevemente sobre cada uma.

- a) *Vogais nasais x vogais orais*: Segundo o autor, uma característica bastante comum nestas línguas é a presença de vogais nasais fonologicamente contrastivas, as quais ocorrem, por exemplo, nas línguas Kaingáng, Apinajé, Kipéa, Maxakali, Ofayé, Guató e Rikbátsa, e estão ausentes nos sistemas apenas do Yatê e Boróro. O estudioso complementa que, normalmente, “são as vogais nasais que condicionam a variação das consoantes e não o contrário, como ocorre em outras línguas”¹⁹.
- b) *Assimetria entre vogais orais e nasais*: A segunda característica dos sistemas vocálicos destas línguas é que estes costumam apresentar o número de vogais nasais menor do que o de vogais orais:

In general the number of nasal vowels is less than the number of oral ones. The Paraná dialect of kaingáng (Jê), for instance, has nine oral and five nasal vowels...In this language the low central nasal vowel oscillates from rounded back [ã] to unrounded central [ã̃]. **All the languages of the Jê family have vowel systems as large as that of Kaingáng** or with one or two more vowels. Apinajé, which distinguishes four instead of three degrees of height for central unrounded, has ten oral and seven nasal vowel (...) (p.172).[Grifos da autora]

Esta característica também fora registrada anos antes, quando Davis (1966) propôs, para a reconstrução do proto-Jê, um sistema assimétrico de nove vogais orais e seis vogais nasais, quais sejam [i, y, u, e, ə, o, ε, a, ɔ] e [ĩ, ã̃, õ̃, ẽ, ã̃, õ̃], onde [y] equivale a vogal central alta [i].

Segundo Wetzels (comunicação pessoal), esta característica parece se aplicar à maioria das línguas que tem contraste entre vogal nasal/oral e entre oclusivas surdas e sonoras.

¹⁹ Do original: As in other language families of Lowland South America, a very common feature of many languages of the Macro-Jê stock is the presence of phonologically contrastive nasal vowels. Often it is the nasal vowels that condition the variation of the consonants and not the reverse (as happens in other languages). (RODRIGUES, 1999 p.171)

c) *Variação*: Além do contraste entre vogais orais e nasais e da assimetria entre elas, outra característica dos sistemas vocálicos é a grande variação na qualidade vocálica dos segmentos. Neste sentido, atesta-se, muitas vezes de forma impressionística, nas línguas Botocudo, uma grande variação no registro de vogais, relacionada às diferenças na qualidade vocálica dos segmentos vocálicos e às variações. Emmerich e Monserrat (1975) destacaram tal característica em seu estudo, como depreendemos de seu comentário onde afirmam que as vogais na língua Botocudo:

(...) parecem ter causado bastante problemas de registro aos autores dos vocabulários. Diversos se referem à **indefinição frequente das vogais** que, segundo eles, **‘participam’ de dois ou mais sons ao mesmo tempo**. A preocupação pelo registro correto os faz recorrer a descrições, por vezes impressionísticas, como a que encontramos, por exemplo, em Wied (Voc. 1) o qual, para definir uma vogal não- anterior, não-arredondada, diz: **“a pela metade e no velo”** (p.501). Em Saint-Hilaire (Voc.2) há a seguinte observação: **“...é ainda menos fácil reproduzir com letras a língua dos botocudos que as das outras nações indígenas, pois que esses selvagens tem mais numerosos sons mixtos. Assim é muitas vezes difícil distinguir se pronunciaram um a ou um o, um e ou um i (...)”** (p. 133) (EMMERICH, MONSERRAT, 1975, p. 30). [Grifos da autora]

No mesmo sentido, Silva (1986, 1987) afirma que, em Krenak, as vogais orais e nasais são apresentadas em diagramas distintos “porque foram registradas qualidades vocálicas diferentes para estes segmentos”. A autora associa as variações com as diferentes configurações do trato vocal quando estes segmentos são produzidos com ou sem o levantamento do véu palatino (nasalidade), além dos traços de altura, no qual o segmento apresentava valores mais ou menos retraídos ou avançados, marcados com os diacríticos encontrados no IPA [̠ ̡ ̢]. Entretanto, mesmo observando tamanha variação, Silva opta por uma transcrição mais ampla, considerando apenas os traços de altura e abertura.

A partir dos breves comentários mencionados acima, é possível perceber que os sistemas vocálicos dessas línguas apresentam vogais que se distinguem a partir das três posições da língua: anterior, central e posterior e pelo traço de altura, como resume Rodrigues (1999):

The Languages of the other families of Macro-Jê vary between nine and five oral vowels, **but in general preserve the distinction of three tongue positions (front, central and back)**. (p.172) [Grifos da autora]

Segundo Wetzels (comunicação pessoal) “muitas vezes, o que linguistas ‘impressionistas’ chamam de vogal ‘central’ é, na realidade uma [posterior não-arredondada]. Às vezes a língua tem regras que tratam as ‘centrais’ e as ‘posteriores’ como uma classe natural, o que comprovaria seu status de vogais posteriores.

Também em seu estudo, Emmerich & Monserrat (1975) resumiram tal característica como importante para a distinção no sistema vocálico das línguas Botocudo, afirmando que:

Isto (...) permitiu estabelecer que as vogais, segundo o critério de altura, se distinguem por oposição binária: **alto versus não-alto**, em todos os pontos de articulação. Estes, por sua vez, também estão estruturados em termos binários, segundo a oposição: **anterior versus não-anterior**; e sons não-anteriores, segundo a oposição: **arredondado versus não-arredondado**. Resumindo, o sistema vocálico da língua botocudo funciona baseado em apenas três traços distintivos (...). (p.30) [Grifos da autora]

Ainda, segundo as estudiosas, esta característica justifica as variações e indefinições das vogais registradas pelos autores dos séculos XVIII e XX. Complementamos que esta característica justifica também as alofonias possíveis, uma vez que as variações terão sentidos previsíveis apenas nos caminhos dos traços em questão (ver Processos Fonológicos).

Segundo Silva (1986, 1987), que descreveu os segmentos vocálicos do Krenak a partir do método das vogais cardeais (ABERCROMBIE, 1967), identificam-se no inventário fonético 19 vogais, sendo 8 orais e 11 nasais. Em sua análise fonológica, este número cai para 6 vogais orais /i, ε, a, ɔ, ə, u/ pois, segundo a autora, as ‘vogais nasais

fonológicas não existem’, apenas vogais orais, uma vez que as vogais nasalizadas surgem a partir do processo de ‘Nasalização de segmento vocálico’ e, portanto, não fazem parte do sistema fonológico da língua. Segundo este processo *‘um segmento vocálico é nasalizado quando ocorre seguido por um segmento nasal vozeado que ocorre em final de sílaba’* (SILVA, 1986 p.99), o que discutiremos mais adiante.

3.3.2- Vogais em Krenak e sua distribuição

Em nossa análise do Krenak, identificamos 12 segmentos vocálicos orais e nasais, que compõem o seguinte inventário da língua:

		Anterior	Central	Posterior
Alta		i ĩ	ɨ	u ũ
Média	Fechada		ə	
	Aberta	ɛ ě		ɔ õ
Baixa			ã a	

Quadro 10 - Fonemas vocálicos

3.4. - Contrastes vogais

Vogais orais

/i ɨ u/

i, ɨ

[wip] ‘deitar’

[wɨp] ‘beijar’

i, u

[wa ^h ti]	‘milho’
[wa ^h tu]	‘rio’

/ε ə/

[nĩŋɡredn]	‘nós (1. Pess.Incl).’
[ʔɪdəŋɟ]	‘torto’

/a ə/

[^h mək]	‘perna’
[^h mət]	‘cheio’

/a ε ə/**a, ε**

[^h ɲək]	‘terra, roça’
[^h nek]	‘açúcar’

a, ə

[mba ^h kidn]	‘pássaro’
[mbə ^h krẽ ^h ɟ]	‘veado’

ε, ə

[tʃ ^h ɔ ^h mbək]	‘canao’
[kɪ ^h mbəʔ]	‘leve’

Vogais orais e nasais**a ã**

[^h ɲək]	‘terra, roça’
[^h nẽɟ]	‘ele,ela’

ε ã

[^h nek]	‘açúcar’
[^h ñẽm]	‘arco’

i ĩ

[^lprik] ‘formiga’
 [^lpřim] ‘querer’

o õ

[^lpɔʔ] ‘mão’
 [^lpõŋ] ‘isso’

u ũ

[^lnuk] ‘não’
 [^lmũŋ] ‘ir’

Chegamos, portanto, a um quadro de 7 vogais orais e 5 vogais nasais em Krenak:

Oral			Nasal		
Anterior Não-arred.	Central	Posterior arredondada	Anterior Não-arred.	Central	Posterior arredondada
i	i	u	ĩ		ũ
ɛ	ə	ɔ	ẽ	ẽ	õ
	a			ã	

Quadro 11 - Vogais orais e nasais

Vejam agora as ocorrências dos segmentos orais e nasais em Krenak.

3.4.1 - Vogais altas:

3.4.1.1. - A vogal anterior alta /i/ ocorre com qualquer consoante, sendo bastante produtiva na língua. Alterna com [ɪ] opcionalmente, o que tende a ocorrer em sílabas não proeminentes ou em sílabas proeminentes travadas principalmente por contornos oral/nasal.

[i]

Tônica

- (166) [ˈpip] ‘ver’
 (167) [ˈprik] ‘formiga’
 (168) [kiˈjɛpɪkiʔ] ‘boca’
 (169) [tʃiˈjɔt] ‘tesoura’
 (170) [nɔ̃ˈwit] ‘muitos’

Átona

[hɪˈnũn]~ [hĩˈnũn] ‘seu braço’

[i] ~ [ɪ]

Em sílaba átona

(171) [hɪˈnũn]~ [hĩˈnũn] ‘seu braço’

Em sílaba tônica seguida de nasal pré-oralizada

(172) [krɛ̃n.ˈhibm] ~ [krɛ̃n.ˈhibm] ‘o cabelo é preto’

Identificamos também a forma nasal /ĩ/. Em sílabas iniciadas por esta vogal, adiciona-se uma oclusiva glotal, como é o caso da partícula indicadora do modo continuativo – /ĩ/.

- (173) [ĩ] ‘continuativo’
 (174) [tʃĩŋ] ‘carne’
 (175) [nĩŋ] ‘meu’
 (176) [nĩkɔ̃ˈmɔ̃. ɸi. ˈŋak. ˈʒɛ. ɸĩ] ‘agora eu estou fazendo minha roça’

3.4.1.2 - A vogal central alta /i/ pode ocorrer com qualquer consoante e é razoavelmente produtiva. Pode se realizar de forma mais ou menos recuada, alternando com [ə] ou mais avançada, variando com [u], o que parece ser favorecido por contextos nasais, mas não condicionado por ele:

- (179) [k'ɪdn] 'testa'
 (180) [k'rɛ̃n.ku'rɪt ʔi] 'penteando o cabelo'

[ə] ~ [i]

- (181) [ɲgəbm] ~ [ɲgibm] 'aqui'

[i] ~ [u]

- (182) [tɛ'tɪɲ] ~ [tɛ'tuĩɲ] 'coração'
 (183) [mũ'ɲɔɲ] ~ [mũ'ɲɔɲ] 'água'

A forma nasal [ĩ] ocorre mais restritamente e pode ser justificada por nasalização regressiva causada pela consoante nasal tautossilábica:

[ĩ]

- (184) [wĩbm] ~ [wĩm] 'podre'

3.4.1.3 - A vogal posterior alta /u/ ocorre em sílaba proeminente, diante de qualquer consoante (com exceção da aproximante labial [*wu]) e em sílabas fracas, onde varia com [ʊ]. Alterna livremente com a posterior alta não-arredondada [u], especialmente em ambientes altamente sonoros, como entre nasais. Não encontramos ocorrência com a pré-oralizada coronal *ndu, situação na qual encontramos a realização da africada [ndʒu], o que parece evidenciar que ocorre uma neutralização da nasal diante da vogal posterior alta [u] (n e ɲ).

- (185) [ho'pu] 'tua mãe'
 (186) [wa'tu] 'rio'
 (187) [ku'rɔɲ] 'querer'
 (188) [ɲ⁹itʃu'kədn] 'marido'
 (189) [ʔu'ʔu] 'suar, suor'
 (190) [mbu'rũɲ] 'índio'

(191)	[ndʒudn'dʒuʔ]	‘gambá’
(192)	[ˈnu]	‘EMPRÉSTIMO no’
(193)	[m̥uˈkrẽŋ]	‘pesado’
(194)	[ˈʒuk]	‘rabo’
(195)	[naˈruʔ]	‘aldeia’

A forma nasal da vogal posterior alta /ũ/ ocorre na língua de modo mais limitado. Encontramos exemplos onde esta vogal ocorre formando sílaba sozinha (_#) ou seguida de outra consoante na coda. Tem como alofone a posterior alta não arredondada [ũ̃].

(196)	[mbuˈrũŋ]	‘índio’
(197)	[ˈhũk]	‘não’
(198)	[hiˈnũn]	‘braço’
(199)	[ˈʔũ]	‘PASS’
(200)	[ˈmũŋ]	‘ir’

[u] ~ [ũ]

(201)	[mũˈɲak]	~	[mũ̃ˈɲak]	‘lua’
(202)	[ˈpũ]	~	[ˈpũ̃]	‘espingarda’

3.4.2. -Vogais médias:

3.4.2.1 - A vogal anterior média-alta [e] parece pouco produtiva. Em nosso *corpus* quando ocorre, forma sílaba preferencialmente com consoantes do ponto coronal [t, n, r]. A forma nasal [ẽ], quando ocorre, é seguida por uma consoante nasal na coda. Levando-se em conta então a questão tanto quantitativa, pois esta vogal ocorre pouco, quanto a questão qualitativa, uma vez que sua realização pode ser explicável por meio de processos, parece plausível considerar que [e] é alofone da vogal média baixa anterior [ɛ], cuja distribuição veremos mais adiante. Em outros momentos identificamos sua ocorrência como forma alofônica da vogal central média alta /ə/.

(203)	[nĩ'ŋgredn]	‘nós (1ª. p.excl.)’
(204)	[ŋẽm]	‘arco’
(205)	[tə]~ [te]	(partícula)
(206)	[ŋgeo'pu]	‘minha mãe’ ²⁰

3.4.2.2 - A vogal central média-alta [ə] é produtiva na língua. Pode variar livremente com a vogal central alta [i], sendo alofone da mesma. No entanto, caracterizam-se como vogais distintas, o que pode ser comprovado através de ocorrência em ambientes idênticos.

(207)	['kədn]	‘avô’
(208)	['ŋgi,kədn]	‘meu avô’
(209)	['mbək]	‘matar’
(210)	['mət]	‘cheio’
(211)	['ŋgəbm]	‘aqui’

/ə/ em oposição a /i/

(212)	['kiɔdn]	‘testa’
(213)	['kədn]	‘avô’

Identificamos também que este segmento ocorre como anterior média alta [e].

3.4.2.3 -A vogal posterior média-alta [o], assim como a anterior média alta, tem ocorrência muito restrita. Segundo nossos exemplos, ocorre em contexto altamente sonoro, como entre consoantes nasais. É alofone de [ɔ], como resultado do processo de neutralização da vogal posterior média baixa em sílabas átonas ou seguidas de consoantes nasais. Nunca ocorre antes de segmentos nasais pré-oralizados em coda *[todn].

A forma nasal [õ] ocorre amplamente na língua. Vale ressaltar que sua ocorrência está associada – assim como ocorre com a vogal média alta anterior – , a

²⁰ Neste exemplo a vogal média alta /e/ poderia ocorrer por harmonia vocálica.

processos de neutralização da vogal média baixa posterior oral ou nasal, de modo que concluímos que [o] e [õ] são alofones de /ɔ/ e /ɔ̃/, respectivamente.

Neutralização de [ɔ] em sílaba átona

[ɔ] ~ [o]

- (214) [hɔ'ti] ~ [ho'ti] 'você'
 (215) ['tɔdn] ~ ['tõn] ~ ['tõn] 'feio, pequeno'

Neutralização de [ɔ] quando seguida de nasal

[õ]

- (216) ['kõn] 'algo'
 (217) [nẽŋtõ'ndɔdn] 'menino'
 (218) [hĩ'nõt] 'molhado'
 (219) ['tʃõn] 'pau'

3.4.2.4 - A vogal anterior média-baixa /ɛ/ ocorre mais amplamente na língua e é muito produtiva. Pode constituir pico silábico com qualquer consoante da língua. Quando seguida por nasal em coda, obrigatoriamente ocorre com a forma pré-oralizada ²¹.

- (220) [tɛ'fĩŋ] 'coração'
 (221) [kɪdn'keʔ] 'sobancelha'
 (222) [tʃõ'mbek] 'fogo'
 (223) [tõn.mbrɛ. 'ɛt] 'estrela'
 (224) [ŋgrɛ'hɛ] 'vou bem'
 (225) [hɔ'kuɛŋ] 'porco-do-mato'
 (226) [hũ'mɛʔ] 'dormir'
 (227) ['nɛk] 'açúcar'
 (228) ['jɛp] 'estar sentado'
 (229) ['tʃɛp] 'colar'
 (230) ['ʒɛ] 'fazer'
 (231) ['ɛrɛ,hɛʔ] 'como vai?'
 (232) [wɛ] 'Com.'
 (233) [ki'jɛpɪ,kiʔ] 'boca'

²¹ Parece haver restrição para a sequência *NDE.

A vogal anterior média-baixa nasal /ɛ̃/ pode ocorrer isolada na sílaba, seguida de silêncio, casos menos produtivos, ou tendo na coda uma consoante da língua.

- (234) [hɛ̃p] ‘sentar’ (2ª. Pess)
 (235) [ʔɛ̃ʔɛ̃] ‘pica-pau’

3.4.2.5- A vogal posterior média-baixa /ɔ/ ocorre amplamente na língua, adjacente a qualquer consoante. De acordo com os nossos dados, parece ter restrições de ocorrência quanto à presença de nasais sonoras de ponto labial, coronal e velar em ambiente precedente *[mɔ, nɔ, ŋɔ], casos nos quais encontramos as formas com pré-oralização [mbɔ, ndɔ, ŋɔ]. Realiza-se como [o] em ambientes nasalizados ou sílabas fracas ou ainda como a vogal alta [u], como resultado do processo de harmonia vocálica, assimilando a altura do [i].

- (236) [pɔʔ] ‘mão’
 (237) [tɔdn] ‘feio’
 (238) [mbɔk] ‘peixe’
 (239) [nɛ̃ŋtɔ'ndɔdn] ‘menino’
 (240) [ŋɔɔŋ] ‘cachorro’
 (241) [ki'tʃɔk] ‘tua língua’
 (242) [ʔɔp] ‘beber’
 (243) [hɔ'kuɛŋ] ‘porco-do-mato’
 (244) [hu'rɔʔ] ‘flor’
 (245) [ɛ̃mbɔ'wɔk] ‘árvore’

[ɔ] ~ [o] ~ [u]

- (246) [hɔ'ti] ~ [ho'ti] ~ [huti] ‘você’

A forma nasal da vogal posterior média-baixa /ɔ̃/ pode ocorrer formando sílaba sozinha ou seguida da oclusiva glotal. Ocorre como [ɔ̃] devido à neutralização.

[õ]

- (247) [tʃõn] ‘pau’
 (248) [ma 'hõn] ‘abóbora’
 (249) [ˌʔəkrõ'ɲõʔ] ‘porco-espinho’
 (250) [ʔõ 'ʔõ] ‘gavião’

3.4.3. -A vogal central baixa [a]

É bastante produtiva. Ocorre como [a] e pode ser realizado de modo mais arredondado e mais recuado, como a posterior baixa arredondada [ɑ], o que ocorreu sem muita representatividade, em contextos onde se seguia uma oclusiva surda. Em sílabas fracas, varia com a vogal [ə].

- (251) [mba'kidn] ‘pássaro’
 (252) [hatə'radn] ‘arara’

[a] ~ [ɑ]

- (253) [ˈmɑk] ~ [ˈmɑk] ‘perna’
 (254) [põ'ndʒaʔ] ~ [põ'ndʒɑʔ] ‘dedo do pé’

[a] ~ [ə]

- (255) [ma'hõn] ~ [mə'hõn] ‘abóbora’

Observamos ainda, porém com rara frequência, a ocorrência do alofone [æ]:

- (256) [ˌpɔrĩ'ɲæt] ~ [ˌpɔrĩ'ɲæt] ‘unha’

[õ] é sua forma equivalente nasal. Assim como as outras vogais nasais, ocorre frequentemente seguida por uma consoante nasal, mas também forma sílaba sozinha ou seguida de silêncio.

[ʒ]

- (257) [ˈnʒŋ] ‘ele/a’
 (258) [ʔʒˈʔʒ] ‘galinha’
 (259) [híˈrʒ] ‘lá’

4. FONOLOGIA II

4.1 - A sílaba

A estrutura silábica do Krenak já fora descrita por Silva (1986). Segundo a autora, a língua apresenta os seguintes padrões silábicos, exemplificados pela mesma como segue:

- a) CCCVC [mbrʒŋ] ‘caminho’,
- b) CCVC [krɔt] ‘mamão’,
- c) CCV [kra.ˈpɔk] ‘enxada’, [ŋga.ˈtãm] ‘lagartixa’,
- d) CVC [mət] ‘cheio’,
- e) CV [ta.ˈruʔ] ‘céu’,
- f) VC [ʒʔ.ˈʒʔ] ‘gavião’,
- g) V [ɛ.ˈrʒn] ‘comprido’,
- h) C [m.ˈbɔk] ‘peixe’

Se considerarmos as possibilidades de sequências expressas no nível superficial, ou seja, fonético, onde se encontra o padrão referente a letra ‘a’, CCCVC, somos obrigados a concordar com sua proposta, uma vez que esta sequência faz parte de uma realização muito produtiva na língua. Entretanto, fazemos nossa reflexão acerca do padrão silábico no nível fonológico, como veremos mais adiante, de modo que analisamos e argumentamos em favor de ser esta sequência uma combinação apenas realizada no nível fonético e, portanto, resultante de processos e explicáveis por meio deles.

²² Para ver mais exemplos, consultar Silva (1986). Aqui apenas explicitamos o forma geral da regra proposta pela autora.

Neste sentido, inicialmente, gostaríamos de comentar acerca do último padrão proposto pela autora: o padrão C. Segundo Silva (1986, p.50), “se a posição nuclear não for preenchida por um segmento vocálico, ocorrerá nesta posição um segmento consonantal (silábico) ou a sílaba será silenciosa (pausa)”. Sobre este segmento consonantal silábico isolado, a autora se refere obrigatoriamente a um segmento nasal. A este respeito, Silva afirma que o padrão do tipo C “ocorre quando o item lexical isolado é pronunciado isoladamente sendo o segmento consonantal uma nasal sonora seguida por oclusiva sonora homorgânica”, ou seja, sequências consonantais do tipo [mb]. A autora complementa que estas ocorrências alternaram com as formas onde o segmento nasal vozeado se encontra na mesma sílaba do segmento oclusivo vozeado, como [*m.bok* ~ *mbok*]. Inclusive, tal interpretação serve de base para a autora explicar a realização das oclusivas sonoras, associando-as à forma resultante do processo de vozeamento, gerado pelo traço + SON da nasal precedente.

Segundo Wetzels (comunicação pessoal), em princípio esta observação parece interessante, pois sugere que *mbok* tem duas pronúncias, uma bissegmental e outra monossegmental. Entretanto, ressalva que apenas uma análise em laboratório poderia confirmar tal possibilidade²³.

Entretanto, em nossos dados, esta variação, onde as pronúncias dos itens era monossegmental, não pareceu priorizada por nossos informantes, ocorrendo com menos produtividade e, mesmo assim, sendo verificável apenas quando dentro de um domínio maior do que o da palavra lexical, como o da palavra fonológica ou da frase fonológica – o que poderia ter motivações rítmicas. Assim sendo, defendemos que este padrão C, sendo C uma consoante nasal silábica, além de não ser observável com produtividade, não parece pertinente para o Krenak, uma vez que exclui a análise de vogais nasais e orais contrastivas e desconsidera os processos envolvidos na formação dos contornos, bastante comuns nas línguas desta família.

Assim, em nossa análise, propomos um padrão silábico mais reduzido, onde se excluem o primeiro e o último padrões propostos por Silva (a saber, CCCVC e C). A

²³ Apesar de contarmos com dados de campo considerados de boa qualidade em geral, os dados disponíveis não forneciam qualidade acústica suficiente para que pudéssemos fazer esta análise. O ideal seria uma nova coleta realizada em laboratório, onde fossem elicitados vários exemplos que viessem a demonstrar a real variação entre as pronúncias mono e bissegmental de palavras como ‘mbok’ e sua produtividade.

justificativa está principalmente no fato de interpretarmos a ocorrência dos segmentos de contorno como resultado de processo fonológico de oralização ou por implementação fonética, de modo que tais realizações são observáveis apenas no nível fonético (Ver Processos). Assim, apresentamos para o Krenak o seguinte template para a estrutura básica da sílaba, onde a ocorrência de C2 está condicionada à formação de *onset* complexo:

(C1) (C2) V (C3)

Onde:

C1 = p, t, k, ʔ (b, d, g, dʒ), tʃ, m, n, ɲ, m̃, ɲ̃, ɲ̃̃, ɲ̃̃̃, r, h, w, j (*Onset* simples)

= p, k, b, g, m̃, ɲ̃ (*Onset* complexo)

C2²⁴ = r, w, j (*Onset* complexo)

V = vogal oral ou nasal

C3 = p, t, k, ʔ, m, n, ɲ, [w, j]

Podemos resumir, então, que o *onset* simples pode ser preenchido por qualquer consoante presente no inventário de consoantes da língua; na rima, a vogal núcleo da sílaba pode ser oral ou nasal e a coda pode ser preenchida por quase qualquer consoante da língua, excluindo-se as oclusivas sonoras e as nasais surdas, que tem sua ocorrência restrita à posição de *onset*.

O *onset* complexo, por sua vez, é restrito às sequências que apresentam uma consoante oclusiva surda ou sonora + tap, ou uma nasal surda, com restrições de ponto, seguida obrigatoriamente por um tap. Ressaltamos que a língua apresenta ainda restrição quanto à sequência de consoantes de ponto coronal, como iremos formalizar mais adiante. Ainda, algumas combinações não ocorreram, como sequências de nasais com aproximantes labiais ou palatais *[mw, mj].

²⁴ C2 ocorre apenas na formação de *onset* complexo. Neste caso, as consoantes possíveis para a posição de C1 se reduzem, excluindo-se as consoantes nasais, as de ponto coronal e as aproximantes, ou seja, para se ter C1C2, C1 = p, k, b, g, m̃, ɲ̃.

²⁵ Estas ocorrências parecem bem mais escassas do que as outras opções. Mesmo assim, encontramos exemplos como [m̃ɲ̃w 'm̃ɲ̃w] 'doente'

Se a sílaba for travada, sua coda poderá ser preenchida por consoantes pertencentes à classe das oclusivas, das nasais ou mais restritamente, em termos quantitativos, por aproximantes.

Se o núcleo da sílaba for uma vogal oral na subjacência, e a coda uma consoante nasal sonora, a coda se realizará obrigatoriamente como contorno (bm). No *onset*, ocorrem os contornos (mb). Entretanto, se a vogal for nasal, não surgem contornos. De modo semelhante, se a consoante nasal no *onset* for uma nasal surda, também não ocorrem contornos nasais. Existem alguns casos ambíguos que tentaremos explicar e exemplificar mais adiante.

4.1.1 - Segmentos de contorno e a estrutura da sílaba

Os segmentos de contorno são relativamente comuns nas línguas do mundo e, nas línguas da família Jê são bastante recorrentes. Em grande parte das línguas, tais segmentos funcionam em distribuição complementar com a série de nasais sonoras da língua, como em Kaingang; com oclusivas sonoras não-soantes (Southern Barasano, Noske, 1995); ou ambos, como em Maxacalí (Wetzels, 2007). É registrada ainda como ocorrendo em variação livre com as oclusivas sonoras (Capaya, LINDSKOOG, BREND, 1962), ou ainda com consoantes nasais, como em Warí (Everett, Kern, 1998).

Tomando por base os estudos de Wetzels (2008), consideremos então classes de segmentos /P/ e /{M,B}/, onde /P/ se refere à classe de oclusivas surdas em três pontos de articulação (labial, alveolar e velar), incluindo também a africada palatal [p, t, tʃ, k]; a classe /{M,B}/, que engloba a classe de consoantes nasais sonoras [m, n, ɲ, ŋ], os segmentos de contorno pré e pós-oralizados, além do circum-oralizados se for o caso, [mb, bm, bmb, nd, dn, dnd, ŋg, gŋ, gŋg] e os segmentos oclusivos sonoros [b,d,g,dʒ].²⁶ Ainda para o Krenak, propomos uma classe que consideramos necessária: a classe /M̩ /,

²⁶ Wiesemann (1972:39) define a série /M/ como [lenis], em oposição a uma classe /P/, definida como [fortis]. Kindell (1972:201) define a classe /M/ como [vozeada], a classe /P/ como [desvozeada] e Wetzels (2008), para o Kaingang, define a classe /P/ como [- voz] e a classe /M/ como [nasal]. Tentamos seguir aqui as classes sugeridas por Wetzels, 2008, utilizando, pois, as indicações das classes /P/, /M/, /{M,B}/ para nos referirmos aos grupos de segmentos em todos os pontos de articulação.

onde se encontram as nasais surdas [m̥, n̥, p̥, t̥], uma vez que tais segmentos fazem parte do inventário desta língua.

Temos portanto:

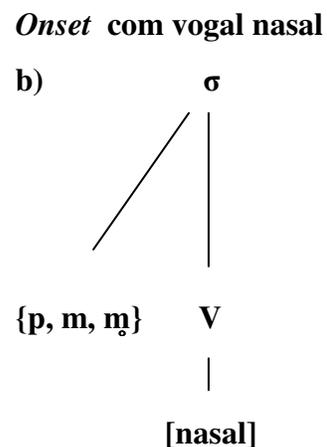
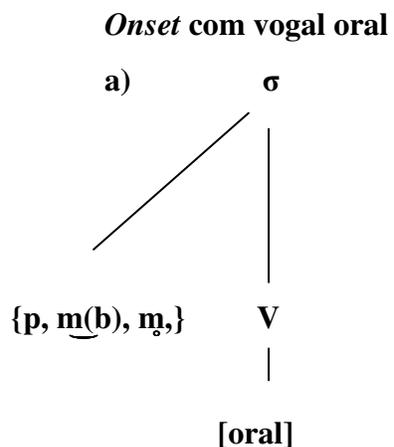
/P/	{p}
/M,B/	{m, mb, bm, bmb, b}
/M̥/	{m̥}

Exclui-se, portanto, a oclusiva glotal /ʔ/ do grupo /P/, uma vez que não há correspondente nasal para este ponto. Quanto à classe /B/, que seria composta por oclusivas sonoras apenas, tais segmentos são registrados, em Krenak, menos frequentemente, no ambiente de início de palavra e sempre em variação livre com o contorno nasal-oral [mb] ~ [b], de modo se faz suficiente incluímos tais segmentos na classe /M,B/.

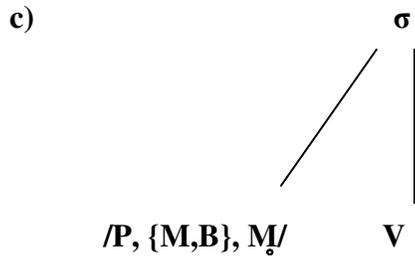
(260) [mburũm] ~ [burũm] ‘índio’

Como vimos anteriormente, em Krenak, nasalidade é contrastiva para as vogais.

Chegamos, então, aos seguintes padrões de sílabas formadas por vogais orais no núcleo e por vogais nasais:



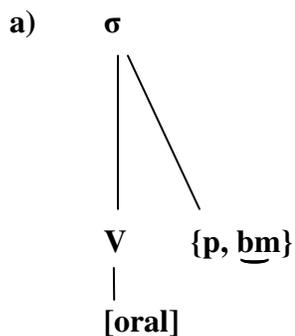
O que nos leva à seguinte generalização sobre o *onset* com vogal oral e nasal:



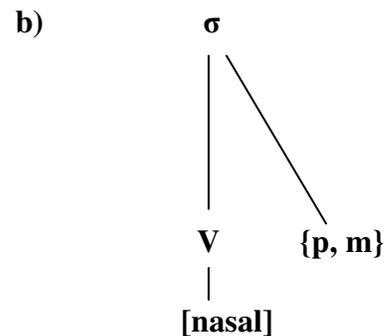
Ou seja, em Krenak o *onset* simples pode ser preenchido por oclusivas surdas e pela africada surda /tʃ/; oclusivas sonoras (realizadas como contornos nasais); nasais sonoras e nasais surdas. Ainda por fricativas surdas /h/ e pelas aproximantes /w, j/ e o tap /ɾ/.

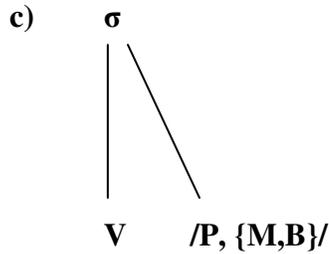
Para a coda silábica, encontramos a distribuição de consoantes também de acordo com a presença de vogais orais ou nasais. Como é de se esperar, as possibilidades nesta posição são mais restritas. Observamos a presença de consoantes nasais sonoras após vogais nasais e, muito menos frequentemente, a ocorrência de oclusivas surdas. Ilustramos em ‘a’ as possibilidades da coda após uma vogal oral e em ‘b’, após uma vogal nasal. Em ‘c’ apresentamos uma generalização sobre a coda. Lembramos ainda sobre a possibilidade da presença de aproximantes na coda, mas isto também tem ocorrência mais limitada.

Coda vogal oral



Coda vogal nasal





Vale ressaltar que em nossos dados, apesar de registrarmos exemplos de sílabas formadas por vogal nasal no núcleo seguida de consoantes oclusivas, encontramos poucos exemplos. Mais comum foi identificar uma consoante nasal em coda ou silêncio:

- (261) [ʔãʔã] ‘galinha’
 (262) [hẽp] ‘sentar (2ª.Pess.)’
 (263) [ʔĩ] ‘continuativo’
 (264) [ʔõʔõ] ‘gavião’
 (265) [hũk] ‘negativo’

A identificação das consoantes nasais sonoras na coda de sílabas que contém na posição de núcleo vocálico uma vogal nasal parece, num primeiro olhar, sugerir que na língua Krenak realmente a oposição entre vogais nasais e orais não seria relevante, mas sim, que tal nasalidade resultaria do espraçamento do traço [+nas] da consoante na coda – interpretação esta semelhante àquela proposta por Silva (1986).

Porém, exemplos que contêm uma vogal nasal no núcleo silábico, seguido de oclusivas surdas ou de silêncio (*ʔãʔã, hẽp, ʔĩ, ʔõʔõ, hũk*), além da presença de segmentos de contorno, resultantes de processos, no *onset* e na coda das sílabas com núcleo oral, como em [*mbakɨdn*], parecem permitir uma interpretação diferente da de Silva, no que se refere à existência de vogais nasais subjacentes em Krenak.

Neste sentido, levando em consideração, ainda, de modo complementar, o comportamento das línguas da família Jê em relação aos contornos nasais e orais, e tomando por base o fato de que as línguas deste grupo costumam contrastar vogais orais e

nasais, parece plausível assumir que a nasalidade é distintiva também para as vogais em Krenak.

Assim, interpretamos que, na coda, elementos nasais plenos da classe /M/ geram os contornos por processo de oralização da coda nasal, que se aplica à consoante nasal subjacente adjacente a uma vogal oral, como mostrado nos exemplos abaixo:

- | | | | |
|-------|-------------|-------------|--------------|
| (266) | →/hataran / | [hataradn] | ‘arara’ |
| (267) | → /ton/ | [tɔdn] | ‘feio, ruim’ |

No *onset*, os segmentos de contorno ocorrem de forma bastante produtiva, especialmente quando se referem aos pontos labial e velar:

- | | | | | |
|-------|---------------|------------|------------|-------------|
| (268) | [mba'kɪdn] | ‘coelho’ | [ŋga'tabm] | ‘lagartixa’ |
| (269) | [mbək] | ‘matar’ | [ŋgim] | ‘aqui’ |
| (270) | [ʒmbibm'bibm] | ‘de manhã’ | [ŋgĩŋ] | ‘meu/minha’ |
| (271) | [mbɔ'krẽj] | ‘veado’ | [ŋgɔgŋ] | ‘cachorro’ |
| (272) | [mbu'rũŋ] | ‘índio’ | [amʒ'ŋgut] | ‘comida’ |

No *onset* complexo, o contorno também é verificado. Quando se forma, apenas o tap /r/ pode preencher a segunda posição. Porém, devido a restrições de formação de sequências do ponto coronal, o *onset* complexo com segmentos de contorno apenas ocorre nos pontos labial e velar.

- | | | |
|-------|-------------|--------------------|
| (273) | [mbrɔgŋ] | ‘caminho’ |
| (274) | [nĩ'ŋgredn] | ‘1ª.P.Pl. Exclus.’ |

Interessantemente, os contornos não surgem quando a consoante nasal se trata de uma nasal surda seguida do tap:

- | | | |
|-------|---------|----------|
| (275) | [m̥ĩʒm] | ‘grande’ |
|-------|---------|----------|

Mas neste caso, o núcleo da sílaba é uma vogal nasal, de modo que o tap assimila o traço [+nas] da consoante nasal em coda, e se espraia pelo item. No caso em que se segue a uma nasal surda, uma vogal oral, em *onset* simples, semelhante ao caso da nasal surda + tap, não surgem contornos:

(276) / m̩ak/ [m̩ak] ‘perna’ *[mbak]

Supomos que, no máximo, seriam possíveis os contornos [m̩pak] ou [m̩b̩ak], por manterem o traço [-voz] da nasal.

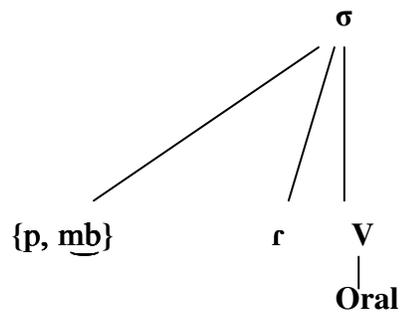
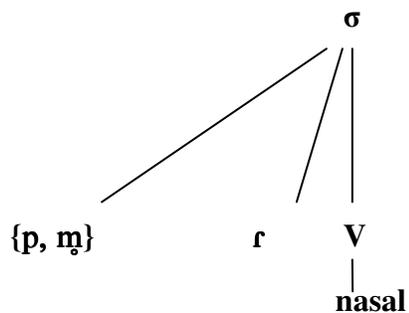
Isto parece evidenciar que o traço [-nas] da consoante nasal surda não sofre nenhum tipo de necessidade de oralizar-se, uma vez que o traço [-nas] da vogal oral é igual, o que explicaria o fato de estas consoantes nasais nunca ocorrerem de forma parcialmente oralizada. Ela se comporta como se fosse uma oclusiva surda seguida de uma vogal oral.

Isto posto, torna-se interessante refletir, também, sobre a necessidade que a língua teria ou não de implementar este segmento com uma fase oral. Uma vez que o sistema apresenta distinção entre nasais sonoras e surdas, parece não haver motivações para a formação de contornos orais nestes casos, os das nasais surdas, onde se evidenciaria a oposição de vozeamento primária das classes /M/ e /M̩/, e não /M/ e /B/. Neste caso, apenas a fase de [-voz] da nasal surda já alimentaria tal distinção. Compreenderemos melhor este argumento quando falarmos sobre implementação fonética.

Ainda seguindo esta linha de raciocínio, hipotetizamos, por fim, que se houvesse na língua um *onset* complexo formado por uma nasal surda + tap + vogal oral, do mesmo modo que não surge contorno oral no exemplo de *onset* simples acima, não surgiria um contorno oral no *onset* complexo (os exemplos são hipotéticos, uma vez que ocorrências deste tipo **não** foram localizadas em nossos dados):

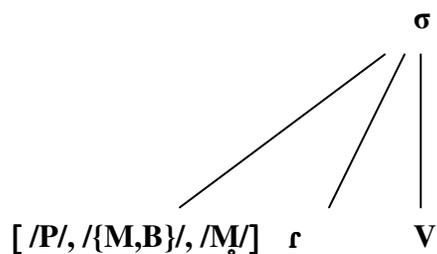
(277) m̩ak → *m̩rak Mas não: *m̩brak

Podemos propor, então, a seguinte representação para um *onset* complexo com vogal oral e nasal:

a) *Onset* complexo com vogal orala) *Onset* complexo com vogal nasal

Isto quer dizer que o *onset* complexo com a vogal oral apenas pode ter como primeiro elemento os segmentos oclusivos surdos e os segmentos de contorno, de pontos não-coronal. Se o núcleo for uma vogal nasal, os segmentos oclusivos surdos podem ocorrer também, porém se exclui a nasal surda de pontos alveolar e velar, restando apenas a nasal labial surda como possibilidade.

Chegamos à seguinte generalização acerca do *onset* complexo:



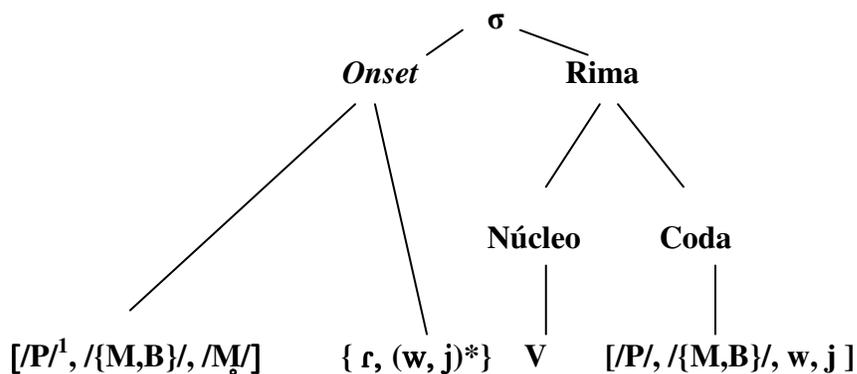
Resumindo, quanto aos segmentos que compõem *onsets* complexos, podemos observar que existem duas restrições principais:

- 1) Proíbem-se sequências de consoantes do mesmo ponto que o tap, ou seja, de ponto coronal, como primeiro elemento do *onset* complexo: $\{tr, ndr\}$. Assim, a consoante que precede o tap só pode ser de ponto labial e velar;
- 2) Se C1 é preenchida por uma nasal surda, esta será do ponto labial e o núcleo da sílaba será uma vogal nasal.

Estas restrições sobre sílabas formadas por sequências de consoantes do ponto coronal não é estranha em outras línguas do mundo. Em Kaingang, Wetzels (2008), seguindo a condição de restrição proposta por Clements & Hume (1995), demonstra como as sequências de consoantes coronais com tap alveolar não formam *onsets* possíveis, uma vez que se assume que as consoantes coronais /n/ e /ɲ/ se distinguem pelos traços [+anterior] e [-anterior], respectivamente, como demonstrado abaixo:

* $\sigma[C_{[+cor]}C_{[+cor]}$

Assim, tendo em mente as restrições da língua, representamos a estrutura da sílaba em Krenak da seguinte maneira:



* (w e j – apenas se ocorre ¹)

Ou seja, em *onset* simples ocorre qualquer consoante da língua, seguida de vogal oral ou nasal. Os contornos, apenas ocorrem com vogais orais. O *onset* pode ser ramificado, apresentando um tap ou uma aproximante como segundo elemento. Neste caso, as possibilidades de primeiro elemento do *onset* caem para oclusivas e nasais surdas, com restrições aos segmentos de ponto coronal e de adjacência às aproximantes.

Porém, o tap raramente inicia palavras na língua, ocorrendo mais em meio de palavra. Na segunda posição de *onset* complexo, com consoantes oclusivas, além do tap, pode-se encontrar ainda uma das aproximantes de ponto labial ou palatal. Contudo, há restrições quanto à formação de sílabas iniciadas por consoantes da classe /{M,B}/ seguidas de aproximantes [*mw; mj, mbw, mbj], ou seja, um *onset* complexo não pode ser formado por consoantes nasais ou contornos + aproximantes palatais ou labiais. Prioriza-se a ocorrência de oclusiva surda, sobretudo do ponto velar:

(278)	[kwa'haʔ]	‘homem branco’
(279)	[kwẽm]	‘morrer’
(280)	[kwiʔ]	‘caneca’

Por fim, a coda pode ser preenchida por oclusivas surdas e contornos, se no núcleo houver vogal oral; se no núcleo houver vogal nasal, na coda pode haver oclusivas surdas ou consoante nasal sonora e ainda, com qualquer vogal, na coda pode haver aproximantes.

4.2 - Processos fonológicos

Vimos que, em Silva (1986), alguns processos fonológicos foram descritos, tendo como base teórica o modelo gerativo transformacional apresentado em SPE (The Sound Pattern of English, 1968).

Neste estudo, propomos uma interpretação dos processos fonológicos da língua Krenak baseada no modelo autosegmental da Geometria dos Traços, proposto por Clements & Humes (1995), incluindo as representações formais de processos. Em um certo momento, unimos nossas explicações aos argumentos inspirados no trabalho de Wetzels (2008) sobre implementação fonética e surgimento de contornos em línguas indígenas da

América do Sul. Em seguida, apresentaremos os processos de acordo com os domínios aos quais estes pertencem, tentando ordená-los na medida do possível.

Silva (1986) identifica 17 processos fonológicos, os quais resumimos em um número menor, ao considerarmos subgrupos resultantes dos processos de assimilação²⁷ ou como manifestações fonéticas não previsíveis por processos.

Naturalmente que alguns dos processos observados por Silva são interpretados por nós diferentemente, levando em conta as reflexões feitas acerca da estrutura fonêmica e silábica da língua. Observemos, portanto, inicialmente os processos de assimilação que ocorrem na língua.

Em nosso estudo consideramos, então, como processos principais da língua a **Oralização dos segmentos da classe /M/ e implementação fonética do traço [+voz]; a Nasalização alofônica; Pré-vocalização, vocalização e ditongação de codas nasais; Fricativização de aproximante palatal; Neutralização de vogais orais e Neutralização de nasais surdas.**

4.2.1 - Oralização dos segmentos da classe /M/ e implementação fonética do traço [+voz]

Os segmentos de contorno envolvendo uma fase nasal e uma oral não são incomuns nas línguas do mundo. De acordo com Wetzels (2008) eles são encontrados em línguas indígenas da América do Sul, como também em línguas africanas, australianas e da Austronésia, entre outras. Estes sons consonantais bifásicos podem ter diferentes origens fonéticas ou fonológicas.

Frequentemente os contornos derivam do espriamento do traço [nasal] proveniente da vogal precedente, porém este não é o único processo que pode explicar a formação dos contornos. Pode ocorrer, em algumas línguas, de os contornos nasais contrastarem com nasais e oclusivas sonoras.

Outras motivações podem gerar a formação dos contornos nas línguas. Em seu estudo, o fonólogo focaliza sob as línguas que não contrastam segmentos consonantais nasais com oclusivas sonoras (não-soantes), mas sim, opõem uma série de oclusivas surdas,

²⁷ Assim, na assimilação poderíamos incluir os processos que a autora chamou de: *Vozeamento de oclusivas e africadas; Assimilação de lugar de articulação, Fricativização e silabificação de glide palatal, Nasalização de segmento vocálico.*

as quais pertencem à chamada classe /P/, à série de fonemas representada pelo grupo ou subgrupo de alofones que inclui [mb, bm, bmb, m, b], a classe /{M,B}/.

Na literatura costuma-se apresentar duas explicações para a ocorrência das oclusivas de contorno baseadas na perspectiva funcional da implementação do contraste fonológico. A primeira busca explicar a fase nasal do contorno como implementação do contraste subjacente entre oclusivas não-soantes sonoras e surdas. A outra considera a fase oral do contorno como uma manifestação das consoantes subjacentemente nasais, explicando seu surgimento como estratégia de implementar o contraste entre vogais oral/nasal.

Wetzels apresenta, portanto, os sons bifásicos em algumas línguas indígenas da América do Sul e mostra que eles podem ter diferentes formas lexicais de acordo com a língua. Assim, à medida em que os fonemas subjacentes puderem ser estabelecidos com certo grau de precisão, o que nem sempre é o caso, torna-se possível decidir entre as estratégias de implementação que estão sendo base para a formação dos segmentos de contorno.

Sob a perspectiva dos traços primários e secundários, Keyser e Stevens (2006) afirmam que os traços funcionam como primários (lexicais) ou secundários para um dado segmento ou uma classe de segmentos. Traços de implementação (ou *melhoramento*) são adicionados a grupos de traços distintivos que estejam correndo ‘risco’ de se perderem devido ao ambiente em que se encontram, nas palavras dos autores: “in danger of losing their perceptual saliency as a consequence of the environment they appear” (KEISER, STEVENS, 2006, p.38).

O traço de implementação é formado pela combinação com o gesto correspondente primário, traço contrastivo para fortalecer o correlato acústico do traço contrastivo ou para introduzir novas propriedades acústicas que servem como pistas para o traço contrastivo. Alguns traços, como [+soantes] [coronal], [+anterior] são ‘primários’ e não parecem ser utilizados para implementação. Por outro lado, ainda não está claro quais traços podem ser usados em ambos papéis, como parece ser o caso do traço [nasal].

Iverson e Salmos (1996), por sua vez, concebem a pré-nasalização como um fenômeno fonético superficial, uma implementação fonética de um traço subjacente [voz],

que funciona a fim de manter a distinção entre oclusivas sonoras e surdas, que pode ser considerada como difícil de produzir ou ainda de ser percebida:

As phoneticians have long observed, in order to realize the vibration of the vocal cords in the production of voiced stops, a difference in air pressure (from high to low) is required between the infra-and supra-glottal areas (Berg, 1958), Lisker and Abramson (1971), Ohala (1983), Wetbury and Keating (1986). In consonants produced with a complete closure, air pressure quickly builds up in the supraglottal area behind the closure. As soon as the infra – supraglottal air pressure equals out, the air flow through the glottis is arrested and the vocal folds stop vibrating. As it turns out, without any enhancing gestures being made, vocal fold vibration cannot be maintained during the complete closure duration of stops, which is roughly 80 ms on average. (WETZELS, 2008, p.257)

Há, portanto, diversas maneiras através das quais a pressão na região supraglotal pode ser sobreposta, sendo uma forma importante o modo como a cavidade entre a glote e o ponto de constrição aumenta, através da expansão das paredes da cavidade. Tal gesto tem o efeito de retardar a equalização do ar subglotal e supraglotal. A necessidade para a emergência de gestos para implementar o traço primário [voz] é maior para oclusivas dorsais, para qual a área entre a glote e o ponto de constrição é menor, motivo este pelo qual pode ser considerada como menos necessária para a realização das oclusivas alveolares e coronais e menos ainda para as oclusivas labiais.

Outra maneira de evitar a vibração das pregas vocais durante a produção de uma oclusiva é por meio do abaixamento do véu durante o período de fechamento, que impede que a diferença entre a pressão infra e supraglotal seja ‘igualizado’ permitindo um vozeamento contínuo, que gera a produção de uma fase nasal.

Para Steriade (1993), a classe /M, B/ é definida como soante e nasal no nível lexical e a pré e pós-oralização da consoante nasal é compreendida como implementação/*melhoramento* do contraste de vogais orais/nasais. Assim, os segmentos de contorno são alofones da classe subjacente /M/, resultantes do levantamento antecipado do véu ([mba]) ou do retardamento do abaixamento ([abm]) durante a fase de fechamento da consoante nasal.

Seja como for, Wetzels (2008) conclui que as duas explicações baseadas na teoria da implementação fonética dos segmentos lexicais podem explicar o surgimento das consoantes bifásicas. O melhoramento do traço [VOZ] lexical propunha uma oposição fonológica entre os segmentos das classes /P, B/, enquanto o melhoramento do traço [oral]

nas vogais sai de uma oposição lexical entre /P, M/. Segundo Wetzels, os argumentos que decidem entre as duas oposições devem ser tomados da própria língua.

4.2.2 - Onde e como se formam as pré e pós-oralizadas em Krenak?

Para o Krenak, o processo de oralização é responsável pela formação dos segmentos nasais pré-oralizados [bm, dn, gn] na coda. Identificam-se, ainda, os segmentos nasais pós-oralizados [mb, nd, ndʒ, ŋg] no *onset*. Percebemos, então, que as formas nasais pré e pós oralizadas ocorrem em condições e ambientes bem específicos:

- a) em *onset*, apenas pós-oralizadas podem ocorrer [mb];
- b) em coda, apenas pré-oralizadas podem ocorrer [bm];
- c) ambas pré e pós-oralizadas apenas podem ocorrer numa mesma sílaba se estiverem adjacentes a uma vogal oral tautossilábica, nunca com vogal nasal, que constitua núcleo desta sílaba.
- d) se a língua superficializa, em ambiente inicial de palavra, uma não-soante sonora [b] como variação do contorno /{M,B}/, torna-se possível propor uma representação lexical onde está em jogo a oposição entre as classes /P, B/, e não entre /P, M/.

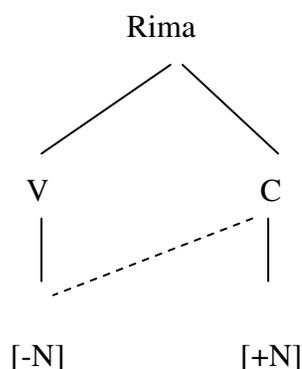
Tais condições nos levam a uma consideração essencial acerca da ocorrência dos segmentos de contorno: trata-se de um fenômeno que ocorre no domínio da sílaba. A oralização, por sua vez, está associada à rima. Vejamos alguns exemplos:

- (281) **ŋga.tabm** ‘lagartixa’
- (282) **hataradn** ‘arara’
- (283) **ŋgɔŋŋ** ‘cachorro’

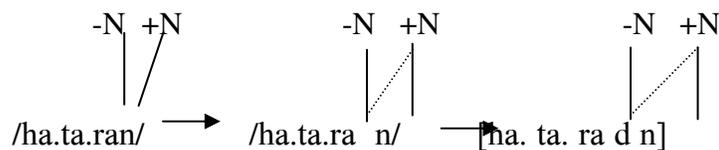
4.2.2.1 - Oralização de codas nasais: uma visão autosssegmental

Em termos autosssegmentais, este processo é visto como resultante do espraçamento do traço de oralidade ou [-Nasal]. A pré-oralizada resulta, então, do espraçamento do traço [-nasal] do núcleo para a coda. Este traço espraia para a direita, dando origem ao segmento nasal parcialmente [-nasal] e parcialmente [+nasal] na coda, como vemos na representação a seguir:

Regra de espraçamento oral



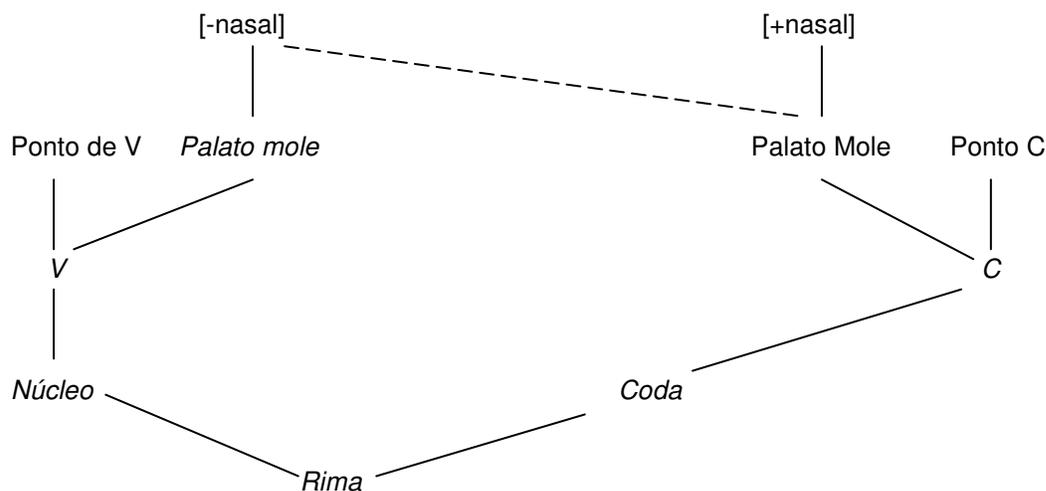
Assume-se inicialmente que as vogais orais apresentam o traço [-nasal] e as consoantes nasais o traço [+nasal]. De acordo com esta regra, então, quando uma nasal ocorre na posição de coda precedida por uma vogal oral, a oralidade (ou traço [-nasal]) da vogal se espraia para a nasal a sua direita. Assim, ocorre algo como no exemplo /hataran/ 'arara':



Erbehard (2009) propõe, para o Mamaindê, de acordo com o modelo apresentado na Revised Articulator Theory (HALLE, 2000, *apud*, Ehbehard, 2009), uma

representação do que exatamente ocorreria no processo de oralização da coda, o qual aplicamos ao Krenak. Tal análise propõe que um nó no palato mole se ligue diretamente a um nó de raiz, semelhante ao nó do palato mole (ERBEHARD, 2009, p.257)²⁸.

Regra de espraçamento de oralidade



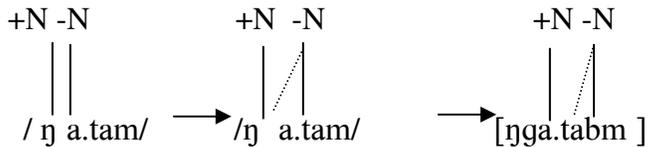
Após o espraçamento do traço [- nasal], a coda nasal mantém sua associação a [+ nasal]. Isto resulta na pré-oralização do segmento nasal, o qual é duplamente associado aos traços [-nasal] e a [+nasal]. O efeito geral deste processo de espraçamento é que, na superfície, o núcleo e a coda tendem sempre a concordar na articulação de uma nasal ou oral.

Mas como podemos interpretar a ocorrência de contornos na posição de *onset* silábico? Vamos traçar alguns dos caminhos que nos ajudaram na elaboração da nossa proposta final.

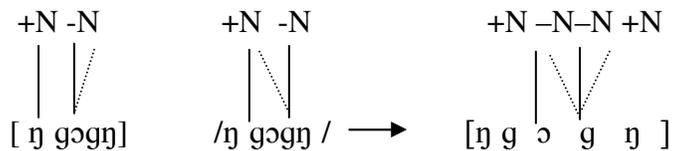
Inicialmente, o fenômeno de formação de contornos no *onset*, sobretudo em contexto de início de palavra, foi analisado por nós em analogia ao que ocorre na coda, mas como processos não necessariamente interligados. Desta forma, propomos o processo descrito acima, mas com uma condição necessária: que o espraçamento do traço [- nasal]

²⁸ Erbehard (2000, 2009), apesar de tratar de uma língua muito distinta do Krenak, faz uma grande reflexão sobre o processo de oralização em Mamaindê, a partir da qual consideramos pertinente basear nossa interpretação acerca deste fenômeno.

ocorresse para a esquerda e, ainda no domínio da sílaba, oralizasse o *onset* constituído por uma consoante nasal, da seguinte forma:



Entretanto, alguns fatos parecem sugerir argumentos contra tal explanação. Entre estes, encontra-se o problema do sentido tomado para disparar o processo de oralização do *onset*. Neste caso, o núcleo precisaria ter duas bordas [-nas] e espraiair para o *onset* e para a coda sem um ordenamento claro de regras. Quando o item lexical não contém uma coda nasal, o fenômeno parece menos problemático de ser visualizado, como no exemplo acima. Porém, quando se trata de um *onset* e coda superficializados como contorno, a regra parece mais ambígua e menos previsível. Vejamos o exemplo da palavra ‘cachorro’:



Segundo esta análise, a vogal precisaria espraiair o traço [-nas] para os dois lados. Um segundo argumento importante para delinear nossas análises foi o fato de encontrarmos exemplos na língua de palavras iniciadas por segmentos consonantais nasais, tendo como núcleo vogais orais, sem que isto desencadeasse a formação de contornos. Neste caso, o processo de oralização do *onset* não teria a previsibilidade de um processo fonológico causando dificuldades para a explanação acerca da gramática da língua. Discutiremos mais detalhadamente os argumentos para escolhermos um outro caminho para interpretar os contornos no *onset*, mas desde já, adiantamos que para o *onset*, parece mais

plausível explicar o contorno por meio de Implementação Fonética, conforme sugerido por Wetzels (2008).

4.2.2.2 -Teoria da implementação fonética e oralização de codas nasais

Numa tentativa de explicar a ocorrência de consoantes bifásicas nas línguas indígenas, Wetzels (2008) se baseia na ideia de Implementação fonética (*Enhancement*). Wetzels constrói seu estudo com base em Keyser e Stevens (2006), que introduzem a ideia de implementação ou melhoramento fonético, que consistiria na produção de mecanismos articulatorios que ocorrem simplesmente com o objetivo de tornar mais evidente o contraste fonológico existente no sistema de uma língua. A fim de fazer uma tentativa de formular previsões sobre o que motiva o surgimento dos contornos, Wetzels propõe dois tipos de línguas:

- 1) *Voiced Stop Enhancement (VSE)*: ou seja, Implementação do traço [Voz] em oclusivas. Neste caso, incluem-se línguas que formam segmentos de contorno nasal/oral com o objetivo de melhorar o contraste surdo/sonoro;
- 2) *Oral Vowel Enhancement (OVE)*: isto é, Implementação do contraste oral/ nasal. Línguas que usam os segmentos de contorno para tornar a oralidade de vogais mais proeminentes quando precedendo nasais em coda.

Ambas as explicações se baseiam no conceito de melhoramento de um contraste fonológico que é, por sua vez, difícil de produzir (e, quando não claramente produzido, difícil de ser percebido). Importante é ressaltar que tanto VSE quanto OVE se apresentam como hipóteses intuitivamente plausíveis para explicar a existência de contornos em Kaingang, por exemplo. Segundo Wetzels (2008, p.259), algumas condições podem ser observadas, a fim de se argumentar em favor de uma ou outra hipótese e fazer previsões acerca dos contornos em determinada língua, como vemos a seguir:

- a) As línguas que possuem consoantes de contorno nasal/oral costumam não apresentar um contraste triplo entre /P/, /B/ e /M/, sendo /B/ a classe representante das obstruintes sonoras não soantes e /M/, das consoantes nasais. Consequentemente, o surgimento de contornos em um sistema que não tem a oposição /M/ - /B/ poderia indicar a função de melhoramento do traço nasal para um

traço primário [+VOZ]. Por outro lado, quando consoantes bifásicas aparecem num sistema que opõe as classes /P/, /B/ e /M/, um motivo diferente para a sua presença pode ser considerado: uma possível explicação é que o sistema ‘melhora’ o contraste oral/nasal das vogais por meio de oralização parcial de consoantes da classe /M/.

- b) Se, numa determinada língua, a realização de uma consoante bifásica varia de acordo com o ponto de articulação, onde a pré-nasalização é mais comum para o ponto dorsal e menos comum para o ponto labial, esta variação pode indicar um melhoramento na função do traço nasal de oclusivas sonoras.
- c) Quando consoantes bifásicas surgem em línguas sem contraste de vogais orais/nasais ou línguas que opõem vogais orais/nasais em contextos onde tal contraste não está correndo risco de desaparecer, o surgimento do contorno não pode ser motivado pela vontade de melhorar o contraste entre vogais orais e nasais, e, portanto, provavelmente indica uma função de melhorar o traço nasal de oclusivas sonoras.
- d) Uma vez que parece menos fácil para as línguas manter o contraste entre vogais orais/nasais antes de uma consoante nasal (tautossilábica) do que após uma consoante nasal, espera-se que em línguas com contraste vocálico oral/nasal, o contorno seja mais comumente encontrado na coda da sílaba, depois de vogais orais do que no *onset*, antes de sílabas orais: [abm] > [mba]. Nessas línguas, a distribuição específica das consoantes de contorno poderia ser interpretada como sendo motivada pelo melhoramento do contraste de vogais orais/nasais. De modo inverso, em línguas que mostram a hierarquia oposta [mba] > [abm], ou nas quais o alofone da sílaba final [bma] está completamente ausente, isto poderia ser interpretado como um argumento em favor do melhoramento do traço nasal para oclusivas lexicalmente sonoras.
- e) Em línguas que não tem o contraste /B/ - /M/, ou em línguas onde ([mb] ~ [b]), a fase nasal deve ser interpretada como o melhoramento de um traço [+ VOZ] subjacente. De modo oposto, se os segmentos de contorno variam livremente com consoantes oclusivas nasais ([mb] ~ [m]), as consoantes nasais são lexicais e a fase

oral do segmento de contorno deve ser explicada como o melhoramento do contraste subjacente entre vogais orais/nasais.

Com base nestes argumentos, Wetzels (2008, p.11) delinea sete parâmetros para prever se os segmentos de contorno oral/nasal são produto de VSE ou de OVE, ou seja, se são motivados a fim de implementar o contraste entre as classes /P/ e /B/ ou se pretendem enfatizar a oposição entre vogal oral/nasal no sistema. Tais parâmetros podem ser resumidos por meio das seguintes premissas (abaixo, incluímos já as nossas respostas para o que observamos em Krenak):

- 1) A língua tem vogais contrastivas com relação ao traço [Nasal]? Se não, então a abordagem OVE é excluída; se sim, OVE ou VSE são possíveis.

Krenak: SIM, então OVE ou VSE são possíveis;

- 2) A língua contrasta consoantes vozeadas, surdas e nasais? Se sim, a língua tem uma oposição primária entre /P, B, M/ e exclui-se VSE; se não, VSE é possível.

Krenak: NÃO, apenas surdas e nasais, com contornos vozeados. Assim, VSE é possível.

- 3) A língua apresenta uma hierarquia de lugar de articulação no que se refere aos segmentos de contorno oral/nasal, onde dorsal > coronal > labial? Se sim, então esse parâmetro será interpretado como um argumento em favor da VSE e contra OVE;

Krenak: NÃO, então OVE é possível.

- 4) As oclusivas nasais de contorno são mais frequentes na coda do que no *onset*? Se sim, prevê-se OVE;

Krenak: NÃO, então não se prevê OVE.

- 5) [mb] alterna com o alofone [b]? A relevância deste parâmetro se baseia na possibilidade de que a total ausência do alofone [b] como representante da classe /{M, B}/, exclui a opção /b/ como fonema subjacente. O bifásico [mb] pode estar em variação livre com [b], em distribuição complementar ou ambos. Se sim, o argumento é em favor de um /B/ subjacente e permite uma explicação de [mb] em termos de VSE. Se não, argumenta-se em favor de /M/ subjacente e [mb] será explicado por OVE.

Krenak: SIM, em *onset*, então, prevê-se VSE.

- 6) [mb] alterna com o alofone [m]? se sim, então OVE é prevista;

Krenak: SIM, em coda, então, prevê-se OVE

- 7) As consoantes nasais são restritas a sílabas com vogais nasais? Se sim, então OVE está excluída.

Krenak: NÃO. Vejam-se exemplos de hẽp, ʔõʔõ. Assim, não se exclui OVE.

Algumas observações devem ser feitas acerca de alguns itens. No que se refere à frequência, item 4, não foi feita uma análise estatística, mas poderíamos afirmar que os contornos parecem ser tão frequentes no *onset*, quanto na coda nos dados disponíveis. No entanto seria interessante se fazer um estudo estatístico a fim de verificar esta informação.

Sobre o item 5, vale ressaltar, entretanto, que na coda o contorno oral pode se perder e alternar com uma consoante nasal ([bm] ~[m]), o que ocorre com certa produtividade. Quanto à alofonia com a oclusiva sonora ([mb] ~[b]), embora em nossos dados isto não ter sido registrado com frequência, observa-se tal alternância como possível, em início de palavra. Também se encontram em alguns dos registros dos séculos XIX e início do XX e também nos dados classificados como empréstimos linguísticos do Português, o que parece bastante produtivo.

Assim, as respostas parecem sugerir um caminho que, a princípio, mostra-se ambíguo. Analisando-as, percebemos que, para o Krenak, reconhece-se a implementação por OVE e VSE. As respostas de 1, 3, 6 e 7 sugerem a oralização por *Oral Vowel Enhancement* (OVE), ou seja, os contornos surgem para melhorar o contraste entre vogais orais/nasais, na coda. Por outro lado, algumas respostas (como às questões 1,2, 5) sugerem que na língua operam também contornos gerados pela implementação do traço [VOZ], ou seja, onde se quer melhorar o contraste entre segmentos surdos e sonoros /P/ e /B/.

Tais interpretações se tornam mais claras na medida em que fazemos nossa reflexão com base na estrutura da sílaba: *onset* e rima. Na rima, percebemos que os contornos são gerados por implementação do tipo OVE. Ou seja, isto ocorre para preservar/melhorar o contraste entre vogais orais e nasais na língua, que se encontram numa situação de risco de desaparecer. Prova disto é a alternância registrada entre os segmentos [bm] ~ [m] após vogais orais, chegando até a ocorrer um processo de nasalização regressiva em alguns casos [ngatabm ~ngatam ~ngatãm].

Já no *onset*, a motivação parece ser diferente. Percebemos que, apesar de não ser amplamente produtiva, a variação livre entre o bifásico e a oclusiva sonora [mb] ~[b] é

registrada. Essa alternância ocorreu raramente na fala da informante Sebastiana, mas mostrou-se mais produtiva na fala dos outros informantes. Isto, porém, pareceu evidente sobretudo pelo contexto de *onset* de sílaba em início de palavra, onde verificamos a possibilidade de alternância entre [mb] ~ [b], vejamos alguns exemplos:

(284) [mba'kidn] ~ [ba'kidn] /bakin/

(285) ['mbək] ~ ['bək] /bək/

(286) ['mburũŋ] ~ ['burũŋ] /burũŋ/

Se considerarmos que [mb] é alofone de /b/, em meio de palavra haveria duas possibilidades de interpretarmos exemplos como este:

1. [kãm̃bək] ← / kãm̃.bək/
2. [kãm̃bək] ← / kãm̃.m̃bək/

Na primeira a vogal é nasal e o segmento nasal é um segmento de transição entre a vogal e a oclusiva sonora. Na segunda opção, existe uma consoante nasal na coda da primeira sílaba, que possui um núcleo nasal, e poderia ser considerado como ambissilábico.

Neste caso, poderia ser que a língua tivesse uma regra que diz que uma rima é sempre nasal quando tiver um segmento (núcleo ou coda) nasal. Neste caso, somente as consoantes surdas não poderiam ser nasalizadas. Isto explicaria a ausência de palavras com vogal oral na primeira sílaba, tipo [kəm.bək] da seguinte maneira:

kəmbək → kəbm.^{m̃}bək
 kãm̃.bək → kãm̃.m̃bək
 kãm̃.m̃bək → kãm̃.m̃bək

Onde, dependendo do lugar do acento, a consoante intervocálica é ambissilábica. Uma vez o [m] estando na coda, vai nasalizar o núcleo. Observemos que mesmo assim a língua tem claramente oposição entre vogais orais e nasais.

Ainda de acordo com a proposta de Wetzels (2008), em línguas que alternam [mb] ~[b], a fase nasal deve ser interpretada como melhoramento do traço [+Voz] subjacente, de forma que, se a língua não apresenta um contraste primário entre as classes /P/ , /B/ e /M/, a implementação permitirá que este contraste ocorra. No caso do Krenak, percebemos a baixa ocorrência da variação entre [mb] ~[b]. A este respeito, entretanto, Wetzels afirma que, mesmo em línguas que não superficializam a oclusiva sonora [b] é possível considerar a existência de um /B/ subjacente a partir da ocorrência de consoantes bifásicas em início de palavra. É o caso do Wari, uma língua da família Chapakuran, falada por 1800 pessoas no Oeste de Rondônia, que foi descrita por Everett e Kern (1998):

Facts of Wari makes us wonder about the extent to which the non-existence of [b,d] at the surface can be considered decisive with regard to the plausibility of a VSE-based explanation, since it is beyond doubt that OVE is not applicable in this language(...) (...) If one accepts that the systematic absence of plain non-sonorant stops at the surface need not be an impediment for positing an underlying /B/ series, the existence of the biphasic stops word-initially as well as all plain nasal consonants can be explained as VSE. (WETZELS, 2008,p.264)

Resumindo, esta abordagem trata os segmentos de contorno oral/nasal como meio fonético de melhorar o contraste entre as vogais orais e nasais, quando seguidas de coda nasal. O raciocínio é que parece mais difícil manter uma articulação oral de uma vogal precedendo uma coda nasal do que uma sem tal coda. Portanto, em línguas que contrastam vogais orais e nasais nesses contextos, a oralização da coda nasal seria simplesmente o resultado desta soltura retardada.²⁹ Como vimos, em Krenak há oposição entre vogais orais

²⁹ Para o Mamaindê, Erbehard (2009, p. 264) afirma, baseando-se em Wetzels (2008), que: In each of the seven parameters above, the Mamainde settings predict an OVE approach. This approach treats the oral phase of the oral/nasal segments as a phonetic means of enhancing the contrast between oral and nasal vowels when these are followed by a nasal coda. The reasoning behind this is simple: it is much more difficult to maintain an oral articulation of a vowel preceding a nasal coda than one which has no such coda. Therefore, in languages which contrast oral and nasal vowels, the delayed opening of the velum would facilitate the production of oral vowels in these contexts, and the oralization of the coda nasal would simply be the result of such a delay. And as we have already seen (section 2.1.2.2), Mamainde has contrastive nasality on vowels. Thus the oral portion of the nasal coda would not need to be accounted for by phonological rule, but would instead be explained by principles of phonetic implementation. In comparing the two approaches then, the assimilation approach outlined earlier versus the Oral Vowel Enhancement approach discussed here, the later view is a significant improvement in that it adds physiological motivation to the process, requires less theoretical power, and avoids the use of binary nasal features.

e nasais. Assim, podemos considerar que a porção oral da nasal no *onset* é um fenômeno que pode ser explicado por meio de princípios de implementação fonética.

4.2.3 - Situações ambíguas, onde ocorrem e por quê: algumas hipóteses

A língua Krenak apresenta alguns exemplos onde não está claro se o segmento subjacente deve ser melhor considerado como pertencendo à classe /M/, /{M,B}] ou /M/. Os exemplos foram verificados em várias repetições, checados através de uma análise acústica ampla – onde se mediram F0, onda sonora e espectrograma –, das nasais surdas e das nasais sonoras. Foram ainda comparados, na medida do possível, os mesmos itens presentes nos registros de alguns vocabulários do século XIX e início do século XX.

Foram observados, portanto, os seguintes exemplos:

m	Glosa	n	Glosa	ɲ	Glosa
mahõn	Abóbora	nak	Terra, roça	ɲarẽɲ	Distante
mət	Cheio	nakuzidn	Cozinha	ɲak	Ferida
menek	Apertar	nakõm	Cama	ɲep	Estar sentado
hũmɛ?	Dormir	nek	Açúcar	ɲikõmõ	Agora
		ne?	FUT.	əkrõɲo?	Porco-espinho
		nuk	NEG.		
		numat	Na floresta, no mato		

Quadro 12 - Itens ambíguos quando aos segmentos nasais e oclusivos

Se observarmos os exemplos no quadro acima, perceberemos algumas regularidades. A primeira delas está no fato de que todas as nasais sonoras seguidas de vogal oral encontram-se na primeira sílaba das palavras, ou seja, nos ambientes onde a nasal é *onset* da primeira sílaba, seguida de vogal oral, /m/ se realiza como [m], e não como [mb] como se poderia esperar no caso de considerarmos um processo de oralização do segmento nasal. Ou seja, nestes casos:

[m] #__V *[mb] #__V

A análise de características acústicas destes exemplos revelou que tais nasais apresentam aspectos de fato semelhantes à produção de nasais sonoras, e não surdas, onde, em vez de se observar uma menor duração da parte nasal, em comparação com a nasal sonora, obtivemos resultados similares.

Por outro lado, observamos em alguns exemplos, uma flutuação entre a nasal surda e a nasal sonora, em exemplos como [m̥ɨŋ̃ɨŋ] ‘água’, [m̥ak] ‘perna’, entre outros:

(287) [m̥ɨŋ̃ɨŋ] ~ [m̥ɨŋ̃ɨŋ] ‘água’

(288) [m̥ak] ~ [mak] ‘perna’

A observação de alguns destes exemplos em documentos históricos revelam pelo menos dois caminhos possíveis. Vejamos o quadro a seguir:

Glosa	Pessoa, 2009	Rudolph, 1909	Monteiro, ?	Emmerich & Monserrat, 1975	Manizer, 1915
Abóbora	mahõn		ma-hone		
Cheio	mət	mot	cone mât		/χ/mət/
Apertar	menək		numerék		
Dormir	hũmeʔ	kome,knumme,ak num me			
Terra	nak		nák		nak
Cozinha	nakuzidn				
Cama	nakõm		nacamm		
Açúcar	nek	nik	nék		ne:(k)
Futuro	neʔ				
Não	nuk	nuk, nup	nuk		nuk, nukí:
No mato	numat		numat		nummát, numát
Distante	ɲarčɛɲ				ɲaré
Ferida	ɲak	niak			
Areia	ɲũmĩɲ		nhitiá (?)		
Lua	mɯɲak	monjak	nho m'nhang munhák	muntñák, muñák, kmuñák	
Sentado	ɲep		ĩnhĩép		(χ)ɲie:p
Agora	ɲikəmõ				
Porco- espinho	əkrõɲoʔ				

Quadro 13 - Comparação dos itens em registros históricos

Assim, a observação dos exemplos acima permite-nos dividir os itens em pelo menos dois subgrupos principais³⁰:

- a) *Nasal sonora + vogal oral* – neste grupo encontram-se palavras invariavelmente iniciadas com a nasal sonora, sem nenhuma variação observável nos registros dos diversos autores. Citamos como exemplos: abóbora, cheio, abraçar, dormir, na cama, distante, ferida, no mato, não, futuro, açúcar, terra;
- b) *Oclusiva ou Fricativa + nasal sonora* – neste grupo incluímos as palavras que apresentavam algum tipo de som precedente à nasal, o que sugeriria a realização de um som diferente daquele puramente nasal. Tais exemplos são encontrados em todos os vocabulários, porém, para tais itens, encontramos no vocabulário de Manizer, através dos exemplos ‘sentado’ e ‘cheio’, variações com as formas iniciando apenas com nasais surdas.

Casos deste tipo podem se referir também a inserção de conteúdo morfológico, como a não identificação de morfemas e clíticos. Supomos ser o caso do verbo ‘ir’, [mũŋ] ou [kmũŋ] (onde se identificaria o morfema de segunda pessoa *ki-*).

Estes e outros exemplos, encontrados nos vocabulários das línguas Botocudo, parecem evidenciar para nós, que o que ocorre nestes casos de palavras que se iniciam com nasal sonora seria, na verdade, resultado da neutralização de oposição do traço [-Voz] inicial do segmento nasal surdo. Isto ocorre principalmente em ambiente de sílaba inicial, precedida, portanto, de silêncio. Acusticamente, verificamos uma maior dificuldade em identificar a fase inicial da realização do segmento nasal surdo neste contexto (PESSOA, 2009).

Por outro lado, identificamos vários exemplos no domínio da frase fonológica, onde alguns destes permaneciam com a nasal sonora inicial inalterada, sem, inclusive, variar com a nasal surda. É preciso lembrar aqui que, em ambientes como entre vogais ou consoantes nasais, a fase inicial da nasal surda tende a se sobressair devido ao contraste de sonoridade dos sons vizinhos. Um bom exemplo é a palavra ‘perna’ e ‘roça, terra’, que em

³⁰ Segundo Wetzels (comunicação pessoal), não devemos excluir a possibilidade de um estudioso copiar a transcrição do outro. É importante ainda considerar também a dificuldade em se tratar de uma língua quase morta, pois a variação que se observa numa comunidade ‘viva’ pode se cristalizar por meio de uma das variantes na cabeça de um indivíduo que não está mais exposto à variação existente.

ambiente inicial tem sua fase [-voz] comprometida, podendo alternar com a nasal sonora, enquanto que é perfeitamente recuperável no nível da palavra fonológica.

- (289) [m̩ak]~ [mak] ‘perna’
 (290) [n̩ĩŋ m̩ak] ‘minha perna’
 (291) [n̩ĩŋ m̩ak ŋgru ʔi] ‘minha perna está doendo’
 (292) [ŋak]~ [nak] ‘roça,terra’
 (293) [n̩ĩŋ ŋak] ‘minha roça’
 (294) [n̩ĩŋ ŋak ĩm̩rẽm] ‘minha roça é grande’

Entretanto, não é o que ocorre com os itens *nuk* ‘NÃO’, *neʔ* ‘Fut.’ Estes itens permanecem com sua fase inicial não recuperável mesmo em ambientes onde esperávamos o contrário. Ainda, para confirmar este status sonoro, nos documentos históricos verificados, tais itens também se apresentam predominantemente como sonoros.

- (295) [nuk] ‘NÃO’
 (296) [neʔ] ‘Fut’
 (297) [ti m̩ũŋ nuk neʔ] ‘ Eu não vou’

Percebemos que se tratam de palavras pertencentes às categorias fechadas como as de advérbio ou preposições. Não pretendemos aqui fazer um estudo histórico, mas sim sincrônico, portanto, não iremos, por hora, realizar maiores argumentações na tentativa de explicar o que exatamente ocorreu para que itens como este ‘preferissem’ o segmento sonoro. Podemos hipotetizar, então, que itens como este, que ocorrem na língua sempre como nasais sonoras + vogais orais, trata-se de itens lexicalizados. Ou seja, lexicalmente fazem parte dos segmentos da classe /M/.

Seria interessante realizar mais análises que considerassem tais ocorrências, por meio de uma nova coleta de dados, onde se pudesse verificar o status da nasal surda na fala atual dos Krenak e talvez delinear um caminho histórico para tais realizações.

Por fim, concluímos que, a partir dos dados analisados, faz-se coerente considerar que as realizações de nasais sonoras + vogal oral perpassam por ambas as hipóteses apresentadas acima: a primeira, de neutralização da nasal surda e a segunda, referindo-se a lexicalização de itens como fonemas da classe /M/, de modo que tais itens não necessitam deste tipo de justificativa para ocorrerem, uma vez que a língua distingue nasais sonoras de surdas.

Os contornos em *onset*, por sua vez, parecem preferencialmente explicáveis por meio de implementação por VSE, e não por oralização de segmentos da classe /M/, o que causaria mais um problema na interpretação fonológica dos dados. Assim, quando se foi possível em nossa análise recuperar a manifestação da nasal surda, mesmo que este esteja ocorrendo como nasal sonora, nós consideramos como nasal surda fonológica. Outros casos, em que não se pôde comprovar o processo, foram analisados como sendo consoantes nasais sonoras subjacentes, seguidas de vogais orais. Por fim, as ocorrências que superficializaram contornos em *onset* foram tratadas como segmentos oclusivos sonoros subjacentes /b/, em oposição aos segmentos oclusivos surdos. Resumindo, em Krenak:

- Vogais contrastam para nasalidade
- no *onset*, contornos (= consoantes oclusivas sonoras) contrastam com oclusivas surdas e com nasais /P, B, M/ (SVE);
- na coda das sílabas com núcleo nasal, somente ocorre consoante nasal ou surda, nunca contornos.
- na coda das sílabas com núcleo oral, há contraste fonológico entre oclusivas surdas e consoantes nasais, as nasais se realizando como contornos por regra. O contorno nesta posição pode se explicar como estratégia para guardar a oposição entre vogais orais e nasais (OVE).

4.2.4 - Nasalização alofônica

Em Krenak identificamos também um processo de nasalização de vogais subjacentemente orais. Isto ocorre em fronteira de sílaba (palavra ou de morfema), mas pode ocorrer no domínio da sílaba. Vejamos alguns exemplos:

- (298) [kum m̥õm] ~ [kũm m̥õm] ‘fumar cigarro’
 (299) /hi-nũ/ [hinũn] ~ [hĩnũn] ‘braço dele’
 (300) [ŋgatabm] ~ [ŋgatam] ~ [ŋgatõm] ‘lagartixa’
 (301) [ŋgɔŋ] ~ [ŋgɔŋ] ~ [ŋgõŋ] ‘cachorro’

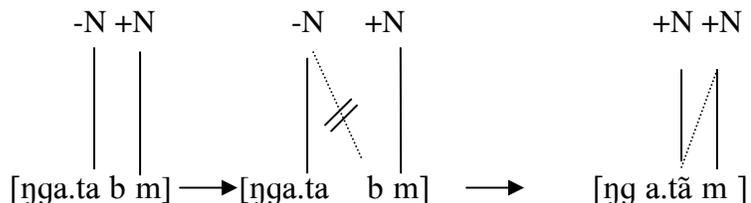
Os exemplos acima ilustram alguns casos de nasalização alofônica. Nestes casos, portanto, a nasalização não é um resultado superficial obrigatório, mas é um dos outputs possíveis e alterna com a forma não nasalizada. No segundo exemplo, ‘braço dele’ percebemos que há uma fronteira silábica, de modo que o traço [+nas] da consoante nasal do *onset* da segunda sílaba pode espriar-se para a vogal da primeira sílaba ou não, gerando a alternância entre [hinun] ~ [hĩnun].

Nos exemplos que se seguem, apresentamos casos onde ocorre a nasalização da vogal subjacentemente oral, núcleo da sílaba, que contem na coda uma nasal pré-oralizada. As formas com a vogal nasalizada, entretanto, apesar de serem possíveis, parecem ter sua ocorrência associadas, de modo geral, principalmente a contextos de fala mais rápida e espontânea. Segundo Wetzels (comunicação pessoal), esta alternância mostra que o ‘perigo’ da neutralização da oposição entre vogal oral e vogal nasal é verdadeiro, sobretudo na coda. Ou seja, como todos os casos de assimilação nasal são regressivas, isto significa que o ‘perigo’ é maior quando vem da coda. A este respeito, relembramos as discussões apresentadas previamente acerca da necessidade de implementação fonética em ambientes de risco de perda de contraste, como é o caso da coda nasal.

Desta forma, até que se realize a forma com a vogal nasal, as variações encontradas parecem sugerir o caminho de um enfraquecimento da parte oral da pré-oralizada, até seu ‘desaparecimento’ total, o que nos causa a impressão de perceber a sequência resultante como uma vogal nasalizada e uma consoante na coda. A vogal neste caso é interpretada como puramente fonética, pois sua ocorrência não resulta em nenhuma implicação quanto à distinção entre vogais orais e nasais pelo falante nativo.³¹ Em termos

³¹ Lembremos das representações das nasais no início deste capítulo. Se aplicarmos a representação da nasal a um desenho da vogal seguida pelos segmentos [bm], o que irá ocorrer é que a realização da oclusiva [b], que já tem uma duração mais breve do que a da vogal e da nasal, ficará ‘embaixo’ da representação da vogal e

autossegmentais, temos, inicialmente a perda do traço [-nasal] da vogal oral, e a assimilação do traço [+nasal] da consoante que segue, como formalizamos mais adiante:



4.2.5 - Pré-vocalização, vocalização e ditongação de codas nasais

Estes processos, bastante comuns em várias línguas do mundo, parecem ser bem produtivos na língua Krenak. A fim de entendermos melhor do que se tratam, observemos inicialmente alguns exemplos:

(302) [na'rẽŋ] ~ [na'rẽⁱŋ] ~ [na'rẽj] 'distante'

(303) ['ŋgɔŋ] ~ ['ŋgõŋ] ~ ['ŋgõ^wŋ] ~ ['ŋgõw̃] 'cachorro'

A ditongação ocorre em coda de sílaba, em final de palavra, quando uma vogal, média-alta [e, o] ou média-baixa [ɛ, ɔ] é seguida por uma consoante nasal tautossilábica (de ponto coronal ou velar).

Isto ocorre porque nesta posição, a consoante nasal perde o traço equivalente ao ponto de oclusão e passa a se realizar como uma aproximante, palatal ou lábio-velar, mas mantendo o traço de nasalidade. Podemos perceber, então, que a ditongação resulta de processos ulteriores, onde a consoante na coda se pré-vocaliza e depois sofre vocalização plena.

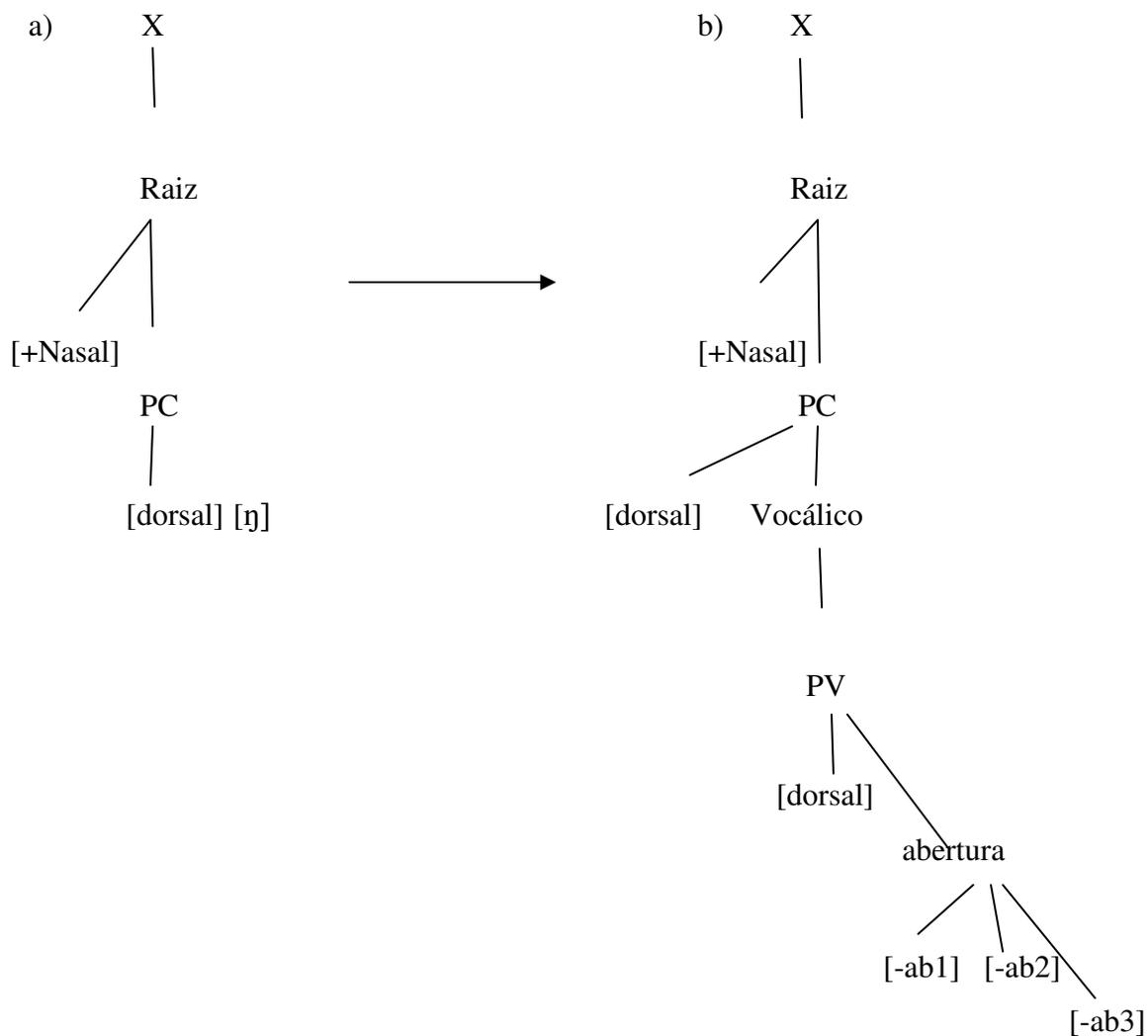
Há processos que envolvem um conjunto de traços ou apenas um traço, sem afetar outros. No caso da nasal velar na coda, ocorre primeiro o processo de pré-vocalização, que envolve os traços referentes ao nó ponto de articulação. Como vemos na representação a seguir, os traços primários de articulação foram ligados diretamente ao nó

da nasal. Apesar de ela continuar sendo posicionada pelos articuladores envolvidos, a realização das outras duas ficam sobrepostas a da oclusiva, causando o seu aparente desaparecimento. Ainda, dependendo do grau de junção entre a nasal e a vogal, se a fase de *onset* da nasal se sobrepõe à fase de *offset* da vogal, o resultado é uma vogal nasalizada.

ponto de consoante (PC), no caso, uma consoante nasal velar. Quando ocorre a pré-vocalização, é adicionado o ponto de articulação ligado ao PV (ponto de vogal). Assim, essa consoante passa a possuir também traços de ponto de vogal, ligados ao PV, como articulação secundária, ou seja, ocorre a adição de um nó vocálico a uma consoante, gerando [w̃ŋ] ou [j̃ŋ].

A representação é ilustrada a partir da pré-vogal e consoante nasal de ponto dorsal.

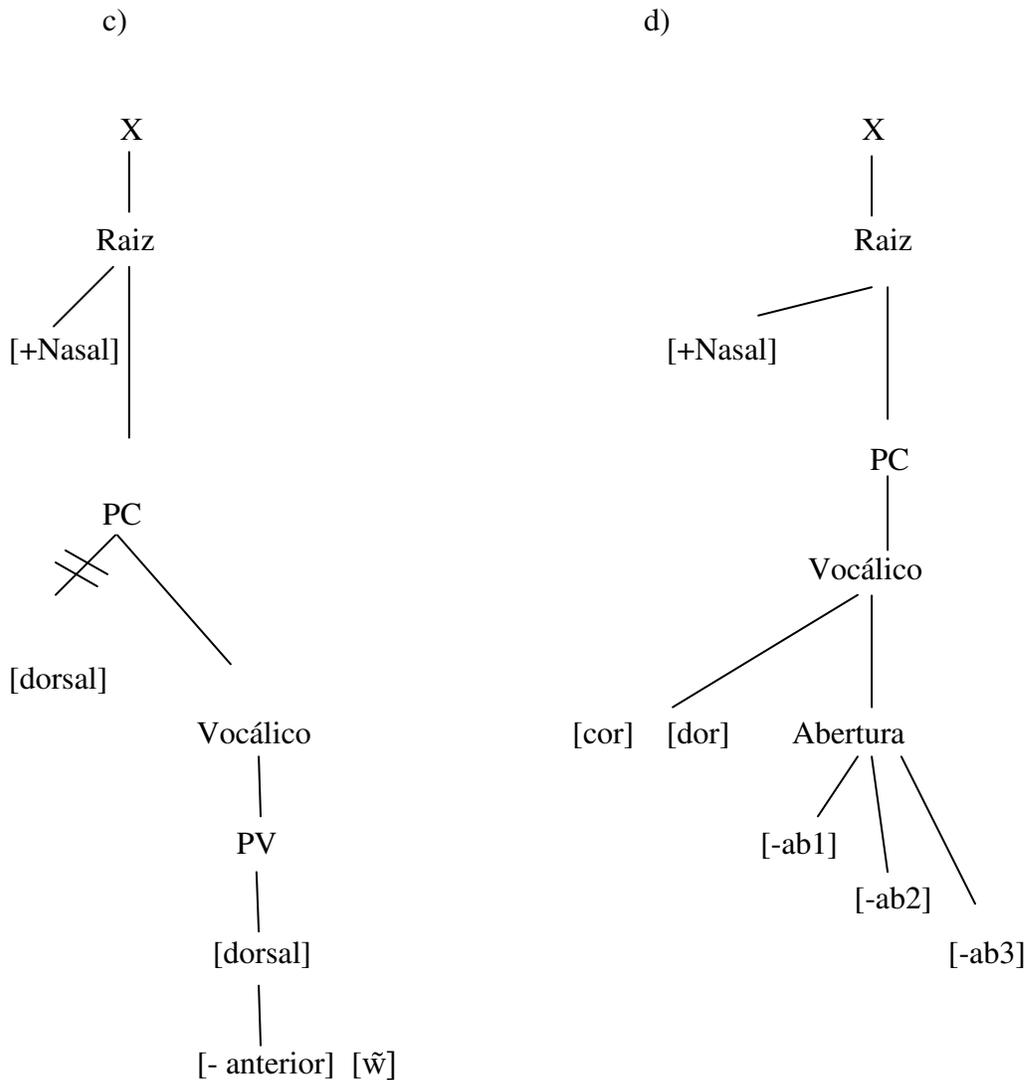
Representação de pré-vocalização da nasal velar:



A representação em (b) é, porém, o resultado parcial do processo. Ao que parece, o fenômeno se completa quando o traço dorsal, que caracteriza a nasal velar pré-

vocalizada, é desassociado de PC e o segmento passa a possuir apenas o traço vocálico. Vejamos na representação a seguir:

Representação da vocalização da nasal:



O processo de vocalização é, pois, explicado pelo desligamento do traço consonantal [dorsal] / [palatal], como visto acima (c), gerando a perda do caráter consonantal do segmento (d). Assim, chegamos à seguinte generalização sobre o fenômeno: o processo envolvido na *ditongação* consiste, inicialmente na *pré-vocalização*³² do

³² A pré-vocalização é muito comum em Maxacali. Entretanto, pode ser percebida em codas não somente contendo consoantes nasais e mostra uma complexidade muito maior do que vimos aqui. De qualquer modo,

segmento, por meio da adição do nó vocálico à nasal velar e a *vocalização* consiste na desassociação do traço consonantal de mesmo ponto. Observe-se, também, que este processo está associado a sílabas acentuadas.

Naturalmente que, quando a nasal é palatal, a vocalização ocorre para a aproximante palatal, pois o traço em questão se refere ao ponto coronal. Entretanto, vale ressaltar, que a qualidade da vogal núcleo da sílaba é o que vai definir o ponto de vocalização da coda: se for uma vogal média-alta/baixa posterior [o/ɔ], a vocalização será de ponto dorsal, para a aproximante [w], com aberturas [-1], [-2] e [-3]. Se a vogal núcleo pertencer às medias-alta/baixa anterior [e/ɛ], então o resultado da coda vocalizada será uma aproximante de ponto coronal, a anterior [j]:

(304) [na'rẽŋ] ~ [na'rẽ^jŋ] ~ [na'rẽ̃]

Em ambos os casos, o resultado final foi interpretado por nós como uma ditongação, ou seja, fenômeno onde se forma um ditongo decrescente nasal [õw, ẽj].

Exemplos como este são bem comuns na língua. Não associamos este fato a algum motivo em específico. Hipotetizamos que pode se tratar de uma forma de enfraquecimento da coda nasal, que pode, por sua vez, tratar-se de um fenômeno diacrônico ou sincrônico. No segundo caso, uma motivação poderia ser a velocidade da fala, uma vez que na fala rápida é mais provável identificar tais realizações, apesar de tais ocorrências não se limitarem a ela.

4.2.6 – Fricativização da aproximante palatal /j/

Outro processo que ocorre na língua é a fricativização da aproximante palatal /j/. Silva (1986) já identificara tal processo em Krenak. Segundo a pesquisadora, a fricativização de um glide palatal ocorre a) em início de palavra em sílaba átona seguido por [i,u]; b) em início de palavra em sílaba tônica ou c) quando o glide ocorre precedido e seguido por segmento vocálico, como em (exemplos da autora):

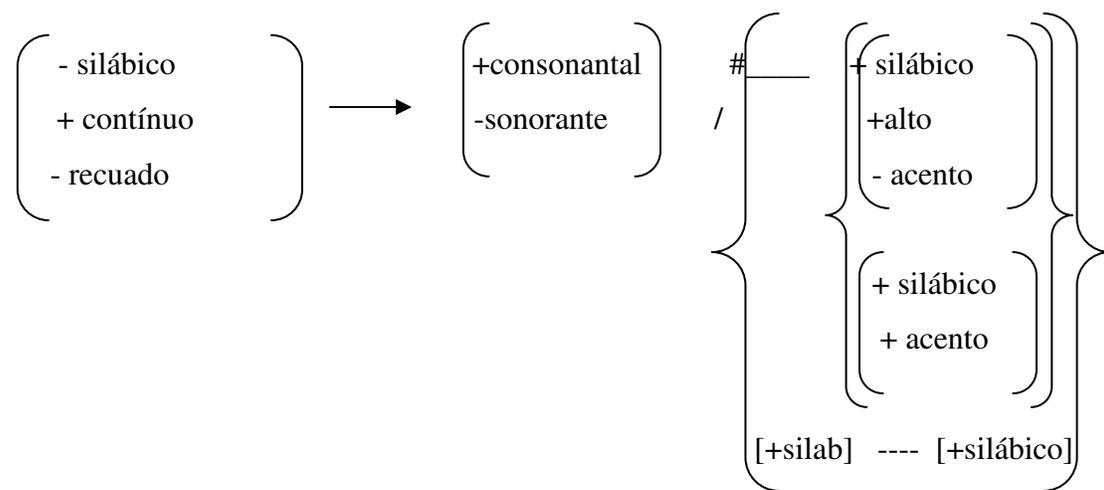
tal estudo, feito por Wetzels e Sluyters (1995) serviu de inspiração para nossa análise. Quanto à vocalização, nos baseamos em Bisol (2005), sobre a vocalização da lateral velar em Português.

- a) /#yi run/ [ʒi 'rũn] 'branco, claro'
 /#yu ku an#/ [ʒu ku 'ãn] 'cobra jibóia'
- b) [ʒĩn] 'nariz'
 [ʒɛk] 'osso'
 [ʒak] 'corpo'
 [ʒɔʔ] 'vagina'
 [ʒɔt] 'folha'
 [ʒũn] 'dente'
- c) /#wa yik#/ [wa'ʒik]
 /#jĩŋ #yɛk#/ [jĩŋ 'ʒɛk]
 /#ya Xaʔ#/ [ya'χa]

É importante ressaltar que a fricativização da aproximante palatal é um processo que se aplica após a aplicação da regra de acentuação, uma vez que o ambiente descrito na regra é condicionado às sílabas acentuadas ou não acentuadas.

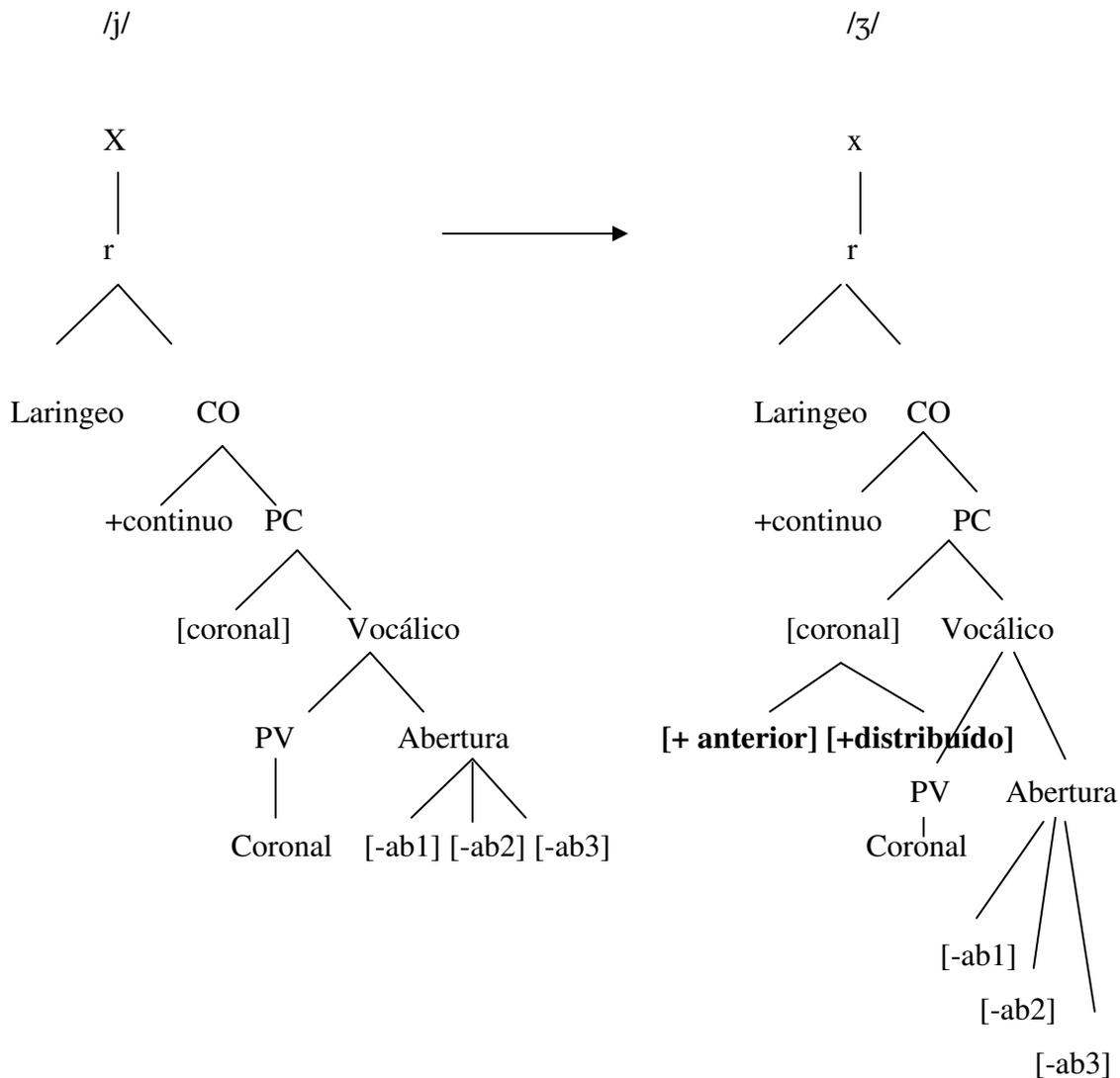
Assim, Silva (1986) apresenta a seguinte regra para representar o processo de fricativização:

Fricativização



(SILVA, 1986, 98)

Em termos autosegmentais, hipotetizamos que a aproximante palatal /j/ passa a possuir também traços de [+anterior] e [+distribuído], adicionado ao traço [coronal] ligado ao PC, nos contextos acima mencionados:



4.2.7 - Neutralização de vogais orais

O Krenak distingue 7 vogais orais subjacentemente, quais sejam: anterior alta /i/, central alta /i/, posterior alta /u/, central média- alta /ɔ/, anterior média-baixa /ɛ/, posterior média-baixa /ɔ/, central baixa /a/. A nasalidade é contrastiva para as vogais, sendo

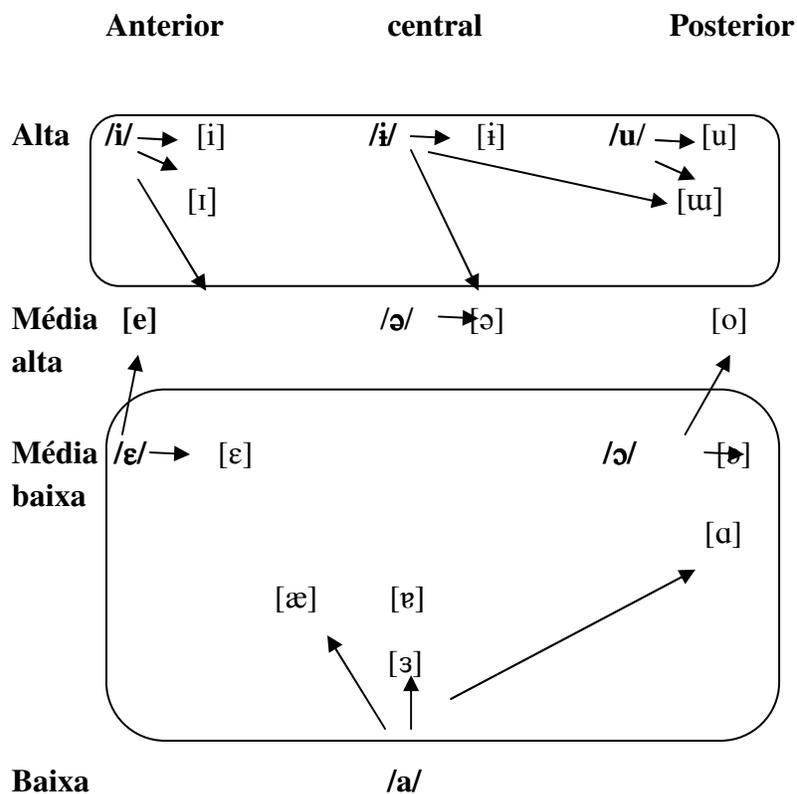
identificadas 5 vogais fonológicas: nasal anterior alta /i/, nasal posterior alta /ũ/, nasal anterior média-baixa /ẽ/, nasal posterior média-baixa /õ/, nasal central baixa /ẽ/.

Além disto, outra característica marcante do sistema vocálico da língua Krenak e línguas da família Botocudo em geral é o fato de que todas as vogais apresentam uma ampla extensão de variação superficial. A este respeito, é válido lembrar que essas alternâncias chegaram a causar ambiguidades nas diversas transcrições feitas ao longo dos tempos, onde não se conseguiu identificar com clareza a natureza da vogal subjacente (EMMERICH, MONSERRAT, 1975; WiedNeiwied; Roudolph, 1909; Seki, 2001).

Isto se justifica porque os traços que distinguem as alturas das vogais parecem se sobrepôr à qualidade vocálica de anterioridade/posterioridade. Neste sentido, as qualidades vocálicas dos segmentos alofônicos seguem três principais classes naturais: altas, médias e baixas. Quando isto ocorre, o resultado é a grande variação possível nas pronúncias dos itens.

Além de se basearem nos traços de altura, as alternâncias, costumam seguir também outro caminho possível: a tendência à centralização ou posteriorização dos segmentos. Inclusive, Silva (1986) já observara, em seu estudo sobre as vogais, as características de mais/menos levantada/abaixada e de mais/menos recuada/avançada.

Resumimos no diagrama a seguir os movimentos registrados dos segmentos fonológicos e os seus alofones, que podem ser orais ou nasais:



Ou seja as vogais apresentam os alofones seguintes:

Vogal alta anterior /i/: [i], [ɪ]

Vogal alta central /i/: [i], [ɨ], [ɯ]

Vogal alta posterior /u/: [u], [ɯ]

Vogal média baixa anterior /ɛ/: [ɛ], [ɛ̃]

Vogal média baixa posterior /ɔ/: [ɔ], [ɔ̃]

Vogal central baixa /a/: [a], [æ], [ɜ], [ɐ], [ɑ]

A observação das variações das vogais em Krenak leva-nos a perceber uma caracterização geral: o abaixamento ou levantamento da língua gera as alofonias aceitas pelos falantes. Podemos, então, dividir as vogais em dois grupos principais: 1) vogais altas e 2) vogais médias-baixas e baixa. As alternâncias parecem evidenciar que as vogais do grupo 1 sofrem neutralização, a partir do abaixamento de altura da língua, o que tende a

ocorrer em posições átonas. Já as vogais do grupo 2 variam com vogais mais altas do que elas. No caso das vogais baixas, a variação ocorre em sílabas acentuadas ou não. A alternância entre as médias baixas anterior e posterior, por sua vez, ocorre em sílabas átonas ou travadas por consoante nasal.

Definimos então este processo como neutralização de vogais. Apesar de não haver contextos específicos identificados por nós para tais variações, percebemos que a neutralização das vogais na língua parece seguir as direções apresentadas.

4.2.8 – Neutralização de nasais surdas e sonoras

As nasais surdas ocorrem em Krenak, segundo vimos no início deste capítulo, e fazem parte do sistema fonológico da língua. Entre as suas características acústicas e articulatórias principais, relembramos o modo de sua produção. A nasal surda se realiza com uma fase inicial (*onset phase*) de aspiração, na qual o ar é expelido pelas vias nasais. Neste momento os lábios encontram-se fechados, não permitindo que a saída do ar se realize pela boca. Em seguida dá-se início a fase vozeada da nasal, que já apresenta em sua realização influências da vogal núcleo da sílaba.

A análise dos itens que continham nasais surdas revelou que algumas alternâncias podem ocorrer na fase inicial do segmento, apesar de parecerem evitadas para não causar ambiguidades. Assim, percebemos que, especialmente em ambiente de início de palavra, a nasal surda pode perder a fase inicial de aspiração, que caracteriza o momento de silêncio do segmento nasal. O resultado é a realização de uma nasal com características acústicas e articulatórias exatamente iguais as de uma nasal sonora.

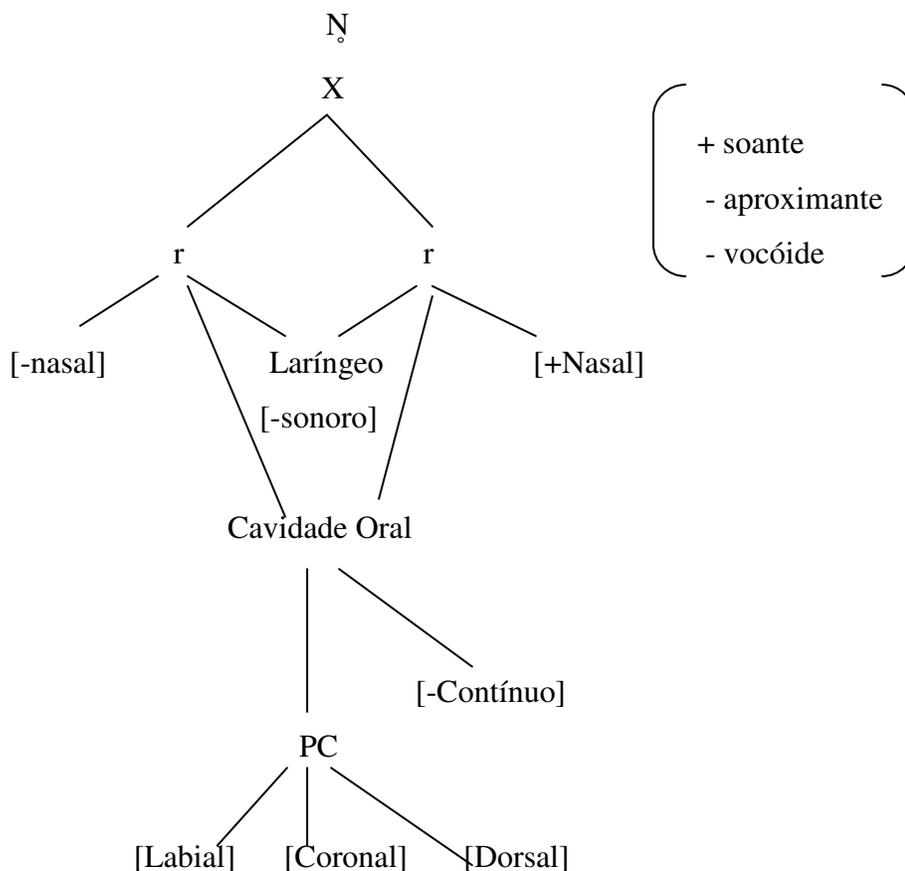
/m̥/ → [m] { #_____ }

Entretanto, em ambientes intervocálicos ou em meio de palavra costuma ser possível recuperar a fase de aspiração (marcamos a fricativa glotal [h] antes da nasal a fim de explicitar a fase de pré-aspiração, mas vimos que, de modo geral, basta marcar a nasal com o diacrítico de segmento surdo $\bar{\cdot}$):

(305) [h̥mak] ~ [mak] ‘perna’

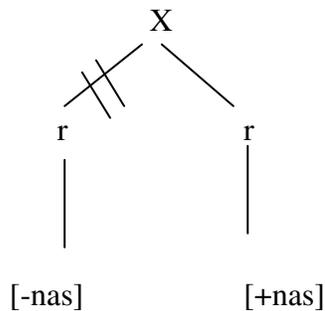
(306) [l̥n̥j̥ h̥mak] ‘minha perna’ * [l̥n̥j̥ mak]³³

Pensamos na seguinte proposta de representação arbórea do segmento nasal surdo:



De modo que o segmento apresentaria uma borda [-nas] e outra [+nas], onde a [-nas] se refere à fase de silêncio ou aspiração nasal, sendo ambos os traços ligados ao nó de raiz. Partindo desta representação, demonstraríamos esta variação da nasal surda em início de palavra hipotetizando que este segmento perde o traço [-nasal], que é desligado em início de palavra, restando apenas a fase [+nas] adjacente à vogal que segue, como mostrado abaixo:

³³ Realização não observado no corpus disponível.



Deste processo, então, surgiria a possibilidade de uma nasal surda realizar-se como uma nasal sonora no contexto de início de palavra, o que esclarece a alternância mas não exclui o fato de serem os segmentos nasais surdos e sonoros segmentos distintos fonologicamente.

4.3 - Empréstimos linguísticos do português

Os empréstimos linguísticos costumam ser um forte indicador dos processos ocorrentes na língua e acerca do próprio sistema. Em Krenak, é possível identificar alguns empréstimos que revelam algumas das características mencionadas anteriormente. Seki (1984) tratou do sistema da língua Krenak e ofereceu alguns exemplos os quais iremos retomar aqui. Um dos principais aspectos observáveis nos empréstimos trata-se dos segmentos oclusivos sonoros, que em Português apresentam o contraste com a série de oclusivas surdas [b,d,g] e [p,t,k]. Observemos, então, os itens a seguir:

- | | |
|---------------|------------|
| (307) banho | [mbɔ̃] |
| (308) agulha | [ŋguj] |
| (309) cabrito | [kɛ̃mbrit] |

Exemplos como estes sugerem que os segmentos da classe /B/ são representados nos empréstimos como a nasal pós-oralizada [mb], e não como a oclusiva sonora simplesmente.

Vimos anteriormente que o Krenak não apresenta uma distinção primária entre segmentos da classe /B/. Na verdade, estes segmentos apenas se realizam na língua

Exemplos como *banho* [mbɔ̃] e *agulha* [ŋguj] apresentam variações de divisão silábica que não esclarecem, a princípio, o que seria prioridade na língua, pois o primeiro apenas alternou com [b] e a divisão silábica e aplicação do acento evidenciaram uma pronúncia monossilábica [ˈmbɔ̃]. Já exemplos como ‘agulha’ variaram com [ŋ.guj] o que evidencia uma divisão silábica diferente. De fato, no segundo caso, a palavra em português apresenta uma vogal oral na sílaba precedente, que não há no primeiro exemplo. Entretanto, interpretar que a primeira vogal seja em Krenak subjacentemente oral, e que sofra nasalização sempre que seguida por uma oclusiva sonora parece mostrar que a vogal, nessa posição, se neutraliza e que, então, não seria relevante a distinção entre vogal oral e nasal para tal posição, mas sim, fonética, o que vai no sentido oposto ao que vimos defendendo. Neste sentido, parece mais coerente assumir que a vogal da palavra empresta do português, em Krenak, é filtrada como nasal, assim como a oclusiva é filtrada como contorno nasal /kãm.brit/, /bãj/ e /guj/.

Uma terceira característica se refere ao acento, já mencionado por Seki (1984). Vejamos novamente alguns exemplos:

(312) ce'bola	[tʃi'mbɔʔ]
(313) 'banho	[ˈmbɔ̃]
(314) a'gulha	[ˈŋguj]
(315) ca'brito	[kɔ̃'mbrit]

Podemos concluir que palavras bissilábicas ou trissilábicas paroxítonas perdem a última sílaba átona e preservam a sílaba acentuada. Deste modo, a sílaba acentuada passa a ser a última da palavra, que recebe o acento primário, o que ocorre de acordo com o acento em Krenak.

Ainda, outras características observáveis nos exemplos mencionados referem-se aos segmentos que não fazem parte do inventário fonológico da língua, como a fricativa alveolar surda [s], que se realiza como a africada álveo-palatal surda [tʃ]. A língua também não apresenta as fricativas lábio-dentais [f] e [v]. Porém não encontramos exemplos de empréstimos com estes segmentos. A lateral palatal [ʎ] e a nasal palatal [ɲ]

são filtradas como aproximante palatal se estiverem na posição átona (o que em português é regra) e, com a queda da vogal núcleo da língua de origem, o resultado é a formação de um ditongo, oral ou nasal. Ainda, os segmentos consonantais nasais sonoros em português não costumam sofrer modificações:

(316) 'banho ['mbõj]

(317) a'gulha ['ŋguj]

(318) 'palha ['paj]

(319) 'mãe ['mõj]

4.4 - Ressilabificação

A ressilabificação ocorre quando uma palavra terminada em consoante nasal é seguida por uma vogal oral, de modo que um contorno é formado na junção dos segmentos.

(320) 'arco' ['ŋõm]

(321) 'ŋõm' é arco' ['ŋõm b ε: ,ahkʊ]

Outro exemplo semelhante é:

(322) 'morrer' ['kwõm]

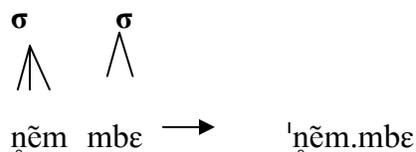
(323) *kwem* é 'morrer' ['kwõm b ε: ,moxeh]

Nestes casos a coda nasal dá origem a uma nasal pós-oralizada [mb] que faz parte do *onset* da sílaba que segue, iniciada por vogal oral.

Wetzels (comunicação pessoal) sugere que parece existir uma generalização neste caso: o Krenak espraia o traço [+Nasal] no domínio da sílaba a segmentos suscetíveis de receber um traço [-Nasal] (as consoantes nasais) ou um traço [+Nasal] (as aproximantes r, j, w), semelhante ao que ocorre em Kaingang (1995; 2008).

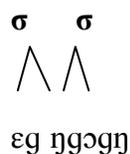
Vejamos o exemplo com a palavra 'arco', que, em Krenak, termina na consoante nasal [m]. Numa frase falada pela nativa Sebastiana, onde traduzia para o

português o significado do item, a falante utilizou o verbo ‘ser’ em sua forma conjugada ‘é’:



Outro item serve como exemplo, mas dessa vez sendo precedido por uma vogal oral e contendo um contorno no *onset* da sílaba seguinte + o verbo ser:

‘cachorro’ é ngogn’ [ka'ʃohɛg,ŋɔgŋ]



A partir dos exemplos acima, podemos perceber que as sílabas se reorganizam na fala através do padrão CV. Assim, no primeiro exemplo, ao ocorrer essa sequência, a nasal labial na coda da palavra ‘ŋẽm’ passa a pertencer ao *onset* da sílaba seguinte. Como a sílaba seguinte tem como núcleo uma vogal oral, surge o contorno. Isto parece evidenciar que a língua tenta evitar a formação da sequência *mɛ.

Já no segundo exemplo, observamos a inserção do contorno na coda. Não parece estranho: uma vez que quando o segmento que precede é nasal, não haveria necessidade de formação de contornos. Porém, a fim de preservar a oralidade da vogal e a distinção entre vogais oral/nasal nesta posição, em vez de ocorrer nasalização, ocorre o contorno nasal na coda. Em ambos os casos uma consoante nasal ambissilábica, ou seja, pertencente tanto à coda da sílaba precedente quanto ao *onset* da sílaba que segue passa a ser identificada.

4.5. - O acento em Krenak

4.5.1 - O acento e a teoria métrica do acento: noções teóricas

As primeiras referências a uma teoria métrica do acento vêm das reflexões de Liberman (1975) e Liberman e Prince (1977). A adoção da palavra “métrica” para denominar a teoria remete à forma de organização métrica dos versos e, a disposição dos itens, por sua vez, representa o ritmo. A força expressa pelas sílabas é representada, assim, em camadas, tornando visível a posição daquelas que se sobressaem. Tal apresentação lembra a estrutura melódica musical, que reflete o ritmo e o compasso de uma música.

A teoria métrica do acento considera que o acento e os traços regulares apresentam características fonético-fonológicas diferentes. Enquanto os traços apresentam aspectos articulatórios e acústicos verificáveis, o acento e a estrutura rítmica são um fenômeno relacionado ao tempo e não podem ser simplesmente observados a partir dos princípios articulatórios.

Na Fonologia Métrica de Liberman e Prince (1977), o acento é visto como uma propriedade da sílaba, tendo por isso um caráter relacional, *uma proeminência relativa*. Isto quer dizer que o acento é considerado como uma proeminência que nasce da relação entre os elementos prosódicos, a saber a sílaba (σ); o pé (Σ) e a palavra fonológica (ω).

De modo geral, as línguas podem apresentar três tipos básicos de acento (BISOL, 2005):

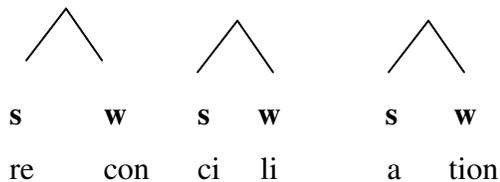
- a) acento primário: é o acento mais forte de uma palavra. Ex.: *cása*
- b) acento secundário: é o acento relativamente menos forte que o acento primário de uma palavra. Ex.: *dòcemente*.
- c) acento principal: é o acento mais forte de uma sequência de palavras. Ex.: *vamos cantár*.

Outra característica fonológica da acentuação é que se pode falar de graus de acentuação ou de proeminência. O acento lexical é uma propriedade do léxico e não depende do componente prosódico. O acento frasal, por sua vez, é aquele que normalmente carrega o foco, e é atribuído a uma sentença. As noções de acento lexical e acento frasal se

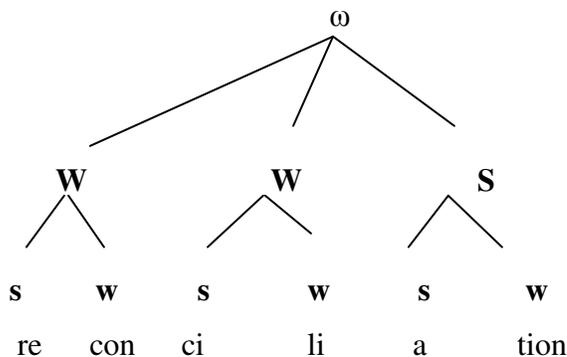
aplicam, portanto, em domínios distintos, sendo a primeira no domínio da palavra lexical e a segunda no domínio da palavra ou frase fonológica.

Na proposta de Liberman e Prince (1977), os elementos prosódicos (a sílaba (σ); o pé (Σ) e a palavra fonológica (ω)) se apresentam numa relação hierárquica, e são representados através das ‘árvores’ e alinhados por meio das ‘grades métricas’.

A ‘árvore’ é estabelecida a partir de sílabas que formam pés, sempre binários, rotulados como ‘s’ (do Inglês ‘*strong*’, forte) e ‘w’ (“*weak*”, fraco). Apesar de terem uma preocupação especial em explicar o acento secundário e principal em língua inglesa, a proposta dos autores permite caracterizar a estrutura interna da palavra, que se apresenta em dois níveis: a) as sílabas são inicialmente agrupadas em constituintes cujo elemento à esquerda é o mais forte:



b) os constituintes são organizados numa árvore ramificante com cabeça à direita.



Neste exemplo, a sílaba ‘a’ recebe o acento primário por ser a única que é dominada exclusivamente por nós fortes.

A ‘grade métrica’, por sua vez, permite organizar hierarquicamente, em colunas, as relações entre os elementos expressando a força relativa dos mesmos. Na teoria,

permite explicar ‘a necessidade de preservar a alternância de proeminências acentuais, alternância que caracteriza o chamado ‘ritmo linguístico’ e é garantida por uma ‘regra de ritmo’ (rhythm rule) (Lieberman & Prince, 1977). A regra de ritmo se aplica quando a relação $w s$, característica de iambos, inverte-se formando o padrão $s w$, um troqueu, quando uma palavra é inserida e recebe o acento frasal. A exemplo, os autores apresentam a palavra *thirtéen* que passa a *thirtèen men*.

1)		2)			3)		
				x			x
			x	x		x	x
x	x	x	x	x	x	x	x
Thir	teen	thir	teen	men	thir	teen	men

O marcador ‘x’ indica a proeminência das sílabas correspondentes e o grau de acento da mesma é proporcional à altura da coluna de ‘x’. Cada linha faz referência a um nível prosódico, sendo a primeira, a que se encontra na posição mais inferior, a que especifica o nível da sílaba; a segunda, o nível do pé e a terceira e última, o nível do sintagma ou palavra fonológica.

Buscando solucionar o choque acentual (*stress clashes*) visualizado em (2), aplica-se a regra de reversão iâmbica (*iambic reversal*), fazendo com que o iambo *thirteen* se configure como um troqueu em *thirteen men*. A regra de inversão é assegurada desde que a sílaba na palavra anterior que recebe a proeminência seja acentuável, ou seja, não contenha uma vogal reduzida como o schwa, e não carregue o acento nuclear de um sintagma entoacional (como em *Chinês-expert*), situações em que o encontro acentual se manteria (BARBOSA, 2006, 110).

Hayes (1981) desenvolveu uma teoria universal do acento a partir da noção de ‘árvore’ e vários parâmetros foram sendo delimitados para a observação dos sistemas acentuais das línguas humanas, dentre eles: o tipo de pé acentual; extrametricidade; o lado dominante (proeminente) do pé; se a construção do pé é ou não sensível ao peso silábico; a direção da construção do pé (à esquerda ou à direita do domínio acentual); interatividade.

Hayes (1995) concebe o acento como “uma estrutura rítmica hierarquicamente organizada”, tendo-o como uma manifestação linguística da estrutura rítmica. O autor resume as quatro propriedades tipológicas do acento. A primeira diz respeito à noção de culminância, onde cada palavra ou frase apresenta uma única sílaba mais forte, que carrega o acento principal. A segunda propriedade se refere à distribuição rítmica. Na terceira, hierarquia do acento, o autor mostra que a maioria das línguas acentuais apresenta acento em vários níveis de força (acento primário, secundário, terciário e assim por diante). A quarta e última propriedade é mais uma característica que distingue o acento dos traços fonológicos. Segundo tal propriedade, uma sílaba acentuada não causa acento por assimilação nas sílabas anteriores ou seguintes.

Ao estudar a estrutura rítmica da palavra, Hayes (1995) leva em conta a existência de constituintes menores na estrutura métrica e noção fundamental para percepção do padrão rítmico de uma língua: os ‘pés métricos’, unidades prosódicas maiores do que a sílaba.

Assim, o acento pode ser caracterizado, segundo Hayes por três padrões: um ritmo trocáico, por um ritmo moráico trocáico e pelo iâmbico. Os tipos de pés apresentados por Hayes podem ser ilustrados como segue, onde:

($_$ = sílaba pesada; \smile = sílaba leve; σ = qualquer sílaba; um ponto “ . ” representa a sílaba fraca em um pé e um “x” a sílaba forte):

Trocáico: (x .)

$\sigma \sigma$

Iâmbico: (. x) ou (x)

$\smile _ _$

Moráico Trocáico: (x .) ou (x)

$\smile \smile$

$_$

O peso silábico, por sua vez, é representado através da quantidade de moras (camada prosódica na qual as sílabas são ligadas por um pé, como constituinte prosódico, de forma que uma sílaba leve tem uma mora e uma sílaba pesada, duas moras ou mais). O

“pé”, portanto, é um constituinte prosódico formado por pelo menos uma sílaba que apresente proeminência.

De acordo com a teoria paramétrica de Hayes (1995), os passos essenciais para identificação do padrão rítmico de uma língua são: levar em conta a direção que a alternância do acento é contada, da direita para esquerda ou da esquerda para a direita; a existência de extrametricidade (sílabas que não participam da estrutura métrica); a possibilidade de se formar pés degenerados (um pé formado por uma sílaba leve que apresenta proeminência).

4.5.2 - O acento em Krenak

O acento em Krenak mostra-se como previsível, caindo sobre a última sílaba do item lexical isolado. Silva (1986), que já falara brevemente sobre o acento em Krenak, observa também que:

em Krenak temos itens lexicais com uma, duas ou três sílabas. Os itens lexicais que apresentam três sílabas possuem um acento tônico secundário na primeira sílaba. (SILVA, 1986, p. 56)

E prossegue ainda dizendo que em enunciados maiores ocorre alteração de tonicidade, isto é, em uma sílaba que se realizaria como tônica no item lexical isolado, pode ocorrer como átona. Tais variações, porém, de acordo com a autora, relacionam-se com aspectos suprasegmentais (ritmo e entonação).

Em nossa análise, concordamos com as observações da pesquisadora. Assim, identificamos e exemplificamos mais adiante das duas características principais do acento em Krenak:

- 1) O acento em Krenak é previsível na última sílaba do item lexical isolado;
- 2) O acento muda num domínio maior do que o da palavra lexical isolada, como a palavra ou frase fonológica.

Veremos, inicialmente, a ocorrência do acento primário e secundário em Krenak e, em seguida, discutiremos o padrão rítmico que ocorre na língua Krenak,

seguindo as orientações da teoria métrica do acento, de Lieberman e Prince (1977) e reflexões sobre os padrões acentuais segundo Hayes (1995).

4.5.2.1 - O acento lexical: primário e secundário em Krenak

Como foi mencionado anteriormente, o acento primário da língua Krenak no item lexical isolado cai sistematicamente sobre a última sílaba da palavra. Apesar de não ser uma língua com sensibilidade ao peso silábico, deve-se ressaltar a grande tendência da língua a apresentar sílabas finais travadas ((C)VC), mas que recebem o acento indistintamente. Tal generalização pode ser percebida através da observação dos exemplos de palavras que terminam com sílaba aberta, pertencentes ao padrão silábico V ou CV, e nos itens monossilábicos, que recebem acento, como [ʔɛ] ‘fazer’, [ʔi], o morfema ‘continuativo’ ou [ʔũ] o morfema indicador de ‘Passado’.

Quando o item é formado por três sílabas, entretanto, um acento secundário é atribuído. Assim, aplica-se o acento primário na última sílaba, mas a primeira sílaba passa a receber um acento secundário. Mesmo não tendo feito um estudo acústico, Silva (1986, p.56) afirma sobre o acento secundário da primeira sílaba de palavras trissilábicas que “em tal sílaba é auditivamente perceptível principalmente uma duração maior do que a segunda sílaba e menor do que a terceira sílaba”.

Para ilustrar a atuação do acento primário e secundário na língua Krenak, apresentaremos alguns exemplos que serão divididos de acordo com o número de sílabas, o que, acreditamos, permite uma melhor visualização do acento lexical e, posteriormente, do padrão rítmico da língua, além de facilitarem a comparação da distribuição do acento em domínios prosódicos mais amplos.

Itens Monossilábicos

(V)

(324) [ʔi] ‘o morfema ‘continuativo’

(325) [ʔũ] ‘o morfema indicador de ‘Passado’

(CV)

- (326) ['ti] '1ª. pessoa singular'
 (327) ['tə] 'particula'
 (328) ['pɛ̃] 'trabalhar'
 (329) ['ʒɛ] 'fazer'
 (330) ['wa] 'Direcional'

(VC)

- (331) [ʒm] 'preposição'

(CVC)

- (332) ['pɔk] 'mão'
 (333) ['mbɔk] 'peixe'
 (334) ['m̃ak] 'perna'
 (335) ['kat] 'casca'
 (336) ['pip] 'ver'
 (337) ['ʒɔp] 'beber'
 (338) ['ʒuk] 'rabo'
 (339) ['kõn] 'Pronome Indefinido'
 (340) ['nɛ̃ŋ] 'ele'
 (341) ['jĩŋ] 'nós (Inclusivo)'
 (342) ['tɔdn] 'feio'
 (343) ['tʃõn] 'pau'

(CCVC)

- (344) ['pɾĩm] 'querer'
 (345) ['krak] 'faca'
 (346) ['mbrɔgŋ] 'caminho'

(347) [ˈm̃r̃ɛm] ‘caminho’

Itens Dissilábicos

(V.V)

(348) [ʔɛ.ˈʔɛ] ‘galinha’

(349) [ʔɛ.ˈʔɛ] ‘gavião’

(CV.CV)

(350) [hɔ.ˈti] ‘você’

(351) [wa.ˈtiʔ] ‘milho’

(352) [hi.ˈr̃ɛ] ‘lá’

(CVC.CVC)

(353) [pɔ.ˈndʒaʔ] ‘pé’

(354) [mba.ˈkidn] ‘pássaro’

(355) [ʒi.ˈrubm] ‘branco, claro’

(356) [ɲɛ.ˈwit] ‘muitos’

Itens Trissilábicos ou mais

(357) [ʒ̃.mbi.ˈʒik] ‘mandioca’

(358) [ˌku.pa.ˈrak] ‘onça’

(359) [ˌku.pi.ˈrik] ‘macaco’

(360) [ˌɲɛ̃ŋ.tõ.ˈndɔdn] ‘menino’

(361) [ˌa.mɛ̃.ŋgut] ‘comida’

(362) [ˌkwɔ.ŋgiɔ.ˈpɔ] ‘intestino’

(363) [ˌhi.ku.ˈpɔ̃ŋ] ‘estômago’

(364) [ˌmbru.ku.ˈkuk^h] ‘vermelho’

(365) [i.pə.kədn.'tʃaʔ] ‘papagaio’

A partir destes exemplos tentamos ilustrar a ocorrência do acento primário e secundário em Krenak em itens lexicais isolados. Assim, percebemos que em palavras com duas sílabas o acento cai sempre na última sílaba. Porém, se tiver três ou mais sílabas, o acento primário será na última, mas o acento secundário marcará a primeira sílaba da palavra.

4.5.2.2 - O acento frasal

No domínio da palavra fonológica ou frase fonológica, os acentos se reposicionam em Krenak, de modo que nem sempre uma palavra que costuma ser marcada com o acento primário (da sílaba final) no domínio lexical, na frase, receberá o acento no mesmo local.

A fim de observar o comportamento do acento primário e secundário em domínios maiores do que o item lexical, apresentaremos alguns exemplos na língua onde se observa os mesmos itens coletados em isolado, inseridos em frases.³⁴

Seki (2004) observa que nas orações declarativas o contorno entonacional é descendente, que é o que as distingue de outros tipos de orações, como interrogativas. Vejamos um exemplo onde o acento de algumas palavras são ‘relocados’ quando dentro do domínio da frase declarativa:

1) Item Lexical isolado

(366) [tɛ'pɔ] ‘sol’

(367) ['mɾẽm] ‘grande’

³⁴ Os exemplos são limitados tendo em vista que a coleta não foi específica para este tipo de verificação.

2) Oração declarativa:

(368) [tɛ'pɔ.ʔi.ɲrɔ̃m] 'o sol é grande'

3) Itens Lexicais isolados:

(369) [ʔuk] 'rabo'

(370) [ndʒɔ'rɔt] 'puxar'

(371) [kupi'rik] 'macaco'

(372) [ɲɔ̃ŋtɔ̃'ndɔdn] 'menino'

(373) Oração declarativa:

[ɲɔ̃ŋtɔ̃'ndɔdn. ku.pirikʔuk. ndʒɔ'rɔt] 'o menino puxa o rabo do macaco'

Os exemplos acima mostram que os acentos das palavras 'grande' e 'puxar', que é na última sílaba, quando dentro da oração, passam a receber acento secundário. Isto ocorre devido à entonação descendente, marcada pelo F0 descendente. Vejamos abaixo a entonação da sentença declarativa:

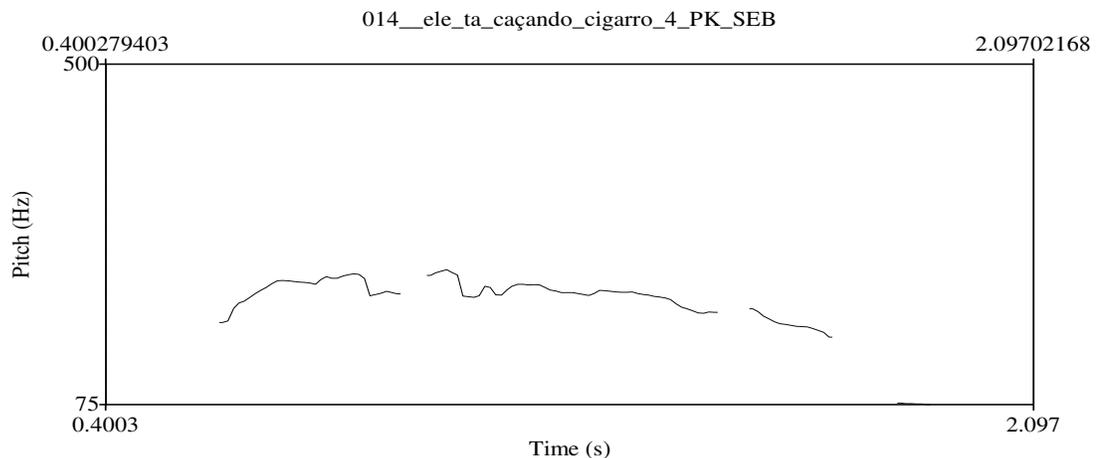


Figura 17 - Curva melódica da frase declarativa 'Ele tá caçando cigarro'

[mbu'rũŋ kũm'mũ̃m ia'haʔ ʔi], com F0 final descendente

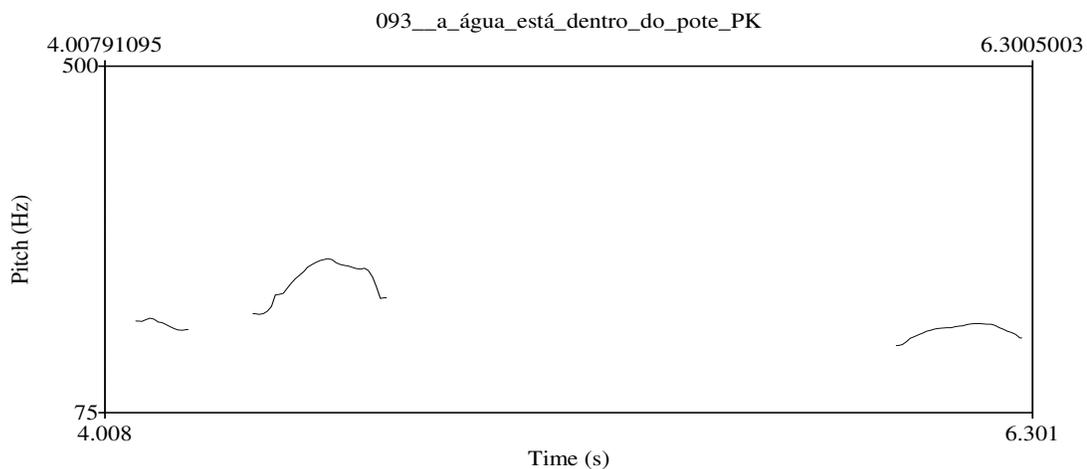


Figura 18 - Curva melódica da frase declarativa 'A água está dentro do pote' [m̃i'ʒɔ̃ɳ ʒi'ɛp].

Assim como em português, a distinção entre frases declarativas e interrogativas ocorre também por meio da entonação. Neste caso o acento nas interrogativas é marcado pela última sílaba ascendente.

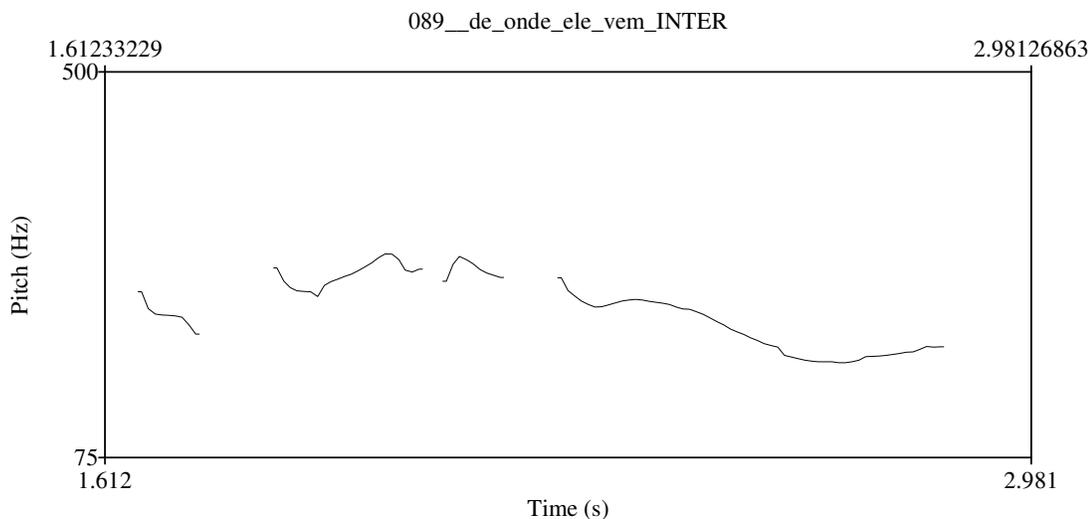


Figura 19 - Curva melódica da pergunta 'De onde você vem?' [hu'krɛ ho'ti am ʒi'ɳ] com F0 final ascendente

A breve observação destes exemplos justificaria a impressão de que o acento ‘muda’ de posição. Na verdade, trata-se apenas de um reajuste que ocorre devido ao domínio em que se encontra o item em questão.

4.5.2.3 - O acento e o ritmo em Krenak

A construção dos pés pode se dar da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita e pode ser iterativa ou não. Segundo Buckley (1998) as línguas parecem mostrar uma preferência pela direção da esquerda para a direita, dados os exemplos encontrados nas línguas do mundo.

Um olhar sobre o padrão acentual Krenak leva-nos a perceber uma regularidade onde a proeminência é final e o elemento mais forte fica à direita, como ocorre nos pés iâmbicos. É importante ressaltar que a língua não apresenta sensibilidade ao peso, podendo, portanto, sílabas leves ou pesadas receberem proeminência:

$$\begin{array}{ccc} (. *) & \text{ou} & (*) \\ \sigma \sigma & & \sigma \end{array}$$

Algumas generalizações podem ser feitas acerca do padrão rítmico da língua Krenak, a fim de ordenar a marcação do acento. Primeiro a) atribuem-se os acentos lexicais primário e secundário (secundário apenas se a palavra for trissilábica). Quando isto ocorre, é possível identificar a b) formação de pés segundo o padrão iâmbico (. x), contando-se do início da palavra, da esquerda para direita, onde a segunda sílaba será acentuada. Nesta posição percebe-se com frequência a ocorrência de sílabas pesadas, podendo ocorrer vogais que se alongam pela regra de alongamento iâmbico (CV.CV:).

Se a palavra tem três sílabas, a primeira já é marcada como proeminente pela aplicação do acento secundário, e forma um pé do tipo (x). A partir dela, inicia-se, da esquerda para a direita, a formação dos pés iâmbicos (. x), de modo que a última sílaba, mesmo quando monomoráica (CV), sempre é acentuada.

(x)	
[¹ ʒɛ]	‘fazer’
(x)	
[¹ tɔdn]	‘feio’
(. x)	
[ʔʃ. ¹ ʔʃ]	‘gavião’
(. x)	
[hɔ. ¹ ti]	‘você’
(. x)	
[nã. ¹ wit]	‘muitos’
(x) (. x)	
[ʃ.mbi. ¹ ʒik]	‘mandioca’
(x) (. x)	
[nõñ.tõ. ¹ ndɔdn]	‘menino’

Quando se considera o domínio da frase, observam-se as seguintes situações:

- c) Após a marcação da proeminência devido à aplicação do acento primário e secundário, em orações declarativas, a última sílaba apresentará uma intensidade e F0 menor do que os acentos primários das palavras lexicais dentro da frase;
- d) Se ocorre um choque acentual, em posição não final de frase, o acento é relocado por meio da inversão iâmbica.

Assim, quando representamos na grade métrica os exemplos vistos acima, nos baseamos inicialmente na representação de Liberman e Prince, aplicando os acentos nos níveis da sílaba, do pé e do sintagma/palavra fonológica. Refletimos, concomitantemente, sobre a pertinência de caracterizar a distribuição do acento de acordo com os padrões rítmicos propostos por Hayes (iâmbico, trocaico ou trocaico-iâmbico). Propomos, então, uma ordenação das regras de aplicação das proeminências em Krenak de acordo com as observações feitas acima, onde ocorre:

- 1) Aplicação de um 'x' marcando a proeminência de cada sílaba da palavra, no domínio da sílaba;
- 2) Aplicação do acento lexical primário, no domínio do pé;
- 3) Aplicação do acento lexical secundário (se em palavra trissilábica ou polissilábica), no domínio do pé;
- 4) Formação de pés iâmbicos, no domínio do pé;
- 5) Aplicação do acento frasal, no domínio do sintagma ou da palavra/frase fonológica.

Ilustraremos tais passos a partir dos exemplos 1 e 2:

1)

	x	(ω)
.	x	(Σ)
x	x	(σ)
[tɛ.	'pɔ]	'sol'

x	(ω)
x	(Σ)
x	(σ)

[ˈm̃ɔɾẽm] 'grande'

	x		(ω)	
.	x	.	x	(Σ)
x	x	x	x	(σ)
[tɛ.	'pɔ.	ʔi.	'm̃ɔɾẽm]	'o sol é grande'

2)

x	(ω)
x	(Σ)
x	(σ)
[ˈʒuk]	'rabo'

	x	(ω)
.	x	(Σ)
x	x	(σ)

[ndʒɔ. 'rɔt] 'puxar'

	x	(ω)	
x	.	x	(Σ)
x	x	x	(σ)

[ku. pi. 'rik] 'macaco'

[nõɲ. tõ. 'ndɔdn] 'menino'

x	x		x		(ω)			
x	.	x	x	.	(x x)	.	x	(Σ)
x	x	x	x	x	x	x	x	(σ)

[nõɲ.tõ.'ndɔdn. ku.pi.rik.'ʒuk. ndʒɔ.'rɔt] 'o menino puxa o rabo do macaco'

Nos exemplos, a primeira linha indica as sílabas das palavras lexicais. A segunda linha marca as sílabas 's' (*strong*) no nível do pé, onde recebem 'x' inicialmente as sílabas que proeminentes devido a aplicação do acento primário e secundário das palavras lexicais. Neste caso, a observação das sequencias de proeminência do tipo (. x) ou (x) indicam que se trata do padrão do tipo iâmbico. A terceira linha marca o acento frasal, onde percebemos que continuam marcados os acentos primários, secundário. É importante observar também que, a fim de evitar o choque acentual entre a sílaba (rik) , de ku.pi.'rik. e 'ʒuk, ocorre a inversão iâmbica, ou seja, a sílaba (pi) passa a receber um alongamento, e portanto, uma proeminência e o padrão iâmbico se refaz, passando a ku.,pi.rik.'ʒuk.

x	.	x	x
---	---	---	---

[ku.,pi.rik.'ʒuk

.	x	.	x
---	---	---	---

[ku.,pi.rik.'ʒuk.

Neste exemplo, a última sílaba [ɾɔt], por fim, não recebe proeminência no domínio do sintagma por estar na última posição de uma sentença declarativa e portanto, não é marcada com um 'x' no nível do sintagma/palavra fonológica.

Os mesmos procedimentos parecem se aplicar a frases negativas. Em orações interrogativas, entretanto, assim como em várias línguas do mundo, observa-se que a última sílaba apresenta intensidade e F0 mais alto, resultando numa entonação ascendente. Tal entonação será responsável pela diferença entre orações declarativas e interrogativas.

Assim, concluímos que o acento em Krenak é previsível para a última sílaba, onde cai o acento primário. O acento secundário é atribuído se a palavra tiver mais de três sílabas ou se fizer parte de um domínio maior do que o da palavra lexical. Por fim, dependendo do tipo de oração, a última sílaba terá uma F0 descendente ou ascendente, se for declarativa ou interrogativa. Porém, mais estudos que considerem níveis prosódicos maiores do que a palavra lexical e fonológica poderiam trazer a tona características importantes sobre a prosódia da língua.

CAPITULO III

ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS E ANÁLISE PRELIMINAR DE CONTOS BOTOCUDO (MANIZER , 1915)

1. Notas da gramática Krenak

Nesta seção pretendemos apresentar um estudo sobre as características morfossintáticas da língua Krenak, tendo como base os trabalhos de Seki (2000, 2001). Em seu trabalho, a autora apresenta uma análise das classes de palavras em Krenak e da estrutura das sentenças simples e complexas na língua e é em sua classificação que está fundamentada esta descrição³⁵.

Considerando-se que realizaremos um estudo do material de Manizer mais adiante, acreditamos ser de fundamental importância retomar aqui as características morfossintáticas da língua. Deste modo, esta revisão serve, ao nosso ver, tanto para apresentar uma visão mais ampla da língua, por meio de um trabalho que reúna aspectos fonéticos, fonológicos e morfossintáticos do Krenak – o que parece interessante para a maior compreensão dos leitores (falantes Krenak ou não) acerca da língua –, quanto para lembrar características que ainda não estão totalmente claras sobre a morfossintaxe da língua Krenak, o que corrobora para a conscientização acerca da necessidade de um maior envolvimento do grupo linguístico em questão (os Krenak), na tentativa de solucionar alguns dos problemas ainda em aberto.

Perceberemos que, como ressalta a Seki em alguns momentos de sua pesquisa, nem sempre é possível estabelecer critérios claros para a distinção de alguns elementos da língua. Esta dificuldade, no entanto, pode estar associada a limitações do próprio estado em que se encontrava a língua no momento da coleta. Por outro lado, alguns aspectos podem estar relacionados a limitações do *corpus*, de modo que é possível acreditar que uma nova consulta aos falantes pudesse vir a esclarecer alguns dos aspectos ainda pouco claros.

³⁵ Seki (2001) enfatiza que sua análise se baseia numa transcrição fonética mais ampla dos dados e não propriamente fonológica (p.133). Os exemplos apresentados para ilustrar os fenômenos são retirados dos trabalhos supracitados (SEKI, 2000, 2001), respeitando a transcrição da autora. Mais exemplos podem ser vistos em Seki (2000, 2001). De modo complementar, ilustramos algumas das características morfossintáticas explicitadas pela autora a partir dos dados transcritos mais recentemente por nós, mas que fazem parte do *corpus* coletado por Seki. Deste modo, pequenas diferenças na transcrição poderão ser percebidas, o que não prejudica, em absoluto, a compreensão do conteúdo de modo geral. As transcrições que tiverem sido feitas recentemente por nós levarão a anotação (*Transcrição nossa*) ao lado.

Isto posto, retomaremos aqui o trabalho supracitado, apresentando inicialmente, as classes de palavras, que se subdividem em abertas e fechadas. Alguns elementos que permeiam entre a definição de morfemas, sufixos ou posposições, devido ao seu uso (disponível no *corpus*), serão incluídos apenas quando falarmos das estruturas das orações na língua.

Os conceitos teóricos aqui apresentados incluem, quando convenientes para a reflexão dos aspectos, noções de ordem funcional-tipológica, as quais podem ser encontradas em Givón (1990), Payne (1994), Shachter (1985), Anderson & Keenan (1985).

1.1 - As classes de palavras (ou partes do discurso) em Krenak

1.1.1 - As classes abertas

Segundo Seki (2001), em Krenak é possível identificar as seguintes classes abertas de palavras: Nome, Verbo, Advérbio.

1.1.1.1 - O nome

As teorias gramaticais tradicionais, como a de Port Royal, por exemplo, definem 'nome' como uma palavra utilizada para referenciar pessoas, lugares, animais e coisas (nomes concretos) ou algumas propriedades, ações e estados (nomes abstratos).

Payne (1997) distingue os nomes em dois tipos: **nomes próprios** e **nomes comuns**. Segundo o autor, nomes próprios são aqueles usados para se referir e identificar pessoas ou personagens e locais culturalmente significativos. Pode, então, ser utilizado para especificar tanto o falante quanto o ouvinte, de modo que não costuma aparecer junto com artigos, modificadores, partículas de posse, orações relativas ou outros contextos que tornam o nome mais identificável (p.39). Podem-se distinguir nomes próprios e comuns de acordo com os tipos de marcadores que encontramos próximos a eles.

Nomes próprios

KF4LA/056 (Transcrição nossa)

(374) **ad̥ʒu bexnad** tə m̥ɲ ɲak pi we

‘Adão e Bernardo foram para a roça (para trabalhar)’

(375) ɲãɲ ɛ tembrãɲ ndzak ti m̥ɲ **sãw paulu** -wa

Depois de amanhã ela irá para São Paulo

Nomes comuns

(376) kwaha ‘homem’

(377) kuparak ‘onça’

(378) ɲak ‘terra’

(379) krak ‘faca’

Para Givón (1990), os nomes carregam em si um conjunto de traços semânticos que incluem “entidade”, ou seja “aquilo que tem existência”; “temporal”, o qual é atribuído “àquilo que existe em um tempo particular”; “concreto”, é um traço presente “naquilo que tem existência tanto no tempo quanto no espaço”; a “animacidade”, o traço atribuído a “organismos vivos” e, finalmente, o traço “humano”, que está presente em “seres humanos”. Tais traços são hierarquicamente organizados do seguinte modo:

[ENTIDADE] → [TEMPORAL] → [CONCRETO] → [ANIMACIDADE] → [HUMANO]

Visualizamos alguns exemplos de nomes concretos. Esta classificação, entretanto, não permitiu identificar nomes abstratos na língua Krenak.

(a) kwaha ‘Homem’

[ENTID], [CONCR], [ANIM], [HUM]

b) kuparak ‘onça’

[ENTID], [CONCR], [ANIM]

c) ẽmbĩm ‘Noite’

[ENTID], [TEMP]

d) taru? ‘Céu’

[ENTID], [CONCR]

Segundo Seki (2001), os nomes em Krenak apresentam a categoria de posse e se distinguem sintaticamente dos verbos porque podem ocupar posições de sujeito, objeto de verbos e de posposições.

(380) ɲak ‘terra’

(381) krak ‘faca’

Sujeito: ɲgĩĩɲ ɲak tõndõn

Eu Terra pequena

Minha terra é pequena.

Objeto: ti krak jaha ʔi

Eu faca procurar PresCont

Eu estou procurando a faca.

1.1.1.2 - O gênero, número e grau

A língua Krenak não apresenta marcador de gênero, número e grau. No entanto, algumas estratégias são utilizadas para evidenciar estas noções. No que se refere à distinção do gênero natural (feminino/masculino), no caso de + animados, o sexo é marcado por justaposição de lexemas (item seguido de palavra correspondente a ‘homem, macho’ ou ‘mulher, fêmea’) ou pode ser inferido do contexto extralinguístico, o qual se mostra como suficiente para evitar ambiguidades de sentido.

(382) kwaha ‘homem’

(383) ndʒuknɔ̃n ‘mulher’

(384) n̄ɔ̃ntõndõdn ‘menino’

(385) ndʒõmbre? ‘menina’

KF2LA 0085/0087 (Transcrição nossa)

(386) n̄ gi-jak ‘irmão (sem gênero)’

(387) n̄gi-jak dʒuknɔ̃n ~ ‘irmã’ ‘irmão + mulher’

(388) n̄gi-jak kwaha ‘irmão’ ‘irmão + homem’

(389) ʔɔ̃ʔɔ̃ ‘galinha’

(390) ʔɔ̃ʔɔ̃ məkijɔ̃m ‘galo’

A observação dos dados disponíveis sugere que a categoria de número em Krenak não é marcada morfologicamente. Isto é, é marcada apenas lexicalmente por meio de palavras que indicam quantidade (muito) ou numeral em si ou por meio do contexto extralinguístico:

(Transcrição nossa)

(391) n̄ɔ̃ntõndõdn ‘menino/criança’ n̄ɔ̃ntõndõdn n̄ɔ̃wit ‘muitas crianças’

(392) n̄ij mək ‘minha perna’ kin̄ij mək ‘nossas pernas’

Da mesma forma que o gênero e o número, a formação do aumentativo e diminutivo na língua Krenak se expressa por meio de um processo analítico de justaposição. Trata-se de um processo bastante produtivo e atua sobre +- animados. Assim, o nome pode ser graduado através de pelo menos duas formas: ‘məɔ̃m’ (grande, largo) para aumentativo e ‘tõndõn’ (pequeno), para diminutivo, como demonstram os dados a seguir:

(Transcrição nossa)

(393) nək ɔ̃m-məɔ̃m ‘a roça é grande’

(394) nək tōndõn ‘a roça é pequena’

1.1.1.3 - Adjetivos(?)

De acordo com as orientações tradicionais, a classe de adjetivos, é constituída por palavras que denotam qualidades ou atributos de uma pessoa, um lugar, um animal ou uma coisa referenciada por um nome. Para Schachter (1985), apesar de esta definição apresentar alguns problemas, não se tem notícia de uma definição de cunho nacional melhor do que ela.

Do ponto de vista gramatical, contudo, o adjetivo pode ser definido como a palavra que funciona como modificador de nomes ou como predicativo.

Em Krenak, em alguns casos, utilizam-se palavras correspondentes a adjetivos em português (cor, tamanho, personalidade), o que ocorre pela justaposição dos lexemas.

(Transcrição nossa)

- (395) kōmdzuk brukukuk ‘sangue vermelho’
 (396) nĩŋ ŋak tōndōn ‘Minha roça é pequena’
 (397) kuparak m̄ikər̄ŋ ‘Onça pesada’ ou ‘a onça é pesada’
 (398) kwaha tōn ‘O homem é mau (não bom)’

Porém, Seki explica que nem sempre é possível classificar como adjetivos alguns itens. Há palavras que ocorrem como modificadores e predicados. Nestes casos, não foi possível observar critérios claros que permitissem distinguir o uso destes itens como um ou como outro.

(Transcrição nossa)

- (399) m̄jññ him ‘A água está suja’ ou ‘água suja’
 (400) m̄jññ him ‘água escura, preta; café’

Este exemplo serve para ilustrar a mencionada dificuldade em definir critérios claros para o uso destes itens como modificadores ou predicados. Neste exemplo, o primeiro sentido possível é de ‘água suja’. Porém, Seki também registrou o uso desta

expressão claramente como um nome, quando a falante Sebastiana se referiu a ‘café’, literalmente traduzido como ‘água preta’.

1.1.1.4 - Os verbos

Seki identifica duas subclasses de verbos: a dos verbos ativos e a dos verbos descritivos. Ambos possuem membros que ocorrem como predicados. Os verbos ativos podem se subdividir em intransitivos e transitivos, de acordo com o número de argumentos que podem admitir.

Os verbos descritivos, por sua vez, são também intransitivos. Além disto, apresentam o mesmo marcador de primeira pessoa do singular que os nomes, o que os distingue dos verbos ativos transitivos e intransitivos, que recebem marcador distinto.

Ainda, complementa Seki, os verbos descritivos não recebem flexão pessoal, podendo ocorrer como modificadores de verbos (SEKI, 2001. p.133).

Descritivos (intransitivo)

(401). ɲiiŋ tən

Eu feio/mau

Eu sou feio/mau.

Ativos (intransitivos)

(402). həti a-niŋ kurãŋ nuk

Você não quer vir?

Ativos (transitivos)

(403) ɲãŋtəndən kuparak pip

Criança onça ver

A criança viu a onça.

1.1.1.5 - Os marcadores de tempo $ne?$, ʔi e ʔũ

Os dados disponíveis em Krenak permitem distinguir pelo menos três marcadores de tempo: **$ne?$** , **ʔi** , **ʔũ** . Estes marcadores costumam vir na posição final do enunciado, após o verbo principal. A noção de futuro é expressa pelo marcador $ne?$. A noção de presente contínuo expressa-se por meio do marcador ʔi . Com menos frequência, observamos o marcador **ʔũ** , responsável por expressar a noção de tempo passado. Vejamos alguns exemplos:

(404) hoti a- nij $ne?$

Você 2sg-vir Fut

Você virá?

(405) hoti ηg - we mu η $ne?$

Você 1sg-com ir Fut

Você vai comigo?

(406) $\eta\text{ã}\eta\text{t}\text{õ}\text{nd}\text{õ}\text{n}$ ti puk ʔi

Criança ? chorar Prescont

A criança está chorando

1.1.1.6 - Os advérbios

Em termos nocionais, tradicionalmente, a classe dos advérbios é definida como aquela que compreende palavras ou expressões que indicam circunstâncias de modo, tempo, lugar, intensidade, entre outras. Do ponto de vista funcional, o advérbio constitui formas comumente relacionadas ao verbo, ou seja, são aquelas que ampliam o sentido dessa classe de palavras, tais como os substantivos temporais e os que exercem o papel de

instrumento, causa, localidade, entre outros. Contudo, alguns advérbios também podem estabelecer relações com elementos de outras classes de palavras, em geral, o adjetivo ou o próprio advérbio.

Quanto aos tipos de advérbios, estes se distribuem de acordo com a posição espacial ou temporal do falante e, ainda, segundo a maneira como este visualiza o estado das coisas ou dos seres designados nas sentenças. Além disso, as características gramaticais e semânticas dos advérbios podem variar conforme o comportamento dos itens lexicais dos quais eles derivam (GIVÓN, 1990). Assim, configuram subclasses dos advérbios: as formas locativas e temporais (ambas derivadas de formas dêiticas e de demonstrativos), intensificadoras e modalizadoras (originadas em geral dos adjetivos), interrogativas (advindas dos pronomes interrogativos), entre outras.

A classe dos advérbios constitui-se, portanto, como uma classe heterogênea de elementos e, de acordo com Seki (2001), esta classe em Krenak é representada por locativos, temporais, quantificacionais, qualificacionais e ainda com termos para números. Sintaticamente, dependendo da subclasse, os advérbios ocorrem como predicado em orações não verbais, como adjunto em outros tipos de orações e como modificadores de verbos. Nesta última função, geralmente precedem o verbo, exceto se o advérbio for oriundo de descritivos, que ocupam a posição inversa (SEKI, 2001, p.133).

1.1.1.6.1 - O locativo

O locativo diz respeito à função de localização espacial exercida por um nome em uma sentença. Em Krenak existe um sufixo direcional *-wa*. Ainda, locuções adverbiais com sentido de locação são utilizadas:

(407) huwan 'longe'

(408) ɲarẽɲ 'perto'

Outras formas que denotam o posicionamento do falante em relação ao ser ou evento expresso na sentença são os dêiticos demonstrativos, os quais se encontram pospostos ao nome ou ao verbo.

- (409) ɲgim ‘aqui’
 (410) hĩrã ‘lá’
 (411) ukupĩ ‘em cima’
 (412) pombi ‘dentro’

1.1.1.6.2 - Temporais

Já para indicar a locação temporal, o falante também recorre a formas adverbiais demonstrativas, tais como:

- (413) tẽmbrãɲ ‘amanhã’
 (414) ãm bĩmbĩm ‘cedo’
 (415) ɲikõmõ ‘agora’

- (416) tẽmbrãɲ kraʔi tɛ mbɔk jokiek nɛʔ
 Amanhã não índio ? peixe pescar Fut
 ‘amanhã o não índio vai pescar’

(Transcrição nossa)

- (417) nẽɲ ãm bĩmbĩm pi
 Ele cedo trabalha
 ‘ele trabalha desde cedo’

(Transcrição nossa)

- (418) ɲikõmõ ti ɲak ʒɛ ʔi ti ɲgõmdzõm
 Agora 1sg roça fazer Cont 1sg alegre
 ‘Agora que *tô* fazendo minha roça eu *tô* alegre’

1.1.1.6.3 - Quantificacionais e números

A idéia de quantidade é expressa por advérbio ‘muito’ ou ‘pouco’. Quanto aos números, em Krenak parece haver distinção de número até pelo menos o número cinco. O restante estaria incluído na noção semântica expressa pelo advérbio ‘muito’.

(Transcrição nossa)

(419)	putʃik	‘um ou pouco’
(420)	ŋgrĩmbɔʔ	‘dois’
(421)	krutuip	‘três’
(422)	uruhu	quatro ³⁶
(423)	tãŋ	‘cinco’
(424)	ɲawit	‘muito’

1.1.2 - As classes fechadas

Seki identifica as seguintes classes fechadas de palavras: a) os pronomes, b) as formas interrogativas, c) os numerais. As conjunções identificadas para as orações complexas são empréstimos do português, o que veremos mais adiante. Passaremos então a discorrer sobre estas classes nos itens subsequentes.

1.1.2.1 - Os pronomes

Em termos tradicionais, a classe dos pronomes é aquela que, diferentemente da classe de nomes, contém palavras que não exercem a função de nomear pessoas, animais e coisas, mas sim de substituí-los em um contexto linguístico. Nesse sentido, segundo Schachter (1985), o pronome é o tipo mais comum de pró-forma, já que é usado como um substituto de um sintagma nominal. Seguindo essa linha de raciocínio, é possível encontrar

³⁶ Este item foi fornecido pelo informante José Anato, morador do P.I. Vanuíre. A informante Sebastiana, por sua vez, forneceu o termo tãŋ tanto para se referir ao número 4 como para o 5.

vários subtipos de pronomes nas línguas: os reflexivos, os recíprocos, os demonstrativos, os indefinidos e os relativos.

Em Krenak a classe dos pronomes é representada apenas por três categorias: a dos pronomes pessoais e a dos interrogativos e dos indefinidos (SEKI, 2001).

1.1.2.1.1 - Os pronomes pessoais

De modo geral, os linguistas costumam levar em conta a noção de dêixis na análise dos pronomes pessoais. De acordo com Anderson & Keenan (1985), expressões dêíticas são elementos linguísticos, cuja interpretação em sentenças simples se dá essencialmente através de referências ao contexto extralinguístico. Como as pessoas do discurso somente podem ser definidas pelo contexto extralinguístico, então os pronomes pessoais podem mesmo ser considerados como dêíticos.

Ainda segundo Anderson & Keenan (1985), os dêíticos pessoais básicos são expressões que necessariamente se referem ao(s) falante(s) e ao(s) ouvinte(s) (1ª e 2ª pessoas do discurso) da sentença em que eles ocorrem. Contudo, muitas descrições gramaticais tradicionais também consideram o ser ou evento de que tratam o falante e o ouvinte (3ª pessoa) como um dêítico.

Seguindo essa orientação, não distinguimos em nosso estudo a 3ª pessoa das demais em se tratando de dêixis.

De modo geral, os pronomes pessoais podem conter informações diversas sobre os elementos por eles referenciados, tais como: gênero, número, status social, estabelecimento de relações (formais *versus* informais) existentes entre os participantes do discurso, entre outras. Em Krenak não se verificam distinções morfológicas para marcar gênero, mas, como parece ser comum em todas as línguas do mundo, as formas pronominais se distinguem visando estabelecer diferenças dentro da categoria número, como constatamos nos exemplos, a seguir:

(425) ti mũŋ nuk nɛ?

Eu ir Neg Fut

‘Eu não irei’

(426) hoti a-nĩŋ kurãñ nuk

Você 2sg-vir Desid Neg

‘você não quer vir?’

(427) nãŋ koñim pĩm

Ele qual querer

Qual ele quer?

De acordo com Seki (2001) o sistema pronominal inclui um conjunto de pronomes livres e outro de formas presas, cujo uso não está totalmente claro. Vejamos no quadro abaixo:

	Formas Livres	Formas Presas
1ª. Pessoa Singular	ti ŋĩŋĩŋ	ŋg- ~ ŋge- ~ ŋgi- ~ ŋgii- ŋgĩĩŋ
2ª. Pessoa singular	huti ~ hoti	a- ~ ã ~h- ~hi
3ª. Pessoa singular	ŋãŋ	ki- ~ k- ~hi- ~j- ~ ø ~ĩm- ³⁷
1ª. Pessoa Inclusiva	kĩniŋ	
1ª. Pessoa Exclusiva	ŋgren niŋgren	
2ª. Pessoa Plural	ãñdzuk	
3ª. Pessoa Plural	ŋãŋgren ãŋgren.	

Quadro 14 – Formas pronominais segundo Seki

A partir da observação do quadro de morfemas, Seki identifica então, distintas formas para a primeira, segunda e terceira pessoas do singular e não singular. Ainda, para a primeira pessoa não singular, há distintas formas que podem ser interpretadas como inclusiva (kĩniŋ] e exclusivas (ŋgren, niŋgren).

Quanto ao uso destas formas, eles ocorrem ora como sujeito de verbos ativos e descritivos, ora como objeto direto, além de poderem codificar o possuidor. A este respeito, Seki resume que geralmente, as formas da primeira coluna ocorrem como sujeito (exemplos acima), porém a 3ª pessoa do singular e a 1ª, 2ª e 3ª plural ocorrem nos dados também com a função de objeto direto (SEKI, 2001).

³⁷ No texto original, esse morfema consta como alomorfe da primeira pessoa do singular, porém, segundo a autora (comunicação pessoal), trata-se da terceira pessoa. Ex.: ŋak -ĩm dzək ‘a terra está seca’.

(Transcrição nossa)

(428) ti ɲɔŋ pip ‘eu vejo ele’

Segundo Seki, as formas da segunda coluna, por vezes, podem ser usadas para codificar o possuidor e alguns alomorfes da 1, 2 e 3 pessoas ocorrem como sujeito de descritivos ou objeto de verbos e posposições.

1.1.2.1.2 - Os marcadores de posse

De acordo com Seki, os pronomes pessoais funcionam como marcadores de posse. As formas se posicionam antes de nomes possuídos.

(429) ɲge-opu ‘minha mãe’

(430) ɲgi-tʃukin ‘meu marido’

(431) ɲgĩɲ ɲak tɔndɔn ‘minha roça é pequena’

(432) nãɲtɔdɔn ɲĩɲ kitinãɲ ‘a criança é minha neta’

Na segunda pessoa, encontramos as seguintes variações e na terceira do singular visualizamos o exemplo abaixo:

(433) hoti a- nĩɲ nɛ? ‘você virá?’

(434) ti mũɲ ne ã- ndjẽm- wa ‘eu vou para sua casa’

(435) h-opu ‘sua mãe’

(436) hi-nũn ‘seu braço’

(437) ɲgɔɲ ki-jẽm pɔmbi wip ‘O cachorro está deitado dentro da casa’

1.2 - Estruturas das sentenças simples em Krenak

Seki apresenta a estrutura das sentenças simples em Krenak. Sobre as orações complexas, alguns comentários complementares da autora serão feitos mais adiante. De todo modo, a autora identifica em Krenak as sentenças declarativas, interrogativas e imperativas e seus subtipos.

As sentenças declarativas simples se manifestam por meio das: 1) orações verbais intransitivas ativas; 2) intransitivas descritivas 3) transitivas e 4) orações não verbais identificadoras; 5) locativas/existenciais; e 6) possessivas. A distinção entre esses tipos e subtipos de orações, complementa a pesquisadora, baseia-se nas classes de palavras que manifestam o predicado, na distribuição de elementos pronominais e na presença/ausência obrigatória de constituintes.

No entanto, no que se refere à distribuição dos elementos pronominais, registraram-se alternâncias de distintas formas, de modo que seu uso ainda não pode ser considerado completamente compreendido.

Passemos, então, à breve descrição de cada tipo de oração mencionado acima. Mais exemplos e detalhes podem ser visualizados em Seki (2001).

1.2.1 - Orações intransitivas ativas

São aquelas que possuem predicado verbal intransitivo ativo, onde se identifica apenas um argumento, o qual é expresso por uma locução nominal ou pronominal:

(438) nãŋtõndõn ti puk ʔi

Criança ? chorar PresCont

A criança está chorando.

1.2.2 - Orações descritivas

Seki explica que as orações intransitivas são aquelas que apresentam um argumento, sendo o predicado um verbo descritivo. Por não aceitarem marcador de sujeito de primeira pessoa do singular ‘ti’, são considerados como distintos dos outros tipos de orações. Além disso, não foi encontrado exemplo que apresentasse o morfema de presente contínuo ři.

(439) wati ɲõm

Milho verde

o milho está verde

Foram registrados, ainda, exemplos que continham em suas construções um elemento identificado como te ou ε. Entretanto, este elemento foi encontrado também em outros tipos de construções, e seu significado e função ainda não estão claros. Cogita-se a hipótese de se tratar de um empréstimo do português, porém, isto ainda não pode ser confirmado.

(440) nãŋ ε rõn

Ele ? alto.

Ele é alto.

(441) mbrõŋŋ te prugŋ

Caminho ? reto

O caminho é reto.

1.2.3 - Orações transitivas

As orações transitivas apresentam como predicado um verbo transitivo. De acordo com Seki, distinguem-se das intransitivas pela presença de uma locução nominal em função de objeto direto, a qual ocorre precedendo o verbo e seguindo o sujeito:

- (442) ηgrəη ηgəη krəp ʔi
 Cobra cachorro morder PresCont
 A cobra está mordendo o cachorro.

1.2.4 - Orações não verbais identificadoras

As orações identificadoras são aquelas construções que exprimem identidade ou função/papel. Segundo Seki, essas orações podem ser identificadas através de dois subtipos de orações: orações equativas e orações com elemento de cópula. Vejamos a seguir a definição e exemplos de cada uma.

1.2.4.1 - Orações equativas

Consistem em duas locuções nominais não marcadas, tendo, uma delas, função predicativa, e a outra, função de sujeito da predicação.

- (443) hoti kʔnɔra?
 Você mulher não índia
 Você é mulher não índia

1.2.4.2 - Orações com elemento de cópula

São aquelas orações não verbais que exprimem identidade, função, papel, nas quais o sujeito nominal ou pronominal vem marcado com o morfema cópula –wa, o qual é idêntico ao morfema de significação locativa/direcional. Nessas construções o elemento pronominal indicador de sujeito pode ser uma forma livre ou presa (SEKI, 2001).

- (444) ηg -wa mburuη
 1sg –Cop índio
 Eu sou índio

1.2.5 - Orações Locativas/existenciais

São orações que exprimem locação ou existência. Estas construções têm um advérbio ou locuções posposicionais como complemento predicativo (SEKI, 2001).

(445) ?amãŋgut aŋgwiŋ

Comida não existente

Não tem comida

(446) tʃiŋ nãwit ŋgim

Carne muito aqui

Aqui tem muita carne/caça

(447) ã -ndjem -wa prik nãwit

2sg – casa- Loc formiga muito

Em tua casa tem muita formiga

1.2.6 - Orações possessivas

Seki identificou os seguintes morfemas que exprimem posse: -we, -wã e -iuk. O morfema -we é formalmente idêntico ao morfema comitativo e se encontra posposto ao elemento pronominal possuidor (pois não se registraram exemplos com nominais):

(448) ŋg -we kōn putʃik

1sg- Indef um

Eu tenho uma coisa

O nome ou o elemento pronominal que exprime o possuidor tem posposto o morfema -wã:

(SV)

(452) ʔãm hoŋ ʔi

Indef queimar PresCont

Algo [a árvore] está queimando

(SOV)

(453) nãŋtõndøn kupirik ʒuk ndʒɔrɔt ʔi

Menino macaco rabo puxar PresCont

O menino está puxando o rabo do macaco

(SOiOV)

(454) ti ŋaŋ pə kõn um̩ nɛʔ

Eu ele-Dat Indef dar Fut

Eu darei isto para ele.

Entre o sujeito e o objeto direto ocorrem constituintes marcados com -ɲuk -iuk -uk, que tem sido interpretado como benefactivo:

(455) ti ŋaŋ-iuk kõn ri -muŋ nɛʔ

Eu ele – Bem Indef Caus Com – ir Fut

Eu levarei isto para ele.

(456) ti h -uk kõn ri -niŋ

Eu 2sg-Bem Indef CausCom-vir

Os adjuntos temporais tendem a ocorrer na posição inicial da oração ou após o sujeito.

(457) tembrãŋ kraʔi te mbøk ʒɔkiɛk nɛʔ

Amanhã não índio ? peixe pescar Fut

Amanhã o não índio vai pescar

(459) nãŋ ɛ tembrãŋ ndzak ti muŋ šaw paulu-wa

Ele ? amanhã outro ? ir São Paulo-Dir

Depois de amanhã ela irá para São Paulo

Os locativos e outros constituintes oblíquos foram registrados ou em posição final de oração ou precedendo o verbo:

(500) ti muŋ ne ã -ndjem- wa

Eu ir Fut 2sg-casa-Dir

Eu irei para a tua casa

1.4 - Orações interrogativas: perguntas polares, alternativas e perguntas com palavras interrogativas

Segundo Seki, a função de interrogação é expressa por meio das orações interrogativas. Distinguem-se as perguntas polares, alternativas e de conteúdo (com palavras interrogativas).

As perguntas polares são orações que exprimem perguntas do tipo sim-não. Estruturalmente são idênticas às orações declarativas, sendo que a função interrogativa é marcada pela entonação, que se torna ascendente na última sílaba do enunciado.

(501) a -rehe?

2sg-bom

Você está bom?

As perguntas alternativas apresentam duas ou mais locuções (ou orações) que descrevem as diferentes possibilidades. Seki explica ainda que as locuções (ou orações) apresentam contorno ascendente, sendo a última apenas com contorno descendente. Podem vir justapostas, sendo mais comum que todas, exceto a primeira, venham precedidas pelo morfema *ɔ*, que é um possível empréstimo da conjunção ‘ou’, do Português:

(502) *ngutkrak ndzem huwaŋ ɲarẽɲ*

Ngutkrak casa longe perto

A morada dos ngutkrak fica longe ou perto?

(503) *tãŋ nãŋgren i -tʃõŋgat ɲgrimbɔʔ ɔ krutuiɲ ɔ putʃik*

Quanto eles 3-canoa duas ou três ou uma

Quantas canoas eles têm: duas, três ou uma?

Por fim, as orações interrogativas podem vir marcadas diretamente pela presença de palavras interrogativas. Os detectados no *corpus* disponível são:

(504) *iñãŋ* ‘quem’

(505) *ʔam nĩm* ‘o que’

(506) *kõnĩm* ‘qual, como’

(507) *hakre* ‘onde’

(508) *tãŋ* ‘quanto (s)’

(509) *ʔamnĩm we* ‘por que’

Seki explica que as palavras interrogativas ocorrem predominantemente em posição inicial de oração. A forma *iñãŋ* é usada com referência a seres animados e *ʔamnĩm* a seres inanimados. Em *ʔamnĩm we* depreende-se o morfema *we*, que ocorre em outros contextos expressando finalidade. As palavras *amnĩm* e *kõnim* são provavelmente constituídas dos indefinidos *ʔam* e *kõn*, que significam ‘algo, coisa’ e ‘nome indefinido, genérico’ respectivamente, junto a um elemento (partícula clítica) interrogativo *nĩm*. Em *hakre* é possível identificar um morfema interrogativo (?) *hak* e o morfema *kre*, que significa ‘aqui, lugar’.

(510) hakre krak wip

Onde faca jazer

Onde está a faca?

(511) inãŋ ε muŋ nε?

Quem ? ir Fut

Quem vai?

(512) ?am -nĩm hoti prim

Indef- você querer

O que você quer?

(513) tãŋ tarutembrãŋ hoti a -niŋ nε?

Quanto dia você 2sg-vir Fut

Quantos dias você virá?

(514) koĩm a -kruk prim

Qual 2sg-filho querer

Qual seu filho quer?

(515) ?am -nĩm we ñãŋ ti puk ?ĩ

Indef – Q Causa ele ? chorar PresCont

Por que ele está chorando?

Seki explica ainda que estes podem se encontrar também na posição após o sujeito:

(516) ñãŋ kōĩm prim

Ele qual querer

Qual ele quer?

A autora comenta ainda que não foram obtidas formas equivalentes para a palavra interrogativa ‘quando’. No entanto, esta informação pode ser encontrada no estudo de Guérios (1944), que registrou as formas para ‘quando? em que dia?’ como vemos nos exemplos abaixo:

a. há(k) tórú nim we

b. há(k) djinim we

Sob a observação de que ‘dji’ é empréstimo da palavra ‘dia’ do Português.

1.5 - Orações Imperativas

Distinguem-se pelo menos três tipos de imperativos: o imperativo, o exortativo e o permissivo (SEKI, 2001). Vejamos alguns exemplos de cada.

O imperativo é usado com referência ao ouvinte (segunda pessoa). A pesquisadora explica que não foi possível encontrar marcas especiais de imperativo positivo, exceto a ausência da consoante final nos verbos **muŋ** ‘ir’ e **nijn** ‘vir’. Em verbos intransitivos o sujeito da segunda pessoa do singular não é expresso, ocorrendo o simples radical verbal:

(517) jani mũ

Na frente ir

Vá em frente!

(518) nĩ kre

Vir aqui

Venha cá!

(519) tʃik

Desça!

(520) mbãŋ

Saia!

Se o mesmo vem acompanhado de algum modificador, é frequente a repetição do verbo:

(521) mũ mrom mũ

Ir depressa ir

Vá, vá depressa!

Se for dirigido a mais de uma pessoa, usa-se o pronome **ãndjuk** ‘vocês’, geralmente acompanhado da palavra ‘todos’, **mbi ndi**.

(522) ãndjuk mbĩndi mbãŋ

Vocês todos sair

Saiam vocês todos!

A autora finaliza explicando que com verbos transitivos o objeto direto é obrigatoriamente expresso e, no caso de alguns verbos, o sujeito de segunda pessoa do singular é marcado pelo prefixo **a-** 2ª p.’:

(523) ki-jẽm ma a- pøk

3-casa porta 2sg-fechar

Feche a porta [buraco] da casa!

1.5.1 -Exortativo – os morfemas **ṅãw**, **ṅãm** ou **ṅãmo**,

O exortativo é expresso por meio dos morfemas **ṅãw**, **ṅãm** ou **ṅãmo**, traduzidos aqui por ‘vamos’, que ocorre isoladamente ou seguido por verbo:

(524) ṅãw waizik tupi

Exort flecha fazer

Vamos fazer flecha!

(525) ṅãmo hum

Exort banhar

Vamos banhar!

1.6 - Permissivo – o morfema **inũṅ**

É expresso por meio do morfema **inũṅ** ‘deixa’, que é seguido pela oração ou ocupa a posição após o sujeito:

(526) inũṅ ṅãṅ kõn pip

Perm ele isso ver

Deixa ele ver isso!

ṅãṅ inũṅ kõn pip

ele Perm isso ver

Deixo ele ver isso!

1.7 - Negação

Seki explica que a negação é assinalada em orações declarativas por meio do morfema **nuk**, que se posiciona após o verbo ou predicado nominal:

- (527) ti ŋgri nuk nɛʔ
Eu cantar Neg Fut

Já em orações imperativas, a negação é expressa pelo morfema **nũŋ**, que se encontra posposto ao verbo:

- (528) kōn ʒɔp nũŋ
Idef beber Neg
Não beba isso!

1.8 - Descrição de períodos compostos

De acordo com Seki (2000), a coordenação de locuções e de orações é expressa por justaposição, mecanismo que ocorre também em orações temporais e condicionais.

- (529) m̄arət jamnda ti h -uk ri -nin
Arroz feijão eu 2sg-Ben Caus-vir
Eu trouxe arroz e feijão para você

- (530) m̄uɲaŋ pi mbut ti muŋ nɛʔ
Chuva cair cessar eu ir Fut
Quando/se parar de chover eu irei

A relação causal é expressa por justaposição de orações ou pelo morfema **ri**, posposto ao verbo da oração causal:

- (531) ti h-uk kōn ri -nĩŋ
Eu 2sg-Ben Indef CausCom-vir
Eu trouxe isto para você

(532) ɲaŋ tɨ puk ʔi ŋgoŋ ɲaŋ krɔp

Ele ? chorar Pres cachorro ele morder

Ele esta chorando porque o cachorro o mordeu

Em alguns casos, é comum a utilização do termo emprestado do português ‘**puke**’, (porque) (Seki, 2000):

(533) ɲaŋ tɨ puk ʔi puke ŋgoŋ ɲaŋ krɔp

Ele ? chorar Pres porque cachorro ele morder

Ele esta chorando porque o cachorro o mordeu

Seki registrou ainda o elemento **sinãw**, empréstimo da conjunção ‘senão’ do Português:

(534) pawa auŋ sinãw ti kon jaji nuk

Devagar falar senão eu isso saber Neg

Fale devagar, senão eu não entendo

Por fim, não foi encontrado o correspondente em Krenak para construções que exprimem comparação. De acordo com Seki as formas registradas são claramente calcadas do português ‘mais do que’. Vejamos:

(535) hi- kren jirum mais di ke a-kren

3- cabeça branca mais do que 2s-cabeça

A cabeça dele é mais branca do que a tua

2. Manuscritos de Manizer uma proposta de análise de contos do povo Botocudo

A língua Krenak contém um sistema consonantal nasal bastante rico, característica típica de línguas do tronco Macro-Jê. Assim, é possível encontramos em seu

sistema fonológico, além de nasais sonoras em quatro pontos de articulação – bilabial, alveolar, palatal e velar –, segmentos de contorno pré e pós-oralizados e ainda as nasais surdas, as quais são bastante incomuns em línguas indígenas brasileiras.

Levando em consideração a situação da língua Krenak, caracterizada como em extremo risco de extinção, uma das formas de podermos ter acesso aos aspectos linguísticos e culturais desta língua é justamente através de registros históricos, que nos permitem recuperar algumas das suas características linguísticas, além de permitirem ampliar o acervo existente sobre a mesma. Porém, nem sempre estes documentos são de fácil acesso. É o caso do material de H.H. Manizer, um etnógrafo russo que coletou um material sobre a língua Krenak ainda no início do século XX.

Neste capítulo, apresentaremos uma caracterização geral do material linguístico coletado por Manizer. A partir disto, iremos propor formas de interpretação fonológica e uma análise preliminar de parte do material deste estudioso. Veremos, entretanto, que até o momento atual, nem sempre é possível chegar a formas com precisão.

As informações aqui apresentadas baseiam-se nos manuscritos de Manizer e podem ser encontradas em trabalhos de Schprintsin (1947). Além deste trabalho, consultamos o trabalho de Sebéstyen (1981) –, a qual reuniu 13 contos apresentados por Manizer, porém com tradução feita por ela para o inglês. De modo complementar, contamos com os trabalhos de Seki (1989, 1990), que tece comentários acerca do trabalho de Schprintsin, além de ter possibilitado o acesso aos manuscritos e a leitura do material de Schprintsin, uma vez que este último se apresenta originalmente em Russo. Assim, levando-se em conta tais estudos, faremos a caracterização dos manuscritos tal qual o original, além de caracterizarmos a apresentação dos mesmos segundo Sebestyén.

A análise deste material está fundamentada nas características fonológicas da língua Krenak, apresentadas por nós neste estudo (Capítulo II), o qual apresenta um caráter descritivo, tendo como base teórica reflexões pautadas na Geometria de Traços, (CLEMENTS & HUME, 1995) e na Teoria Métrica do Acento, de Lieberman e Prince (1975) e, sobre a questão dos segmentos de contorno na tipologia proposta por Wetzels (2008). Já quanto às características morfossintáticas, pautamo-nos nos aspectos descritos por Seki (2000, 2001) especificamente sobre a língua Krenak/Nakrehé.

2.1 - Caracterização geral dos manuscritos

2.1.1 - O pesquisador e seu estudo

Em 1915, o etnógrafo russo H. H. Manizer (Anexo 6) realizou uma estadia entre os Botocudo e com eles viveu durante 6 meses. Este grupo habitava a região do Rio doce, no sudeste brasileiro. Durante sua visita, teve contato não apenas com os Krenak, na região do rio Mutum, MG, mas também com os Munhãnjirum, Gut-Krak, Nakrehé e Jiporók, na região do rio Pancas, ES (SHPRINTSIN, 1947).

Segundo Sebestyén (1981), o estudioso foi o primeiro pesquisador capaz de descrever a língua Botocudo a partir da utilização de símbolos fonéticos internacionais, como observamos no seu comentário apresentado a seguir:

“Manizer was the first, (...) researcher, who was able to write down the Botocudo Language with the most developed method of his time – the APhI transcription. Although there were other ethnographers who visited the Botocudo before and after him, he was the only one who made a real precise transcription of that language.” (Sebestyén, 1981:140).

Os símbolos utilizados fazem parte do alfabeto da Associação Fonética Internacional e incluem sinais que hoje são usados de forma diferente, porém que permanecem perfeitamente claros para estudiosos da área, como [ž]. Por outro lado, e não de forma tão clara quanto os primeiros, são utilizados sinais complementares propostos por L.V. Scherba (1911). Não está claro se estes sinais complementares se restringiam a alguns sinais do alfabeto russo, também utilizados por Manizer nas suas transcrições.

Assim, apesar do caráter linguístico e do indiscutível valor que atribuímos ao seu trabalho, a preocupação de Manizer em registrar fielmente a grande variação existente na fala dos índios, além de ter que lidar com sons estranhos àqueles encontrados nas línguas indo-europeias, leva a caracterizarmos tal material como apresentando certas ambiguidades. Ainda, alguns problemas na segmentação dos morfemas são identificados, o que, apesar de ser característico de um estudo deste tipo, feito naquela época, torna este material de difícil acesso, tanto para linguistas quanto para os nativos Krenak.

Acreditamos, entretanto, que, mesmo apresentando alguns obstáculos e lacunas, uma análise mais recente deste material, tendo por base uma descrição fonológica e morfossintática mais aprofundadas, poderá trazer frutos no que se refere não só à interpretação dos mesmos, mas também quanto ao seu aproveitamento de caráter científico (linguístico) e cultural.

2.1.2 - Os manuscritos

Os materiais coletados por Manizer nunca foram publicados. Segundo Schprintsin (1947), os manuscritos do autor pode ser dividido em três grupos:

- a) um vocabulário bilíngue, Botocudo-Português/Português-Botocudo;
- b) um dicionário-fichário, com 723 fichas, cada uma contendo morfemas e um exemplo ilustrativo de seu uso, bem como a identificação do grupo e do informante e um esboço de anotações linguísticas sobre a gramática Botocudo (Seki, 1990);
- c) contos bilíngues – Schprinstrin afirma serem 13 contos e 10 canções³⁸ – com transcrição na língua Krenak e apresentação das glosas, não todas, para o Português. Os textos são apresentados na íntegra em Português, porém alguns apenas em Russo. Por vezes, nas anotações do autor nos manuscritos, algumas formas são ‘riscadas’ e substituídas por outras que ele parece definir como melhor para a compreensão dos textos.

Seki (1990), a partir de Schprintsin (1947), detalha os trabalhos de Manizer conforme vemos a seguir:

- 1) *Manizer, Henri Henrikovitch (sld I) - Materialy o jazykakh tchetyriokh plemjon Brazílii: Kadiuevo, Tshane, Kaingang, Botocudo (Materiais sobre as línguas de quatro tribos do Brasíli:Kadiwew, Txane, Kaingang, Botocudo):* Manuscrito inédito. Arquivo do Instituto de Etnografia da Academia de Ciências, Leningrad. Trabalho apenas esboçado, contendo uma introdução e 4 capítulos com uma estrutura comum (fonética, meios gramaticais,

³⁸ Não tivemos acesso a todas as canções nem optamos por fazer a análise destas, selecionamos os contos.

gramática, morfologia e vocabulário), dedicados à descrição das línguas mencionadas.

2) *Manizer, Henri Henrikovitch (sfd Ill - Opyt objektivno-lingvisticheskovo issledovanija po jazykam nekotorykh brazylskikh plemjon*: (Tentativa de pesquisa linguística objetiva das línguas de algumas tribos brasileiras): Manuscrito Inédito. Arquivo da Academia de Ciências de URSS, Leningrad. O trabalho contém duas partes, a primeira consistindo de uma introdução e seções sobre fonética, categorias gramaticais (morfologia) e característica geral de línguas norte - americanas, e a segunda consistindo dos materiais descritos em Manizer (dd-I).

Em julho de 2001, a pesquisadora Seki teve acesso aos manuscritos originais de Manizer, os quais se encontravam no “Archive Museja Antropologii i Etnografii im. N.N. Miklukho – Maklaia (Kunstkamera) Rossiskoj Akademii Nauk. F. K. 1 op. 1, N 414 I 11, S. Petersburg. Nesta ocasião, adquiriu uma cópia de parte dos manuscritos de Manizer, a qual incluía as 13 narrativas, algumas canções e parte do vocabulário, além de anotações de gramática. Esse material, com exceção das notas de gramática, foi consultado para a realização desta análise.

Os contos foram parcialmente abordados em 1981, por Sebestyén, a qual apresentou a tradução dos textos completos originalmente em português ou russo, para o inglês – o que auxiliou nossas leituras – , além de haver acrescentado a tradução das frases para o inglês, como iremos caracterizar mais adiante.

De cunho mais antropológico, conta-se ainda com uma monografia sobre os Botocudo, feita por Manizer. O relato intitulado “*Les Botocudos d’après lès observations recueillies pendant um séjour chez eux em 1915*” contém informações gerais sobre o grupo e um diário sobre a rotina entre os índios botocudos. Além deste, Manizer produziu um artigo com figuras dos instrumentos musicais utilizados por este povo – os quais foram parcialmente publicados por Seki, em 2001. Todo este material está arquivado nos “Archive of N.N.Mikluho Maklaia Institute of Ethnography of the Academy of Sciences USSR – Leningrad Department.

2.1.3 - Modo de coleta

Os contos foram coletados durante a visita de Manizer aos Botocudo em 1915. Segundo o autor, nesta época, os Krenak “conheciam apenas algumas palavras do português” (SCHPRINTSIN, 1947ç).

Tratam-se de narrativas do gênero contos de animais. Os textos coletados foram narrados pelo Nakrehé Jerônimo, chefe do grupo Botocudo. Relata-se que este índio era cego e que, por ter conhecimento da língua portuguesa, ensinou a língua Botocudo para o pesquisador russo. Além disto, foi responsável também por tê-lo ajudado na preparação do vocabulário Botocudo-Português. Outras fontes linguísticas de Manizer foram crianças Botocudo, às quais ele ensinava Português e, em troca, aprendia o idioma delas (SCHPRINTSIN, 1961, p.101).

Apesar do depoimento de Manizer sobre o pouco conhecimento dos Botocudo acerca da língua portuguesa, é possível observar a presença de empréstimos do português nos próprios textos, os quais se alternam com as formas em Botocudo em momentos distintos. Hipotetiza-se que algumas destas formas podem não ter sido identificadas pelo pesquisador como empréstimos.

2.1.4 – Apresentação geral das narrativas e alguns problemas

Manizer registrou a língua Botocudo utilizando-se dos símbolos fonéticos do Alfabeto Fonético Internacional, além de usar símbolos complementares propostos por L.V. Scherba (1911). Esta característica dá ao material um valor linguístico indiscutível e um caráter inédito, diante dos registros impressionistas que se tinham até então. A apresentação dos contos é dada da seguinte maneira: primeiro, o autor apresenta o título do texto, por exemplo “Onça, coelho e sapo”, seguido do texto na íntegra, que seria a tradução livre do conto, escrito em português e, em alguns casos, em russo. Em seguida, Manizer apresenta a transcrição na língua indígena de trechos da narrativa. À sua transcrição, somam-se sinais gráficos do sistema ortográfico russo, além de alguns diacríticos, como descreveremos mais adiante. Os trechos são separados por barras verticais. Abaixo de cada trecho, Manizer

apresenta as glosas (nem todas) e tentativas de divisão de morfemas, o que é feito em português, porém, com anotações na língua russa. Às vezes observam-se itens riscados, o que mostra que o autor tentava buscar a glosa mais apropriada para determinados termos na língua Botocudo. Por fim, às vezes, na parte inferior esquerda da folha, o pesquisador faz um glossário Botocudo-Português, dos itens presentes no texto. É importante ressaltar que Manizer não apresenta em nenhum dos textos a tradução dos trechos transcritos na língua indígena, mas sim, as glosas.

Em seu artigo, Sebestyén (1981), por sua vez, faz algumas modificações ao que é apresentado no manuscrito. Inicialmente a autora apresenta o texto livre em língua inglesa, tradução feita por ela. Abaixo do título, também em inglês, a autora apresenta o título em português. Até onde pudemos observar, as traduções dos textos livres parecem bastante fiéis ao que Manizer apresentou no original. Em seguida, a estudiosa apresenta os transcrições dos trechos na língua indígena. Abaixo dos trechos, encontram-se as glosas, em língua portuguesa.

Feito isto, Sebestyén acrescenta a tradução das glosas para o inglês, fazendo a tradução do trecho em alguns momentos. Disto, alguns problemas são gerados, pois, de fato, Manizer não apresenta a tradução dos trechos. Em sua tentativa, Sebestyén tenta transferir as frases do texto completo para as frases com as glosas, as quais nem sempre são equivalentes, levando-se em consideração as características discursivas e narrativas do texto livre e dos trechos enunciados isoladamente. Como consequência, algumas ‘lacunas’, como define a autora, podem ser identificadas e problemas na compreensão do texto em botocudo são associados pela estudiosa ao pouco conhecimento de Manizer do português – o que não necessariamente ocorreu.

A este respeito, Sebestyén (1981) afirma que as traduções por vezes se apresentam de modo ‘não claro e assincrônico’, como vemos em seu comentário: “Sometimes, there is a lack of synchronicity among the three texts of one tale written down by Manizer, probably due to his translation from Botocudo into Portuguese and Russian” (p.141).

Para exemplificar, apresentamos dois trechos, nos quais a autora comenta, abaixo das glosas, que determinada frase não apresenta tradução completa: “está faltando a

tradução de Manizer” (a qual não existe, de fato, nos originais). Vejamos alguns exemplos do texto “Tatu e lagarto”, com anotações de Sebestyén:

- kžo žke:k itó palitó že:k kxi:m
paleto ahi
/Manizer’s translation is lacking here/
- kren-akwa: -janik-akwa kr ηta ɟakɟɪ:n kɾɨxmxnu:k
Cabeça cacunda prego
/ Manizer’s translation is lacking here/

Segundo nossa observação do material, Manizer apresenta as informações da seguinte maneira: primeiro apresenta o texto na íntegra – em tradução livre – , em língua portuguesa ou russa; em seguida, passa para a apresentação de trechos transcritos em botocudo, estando as glosas abaixo, em português.

Ainda neste sentido, uma segunda característica parece ser identificada no material de Manizer. Referimo-nos aqui a não correspondência entre o conteúdo do texto na íntegra e as linhas traduzidas. Ou seja, o texto mostrado inicialmente apresenta-se mais completo e, inclusive, inclui fatos e até personagens que não aparecem nos trechos em língua indígena, o que parece resultar num texto truncado. Porém, há de se considerar, voltamos a lembrar, as diferenças das características discursivas das narrativas livres e dos trechos.

Uma terceira característica geral do material se refere à alternância e variação no registro de alguns itens. Percebe-se a grande preocupação do autor em registrar as variações de pronúncia do falante. O resultado é a presença de termos, traduzidos como o mesmo item, mas que não apresentam uma forma padronizada. Por se tratar de uma transcrição fonética, reconhecemos o valor de seu empenho; no entanto, em alguns momentos tal variação dificultou nosso trabalho em identificar com maior precisão qual seria o fonema de base em questão e até mesmo a palavra. Nestes casos apresentaremos nossas sugestões, mas entendemos que poderá haver outras interpretações possíveis. Vejamos a seguir alguns exemplos da variação registrada por Manizer:

Texto 1/Linha 1:	xníep	‘sento’
Texto 5/linha 5:	niep	‘sento’
Texto 7/Linha 1:	nep	‘sento’
Texto 2/Linha 5:	niep	‘sentado’
Texto 2/Linha 5:	nxæ;p	‘sentado’

Observamos também a alternância de algumas formas da língua com palavras emprestadas do português, o que ocorreu, inclusive, dentro de um mesmo texto:

Texto 1/Linha 1:	kuparak	‘onça’
Texto 1/Linha 6:	onsa	‘onça’

De modo geral, tais variações poderiam estar associadas a a) erros gráficos; b) variações livres da língua junto à tentativa de reprodução fiel; c) variações de registro associadas à dificuldade de percepção de sons não existentes em línguas indo-europeias; d) empréstimos do português e e) dificuldades na segmentação no nível morfológico e sintático (SEKI, 1984).

Estas características, entre outras, tornam tais textos de difícil acesso tanto para linguistas quanto, e principalmente, para os falantes, que não podem usufruir deste material para recuperar aspectos linguísticos e culturais do seu povo.

2.1.5 - Grafia utilizada por Manizer

Entre os símbolos e sinais russos utilizados, observam-se os apresentados na primeira coluna. Na segunda coluna, apresentamos nossa proposta de sons correspondentes numa transcrição mais recente. Vejamos:

Símbolos	Correspondências
Ђ	ə
Ы	y i
ѓ	dʒ
Ј ou ʝ	tʃ
Ј	dʒ

Quadro 15 – Símbolos e correspondências

Além destes, utilizam-se os símbolos do IPA para designar: sons oclusivos surdos [p, t, k], oclusivas sonoras [b, d, g], nasais [m, n, ɲ, ŋ], fricativas [ʒ, ʃ, x], grafadas como [ʒ̣, ʃ̣, x̣], tap [r] grafado com [ṛ] e glides [w, j]. Para as vogais, identificam-se as vogais orais e nasais baixa [a, ɶ], médias-baixas [ɛ, ɛ̃, ɔ, ɔ̃], médias [e, o, ẽ, õ] e altas anterior e posterior [i, ĩ, u, ũ]. As vogais central média [ə] e central alta [ɨ] são identificadas a partir dos símbolos emprestados do russo, como podemos ver no quadro acima.

Entre os diacríticos, encontramos aqueles com funções de marcar acento [ˈ], alongamento [ː], nasalidade [~], ditongo ou segmento complexo [_]. Para a divisão de morfemas o hífen [-] e ainda, parênteses [()] e barras [/] são utilizados, os quais devem indicar também funções prosódicas, como pausas ou junção de palavras ou formas alternativas de transcrição.

A análise do material de Manizer permite-nos chegar ao seguinte inventário de fones consonantais:

p	t	k		
b	d	g		
	pm			kɲ
				gɲ gn
	m	n	ɲ	ŋ
				ŋg ng
	xm	xɲ xn		xɲ
		[ʃ] [ʒ]		x
		[tʃ] [dʒ]		
		r		
	w		j	

Quadro 16 – Segmentos consonantais

2.2 – Descrição e distribuição dos segmentos

2.2.1 - As consoantes

2.2.1.1 - As oclusivas

São predominantemente surdas, mas são encontrados alguns exemplos de palavras iniciadas por oclusivas sonoras (ex.: [gatta:m] ‘lagartixa’):

[p] A oclusiva bilabial surda ocorre em posição de *onset* e *coda*:

kuparak ‘onça’

kɲie:p ‘sentado’

[t] A oclusiva alveolar surda ocorre em *onset* e coda:

kumpat ‘compadre’

mbati:k ‘coelho’

[k] A oclusiva velar surda ocorre em *onset* e coda:

kiŋkó ‘sapo’

kuparak ‘onça’

Não identificamos símbolo que correspondesse ao som da oclusiva glotal nas transcrições de Manizer. Por outro lado, encontramos a utilização consistente de oclusivas idênticas duplicadas, ou seja, em fronteira de sílaba, uma oclusiva se repetia:

kappot ‘cobertura’

nu-kittoúm ‘nos olhos’

kukki:n ‘medo’

Não está clara a função deste recurso a partir dos exemplos observados nas narrativas.

2.2.1.2 - As nasais

A nasal pode ser labial [m], alveolar [n], palatal [ɲ], velar [ŋ] e ocorre em *onset* ou coda silábica, com restrições para a nasal velar, que ocorre prioritariamente na coda ou em contornos (ver adiante):

Onset

[m] mãumãu ‘doente’

[n] nuk ‘não’

Coda

[m] JJem ‘casa’

[n] xattarán ‘arara’

[ɲ]	ɲieɲ	‘sentado’	[ɲ]	ɲieɲ	‘sentado’
[ŋ]	ŋguãŋ	‘sapo (espécie grande)’	[ŋ]	xmaũŋ	‘correu’

2.2.1.3 - As fricativas

[ʒ] A fricativa álveo-palatal vozeada [ʒ] ocorre em início de sílaba, precedendo qualquer vogal:

xjožék ‘costas’

Manizer observa que os segmentos ž e j se alternam.

[š] A fricativa álveo-palatal surda [š] ocorre em início de sílaba. Aparece com pouca frequência nos textos:

šap ‘sapo’

[x] A fricativa velar surda ocorre em *onset*³⁹.

xira: ‘lá’

xotti ‘você’

Este segmento é identificado também nas transcrições de Manizer na posição antes de segmentos consonantais nasais, de tap e de aproximantes:

³⁹ Manizer grafa este som com o símbolo que hoje equivale mais à fricativa uvular surda [χ], porém, pela sua descrição, é conveniente apresentar o símbolo da fricativa velar surda [x] em seu lugar.

xmaĩŋ correu

xmɣt cheio

xrãm velho

xri:m ahi (aí)

axwi:n pregou

Porém se destaca sua posição pré-nasal. A este respeito, Manizer observa que algumas consoantes na língua Botocudo são muito peculiares:

No que respeita ao “m”, ele se inicia com o ruído da corrente de ar que sai pelo nariz e produz [ao ouvido] a impressão de “xm”...”. Quando a corrente de ar não gera o ruído fricativo, mas produz uma pequena oclusão junto ao palato mole, antes de passar pelo nariz, então gera um som parecido com “pm”. (MANIZER, Manuscrito K I, op 1 N 419-420, p.55)

Manizer adverte que em suas anotações ele utiliza condicionalmente os símbolos xm = pm para registrar a nasal. Observa-se que a fricativa x é também usada por ele para transcrever as demais nasais.

2.2.1.4 - As africadas

[ʃ] A africada álveo-palatal surda [tʃ], grafada como [ʃ], ocorre em *onset*:

ʃɔmpai ‘fogo’

ʃɣappin ‘sapinho’

[g] A africada álveo-palatal sonora [dʒ], grafada com o símbolo [g], ocorre apenas em *onset*:

gʃipɔkɣn ‘banana’

2.2.1.5 - O tap

O tap alveolar ocorre em *onset* de sílaba precedendo vogal e como segundo elemento de *onset* complexo, sob a ressalva de que a sequência ‘tr’ parece proibida na língua:

kren ‘cabeça’

kuparák ‘onça’

2.2.1.6 - As aproximantes

[w] A aproximante labial ocorre em *onset* simples e complexo. Raramente é grafada com a letra ‘v’:

we ‘com’

kwei ~ kvei ‘coelho’(Empr.)

[j] A aproximante ocorre em *onset*:

jaxá ‘procurar’

2.2.2 - As vogais

Os textos analisados permitem identificar um sistema vocálico que distingue os segmentos de acordo com os traços de altura e abertura. Observam-se os seguintes fones vocálicos:

Orais	Nasais
i	ĩ
ɨ (i)	ĩ̃ (ĩ)
e	ẽ
ɐ (ə)	ẽ̃ (ẽ)
ɛ	ẽ̃
æ	ã
a	
u	ũ
o	õ
ɔ	õ̃
	ã

Quadro 17 – Segmentos vocálicos a partir de Manizer

Assim, podemos identificar as seguintes classes de vogais:

i) Vogais altas

[i] vogal anterior alta não arredondada

[u] vogal posterior alta arredondada

[ɨ] vogal central alta não arredondada

ii) Vogais médias

[e] vogal anterior média-alta não arredondada

[o] vogal posterior média-alta arredondada

[ɐ] vogal central média

iii) Vogais baixas

[ɛ] vogal anterior média-baixa não arredondada

[ɔ] Vogal posterior média-baixa arredondada

[æ] Vogal anterior baixa não arredondada

[a] Vogal central baixa não arredondada

Nos manuscritos, Manizer apresenta no quadro fonético o símbolo da vogal anterior alta [ɪ], embora nas transcrições dos textos utilize sistematicamente o símbolo [i]. De fato, a vogal alta anterior realiza-se como [ɪ] em alguns ambientes, como em sílabas travadas, segundo nós observamos em nosso estudo fonológico.

A observação do material não evidencia ambientes mais ou menos prováveis para a realização de cada vogal. Por hora, parece suficiente notar que as vogais centrais alta não arredondada e média são muito frequentes. Vale ressaltar que tais vogais são transcritas através dos sinais complementares que mencionamos anteriormente.

É possível perceber também que nos manuscritos todas as vogais que aparecem marcadas com nasalidade, podem estar ou não seguidas de consoante nasal na coda. Ainda, as vogais orais podem ser seguidas de consoantes nasais sem nasalizar-se. Nestes casos, pode ocorrer os diacríticos de alongamento ou acento agudo, que parecem ter funções ora prosódicas, ora segmentais, como discutiremos mais adiante.

2.2.3 - O acento

O acento, num primeiro olhar, não parece ser marcado consistentemente pelo autor. Deste modo, percebemos que alguns itens são marcados em alguns momentos, enquanto que, em outros, os mesmos itens não recebem acento:

kuparak ~ kuparák ‘onça’

kǫēm ~ kǫēm ‘casa’

Mas porque isto acontece? Hipotetizamos que os mesmos itens que às vezes aparecem marcados e às vezes não, assim ocorrem por se encontrarem em níveis prosódicos diferentes, como por exemplo, no nível da frase e não no da palavra lexical.

De qualquer modo, apesar desta alternância, é possível observar a regularidade do acento sob a sílaba final das palavras, o que se refere à marcação do acento primário da língua. Por outro lado, o acento secundário, que aparece em palavras com mais de três sílabas, não é marcado pelo autor.

Outra observação se refere ao modo de marcar o acento. Um é o sinal gráfico agudo [´] na sílaba proeminente. Outra maneira de indicar o acento, ao nosso olhar, é a marca de alongamento da vogal [:] em algumas posições na palavra ou na frase, uma vez que este diacrítico aparece com certa frequência e que a língua não apresenta vogais longas. Assim, esta seria uma forma de mostrar que esta sílaba recebe acento por meio de um alongamento da vogal. Às vezes, ambos, acento e alongamento, são utilizados ao mesmo tempo.

2.3 - Aspectos fonológicos da língua Krenak

De um modo geral, os textos de Manizer, uma vez compreendidas algumas correspondências dos símbolos utilizados, tornam-se um material bem mais acessível para ser utilizado. Para nós, sobretudo, que vimos fazendo um longo estudo sobre a fonologia da língua Krenak, algumas questões fonológicas parecem bem típicas. Assim, mesmo levando em consideração as dificuldades apresentadas previamente, é possível refletir acerca de suas implicações com base no que sabemos da fonologia da Língua Krenak atualmente, e, assim, podemos reescrever os textos no nível fonológico.

Passemos então a algumas observações importantes. Nesta língua, o destaque cai sobre os segmentos nasais, os contornos nasais e as vogais oral/nasal, o que, inclusive, dificultou por muito tempo a identificação destes, sejam vocálicos ou consonantais.

Assim, inicialmente focalizamos os seguintes aspectos gerais do trabalho de transcrição de Manizer:

- i) As sequências de fricativa velar + nasais plenas;
- ii) A distribuição das nasais plenas;
- iii) A ocorrência de segmentos de contorno;
- iv) Nasais duplicadas.

Façamos algumas reflexões mais cuidadosas acerca de cada uma:

i) As sequências de fricativa velar + nasais plenas [xm, xn, xŋ] - Nasais surdas

Estudos fonéticos sobre os segmentos surdos foram apresentados por nós no capítulo 2. Nesta análise, verificamos algumas características articulatórias e acústicas acerca de tais segmentos, tendo como inspiração teórica os trabalhos de Laver (1994) e Ladefoged e Maddieson (1996).

O estudo revelou que o segmento nasal surdo, na sua fase inicial de realização, é caracterizado pela fase de silêncio. Assim, temos:

1º. O fechamento oral na primeira e segunda metade de produção do segmento, referentes à fase de silêncio na etapa do *onset*;

2º. Em seguida, o véu palatino se encontra abaixado e os lábios fechados, o que causa o bloqueio de saída de ar pela boca, direcionando-o para o nariz o tempo inteiro, com mais intensidade na primeira parte da produção do segmento. Esta constitui a fase medial do segmento, durante o qual os lábios permanecem fechados. Vale ressaltar o estado da glote, que, como permanece aberto quase o tempo inteiro, permite a passagem do fluxo de ar causando o efeito ‘aspirado’.

3º. Na terceira fase do segmento, de *offset*, influenciados pelo elemento vocálico que segue, ocorre a abertura dos articuladores, os lábios, e a liberação do ar passa a ocorrer tanto pelo nariz, quanto pela boca.

Ressaltamos que até a abertura oral, o fluxo de ar sai com bastante intensidade apenas pela cavidade nasal e, após a abertura dos articuladores ativos da boca, o ar sai, simultaneamente, pelas cavidades oral e nasal, permitindo a produção de vozeamento e de nasalidade. Este segmento apresenta uma aspiração forte, quando o ar é expelido pelas vias nasais. Vale lembrar que esta característica já fora percebida pelo próprio Manizer, quando afirmou que na língua o “**m** (...) se inicia com o ruído da corrente de ar que sai pelo nariz e produz [ao ouvido] a impressão de ‘xm’...”.

Considerando, pois, tais características, sobretudo no que se refere a esta ‘forte aspiração, com saída de ar pelas vias nasais’, interpretamos que as sequências de fricativa velar + nasais plenas, do tipo [xm, xŋ, xn], encontradas nos textos são, na realidade, uma tentativa de Manizer de registrar o som das nasais surdas, e não segmentos complexos, como se poderia pensar.

Isto posto, propomos em nossa reescrita dos textos, que as sequências de segmentos dos tipos discutidos podem sem prejuízos para a compreensão, ser marcadas como [m̩, ŋ̩, ɲ̩, ŋ̩], em seus devidos pontos de articulação, uma vez que tal classe de segmentos faz parte do inventário fonológico proposto por nós. Em alguns casos que possam se referir à informação morfológica, tais segmentos serão mantidos. Em outros momentos, onde ocorrer alternância entre um segmento e outro, tentaremos preservar, mas sempre apresentando a forma transcrita mais recente de acordo com o estudo fonológico feito por nós.

Assim, anotaremos casos como:

Manizer		(Transcrição nossa)
xmaũŋ	‘correu’	maũŋ
xmakxɲam	‘velho’	maɲɲɛm

ii) A distribuição das nasais plenas

Quanto às nasais plenas, como pudemos observar, na língua podem ocorrer em *onset* ou *coda*, diante de vogais orais ou nasais. Com base no material do estudioso russo, observamos a seguinte distribuição das nasais:

8) #_ĩ	[m]	[mũ̃]	‘vae’ (vai)
9) ã_#	[m]	[xɲam]	‘velho’
10) #_v	[mb]	[mba'ɬɪk]	‘coelho’
	[m]	[numatte]	‘no mato’
11) v_#	[m]	[amɲuk]	‘sombra’

iii) A ocorrência de segmentos de contorno

Observamos ainda que não são registradas nasais pré-oralizadas [bm]. Todavia, percebe-se com frequência, nas transcrições do autor, a marcação de um acento final,

indicado pelo símbolo de alongamento da vogal da última sílaba de um item lexical, o qual contém em seu núcleo uma vogal notadamente oral. Vejamos o exemplo da palavra ‘lagartixa’ na transcrição do autor e na nossa:

12) v_#	[m]	[ga'tta:m]	‘lagartixa’	(transcrição Manizer)
	[bm]	[ŋga'tabm]	‘lagartixa’	(transcrição nossa)

Em casos como este, onde temos acesso à parte oral/nasal na coda devido a nossa análise mais recente, hipotetizamos que o alongamento marcado pelo autor poderia tentar expressar justamente o tempo do contorno, o qual, para efeitos de oitiva, pode soar mais alongado do que uma simples sequência de vogal nasalizada [ãm]. Porém, nem sempre o símbolo de alongamento indica a presença de uma nasal pré-oralizada. Como vimos anteriormente, este pode se referir simplesmente ao acento da sílaba. Encontramos, neste sentido, alternância entre o símbolo de alongamento e o acento sobre a vogal.

xattarán ~ xattara:n	‘arara’	
hataran [hataradn]	‘arara’	(Transcrição nossa)

Deste modo, concluímos que:

Em coda, a nasal se realiza como consoante nasal após vogal nasal [m] e como nasal pré-oralizada [bm] quando precedida por vogal oral, o que parece estar marcado por Manizer como alongamento da vogal oral, como em [a:n].

Se nossa hipótese estiver correta, podemos afirmar que isto resulta do processo de oralização da nasal, em termos autosegmentais, semelhante à análise feita por nós neste estudo. Este mesmo fenômeno, na tipologia proposta por Wetzels (2008), seria interpretado como um contorno motivado por OVE (Oral Vowel Enhancement), ou seja, o contorno que surge como forma de preservar a distinção entre as vogais orais e nasais que, nesta posição e em línguas como o Krenak, em extremo risco de extinção, correm perigo de se perder.

Não é difícil acreditar que esta distinção parecia difícil de preservar e de ser percebida já no início do século XX, à época da visita de Manizer aos Botocudo.

No *onset*, diante de vogais orais, as nasais podem ocorrer como pós-oralizadas [mb] ou como nasais sonoras [m], além de observarmos a presença das nasais surdas, que são notadas na transcrição de Manizer por meio da presença de fricativa velar imediatamente anterior ao segmento nasal, como vemos em ([xmbt, xmakpám]), que significam ‘cheio’ e ‘velho’, respectivamente.

Após observarmos algumas evidências, incluindo variações possíveis (registradas nas gravações e nos textos), possibilidades fonéticas e motivações fonológicas, além de empréstimos linguísticos e registros históricos, parece plausível afirmar que o sistema da língua tem, subjacentemente, a distinção entre oclusivas surdas e sonoras em *onset*. Neste caso, seguindo a proposta de implementação fonética de Wetzels (2008), acreditamos que esta língua apresenta, no *onset*, pré-nasalização por VSE (Voiced Stop Enhancement), isto é, a porção nasal surge para distinguir os segmentos oclusivos surdos dos sonoros, passando a contrastar elementos das classes /P,B/.

Tal distinção pode ser percebida no material analisado de Manizer, uma vez que termos podem aparecer apresentando em *onset* uma oclusiva sonora. Destaca-se, quantitativamente, a oclusiva sonora velar [g], mas observamos também exemplos das oclusivas sonoras bilabial [b] e, mais raramente, da oclusiva alveolar sonora [d], mesmo assim, em alternância registrada com a oclusiva pré-nasalizada [mb] – predominando esta última forma:

gunʒúŋ ‘tatu’

batыk ~ mbatыk ‘coelho’

/gundʒun/ [ŋgudndʒudn] ‘tatu’ (Transcrição nossa)

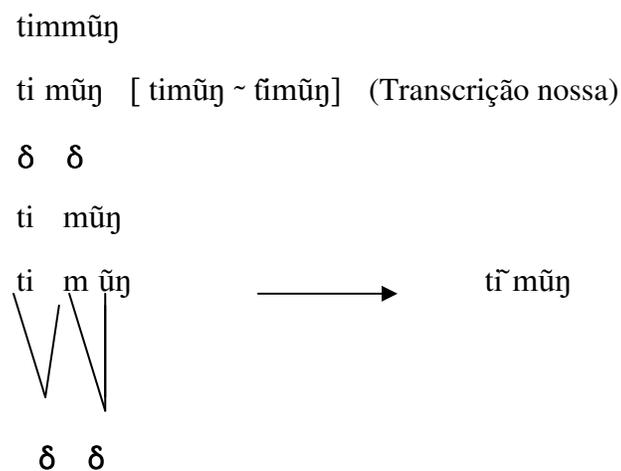
/batik/ [batik ~ mbatik] ‘coelho’ (Transcrição nossa)

iv) Nasais duplicadas

Por fim, outra característica observada nos textos é a presença de consoantes nasais duplicadas:

timmũŋ ‘ir’

Esta característica ainda não está totalmente clara para nós, de modo que deixamos em aberto para a formação de algumas hipóteses. No entanto, mesmo assim, é possível sugerir que tais ocorrências evidenciam a ambissilabidade da consoante nasal em fronteira de sílaba. Isto é, por um lado, a nasal pode causar ou não uma nasalização da vogal da sílaba que a precede, e ao mesmo tempo, faz parte do *onset* da sílaba que se segue. Assim, temos algo como:



Concluimos, então, que parece pertinente propor no sistema fonológico de Manizer para a língua naquele momento, a distinção entre oclusivas surdas e sonoras; nasais surdas e nasais sonoras e vogais orais e nasais. Levando, pois, em consideração as alofonias estudadas, reaplicamos ao texto de Manizer as regras fonológicas e apresentamos uma proposta de reescrita (na forma fonológica) dos seus textos no item a seguir.

3. Narrativas Botocudo nos manuscritos: descrição e análise preliminar

Neste item faremos uma análise preliminar das narrativas Botocudo transcritas por Manizer. Esta análise consiste em apresentar uma descrição dos aspectos lingüísticos observáveis nos textos e formar argumentos para propor formas fonológicas para as transcrições fonéticas do pesquisador russo. Ainda, tendo por base a observação das características lingüísticas, iremos propor novas divisões de morfemas, na medida do possível, baseadas em hipóteses levantadas a partir do estudo da fonologia e morfossintaxe da língua Krenak apresentados previamente.

Em alguns momentos, entretanto, veremos que parece plausível chegar a mais de uma forma fonológica correspondente aos itens transcritos por Manizer – em se levando em consideração as características fonéticas da língua. Nestes casos, mostraremos as opções, explicando-as quando necessário.

Por outro lado, em outros momentos, as formas às quais chegamos resultam em itens que não aparecem na coleta mais recente de Seki. Entre as possíveis explicações para isto, cogitamos que tais variações podem estar associadas a a) formas que se apresentam por meio de itens diferentes nos dados mais atuais; b) erros de interpretação dos dados coletados (nossos ou do autor russo); c) formas que realmente não fazem parte do nosso corpus; d) formas pertencentes a diferentes variantes da língua Botocudo.

A respeito desta última possibilidade, percebemos, por exemplo, que algumas formas que foram registradas por Manizer como tendo oclusivas surdas, na coleta de Seki, realizaram-se consistentemente como oclusivas sonoras. Nestes casos, optamos por inserir na forma fonológica que apresentamos as realizações segundo a coleta de Seki, seguindo a análise fonológica feita por nós previamente, ainda que destaquesmos tal variação, de modo que o leitor possa visualizar esta característica da língua. Acreditamos que esta ‘padronização’ do material possa torná-lo mais claro para outros estudiosos ou para os próprios falantes da língua, que venham a ler estes textos no futuro.

A reescrita e análise preliminar se aplica a 2 das 13 narrativas apresentadas pelo autor – ainda que os outros textos sejam utilizados para ilustrar fenômenos da língua de modo mais específico⁴⁰.

3.1 - Descrição de aspectos fonéticos, fonológicos e morfossintáticos nas narrativas

Para realizarmos esta análise, foi necessário seguirmos alguns procedimentos. Inicialmente, foi feito o estudo da fonologia da língua, a partir de um recorte lingüístico (os dados de Seki). Em paralelo, observamos as características da gramática da língua Krenak, apresentadas pela pesquisadora Seki. Tomando por base os fenômenos fonético-fonológicos e morfossintáticos observados, partimos para a observação e discussão dos mesmos presentes no material de Manizer. Para chegarmos às propostas finais, focalizamos nossa atenção sobre os seguintes aspectos fonológicos e gramaticais.

Na fonologia:

- a) identificação das vogais centrais;
- b) identificação dos segmentos nasais que consideraremos como nasais surdas;
- c) a identificação de possíveis segmentos de contorno;
- d) identificação de processos fonológicos;

Na gramática foi possível observar aspectos relacionados a:

- a) ordem;
- b) formas pronominais (pessoais e possessivas);
- c) marcadores de tempo;
- d) advérbios;
- e) negação;
- f) empréstimos linguísticos.

⁴⁰ Apesar de termos feito uma apreciação de todos os contos encontrados nos manuscritos, diante das limitações encontradas por hora, optamos por apresentar neste estudo apenas 2. No futuro, porém, pretendemos apresentar este material seguindo uma análise mais precisa de certos itens que dificultaram esta fase da pesquisa, espera-se podermos contar com o auxílio dos falantes Krenak.

Apresentaremos, a seguir, uma breve explanação acerca de cada item, mencionando variações e possibilidades de interpretação fonológica e ilustrando características da língua a partir de exemplos retirados dos manuscritos. Ressaltamos que os exemplos aqui explicitados fazem parte não só dos dois contos analisados na íntegra, mas que foram retirados também dos outros textos apresentados pelo autor a fim de ilustrar e caracterizar melhor o material estudado⁴¹.

3.1.1 - Fonética e fonologia

a) *Identificação das vogais centrais*

Uma vez que as outras vogais identificadas já utilizavam símbolos e sinais facilmente reconhecíveis (por pertencerem ao alfabeto de fonética internacional até hoje), o principal foco de dificuldades na identificação das formas fonológicas recai sobre a identificação fonêmica das vogais centrais /i/ e /ə/.

A dificuldade é maior sobretudo quando estas vogais se alternam entre si ou são realizações alofônicas de outras vogais, como da vogal alta /i/, sendo todas transcritas por Manizer com o mesmo símbolo [ɪ]. Neste sentido, é possível identificar que os mesmos itens são ora transcritos com o símbolo russo, ora registrados com o símbolo /i/ - ou até mesmo a partir de outras vogais. Assim, considerando-se a utilização destes símbolos e as variações registradas, torna-se menos claro saber exatamente com qual vogal do sistema estaríamos lidando e qual vogal Manizer quis expressar através do símbolo por ele utilizado.

Em nosso estudo sobre a fonologia Krenak, vimos que as vogais centrais média alta e central alta /ə/ e /i/ são fonemas da língua Krenak, inclusive comprovados por contraste em ambiente idêntico. Mesmo assim, podem se alternar na superfície, sem que isto cause oposição de sentido necessariamente. Ainda, a vogal anterior alta [i], por sua vez, pode se realizar de modo mais tenso e recuado [ɪ], podendo chegar a uma realização que se assemelha a da vogal central media-alta [ə].

⁴¹ Para tentar compreender melhor algumas formas recorreremos aos vocabulários de Mosenhor Claro Monteiro, Rudolph e Renault, além do vocabulário de Seki.

Um dos problemas gerados pela não identificação fonêmica de uma vogal ou da outra é a dificuldade em registrar com precisão algumas formas lexicais, como é o caso do pronome de 1ª. pessoa ‘ti’ e a partícula ‘tə’, de função ainda não exatamente clara. Em suas transcrições, Manizer parece fazer uma pequena confusão entre estas vogais. Em alguns casos, numa transcrição como ‘ты’, é possível recuperar que a vogal em questão se trata, por exemplo, de uma vogal anterior alta /i/, por sabermos da função da palavra na oração (como é o caso do pronome ‘ti’). Assim, se funciona como sujeito, trata-se do pronome ‘ti’.

No entanto, nem sempre é possível distinguir a partícula ‘tə’, também registrada como ‘ты’ (e ainda com outras vogais, que veremos mais adiante quando tratarmos desta partícula). Ainda, em outras situações, o símbolo ‘ы’ parece se referir à vogal central alta /i/. É o caso de alguns itens para os quais encontramos correspondências atuais apresentado tal vogal. Por hora, vejamos exemplos da realização das vogais central alta e central média-alta:

Texto 1-

L3- **timmũ-** kura- núk /

Andar não quero/posso

ti⁴² mũŋ kurẽn nuk /

Eu ir querer Neg

L3 - **ты** - ɟɟappin кыŋ-кы:n

sapinho mandei

ti⁴³ ɟapin kiŋkiŋ

Eu sapinho mandar

L4- **ты-mbatы:k** - wε- au / batыk - tε- ны/i/ -an JJεm- wε- pm /au/ ðŋ ⁴⁴

Com coelho falar coelho veio elle vai na casa da onça

⁴² Neste caso vemos claramente a função de sujeito do verbo ‘ir’ [mũŋ]. Assim, temos ‘ti’, com a única ressalva de ter sido este item transcrito sem divisão de palavras com o verbo.

⁴³ Neste exemplo, pela ordem SOV, esperamos que se trate do sujeito ‘ti’. O mesmo parece ocorrer nos exemplos subsequentes, com exceção do último (Texto 4/L4).

⁴⁴ Manizer utiliza ‘pm’ com a mesma função de ‘xm’, por isso sugerimos ‘m’.

ti batik we auŋ batik tə nĩŋ ẽ-jẽm-we ɱɔŋ
 Eu coelho Com falar / coelho ? vir / 2sg-casa-com bater

Texto 4

L4- xattu-ni-mpó/ŋ/ kuŋja:ŋ jɔmpaig-wa **ɬɪ** /æ/ - xɬu:m ;
 Vosse minha mão quemo no fogo quemo
 hɔti nĩŋ- pɔ? kundzẽŋ tʃɔmpɛk -wa tɔ(?) ɛ hɔũm⁴⁵
 Você 1sg-mão ? fogo Dir ? ? queimar

Como vemos nas sentenças acima, o pronome ‘ti’ é registrado de duas formas [ti] e [ɬɪ]. Apesar de ficar clara a função do símbolo **ɬɪ** no segundo exemplo, como referindo-se ao pronome ‘ti’, no último não podemos afirmar o mesmo, de modo que sua forma fonológica apresenta-se ainda em aberto.

b) Identificação dos segmentos nasais surdos

Como vimos, as características articulatórias dos segmentos registrados por Manizer como sequências de nasais precedidas por fricativa velar ‘xm’ e das nasais surdas são semelhantes. Deste modo, hipotetizamos que a ocorrências de tais sequências poderiam se tratar de uma tentativa do autor russo em registrar os segmentos nasais surdos.

Por outro lado, vale ressaltar que em algumas situações tais sequências parecem se referir à presença de morfemas presos indicadores de pessoa ou posse, sobretudo o alomorfe de segunda pessoa do singular *h-*, o qual, seguido de uma palavra que se inicie com um segmento consonantal nasal, tende a ter efeito de percepção semelhante ao da produção da nasal surda:

Texto 7

L6- xɱiŋaŋ ɱɱɬ ! xum-nuk /

⁴⁵ No vocabulário de M. Claro Monteiro, temos ‘queimar – hóume; queimar o pé – ti pó houme’. Em Seki temos ‘ẽmbruk’, assim como Rudolph, que apresenta ‘ambruk’ para ‘queimar’.

Agua muita nada não
 ʎĩŋǝŋ mət hũm nuk
 Rio/água cheio nadar água

- L7- **nxæ:p** ɲiŋ-kɨ́-ttɨ
 Sentado de mim de traz
 ɲep⁴⁶ ɲĩŋ kiti
 Sentar 1sg atrás
- L8- **xɲam** -ŋgawó-
 Velho ponha
 ɲǝm gawó
- L9- **xmakxɲi**ɨ:m tæppó
 velho sol
 ɲakɲǝm tæpó?
- L5- **xɲiŋ**-kru:k xotti xu:m ak-kɔæ:m
 minha filha vosse nada vosse more
 ɲĩŋ -kruk hoti hũm a- kwem
 1sg-filha você nadar 2sg-morrer

Registramos ainda um segmento que em nossas transcrições foi identificado como nasal velar surda [ŋ̃], que em Manizer foi registrado como [ŋ̃çg]:

Texto 6

- L3- məŋŋti /xĩŋg/ɲiŋçgát pɔɲɨk wa: kuparák
 Pego eu unha uma só onça
 məŋ ti hĩŋ riŋ ŋat⁴⁷ puɲɨk -wa kuparak

⁴⁶ Em Seki temos [ɲep], com nasal sonora.

⁴⁷ Em Seki temos [pəĩŋat] para ‘unha’.

Pegar eu ? unha um Dir onça

É possível perceber, a partir dos exemplos acima, que alguns dos itens que se refeririam à nasal surda atual não se apresentam necessariamente como nasal surda nos dados de Seki. Uma hipótese que poderia justificar estas ocorrências seria a neutralização da fase de silêncio em início de enunciado nos dados mais recentes da língua. Neste caso, precisaríamos considerar que tais itens seriam fonemicamente nasais surdas, entretanto, devido a grande variação de tais itens, iremos manter as formas identificadas por nós como nasal sonora, como /ɲĩɲ/, e não /ɲĩɲ /, entre outros exemplos que poderão ser observados ao longo deste estudo.

c) Identificação de possíveis segmentos de contorno;

Vejamos os trechos a seguir:

Texto 1

L4- ты-**mba**ты:k - we- **au** / batыk - te- ны/i/ -an JJem- we- pm /au/ ðŋ

Com coelho falar coelho veio elle vai na casa da onça

ti batik we auŋ batik tə ɲi ʒ-jẽm-wa m̩ðŋ

Eu coelho-Com falar / coelho ? vir / 2sg-casa-dir bater

Texto 4

L1- xattar**án** jakj**ы́**ьм⁴⁸

arara fico bravo

hataran jakijõm

[hataradn]

Arara bravo

Os exemplos acima apresentam algumas formas diferentes que Manizer encontrou, ao nosso ver, para registrar os segmentos de contorno. A primeira, para a

⁴⁸ Em Monteiro ‘jak jâme’; Rudolph ‘jakschem, schakischem, jakijam, jakijum; Renault, maio kome.

palavra ‘coelho’ [mbatik], mostra a alternância entre a forma nasal pós-oralizada e a oclusiva sonora [mb] ~ [b] no mesmo trecho. A este respeito, lembramos que nos dados de Seki, registramos tal alternância entre os segmentos como possível, apesar de não tão freqüente na fala da informante Sebastiana. De forma semelhante, ressaltamos o comentário de Manizer de que “não há na língua o *b* e o *t* de línguas européias. O primeiro geralmente realiza-se como o som mb...isto é, em lugar de *b* tem-se a sequência de duas consoantes *mb*” (MANIZER, Manuscrito K I, op 1 N 419-420 p.55).

O segundo exemplo mostra uma das formas de registrar a nasal pré-oralizada [bm], cuja marcação é feita através de um acento na última sílaba do item: (i.e. [xattarán])⁴⁹. Identifica-se também no material de Manizer a marcação do diacrítico de alongamento [:] na tentativa de registrar o contorno, como no exemplo abaixo:

Texto 9

L2- žaži -nukn xɔɛ xi:m gatta:m

Não sabe! Vai d’ahi lagartixa

jaži nuk hɔɛ hĩm gatam

[ŋgatabm]

Saber Neg ? aí lagartixa

d) Identificação de processos fonológicos: consonantização da aproximante palatal; nasalização alofônica e vocalização de codas nasais

Vimos que alguns processos são bastante comuns na língua Krenak. Dentre eles, identificamos no material de Manizer a consonantização da aproximante palatal, a nasalização alofônica e a vocalização de codas nasais. No primeiro exemplo visualizamos um caso em que ocorre o morfema *ki-* seguido da palavra equivalente a ‘costas’ /jɛk/, realizado como a fricativa palatal sonora [ʒɛk]. No segundo exemplo, vemos o caso da palavra ‘seu braço’, que pode ocorrer com ou sem nasalização do morfema *hi-*, como vemos na alternância [hinũn ~ hĩnũn].

⁴⁹ Outro exemplo bastante utilizado nas narrativas se refere ao verbo ‘falar’ [ʼaugŋ], o qual contém uma nasal pré-oralizada que é registrada por Manizer geralmente com a marcação do diacrítico de acento [áu].

No último exemplo, vemos a palavra equivalente a ‘seus olhos’, /ki-təm/ [kitəbm], que apresenta na última sílaba uma nasal pré-oralizada labial [bm]. Registramos, nos dados de Seki, realizações onde a vogal oral sofria nasalização. Porém, outra possibilidade, encontrada no material de Manizer, se refere à ditongação da última sílaba. Assim, observamos que esta forma pode se realizar por meio de um ditongo nasal. Outro exemplo no mesmo trecho, refere-se ao verbo ‘ir’ [mũŋ], o qual é expresso por meio da ditongação de uma nasal velar na coda.

Consonantização da aproximante palatal /j/

Texto 5

L11- kʒo žɛ:k itó palitó žɛ:k

paleto ahi

/Manizer’s translation is lacking/

ki- jɔʒɛk ito palito ʒɛk

3sg-costas ? palitó por⁵⁰

L15- ɣʒžɛk- ɪttá palitó žɛ:k kréna boné žɛ:k kʒo žɛ:k

Cacunda boto paletó na cabeça boto deo

jɔʒɛk kíta palitɔ jɛk kren a- bɔnɛ jɛk ki -jɔʒɛk

Ostas atrás palito por caçeca 2sg-boné(?) por 3sg-costas

Nasalização alofônica

Texto 6

L4- kukki:n mbrək jɔnapmau xinnuñuá⁵¹

medo bateo/correo/no pau con braço

⁵⁰ Em M. Claro Monteiro, ‘por – v. jek’.

⁵¹ Mais uma vez, o morfema encontra-se totalmente acoplado ao item, sem qualquer divisão de morfema, a qual deveria ser: [xinũn-wa]

kukən brək⁵² tʃɔn a- mɔŋ hi-nũn -wa

[hĩnũn ~ hinun]

Medo correr pau 2sg-bater 3sg-braço-Dir

Ditongação/ vocalização

Texto 6

L4- kitɔmma: pɔrĩŋ ãŋgrĩŋ [nu-kittóúm] xmaũŋ tɪ-icɪ -mãum

Olhos/?/ ?- farinha jogó nos olhos correio pra lá foi

ki-tɔm -wa? pɔrĩŋ ãŋgrɔn nu ki-tɔm mɔŋwm tĩ niẽŋ mũŋ

[kitɔbm]

3sg-Olhos-Dir farinha jogar [nos 3sg-olhos] correr ? ? ir

3.1.2 - Aspectos morfossintáticos

a) *Ordem*

Vimos em Seki (2001) que a ordem dos constituintes na língua Krenak segue o padrão SOV. Vejamos um exemplo retirado de Manizer:

Texto 2

L5- **kuparák kɪŋkɔ: au;**

A onça sapo pergunto

kuparak kiŋgɔ? auŋ

Onça sapo falar

Sujeito = L5- **kuparák** ‘onça’

Objeto Direto = **kɪŋkɔ:** ‘sapo’

Verbo = **au** ‘falar’

⁵² Em M.Claro Monteiro ‘correr – brók brók’.

‘A onça falou para o sapo.’

b) *Formas pronominais (pessoais e possessivas)*

Observemos os seguintes exemplos:

Texto 2

L8- ʃɔmprai / æ / kuá ; ты-žazi - aɲe: -ты- матрѣк

No fogo se eu soubesse matavate

tʃɔmpɐk / ? / -wa ; ti-jaʒi - a-nɛ? ti mbək⁵³

Fogo -Dir; Eu saber 2sg-Fut Eu matar

Texto 6

L2- ti-munɲ-núk- nɛ: kuʒbь⁵⁴

Eu não vou, não tamandua/

ti mũɲ nuk nɛ? kuʒin

Eu ir Neg Fut Tamandua

Texto 7

L16- i -žɔ -кѣп хмак -ɲam krɛ tumtu:m xɔtti ɲarɛ áu

Marido! Velho cabeça caroçada vosse falasse

tʃukin⁵⁵ ɲakɲɛm krɛn tũmtũm hɔti ɲarɛɲ auɲ

Marido velho cabeça ? você distante falar

⁵³ Em Seki registramos oclusiva sonora: [mbək] ‘matar’.

⁵⁴ Em M.Claro Monteiro, ‘cújáne’; Renault ‘kujúne’.

⁵⁵ Em Seki ‘ɲgitʃukin’.

L8- **gnin** -tuk -mrəŋ kašata **ŋgrɛŋg** kjɛm

Eu sou duro fuguete jogamos /sic/ casa

ŋgĩn tik mɹɔŋ kaʃata ŋgrɛŋ ki -jɛm

Eu ? duro? Foguete nós 3sg-casa

Texto 7

L3- **κɪttɪ́ nɪp-kruk** nxutn

Detraz n'elle minha filha monta

kiti nĩŋ -kruk nuhut

Atrás 1sg-filha subir

L2- ti- xu:t- nuk nett' i: **a kruk** nɪp m ŋ /krɛŋ/ **xjoʒ-ék**

Vossa cacunda não não vou! Vossa filha senta/ponna aqui na cacunda

ti hut nuk nɛ? ti a -kruk nɪp m kre h -iɔʒɛk

Eu ? Neg Fut Eu 2sg-filha sentar? Aqui 2sg-costas

Os exemplos iniciais mostram o funcionamento de pronomes livres pessoais, mais especificamente dos pronomes de 1ª. e 2ª. pessoas do singular, e a 1ª. pessoa do plural (exclusiva) ‘ti, hoti, ŋgrɛŋ’. Vemos que sua posição precede o verbo, mas pode também ser seguida de advérbio (Texto 7/L6). Percebemos também uma característica importante que nos chamou a atenção no material de Manizer; trata-se da presença de um pronome registrado como [**gnin**] o qual apresenta variações como [**gnin, gnɪŋ**]. A partir da glosa, fica claro que se refere a um pronome de primeira pessoa do singular ‘eu’. Esta forma parece se diferenciar das outras por ser utilizada em orações descritivas. Seki afirma que as formas presas como ‘**ŋg, ŋge, ŋgi, ŋgii, ŋgĩŋ**’ são usadas para codificar o possuidor e que, nos casos da 1ª., 2ª. e 3ª. pessoas, aparecem como sujeitos de descritivas ou como objetos de verbos e posposições. Pelo uso expreso na sentença de Manizer, hipotetizamos se tratar de uma destas formas.

Quanto aos exemplos seguintes (Texto 7/L3/L2), observamos a presença dos alomorfes indicadores de posse de 1ª. pñ- e 2ª. pessoa a-, os quais costumam vir seguidos imediatamente pelo item possuído.

Chegamos, portanto, pelo menos a identificação das seguintes formas pronominais:

	Forma Livre	Forma presa
1ª.Sg	tĩ, tɪ	gnin nĩ
2sg.	xotti	a-
3sg.		x-, xj-
1pl. (excl.)	ɨgréɨg	

c) *Marcadores de tempo*

Os exemplos a seguir ilustram as formas que Manizer encontrou de registrar a partícula responsável por expressar o tempo futuro nɛ?. Este item costuma vir posposto ao verbo, ou em posição de final de oração. Em negativas, encontra-se após a palavra ‘nuk’. Isto posto, vemos que no primeiro exemplo, Manizer não separou o item indicador do futuro do verbo ao qual se pospõe. Já no segundo caso, visualizamos uma frase com negação. Foneticamente, neste caso, o autor preferiu marcar com alongamento a glotalização na coda da palavra nɛ?.

Texto 2

L2- ; tɪɨtɪɨ-kuranne ;

com fome eu fico

tɪɨtɪɨ kurɛn nɛ?

? querer Fut

Texto 6

L2- ti-munŋ-núk- **ne:** kuʒbʲ /

Eu não vou, não tamandua/

ti mũŋ nuk ne? kuʒin

Eu ir Neg Fut tamanduá?

d) *Morfemas we, wa*

Vimos em Seki (2000, 2001) que na língua Krenak identificam-se alguns elementos responsáveis por expressar a idéia de comitativo, direcional, posse. Nos exemplos a seguir, percebemos claramente o uso do comitativo **we**, para expressar ‘com’ quem o coelho falou; e o morfema **wa**, que se refere ao direcional.

Texto 2

L2- mbaɬɬk kɨŋkə-**we-au:** / kuparak tɨmmɔŋ xira: ;

coelho ao sapo falou onça já foi pra lá

batik kɨŋgə? -we auŋ / kuparak təmũŋ hirɔ

Coelho sapo –Com falar / onça ? ir lá

L1- ti-ɾɨŋɾɨŋ-**we:** ni-nak-**wa:**

vou mostrar lá na minha terra

ti ɾɨŋɾɨŋ -we niŋ ŋak -wa

Eu mostrar-Finali 1sg-terra-Dir

Seki fala ainda do elemento $pə \sim mbə$, cuja função seria expressar o objeto indireto, o qual ocorre entre o sujeito e o objeto direto.

Em Manizer, encontramos o elemento $ɾɨ$, porém, não está claro o seu uso, especialmente porque costuma se encontrar acoplado à palavras que podem ser ora verbos, ora nomes.

Texto 5

L4- xniŋku /x/mɔt jakré gurjũŋ **py-** ka:k jəpməŋ
 Bote esterco cheio lagarto tatu chamo foi junto
 ŋiŋku mət jakəre gundzun pi kak ʃəpməŋ
 Esterco? Cheio jacaré lagarto ? ? ?

L10- **py**taán ʄəʒək-ɪ-ttá palitó žek, kréna boné žék
 /Manizer's translation is lacking/
 pi ta ʔəŋ jəʒək kiti a-palito žek, kren a-bone žek
 ? costas atrás 2sg-palito por cabeça 2sg-boné por

L14- ti-a-palitó -we-taán **py**-taán
 palito ponho vestindo
 ti-a-palito -we -ta ʔə pi-ta ʔə
 ʒm
 Eu 2sg-palitó-Com ? ? ? ?

Texto 6

L1- kužyɪn kuparak ža-**py** -rɔ: ; kuparák áun
 Tamanduá onça mando onça faló
 kuzun kuparak japi -ri kuparak auŋ
 Tamanduá onça ? onça falar

e) *Advérbios*

Os advérbios são uma classe heterogênea de elementos e podem incluir palavras locativas, temporais, quantificacionais, qualificacionais e termos para números (SEKI, 2001). Em Manizer observamos alguns destes elementos:

Glosa	Manizer	Transcrição nossa
Dentro	рѡтры́	põmbi
Lá	xira	hirẽ
Longe	rɔ:n	rɔn (comprido)
Devagar	рава́:/ғыvagá:	pawa-
Só	рѡры́к	putʃik

Vejamos agora como eles apareceram nos manuscritos:

Texto 2

L11- kǫǫm- рѡтры: хмрї́ - **рѡтры́**

De casa dentro d'água dentro

ki -jẽm põmbi **ṁ pĩ**⁵⁶ põmbi

2sg-casa dentro ? dentro

L1- nukaty: pĩmpĩŋ wɛ: **xira**-i-nnãk-wa:

de vero vou mostrar la na minha terra

nukati pĩmpĩŋ -wɛ hirẽ i- ɳak -wa

Na verdade(?)mostrar-Finalid? lá 3sg- terra-Dir

Texto 1

L5- ты-mbatы́к- wɛ- (ãu / a- wɛ- au timãu mãu: / ti- a- m **rɔ:n** ны - nɟi:mi

Vou com coelho falar vai falar estou doente esta longe cheguei de longe

⁵⁶ Não identificamos o que poderia ser este item. Para 'água' é dado 'ṁĩŋĩŋ'.

ti batik -we auŋ a- we auŋ ti m̃ũm̃ũu ti ẽm rõn ñjŋ ŋgim i

Eu coelho- Com falar / 2sg-Com-falar Eu doente / Eu de longe vir aqui ?

L7- / pawa- tammũ: ɣɣɪvagá:

devagar- carrega /devagar?/

pawa ti m̃ũj dʒɪvaga

/ devagar Eu ir /devagar/

Texto 6

L3- pɔɣɣɪk wa: kuparák

uma só onça

putɣik -wa kuparak

Um –Dir onça

f) *Negação*

A idéia de negação é expressa em Krenak por meio do item *nuk*, o qual se encontra após o verbo ou predicado nominal (SEKI, 2001). Vejamos alguns exemplos encontrados nos manuscritos:

Texto 6

L2- ti-munŋ-núk- nɛ: kuʒɣɣɪ /au/

Eu não vou, não tamandua/ falo

ti m̃ũj nuk nɛ? kuʒɣɣɪ auŋ

Eu ir Neg Fut Tamand falar

Texto 3

L1- mɔɣɔkɣu:n -amɣɣ-wé-áú, mɔɣɔkɣu: amɣɣ kukkí nuk ;

Beijaflor a urubu faló beijaflor d'urubu não ten medo

məjəkɾũm ʒmpə wɛ auŋ, məjəkɾũm ʒmpə kukən nuk

Beijaflor urubu Com falar beijaflor urubu medo Neg

L1- кыхæ: aũ “ɔti nɸi:xu:t xẽp-krɛ” “тынер⁵⁷ nuk- nɛ:”

Jacaré faló: vosse /na minha cacunda/ monta senta aqui “não sento não!

kɪhɛ auŋ hɔti nuhut hẽp krɛ ti ɲɛp nuk nɛ?

Jacaré falar você subir sentar aqui Eu sentar Neg Fut

g) *Empréstimos*

Interessantemente, é possível encontrar no material de Manizer um número razoável de empréstimos do Português. Percebemos que, mesmo que sendo utilizados em alternância com os termos na língua Krenak, estes aparecem nos textos. Os empréstimos podem ser preposições (como ‘no’) ou advérbios, mas são identificados especialmente na classe dos nomes. Mesmo assim, Manizer, ao descrever as condições de coleta de seu material, afirma que os indígenas do grupo Krenak ‘conheciam poucas palavras do português’. De fato, estes índios certamente não falavam a língua portuguesa com fluência, mas é visível no material coletado pelo autor a presença de elementos do português, conforme vemos nos exemplos a seguir:

Empréstimos

Texto 2

L4- kitɔmma: pɔɾĩɲ ãŋgrĩɲ [nu-kittouĩm] xmaũɲ tɸ-iɛɲ -mãum

Olhos/?/ ?- farinha jogó nos olhos correo pra lá foi

kitɔm -wa? pɔɾĩɲ ʒŋgrin nu kitɔm mɔʒwm ti ɲiĩɲ mũɲ

Olhos /?/Dir?/ farinha jogar [nos olhos] correr ? ir

⁵⁷ Apesar de ter sido registrado em outros momentos como surda, aqui ocorre como sonora [ɲɛp].

L5- kuparák кыркә: au; **kwei** niɛŋ kré **kumpat** kuparak ; kumpat
 A onça sapo pergunto Coelho sentado alhi /esta/ compadre onça, compadre
kuparak kiŋgə? auŋ kweɟ niɛŋ krɛ kumpat kuparak kumpat
Onça sapo falar ; coelho sentado ali compadre onça compadre

L9- kumpat **makak**, kužǔ- кытæɣы:k kumpat makak
 compadre macaco con cipo⁵⁸ ven descendo
kumpat makak, kužǔ kita tʃik kumpat makak
 compadre macaco cipó atrás descer compadre macaco

Texto 3

L3- **urumbú** ны-нармау ны-нармау ; kʒina-ttu: pmau ;
 Urubú ven bater nariz furo batendo
urumbú nɲ̃ a-mɔ̃ŋ nɲ̃ a-mɔ̃ŋ ; ki-ʒin a-ti mɔ̃ŋ ;
 Urubu vir 2sg-bater vir 2sg-bater 3sg-nariz2sg-? Bater

Texto 7

L11- **nummát**-wá amɣy:k jaxá
 No matto /sici/ sombra procura
numat -wa ʒmdʒuk jaha
 No mato-Dir sombra procurar

Texto 1

L3- timmũ- kura- núk / ты - **ɟappin** кыŋ-кы:n ты- ja-кыŋкыŋ
 Andar não quero?posso sapinho mandei mandei
ti mũŋ kurʒn nuk tə ʃapin kiŋkiŋ ti ja kiŋkiŋ
 Eu ir querer Neg ? sapinho mandar? Eu ? mandar

⁵⁸ Em M.Claro Monteiro, ‘cujúm’; em Rudolph ‘kujum, kuschum; em Renault ‘kujumme, kujunne’.

L7- **kappot-** wã: / ты-jattamãuõη ne: / pawa- tammũ: **ɟɨvaga:**

Cobertura eu ti carrego devagar- carrega /devagar?/

kapot-wa ti **jata mõη** ne? **pawa-tãmũη** dʒivaga

cobertura(costas?)-Poss / Eu carregar(?) Fut/ devagar Eu ir /devagar/

Devemos ressaltar ainda o fato de que vários dos itens emprestados observados nos textos fazem parte de um vocabulário que certamente inclui tais itens na língua indígena, como nomes de animais. Vários destes itens funcionaram em concorrência com os itens na língua. Outros ocorreram somente como empréstimo do português. No que se refere a alimento, acreditamos que também seria possível se utilizar o item original na língua indígena, o que não foi feito. Vejamos:

kwei	‘coelho’
makak	‘macaco’
urumbú	‘urubu’
ɣappin	‘sapinho’
põrĩη	‘farinha’
kumpat	‘compadre’
kappot	‘cobertura/costas’
nummát	‘no mato’
ɟɨvaga:	‘devagar’

3.2 - Proposta de reescrita das narrativas

Por questão de apresentação, os textos analisados serão organizados da seguinte maneira: inicialmente, apresentaremos a narrativa em Botocudo apenas, seguindo a transcrição exata de Manizer. A seguir, serão dadas as frases na língua Krenak, separadas

por trechos conforme os manuscritos. Abaixo dos trechos em Botocudo, ainda segundo o formato original encontrado nos manuscritos, apresentaremos as glosas em português, tal qual propostas por Manizer – apesar de discordarmos de algumas glosas. Abaixo das glosas, incluiremos as formas fonológicas às quais chegamos a partir de nossas reflexões sobre a língua e as transcrições de Manizer. Neste momento, poder-se-ão verificar alguns itens em destaque, os quais se referem àqueles itens que consideramos não identificados (levando-se em conta as variações encontradas no corpus de Seki), ou seja, tratam-se daquelas palavras em que há dúvidas sobre o seu significado exato ou a sua forma fonológica correspondente mais precisa. Ainda, seguindo a forma fonológica, apresentaremos tentativas de divisões de morfema e as glosas, especificando funções morfossintáticas quando possível. De modo complementar, os textos analisados serão apresentados de acordo com os trechos, que, no entanto, serão enumerados por nós em linhas, por questões de melhor visualização e para facilitar a discussão.

Em nota, observações que considerarmos importantes serão comentadas. Por fim, apresentaremos a nossa versão de tradução para o texto estudado em português, seguidas de algumas observações que pareçam relevantes para a compreensão do material e da sua reescrita. Nesta parte do trabalho, algumas lacunas podem ser identificadas e itens ou trechos entre colchetes podem ser observados. Estes se referem a informações não explicitamente encontradas no original em Botocudo ou não identificadas por nós (marcadas pelo símbolo de interrogação). Relembramos aqui acerca das diferenças entre a tradução livre do texto e da narrativa na língua indígena, os quais apresentam características discursivas distintas. Em anexo, considerando que nem sempre os textos se apresentavam em português, apresentaremos os textos em língua inglesa, conforme apresentado no artigo de Sebestyén (1981). O primeiro texto analisado chama-se ‘Onça, coelho e sapo’.

Narrativa 1.

kuparak - nuãŋ- кѳ́кѳ́:m / xniér kǵēmwa / кѳ́ŋkó- кѳ́кѳ́ŋ
 kimprãŋ- kǵēm- кѳ́iε:p / kuparák -te-nnѳ́ jɔ-kɔttaŋ] ŋ]quãŋ /
 kumpat kuparak
 timmũ- kura- núk / ты - ѳ́arpin кѳ́ŋ-кѳ́:n ты- ja-кѳ́ŋкѳ́ŋ

ты-мбаты:k - we- ау / batыk - te- ны/i/ -an JJem- we- pm /au/ ðŋ
 ты-мбатыk- we- (ау / a- we- ау timãu mãu: / ti- a- m rɔ:n ны - ngi:mi
 mãumãu / ɣным- pɔ- ты - naɟã / ыа:/ kumpat onsa ты-attapm- óŋ
 a-p- pɔ- rít
 kappot- wã: / ты-jattamãuðŋ ne: / pawa- tammũ: ɣыvagá:
 rawá- ɣrẽ- tammũ je- mažuká: nuký:

Narrativa 1. ‘Onça, coelho e sapo’

L1 - kuparak - nuãŋ- kы́кы:m / xniép kɟẽmwa / кы́кы́- кы́кы́
 Onça sapão mando sento no rancho sapo mando
 kuparak nuãŋ kы́kы́m hi-jeɾ⁵⁹ ki-jẽm- wa kы́ŋɔʔ kы́kы́ŋ
 Onça sapo (esp. grande) mandar / sentar 3sg-casa-Dir sapo mandar

L2- kimprãŋ- kɟẽm- kɣiɛ:p / kuparák -te-nnы́ jɔ-kɔttan] ŋ]guãŋ /
 cansado casa sentado onça veio pergunto o sapão
 kимprãŋ⁶⁰ ki-jẽm jeɾ kuparak tɔ nɣŋ jɔkɔtɔŋ guãŋ⁶¹
 cansado 3sg-casa sentar / onça ? vir perguntar sapo

kumpat kuparak
 compadre onça

⁵⁹ Mesmo que as sequências do tipo ‘xm’ em Manizer costumem ser equivalentes a uma nasal surda em nossas transcrições, para tal o item sentar temos, nos dados de Seki, a forma com a nasal sonora jeɾ. Deste modo, pareceu plausível considerar que a realização da fricativa antes da consoantes nasal re refere ao pronome de segunda pessoa do singular hi- que tem como alomorfe h-, cujo significado seria melhor interpretado como ‘ele [ficou] sentado’. Nos dados de Seki não encontramos esta forma para designar ‘cansado’, mas sim [rarara].

⁶⁰ Nos dados de Seki não encontramos esta forma para designar ‘cansado’, mas sim [rarara]. Em Renault, ‘ararate’ ou ‘impangue’; M.Claro Monteiro ‘rararát’; Rudolph ‘hararát’.

⁶¹ Na sentença anterior este item foi transcrito com o segmento nasal simples [n], enquanto que aqui, realizou-se como uma nasal pós oralizada [ŋg]. Assim, respeitando a variação na transcrição do autor, e levando em consideração que esta alternância não seria previsível para uma nasal preservamos a diferença na primeira sentença. Porém, na forma fonológica sugerimos uma oclusiva velar sonora, a qual se realiza como uma nasal velar pós oralizada.

kumpat kuparak

Emp.compadre onça

L3- timmũ- kura- núk / ты - жарпин кыӊ-кы:n ты- ja-кыӊкыӊ

Andar não quero?posso sapinho mandei mandei

ti mũӊ kuržn nuk tə ʃapin kiŋkiŋ tə ja kiŋkiŋ

Eu ir querer Neg / ? sapinho mandar ? já(?) mandar

L4- ты-mбаты:k - we- á / batыk - te- ны/i/ -an JJem- we- pm /au/ ðŋ

Com coelho falar coelho veio elle vai na casa da onça

ti batik -we auŋ batik tə nʃn ʒ-jẽm-we mũðŋ

Eu coelho – Com falar / coelho ? vir 2sg-casa-Com bater

L5- ты-mбатыk- we- (ã / a- we- á timãu mãu: / ti- a- m rə:n ны - nqi:mi

Vou com coelho falar vai falar estou doente esta longe cheguei de longe

ti batik -we auŋ a- we auŋ ti mũžumžu ti ʒm rõn nʃn ŋgim i

Eu coelho Com falar / 2sg-Com-falar Eu doente / Eu de longe vir aqui ?

L6- mãumãu / ɣным- рó- ты - naǰã / ыa:/ kumpat onsa ты-attarm- óŋ

Doente estou com pé enchado compadre onça vou ti carregar

mũžumžu ɲĩ-pə? tinadʒən- wa(?) kumpat onsa ti ata mũðŋ

doente / 1sg-pé inchado / ? / compadre onça Eu carregar (?)

a-p- pə- rít

Enrola

a-po? rit

2sg-pé enrolar

L7- kappot- wã: / ты-jattamãuõη ne: / pawa- tammũ: đɣɪvagá:
 Cobertura eu ti carrego devagar- carrega /devagar?/
 kapot- wãñ ti jatamõη ne? pawa ti mũη đʒivaga
 cobertura(costas?)-Poss / Eu carregar(?) Fut/ devagar Eu ir /devagar/

L8- pawá- ɣɾẽ- tammũ ɲe- maʒuká: nukɣí:
 Devagar carrega não machucar não!!
 pawaj nã ti mũη ne? maʒuka nuk
 devagar ? Eu ir Fut machucar Neg

Onça, coelho e Sapo [Tradução nossa]

A onça mandou o sapo (1) [ao coelho]. [Mas o sapo 1 não foi] ficou sentado na casa dele.
 Mandou sapo (2) [em seu lugar]. Ele ficou sentado na casa dele.

A onça veio (até ele) e perguntou ao sapo 1⁶² [porque ele não foi]. [o sapo 1 respondeu]
 “compadre onça, eu não posso andar, mandei o sapinho, eu o mandei falar [chamar] com o coelho.

Eu falo com o coelho. coelho vem(vai?) bater na tua casa. Eu falo ao coelho: “eu te digo [que] estou doente, eu vim de longe aqui, doente, meu pé está inchado/?/. Compadre onça [disse]: “eu te carrego. Enrole seus pés na minha cobertura (costas?). Eu te carregarei [nas costas], devagar, vou devagar [para] não machucar!”.

⁶² No texto temos dois tipos de sapo: kəŋgɔ? e ɣuõη. como em português temos a mesma palavra para traduzir, utilizaremos ‘sapo 1’ e ‘sapo 2’, respectivamente, para nos referirmos aos itens mencionados, a fim de evitar ambiguidades.

Narrativa 2. Coelho, sapo, onça e macaco'

nukatы: pĩmpĩŋ we: xira-i-nnāk-wa: gup ti-ryŋryŋ-we: ni-nak-wa:
 mbatyk кыпкə-we-au: / kupara:k tыммəŋ xira: ; тыпŋŋ-kuranne ;
 akkittóm a-ppə- wó:n akki/ы/ттóm xwě-ɛŋ ; хе:ŋ ; xri:m mbatyk
 kitómma: pəŋŋ ãŋgŋŋ [nu-kittóum] xmaŋŋ ты-ieŋ -mãum
 kuparák кыпкə: au; kwei nieŋ kré kumpat kuparak ; kumpat
 ja:p -mə-i a:t-pe:n ennú-nak a taŋg ; хакənni:m хatti-au-wi: ni ;
 kvei nieŋ anquin ; xətti axwi:n winne i ti-amměŋ am mbrúk
 jəmpai / æ / kuá ; ты-žəži - aŋe: -ты- mampək amtak uĩ i ; am ɟə kré:ŋ
 kužu:-ŋžer- krě kumpat makak, kužũ- кытəjы:k kumpat makak
 kžúk- měx - mŋáo xrák kukы: kumpát šar, капы:ьп,
 kɟæm- pəmpy: хmpŋĩ - pəmpы

Texto 2. ‘ Coelho, sapo, onça e macaco’

- L1- nukaty: pĩmpĩŋ we: xira-i-nnāk-wa: gup ti-ryŋryŋ-we: ni-nak-wa:
 de vero vou mostrar la na minha terra esso vou mostrar lá na minha terra
 nukati pĩmpĩŋ - we⁶³ hirě i-ŋak -wa gup ti pĩmpĩŋ -we niŋ ŋak -wa
 Na verdade(?)mostrar-Finalid? lá ? terra-Dir ? Eu mostrar-Finali 1sg-terra-Dir
- L2- mbatyk кыпкə-we-au: / kupara:k tыммəŋ xira: ; тыпŋŋ-kuranne ;
 Coelho ao sapo falou onça já foi pra la com fome eu fico
 batik kĩŋgə? - we auŋ kuparak tə mũŋ hirě ɸĩŋŋ kurəŋ nə?
 ti ?
 Coelho sapo –Com falar/ onça ? ir lá ; ficar? Querer Fut
 Eu ?
- L3- akkittóm a-ppə- wó:n akki/ы/⁶⁴ттóm xwě-ɛŋ ; хе:ŋ ; xri:m mbatyk

⁶³ Na apresentação das glosas feita por Manizer identificamos a tradução indicando futuro “vou mostrar”, porém não se identifica o morfema indicador do futuro *ne?* nesta sentença, mas sim *we* após o verbo ‘mostrar’. Vemos em Seki (2001) que na pergunta interrogativa *?aminim we* ‘porque’, “depreende-se claramente o morfema *we*, que ocorre em outros contextos expressando finalidade” (p.141). Desta observação, hipotetizamos que a forma *we* observada neste trecho poderia se referir à finalidade do interlocutor, que é de ‘mostrar na terra dele alguma coisa’.

⁶⁴ Não está claro se se trata de uma forma alternativa de pronúncia ou de alguma partícula.

Para as mãos os olhos abra ahi coelho
 a -kitəm a -pəʔ wəʒŋ(?) a -kitəm huwəʒ -hɛŋ hɛŋ ŋrɪm batik
 2sg-olhos 2sg-mãos ? 2sg-olhos longe? ? aí coelho

L4- kitəmma: pərɪŋ ãŋgɪŋ [nu-kittoum] xmaũŋ tɪ-ɪɛŋ -mãum

Olhos/?/ ?- farinha jogó nos olhos correo pra lá foi

kitəm -wa? pərɪŋ ãŋgɪŋ nu kitəm məwɪm tɪ iɛŋ mũŋ

Olhos /?/Dir?/ farinha jogar [nos olhos] correr ? ir

L5- kuparək kɪpəkə: au; kwei niɛŋ krɛ kumpat kuparak ; kumpat

A onça sapo pergunto Coelho sentado alhi /esta/ compadre onça, compadre

kuparak kiŋgəʔ auŋ kwej niɛŋ krɛ kumpat kuparak kumpat

Onça sapo falar ; coelho sentado aqui compadre onça compadre

L6- ja:p -mə-i a:t-pe:n ennú-nak a taŋg ; xakənni:m xatti-au-wi: ni ;

Sapo vai buscar enchada para terra caracar para que você falou mentira

ʃap mũŋ i a -t -pen⁶⁵ ɛ nu ŋak a tɛŋ hak(?)kõnɪm həti auŋ winik⁶⁶

Sapo ir ? 2sg- pegar é?na terra 2sg-(?) por que você falar mentira

L7- kvei niɛp anɡuin ; xətti axwi:n winne i ti-ammɛŋ am mbrúk

Coelho lá não esta vosse prego mentira vou te pegar queimar

kwej niɛp ɔŋɡuɪn ; həti a- hwɪn⁶⁷ wɪni ne? i ti-ã-mɛŋ ɔmbruk

Coelho sentado não existe; você 2sg ? mentir Fut e(?)Eu 2sg-pegar queimar

⁶⁵ Monteiro: ‘pêne – pegar’.

⁶⁶ Renault: ‘mentir’ – kwín’.

⁶⁷ Monteiro: ‘mentira – aihýn’.

- L8- ʃɔmpai / æ / kuá ; ты-žazi - aɲe: - ты- мамык amtak ui i ; am ɟɔ kreɲ
 No fogo se eu soubesse matavate fora barranco grande
 ʃɔmpɛk / ⁶⁸ / wa ; ti-jaʒi - a-nɛʔ ti mbək ʒmtak ʔui ; ʒm ndʒɔ kreɲ
 Fogo ? -Dir; Eu saber 2sg-Fut(?) Eu matar ? buraco ?
- L9- kužu:-ɲžɛɲ- krɛ kumpat makak, kužũ- кытæжы:k kumpat makak
 Cipó apanha para cá compadre macaco con cipo ven descendo
 kužũm dʒɛɲ kre kumpat makak, kužũm kɪta ʃik kumpat makak
 Cipó apanhar? aqui compadre macaco cipó atrás descer compadre macaco
- L10- kžũk- mɛx - mɾáo xrák kukы: kumpát šap, кaɲы:ɛɲ,
 Meo rabo segura cahir ten medo compadre sapo allegre
 ki-juk mɛɲ mɾɔsum hirak⁶⁹ kukən kumpat šap kɔndʒən
 3sg-rabo pegar correr (?)cair medo compadre sapo alegre
- L11- kɟæm- pɔmpɪ: xmpɪ - pɔmpɪ
 De casa dentro d'água dentro
 ki -jɛm pɔmbi mɔ pɪ pɔmbi
 3sg-casa dentro ? dentro

Coelho, sapo, onça e macaco [Tradução nossa]

L1 Na verdade, vou mostrar lá na minha terra ? Eu vou mostrar na minha terra, falou o coelho para o sapo. A onça foi [para] lá, eu vou querer [ficar?].

⁶⁸ Neste caso, acreditamos que o autor colocou entre barras outra opção de pronúncia da palavra que o mesmo identificara em outros contextos. Assim, no texto aparece ʃɔmpai, quando o autor havia coletado ʃɔmpɛk. Ainda, de forma complementar, associamos o item transcrito como kua, com uma junção da última sílaba da palavra com o morfema direcional –wa.

⁶⁹ Em Renault: ‘cair – rak’; ‘afogar-se - munhangue –arak’; M.Claro Monteiro: ‘afogar-se – muk rak’.

Abra seus olhos e suas mãos. Seus olhos [longe] [?]. ali está o coelho. Jogou a farinha para os olhos (nos olhos) e(?) correu ? e foi [embora?].

A onça falou [perguntou] ao sapo [onde estava o coelho]. “O coelho [está] sentado aqui, compadre onça” [respondeu o sapo].

Compadre sapo, vai buscar [inchada] ? ? a terra.

Por que você falou mentira?

O coelho não está sentado ali. [se] você vai mentir eu vou te queimar.

[O?No] o fogo, eu conheço. Eu morroburaco.....[afogado no barranco?]

Compadre macaco [diz] segura o cipó aqui atrás. Compadre macaco desce [e diz] segura o rabo e corre (?). Tem medo de cair.

Compadre sapo [ficou] alegre [pois] dentro d’agua [estava] dentro da sua casa.

Apesar de se tratar de um estudo preliminar, este estudo permitiu visualizar um pouco melhor sobre o estado da língua, que parece que já se encontrava em extremo risco de desaparecimento mesmo à época da coleta de Manizer. Ainda, foi possível perceber características que corroboram com os aspectos morfossintáticos apresentados por Seki. De modo complementar, a leitura do material foi auxiliada pelo estudo da fonologia proposto anteriormente por nós, o qual contribuiu sobretudo na identificação dos segmentos nasais surdos e de contorno. Ainda assim vimos que várias lacunas permanecem em aberto. Entre estas, podemos citar a partícula ‘tə’, de função ainda não totalmente clara, além de algumas formas verbais que não estiveram presentes na coleta de Seki tal qual apresentavam-se nos textos.

Deste modo, ressaltamos que mais estudos devem ser feitos para que este material possa contribuir melhor com a comunidade lingüística e Krenak.

5. CONCLUSÕES

Este estudo permitiu apresentar características fonéticas da língua Krenak e refletir acerca da fonologia da língua, sobretudo no que se refere à existência de vogais orais e nasais contrastivas e sobre os segmentos de contorno. As reflexões pautadas em Laver (1994) e Ladefoged e Maddieson (1996) permitiram-nos chegar a uma apresentação da ‘atípica’ nasal surda, encontrada no sistema fonológico desta língua. A proposta de Wetzels, por sua vez, ajudou-nos a buscar uma forma de explicar a ocorrência dos contornos no onset e na coda, tendo como base a idéia de que a implementação fonética pode ocorrer para ajudar a firmar uma oposição que na língua pode estar se perdendo, seja esta entre oclusivas surdas e sonoras ou entre vogais orais e nasais.

Vimos, portanto, que a língua Krenak apresenta os dois casos: SVE e OVE. Assim, acreditamos ter justificado a inserção de fonemas pertencente à classe das oclusivas sonoras subjacentes na língua, assim como a consideração de que vogais nasais e orais se distinguem fonemicamente na língua, características que não haviam sido confirmadas em estudos anteriores a este.

Tal definição mostrou-se importante porque, a partir dela, passou a ser viável interpretar e compreender algumas variações fonéticas da língua, além de entendermos melhor porque os estudos sobre o ‘botocudo’ sempre foram marcados por uma certa ‘imprecisão’ na definição dos segmentos fonológicos.

Os estudos morfossintáticos, por sua vez, não puderam sofrer muitos avanços, o que foi limitado sobretudo pela falta de uma nova coleta, que pudesse ajudar a esclarecer alguns fenômenos, como por exemplo, sobre as formas pronominais e sobre as formas verbais. Neste sentido, uma nova pesquisa de campo e análise junto aos nativos Krenak seria essencial para apresentar melhores resultados.

Ainda assim, o estudo das características morfossintáticas, auxiliados ao estudo da fonologia, tornaram mais claro realizar uma leitura do material histórico apresentado através dos contos transcritos por Manizer, em 1915. Estes contos, conforme estudamos, apresentavam-se como um material precioso por se tratar de um gênero que tende a se perder devido ao estado de risco de extinção da língua: as narrativas. Todavia, por outro lado, tal material apresentava alguns obstáculos que puderam ser parcialmente superados

em nossa análise preliminar de dois contos. Também neste momento, acreditamos que a contribuição dos falantes atuais pudesse vir a esclarecer melhor alguns morfemas e partículas, até mesmo palavras, não identificadas por nós.

A apreciação dos manuscritos de Manizer permitiu-nos perceber que o estado da língua nesta época já parecia bastante avançado no processo de extinção, o que pode ser evidenciado por meio da presença de empréstimos e alternâncias de formas que poderiam estar em concorrência já nesta época. Assim, o estado da língua não se encaixaria perfeitamente nas palavras de Manizer, quando este afirmou que os Krenak pouco conheciam da língua portuguesa. Ainda neste sentido, observam-se poucos registros de orações complexas, as quais, se presentes em maior quantidade, não chegaram a ser elaboradas pelo autor no material apresentado.

Como vimos, uma das maneiras de estudar línguas em extremo risco de extinção consiste em aproveitar os materiais, registros e documentos antigos, feitos pelos mais diversos tipos de estudiosos. Entretanto, várias barreiras são enfrentadas na tentativa de padronizar tais materiais e torná-los acessíveis para uma comunidade falante ou lingüística.

Neste estudo propomos aplicar aspectos fonológicos da língua Krenak, feitos por nós recentemente, para tentar uniformizar o material. Assim, levamos em conta os segmentos existentes nos inventários fonológicos propostos por nós no capítulo inicial; os processos fonológicos que ocorrem na língua e ainda aspectos relacionados ao acento e ritmo da língua Krenak. Do mesmo modo, aspectos morfossintáticos estudados por Seki foram observados neste material. Vale ressaltar que algumas consultas a outros vocabulários (sob autoria de Rudolph, Renault e Monsenhor Claro Monteiro) também nos serviram de auxílio para a interpretação de itens presentes nos textos. Tudo isto contribuiu para que pudéssemos fazer uma releitura do material de Manizer.

Apesar das dificuldades enfrentadas na interpretação do material de Manizer, enfatizamos a importância de tratar estes registros com especial atenção, uma vez que, além de apresentarem caráter inédito, apresentam, mesmo de modo resumido, aspectos da língua em uso no gênero contos, o que revela uma prática cultural importante para a memória do grupo e o qual pode vir a oferecer, em análises futuras – que possam contar com a

colaboração do grupo –, mais características importantes sobre a fonética, fonologia e aspectos morfossintáticos da língua Krenak.

No entanto, mais estudos ainda precisam ser desenvolvidos, o que pode vir a esclarecer definições sobre alguns morfemas e partículas da língua. Assim, algumas lacunas ainda permaneceram em aberto, mas acreditamos que com o avanço da pesquisa sobre os aspectos morfossintáticos, especialmente se puder contar com a colaboração do grupo, poderá ser muito frutífera neste sentido.

REFERÊNCIAS

ABERCROMBIE, D. *Elements of general phonetics*. Edinburg: Edingurg University Press, 1967.

ANDERSON, S. R. *The organizagion of phonology*. New York: Academic Press. 1974.

_____. *Nasal consonants and the internal structure of the segments*. *Language*, 52, (2): 326-44. 1996.

ANDERSON, S. R.; KEENAN, E. L. Deixis. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description*. Vol. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 259-308.

ARAUJO, Benedita Aparecida Chavedar. 1992. *Análise do Wörterbuch der Botokudensprache*. (Dissertação de Mestrado). IEL/Unicamp, 1992.

BARBOSA, Plínio A. *Incursões em torno do ritmo da fala*. Campinas: Pontes Editores, São Paulo: Fapesp, 2006.

BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ª.ed. Edipurcs: Porto Alegre, 2005.

BOSWOOD, J. Evidências para a inclusão do Aripaktsá no filo Macro-Jê, p.67-78. *Série Linguística 1*, Ed. L.I.Bridgeman: Brasília, 1973. SIL.

CAVALCANTE, M.P. *Fonologia e morfologia da língua Kaingáng: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná*. (Tese de Doutorado). Campinas: IEL-Unicamp. 1987.

CLEMENTES, G.N. 1985. *The geometry of phonological features*. *Phonology Yearbook 2*. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 225-252.

CLEMENTS, G; HUME, E. H. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. *The Handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell Publisher, 1995. pp. 45-306

D'ANGELIS, W. 2002. Sistema fonológico do Português: discutindo o consenso. In: *Delta*. Campinas: Ed.Unicamp, 2002. n.18. v.1. pp.1-24.

DAVIS, I. Comparative Jê Phonology. In: *Estudos Linguísticos. Revista Brasileira de Linguística teórica e aplicada*, São Paulo, v.1, n.2, p.10-24, 1966.

_____, Irvine. Some Macro-Jê Relationships. In: *IJAL*, 1968, n. 34. pp. 42-47.

EHBEHARD, David M. *Mamaindé pre-stopped nasals: a case of vowel dominance*. 2002. (Manuscrito).

_____, David M. *Mamaindé Phonology*. (Tese de Doutorado) Vrije Universiteit. Amsterdam. 2009. V.1. LOT 236.

EHRENREICH, Paul.. *Über die Botokudos der brasilianischen Provinzen Espiritu Santo und Minas Gerais*. In: *Zeitschrift für ethnologie*. 1887, v. 19. pp. 39-61.

EMMERICH, Charlotte; MONSERRAT, Ruth. *Sobre os Aimorés, Krens e Botocudos. Notas lingüísticas*. In: *Boletim do museu do Índio (Antropologia)* no.3, Rio de Janeiro, 1975.

GIVÓN, T. *Syntax. A Functional Typology Introduction*, Amsterdam: Jonh Benjamins Publishing Company, 1984/1990. Vols. I e II.

_____. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam: J. Benjamins Publishing Company, 1995.

GOLDSMITH, John. 1976. *Autosegmental Phonology*. Tese (Doutorado, PhD) – University of Connecticut, 1976.

HAYES, B. *Metrical stress theory: principles and case studies*. Chicaco/Londres: University of Chicago, 1995.

IVERSON, G.K; SALMON, J.C. *Mixtec prenasalization as hypervoicing*. In: *International Journal of American Linguistics*, Chicago, 1996. v. 62, n.2, p.165-175,

KINDELL, G. 1972. *Kaingáng Phonemics*. In *U. Wiesemann*, 200-11.

KINDELL, G. *Alternation of some contrastive and noncontrastive sounds of Kaingáng*. Dactiloscriso. 16 pp.

KENSTOWICZ, Michael. *Phonology in generative grammar*. Blackwell Publishers, 1994.

KEYSER, S.J; STEVENS, K.N. *Enhancement and overlap in the speech chain*. *Language*, Washington, Mar/2006. v.82, n.1. pp. 33-63.

LADEFOGED, Peter. *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

LAVAR, J. *Principles of phonetics*. Cambridge University Press, 1994.

LIBERMAN, Mark, PRINCE, Alan. *On stress and Linguistic Rhythm*. In: *Phonological Theory: the Essential Readings*. Edited by John A. Goldsmith, 1977.

LINDSKOOG, J. N.; BREND, R. M. Capaya phonemics. In: ELSON, B.(org). *Studies in Ecuadorian Indian languages I*. pp. 31-44. Normal: SIL.

LOUKOTKA, Cestmir. Les Indiens botocudo et leur langue. In: *Lingua Posnaniensis*. Permalink:1955. V. 5. pp. 112-135.

MANIZER, Henri Herikhovitch. *Jazyk Botokudov: Manuscritos Inéditos*. Arquivo do Museu de Antropologia e Etnografia “Pedro o Grande” (Kunstkamera) da Academia de Ciências da Rússia. Sanct Peterburg, 1915. Fond K-I, Opis’ 1.

_____, Henri Henrikhovitch. Les Botocudos d’après lês observations recueillies pendant um sêjour chez euz em 1915. Traduzido do russo por A. Childe. In: *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, 1919. vol. XXII, pp. 243-273.

MARCATO, Sonia. 1979. A repressão contra os Botocudo em Minas Gerais. In: *Boletim do Museu do Índio. (Etno-História)*. Rio de Janeiro, 1979, n. 1.

MARLIÈRE, Guido Tomás. Idiomas ou Línguas dos Índios: língua Botocudo. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*, 1905, T. X. pp. 544-549.

MÉTRAUX, Alfred. The Botocudo. In: *Handbook of the South American Indians*. Whashington, 1964, n.3. pp.537-540.

MONTEIRO DO AMARAL, Pe. Claro. *Vocabulário Português-Botocudo*. Museu Paulista. São Paulo, 1948. Boletim II, Documentação Linguística.

PAYNE, T. E. *Describing Morphosyntax. A guide for field Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PESSOA, K. N. Para um estudo da fonologia Krenak: alguns problemas e análise preliminar. In: *Revista dos Estudos Linguísticos*. São Paulo, n.38. 2009, (jan/abr). v.1: p. 233-247. Jan-abr.

PIKE, Kenneth L. Phonemics. *A technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1976.

RENAULT, Pierre Victor. *Deux Vocabulaires de La langue des Botocudos (1836)*. In: *Expédition dans lês parties centrales d’Amerique do Sud (1843-47) de Francis de Castelnau.*, Paris, 1852, vol.V.

RODRIGUES, A. D. Macro-Jê. In: DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A.Y. (Eds.) *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Linguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1984.

RUDOLPH, Bruno. *Worterbuch der Botocudensprache*. Hamburg, 1909.

SAGEY, Elizabeth C. 1986. *The representation of features and relations in non-linear phonology*. PhD Dissertation. Cambridge/MA: MIT.

SCHACHTER, P. Parts-of-speech Systems. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description. Clause Structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. V. 1. pp. 3-61.

SCHPRINTSIN, Noemi Grigorjervna. Materialy russkikh ekspeditsii v Juznuju Ameriku, khranjashiesja v Arquive A.N. SSSR i v Institute Etnografii. Sovjetskaja Etnografija n.2, p.187-194. 1947.

SEBESTYÉN, Eva. H. H. Manizer's Folclore Texts. In: *Artes Populares*. Budapest, 1981, v.7, pp.140-163.

SEKI, Lucy. *Levantamento Populacional e Genalógico dos Botocudo*. (Manuscrito não publicado), 1981.

_____. Aspectos da morfossintaxe Krenak. In: *Liames*. Campinas: ed. da Unicamp, 2004, v. 4. pp. 131-148.

_____. Apontamentos para a Bibliografia da Língua Botocudo/Borum. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: ed. da Unicamp, 1990, no. 18, (jan/jun). pp. 115-142.

_____. O Krenak (Botocudo/Borum) e as línguas jê. In: SANTOS, L.; PONTES, I. (Orgs). *Línguas Jê estudos vários*. Londrina: Editora UEL, 2002.

_____. Problemas no Estudo de uma língua em Extinção. In: *Boletim da Abralin*. Campinas, 1984, no. pp. 6109-118.

_____. *Descrição fonética e fonológica do Krenak/Nakrehé*. (Manuscrito não publicado), 1985.

_____. *Sintaxe da Língua Krenak/Nakrehé*. (Manuscrito não publicado), 1986.

_____. Notas para a história dos botocudo (Borum). In: *Boletim do Museu do Índio*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1992, no. 4.

_____. Os Krenak (Botocudo Borum) e sua língua. In: *Actas I Congresso de Línguas Indígenas de Sudamérica*. Lima: Editora Luis Miranda, 2001. Tomo I. pp. 351-373.

_____. A note on the last Botocudo Language. In: *International Journal of American Linguistics*, 1985, vol. 51 (4). pp. 581-583.

_____. *Vocabulário Português-Botocudo (Krenak/Nakrehé)*. (Manuscrito não publicado), 1982.

_____. *Botocudos – Notas para a história de uma sobrevivência*. (Manuscrito não publicado). Apresentado em Colóquios Linguísticos, IEL - Unicamp, Campinas, 1984.

_____. *Estado atual do Povo e da Língua Krenak (Botocudo)*. (Manuscrito inédito). Apresentado em Colóquios Linguísticos, IEL - Unicamp. Campinas, 1983.

SILVA, T. C. Um problema na análise fonológica dos segmentos vocálicos em Krenak. In: DELTA, 1987, vol. 3, n.2. pp.183-195.

_____. T. C. *Descrição Fonética e análise de alguns Processos fonológicos da Língua Krenak*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1986.

_____. T. C. *Fonética e Fonologia do Português*. Contexto: São Paulo, 2002.

STERIADE, D. *Closure, release and nasal contours*. *Phonetics and phonology*, vol.5: 401-70. 1993.

WETZELS, W.L. *Word Prosody and the distribution of Oral/Nasal Contours Consonants in Kaingang*. 2008.

_____. Thoughts on the phonological Interpretation of {Nasal, Oral} contour consonants in some indigenous languages of South-America. In: *Alfa - Revista de Linguística*. São Paulo, Unesp, 2008, n.52. v.2. pp.251-278.

_____. Contornos nasais e estrutura silábica em Kaingáng. In: WETZELS, W.L. (Ed.). *Estudos Fonológicos das línguas indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1995. pp. 265-296.

_____.; SLUYTERS, W. Formação de raiz, formação de glide e ‘decrowding’ fonético em Maxacalí. In: WETZELS, W.L. (Ed.). *Estudos Fonológicos das línguas indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1995. pp.103-149.

WIED-NEUWIED, Maximilian Prinz zu. *Reise nach Brasilien 1815-1817*, Frankfurt, 1821.

_____. *Viagem ao Brasil nos Anos de 1815-1817*. 2ª. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. 2 Vols.

Sites:

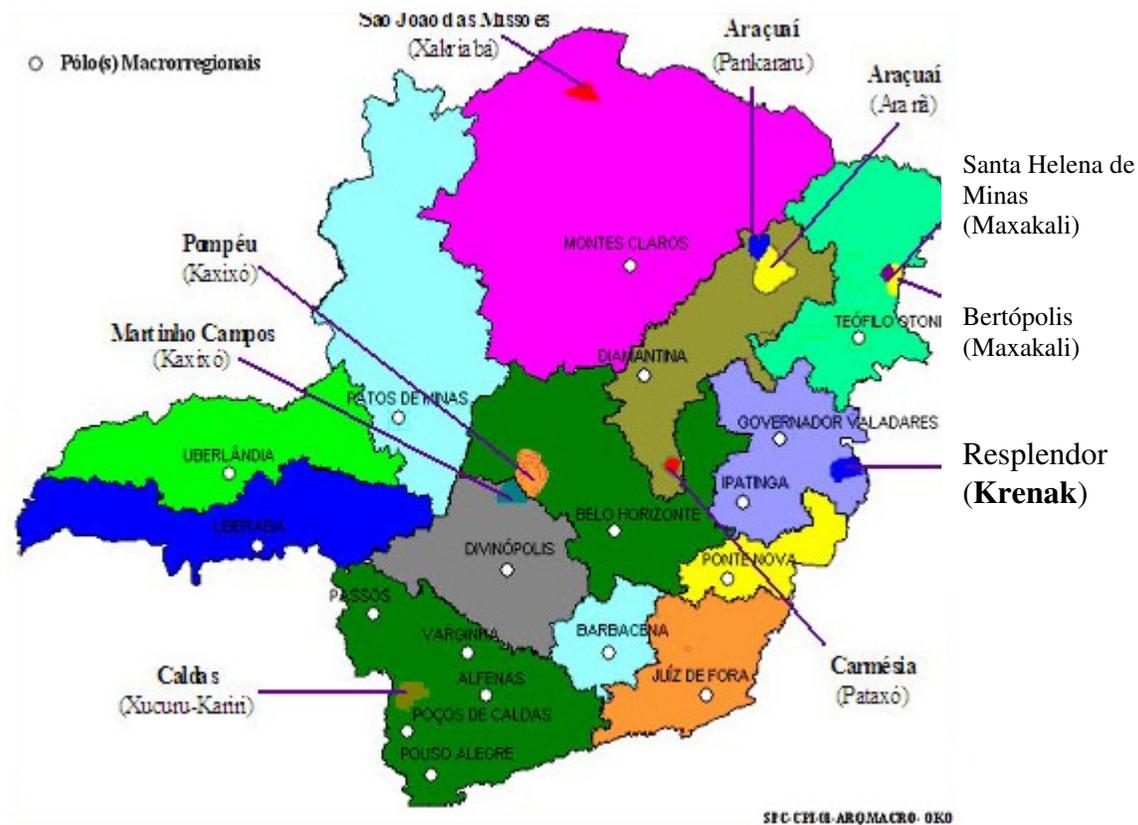
ISA - <http://www.socioambiental.org/>

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju - <http://biblio.etnolinguistica.org/>

FUNAI - <http://www.funai.gov.br/>

ANEXOS

Anexo 1



Mapa de Minas Gerais, localização da Aldeia Krenak (SEC CPI CR ARQMACRO-OKO)
Simone F.de Abreu.

Anexo 2

Jovelina no Posto Vanuíre (SP)
Foto: Lucy Seki, 1981.



Sebastiana e seu irmão Jacó, exilados na Fazenda Guarani na década de 70 Carmésia/MG
Foto: Jornal Estado de Minas

Anexo 3 - Vocabulários Botocudo – (Seki 1990, p.124)

Grupo	Autor	Data/coleta	Local	Conteúdo
Araná	Nimuendaju	1939	Itambacuri	46 itens
Bakuen	Cathoud	1936	Imbutana	60 itens
Gueren	Schott	1815/17	Olivença (BA)	24 itens
	Etuebbe	1909	Olivença (BA)	27 itens
Gut-Krak	Knoche	1013	Colatina	37 itens
Jíporok	Barbosa D'Almeida	1845	Mucuri	43 itens
Krakmun	Wied	1816	Jequitinhonha	459
	Saint-Hilaire	1820 aprox.	São Miguel	40
	Marlière	1833	Rio Doce	775
	Jomard	1846 (publ.)	Paris	125
	Martius	1853		425
	Figueredo	1939(publ.)		10
Krenak	Estigarríbia	1912	Rio Doce	220
	Manizer	1915	PI.Pancas	723 fichas
	Simões da Silva	1918	r.Doce, entre MG e ES	165
	Froes de Abreu	1926	r.Doce	178
	Mansur Guérios	1944	A.Krenak	660 + fr.
	Bridgeman	1958	PI Vanuíre	350
	Seki	1980-82	F.Guarani; R.Doce	900 + fr.
Munhãjirum	Nimuendaju	1939	PI Pancas	37 itens
Naknanuk	Anônimo I	s/d	Não indicado	344
	Anônimo II	s/d	Não indicado	205 + 29 fr.
	Renault	1836	Mucuri	275
	Frença	1882	Ald.Mutum	98 + 8 fr.
	Rudolph (?)	1909	Região de Teófilo Otoni	3290 + 336 fr.
Naknanuk (Poten)	Nimuendaju	1939	Itambacuri	245
	Emmerich e Monserrat	1973	Itambacuri	153
	Stout	1973	Itambacuri	169 e fr.
Nak-Nhaphmã	Monteiro	1998-9	r.Mutum e Pancas	1153 + 34 fr.
Nakpie	Nimuendaju	1939	PI Guido Marlière	37
Nakrehé	Manizer	1915	PI Pancas	723
	Nimuendajú	1939	PI Guido Marlière	357
	Mansur Guérios	1944	PI Guido Marlière	95
	Bridgeman	1958	PI Vanuíre	350
	Seki	1982	PI Vanuíre	700 aprox.
Pojichá	Silveira	1922 (publ.)	Itambacuri	192 + diálogo
	Emmerich e Monserrat	1973	Itambacuri	211
	Anônimo	1882	Não indicado	66
Araná				
Potão				
Krakmum e outros	Baeta	1924	Cons.Lafayette	Vários
Krakmum Pejaurun Naknanuk	Marlière	1833	Vertentes dos rios Doce e Jequitinhonha	775

Anexo 4

QUADRO IV — FONTES LINGÜÍSTICAS
(GRUPO 1)

N.º Vocabulário	Grupo tribal	Autor	N.º itens	Pré-nasa- lização	Cons. sonoras	Cons. surdas	Travam. oral	Glide inicial	Glide medial	Glide final
1	Krekmun	Wied	454	15	1	1	18	11	15	2
2	Krekmun	Saint-Hilaire	39	1	1	1	1	—	1	11
3	Naknanuk	Renault	274	9	5	2	6	6	4	*
4	Jiporok	B. D'Almeida	43	—	2	4	—	1	4	8
5	Naknanuk	França Leite	98	—	4	5	2	—	3	7
6	Nak-Nhapmã	Claro Monteiro	1.161	19	23	12	27	3	—	*
7	Krenak	Simoens Silva	165	3	15	2	1	5	1	20
8	Poten	Nimuendaju	223	10	2	2	8	—	—	—
9	Aranã	Nimuendaju	46	1	3	1	—	1	—	—
10	Nakrehé	Nimuendaju	339	12	4	5	37	—	—	—
11	Nakpié	Nimuendaju	37	2	2	—	1	—	—	—
12	Minyâyirún	Nimuendaju	37	3	—	1	2	—	—	—
13	Nakrehé	Bridgeman	223	23	3	—	37	—	—	—
14	Nakrehé	Bridgeman	174	15	—	1	29	1	—	—
15	Poten	Emmerich & Montserrat	153	9	2	3	—	13	1	22
16	Pojichá	Emmerich & Montserrat	211	5	8	4	—	12	2	34
27	Krenak	Estigarribia	189	1	7	2	3	1	2	20

* muito frequente

Quadro original apresentado por Emmerich e Monserrat (1975) sobre listas vocabulares consultadas.

Anexo 5

Textos de Manizer traduzidos para o inglês, por Sebéstyen (1981)

Texto 1. The Jaguar, the rabbit and the toad
/ Onça, Coelho e sapo/

/Dr. RAUL says that he has heard this tale many times and it is well known everywhere in Brazil/

The jaguar sent the toad for the rabbit. The toad didn't go, he sent a little toad instead and he himself stayed in his house. The little toad went away. The jaguar came to the toad and asked him., "Where is the rabbit" he said: " I sent a little toad, I can not go". When the rabbit arrived to the house of the jaguar he got ill. "I've come from far, he said, my feet got swollen." "It doesn't matter", answered the jaguar. "Bind you feet with a cloth for not to hurt them again and I'll carry you on my back." When the jaguar dragged the rabbit to his place, the rabbit jumped down from him and disappeared.

/ It means, the rabbit ran away./

Texto 2. The rabbit, the toad, the jaguar and the monkey
/Coelho, sapo, onça e macaco/

/Variant- continuation/ it is wellknown as well all over Brazil/ or it is another tale/

The rabbit said to the toad, "Sit down here, I go to the jaguar's house". He's just gone there, "but he will be hungry", answered the toad. Then the rabbit took flour and said, "Hold your hands, open your eyes." When the toad opened his eyes the rabbit threw flour at him and took to his heels. The jaguar arrived and asked, "Where is the rabbit?" the toad, dazzled by flour , answered, "He is sitting here!" the jaguar ordered to get a sap and began to dig where the toad indicated – of course in vain. "I say, you are lying to me! I throw you to the fire, you will burn!" The toad answered to that , "I was born in the fire and brought up there so nothing will happen to me." Then drown you," declared the jaguar. "Oh, don't do that, you'd kill me" answered the toad. The jaguar threw the toad into the deep pond, but he swam across to the other side. "If I knew that I would have killed you here". Said the jaguar . The toad said to the monkey, "Hand down a creeper to me," Take hold of my tail, friend" said the monkey having come down "So that you should not fall." The toad seized his tail, screwed up his eyes and the monkey lifted him up feeling the burden on his tail. And both of them became cheerful – the toad was I his own house, in the water.

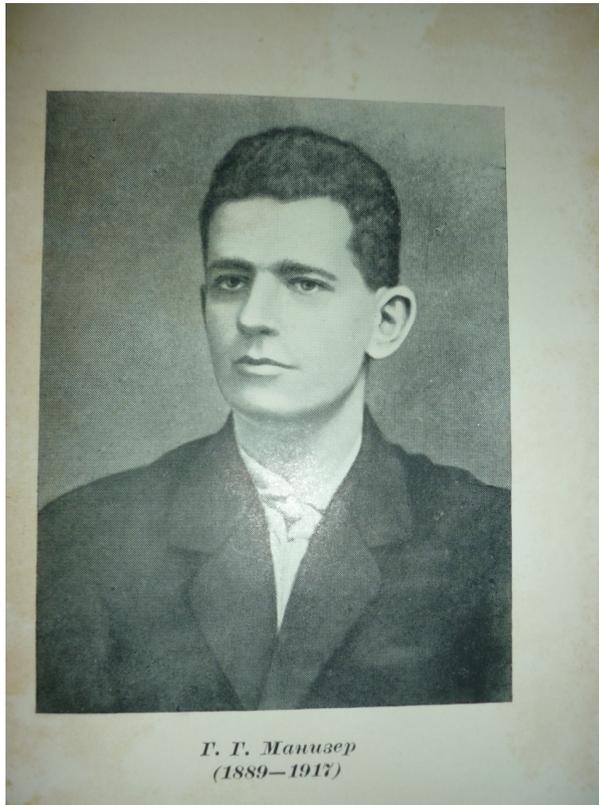
Texto 3. The vulture, the bat and the hummingbird

The hummingbird said to the vulture, "I am not afraid of you." "Well, then hit me," answered the vulture. The hummingbird flied against the vulture and pierced his beak into him. The hummingbird flied away, met the bat and told him too, "I am not afraid of you," but the bat dind't wait for the stab, he ran away. "He fears his skin./ The urubu's got a hole, indeed!/"

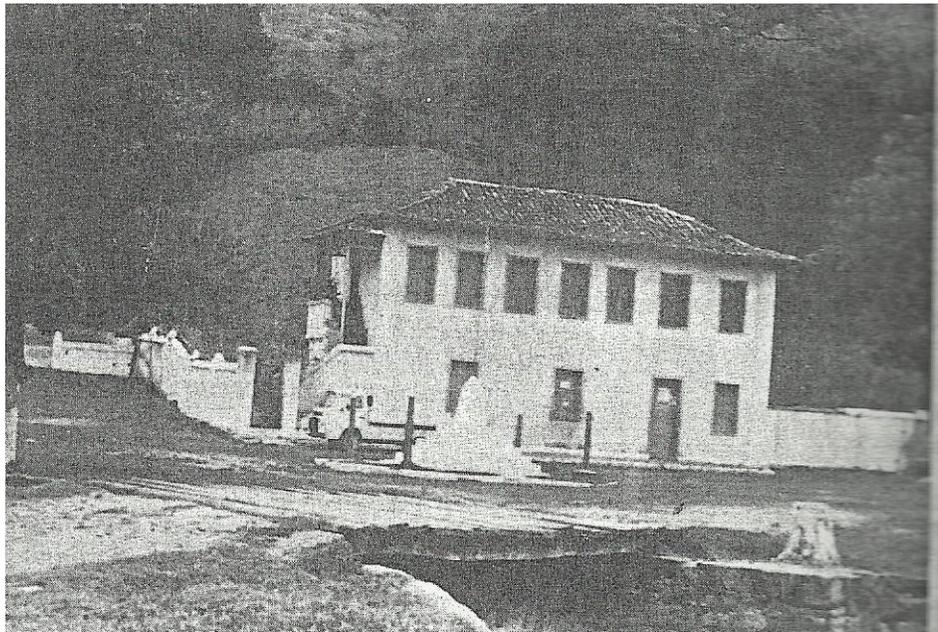
Texto 4. The bat and the macaw

The bat stole the sapucaia of the macaw, who got angry and they started to fight/ against each other/. The bat seized the macaw, lifted him off from the ground and threw him into the fire. The macaw's face was burnt in the fire. The macaw in his turn , lifted the bat up and threw his against a tree/ against the field/, the bat's nose got broken.

Anexo 6



Henri Herikhovitch Manizer

Anexo 7

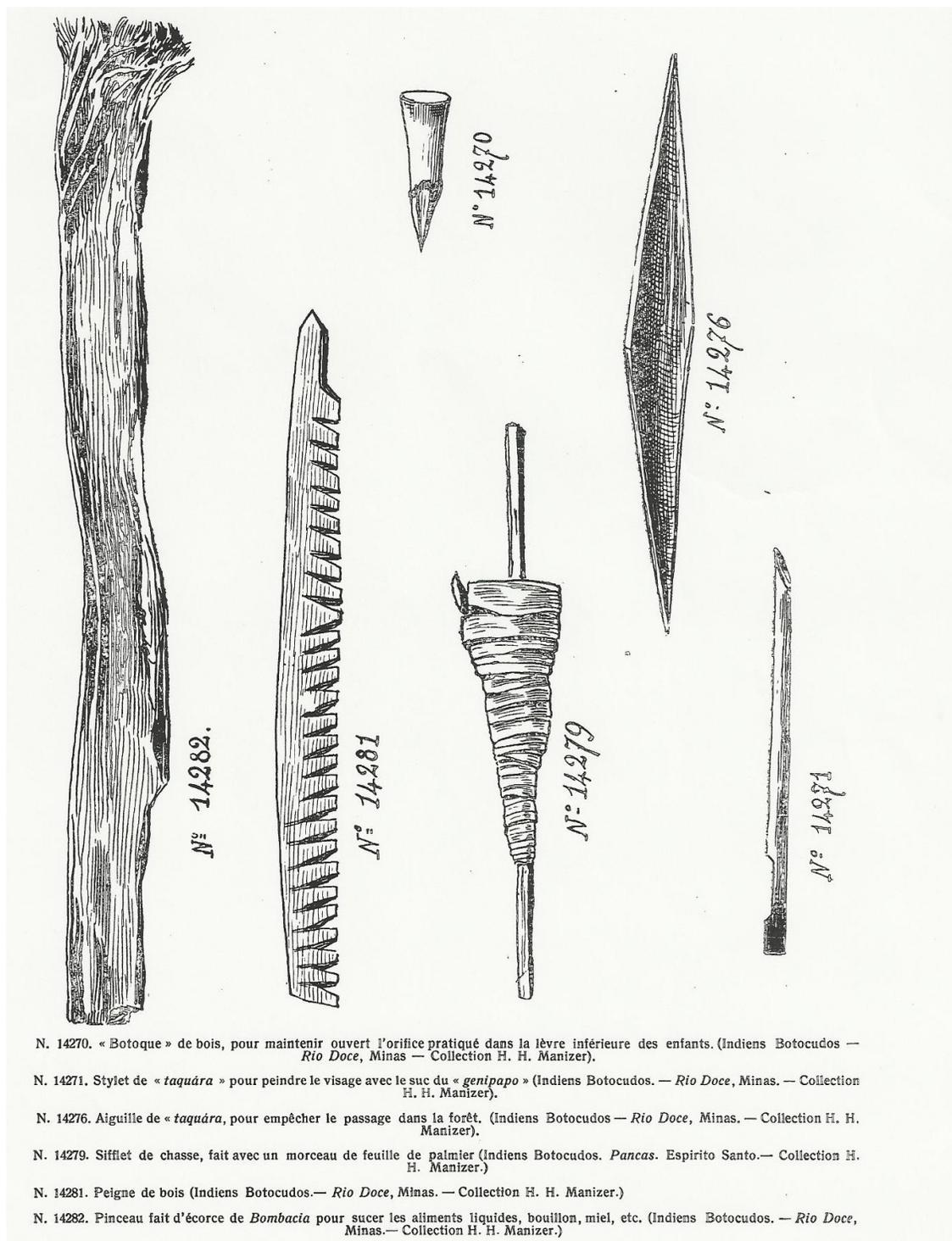
Sede da Funai, na Fazenda Guarani, onde existia a solitária do Centro de Reeducação Indígena.

Foto: Geralda Chaves Soares, 1990



Vista do Rio Doce na região da Aldeia Krenak
Fonte: Dados cartográficos Google imagens@2001

Anexo 8



Desenhos apresentados por Manizer de itens relativos à cultura dos índios Botocudo
 Fonte: Manizer, 1919 – Les Botocudos em *Archivos do Museu Nacional* – Vol XXII